



following me

a novel by
K.A. LINDE



Wings Traduções

Tradução: Seraph Wings
Revisão: Equipe Wings
Leitura Final: Seraph Wings
Formatação: Aurora Wings

Aviso

A tradução foi efetuada pelo grupo Wings Traduções (WT), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WT poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WT de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Sinopse

"A primeira vez que te vi, soube que estava fugindo..." Devon não tinha um plano quando decidiu sair de St. Louis num trem com destino a Chicago durante o verão. Apenas uma razão.

Uma que não podia compartilhar com ninguém. Nem com Hadley, sua melhor amiga da universidade, que lhe permitiu ficar no quarto de hóspedes, sem fazer perguntas. Nem com Brennan, o garçom do restaurante local que frequentavam, a quem tentava com muito empenho evitar. Nem tampouco com Garrett, o noivo de Hadley, que lhe ofereceu sua amizade quando não tinha mais ninguém a quem recorrer.

"Simplesmente não sabia do que fugia..."

Desesperada para sumir a qualquer preço, Devon se inunda em sua nova vida na cidade. Todos ao seu redor começam a revelar aspectos de si mesmos que Devon nunca esperou. E só quando começou a se sentir confortável, seu mundo vira de pernas para o ar...

"...mas acredito que todo este tempo, estava correndo para mim."

Todos conectados.

Todos com segredos que continuam os perseguindo.

1

Indo para Chicago

Devon Sawyer pulou para à próxima música do seu iPod, e ajustou os pequenos fones para ficar mais confortável. Moveu sua cabeça ao ritmo do punk-rock dos anos 90 explodindo pelos seus fones de ouvido, com seu cabelo loiro caindo ao redor do rosto. Estava grata que ninguém mais notasse sua escolha musical. Queria escutar algo com o qual se sentisse confortável, e a música do seu irmão mais velho sempre ajudava.

O trem sacudia ao longo do percurso. Tinha deixado o campo, e passado para os subúrbios, até que finalmente chegaria ao coração de Chicago. Durante a viagem de seis horas de trem, de St. Louis até a cidade, Devon não conseguia parar de roer as unhas. Não eram particularmente compridas, mas rapidamente estavam se transformando em tocos.

Seus pés batiam suavemente sobre o chão atapetado, enquanto olhava pela janela fechada as planícies que passavam e os proeminentes milharais do Meio Oeste. Desde que pisou no primeiro trem com nada além de sua bolsa e uma mala de mão, não tinha prestado muita atenção em nada. Embora ela ainda estivesse focada no fim do semestre e em sua partida imediata, não conseguia parar de pensar sobre a única coisa que não queria pensar.

Mas ela tomou sua decisão. Para o melhor ou para o pior, ela tinha saído de St. Louis.

— Próxima parada: Chicago Union Station — disse o condutor pelo intercomunicador.

Devon emergiu do seu devaneio. Um dos seus fones de ouvido caiu enquanto ela se endireitava em seu assento. Olhou para o notebook aberto no seu colo. Palavras preenchiam a página, mas ela não conseguia lembrar de tê-las escrito. Ler as primeiras linhas só intensificou seu desespero, e decidiu não continuar com o resto no momento.

A comissária atravessou a cabine, sorrindo para os passageiros, enquanto carimbava os bilhetes. Devon estava no último assento no trem, e a

mulher estava se aproximando rapidamente dela. Ela desviou o olhar, esperando que a mulher simplesmente a deixasse em paz. A última coisa que ela queria era conversar com a comissária animada.

Devon estava sem nenhuma sorte.

— Senhorita — disse a comissária, inclinando-se em seu assento.

Devon a ignorou.

— Senhorita. Com licença, senhorita?

Devon tirou o outro fone, fechou seu notebook, e se voltou para a mulher.

— Sim?

— Quer alguma coisa do carrinho antes de chegarmos na estação?

— Não, obrigada — Devon respondeu.

— Claro, deixe-me carimbar seu bilhete — ela disse, estendendo a mão.

Devon se abaixou, para pegar sua bolsa, e começou a procurar pelo bilhete.

— Então, por que está viajando para Chicago? — perguntou a mulher, conversando educadamente.

— Só para ver uma amiga — disse Devon.

— Isso parece divertido.

Quando Devon levantou o olhar para ela, a mulher lhe deu um sorriso ainda maior.

— Quanto tempo vai ficar?

— Uh... — Devon murmurou, disfarçando, como se estivesse distraída procurando algo na bolsa. — Suponho, o quanto eu quiser. Realmente ainda não pensei nisso.

— Uau! Você simplesmente pegou suas coisas e partiu? — perguntou a comissária, surpresa.

— São minhas férias de verão, e tenho alguns amigos na cidade — Devon disse a ela; sem saber do porque sentiu que precisa se justificar.

— Genial. Você estuda em St. Louis, então?

Finalmente encontrando o bilhete o entregou à mulher. Devon estava pronta para a mulher ir embora.

— Sim. Universidade de Washington.

— Essa é uma ótima universidade! Meu filho sempre quis ir para lá, mas simplesmente não podíamos pagar uma escola particular, sabe? — Ela carimbou o bilhete e o devolveu a Devon.

— Claro — disse Devon, sem entender.

Seus pais lhe disseram que ela poderia ir para qualquer universidade que quisesse. Eles eram compositores em Nashville, e o negócio ia bem. Devon queria recomeçar, e se afastar do Sul, para uma nova cidade. Seus pais prefeririam uma educação na Ivy League¹ se ela tivesse que se mudar, mas Devon não conseguiu entrar em nenhuma das três maiores.

A Universidade de Washington era perto o suficientemente de uma Ivy League, de qualquer maneira. Além disso, assim que ela entrou no campus, se apaixonou pela escola. Tudo, desde os edifícios de tijolo que pareciam castelos, até os grandes espaços abertos, e as pessoas que ela conhecera em sua turnê, terminaram por convencê-la. Ela passou os últimos três anos lá, e agora, não sabia se voltaria.

Engolindo o nó na sua garganta, Devon lembrou a si mesma, que tinha tomado a decisão correta ao partir. Ela tinha que escapar. Ela só precisa continuar dizendo isso a si mesma.

O trem começou a desacelerar, enquanto os arranha-céus surgiam ao redor das janelas.

— É a minha deixa! — A comissária se levantou. — Tenha uma estadia divertida em Chicago — ela disse, antes de se movimentar pela cabine.

Devon se levantou e pegou suas malas. Os passageiros foram lançados na escuridão, enquanto entravam na Chicago Union Station. Enquanto o trem sacudiu até parar nos trilhos, ela abriu caminho pela multidão. Ela estava mais que disposta a sair do trem. Um homem jogou sua mochila para trás, a golpeando nas costelas, e ela grunhiu.

— Sinto muito — o cara murmurou, sem sequer olhar para ela. Devon sabia que era pequena, mas gostaria que as pessoas fosse mais amáveis. Ela passou por ele e desceu do trem, lutando para recuperar o ar dos seus pulmões.

¹ A Ivy League é uma conferência atlética colegiada que inclui equipes esportivas de oito instituições privadas de ensino superior no nordeste dos Estados Unidos.

Enquanto a multidão se dirigia à saída, as pessoas a empurravam por todos os lados. Aliviada por estar fora da confusão, Devon arrastou sua mala com esforço pela estação de trem. Era mármore branco em todas as direções, com um teto de vidro alto em forma de arco, entradas de pilares enormes e assentos acolchoados. Ali, de pé admirando tudo, Devon achou muito lindo.

Ela só tinha estado em Chicago uma vez com seus pais durante seu penúltimo ano do ensino médio. Eles tinham algum tipo de apresentação musical, e ela passara a maior parte do seu tempo no quarto do hotel, enquanto a irmã mais nova acompanhava seus pais em todo o evento. A gravadora em que seus pais trabalhavam, os colocaram numa suíte, e sem nenhuma ordem especial, Devon alternou entre a banheira de hidromassagem, a mesa de sinuca e o minibar. Ela lamentou não conseguir ver mais da cidade.

Ela esticou seu pescoço, olhando ao redor do enorme salão procurando sua amiga. Hadley deveria vir buscá-la. Devon não estava a ponto de tentar atravessar o metro ou o L² por conta própria.

Ela se virou e praticamente esbarrou em alguém.

— Sinto muito — murmurou, movendo-se ao redor do estranho. Então, avistou Hadley parada. Ela estava mexendo no seu celular, ignorando a multidão que se aglomerava ao seu redor.

— Hadley! — Devon gritou. — Hadley Bishop!

Hadley se virou e correu em direção a Devon. — Ei! — ela cantarolou, jogando seus braços ao redor de Devon. — Que bom que você veio. Eu mal pude acreditar quando me ligou, e disse que viria para a cidade! — Hadley a soltou, e deu um passo para trás.

— Eu sei. Foi muito em cima da hora, — disse Devon.

— Ah, não importa, — disse Hadley, colocando seu telefone no bolso da frente. — Você sabe, que sempre terá um lugar aqui.

—Obrigada — disse Devon com apreciação.

² O "L" de Chicago é o sistema de transporte rápido que serve a cidade de Chicago e alguns de seus subúrbios no estado americano de Illinois.

— Precisa de ajuda com alguma coisa? — perguntou Hadley, olhando Devon de cima a baixo para ver se tinha outras coisas com ela.

— Não. Só isso. — Devon fez um gesto para sua enorme bolsa e mala.

— Certo! Então, por ali. — Hadley fez um gesto para o metro.

Devon a seguiu com um sorriso estampado no rosto. Ela sentia saudades da sua amiga mais que tudo na vida. Hadley se formou na Universidade de Washington em dezembro, deixando Devon sem uma companheira de quarto para o semestre da primavera. Hadley sempre fez exatamente o que queria. Por exemplo, formou-se cedo, se mudou para Chicago, e aceitou um trabalho numa empresa de marketing de alto nível. Era algo que Devon nunca pensou em fazer. Na verdade, toda essa viagem era algo que Hadley faria, não Devon.

Felizmente, Hadley conhecia o caminho do metrô. Elas se sentaram no metrô, e Devon inclinou seu corpo para encarar a sua amiga. Ela tinha esquecido o quanto eram parecidas.

Os pais do Devon sempre diziam que ela se parecia com a realeza da música country. Ela não sabia se era porque tinha um corpo pequeno e curvilíneo que parecia ótimo na câmera, ou porque sua mãe começou a clarear seu cabelo castanho natural no ensino médio. Ampliando a imagem da música country, seus pais a vestiam com botas e chapéu de cowboy, faziam com que ela cantasse bem alto cada canção do rádio, e a exibiram em todos os lugares da música que podiam. Desde que partira de St. Louis, ela resistira a tudo isso, exceto por seu cabelo loiro. Ela não conseguiu de se livrar do loiro.

Hadley era alguns centímetros mais alta que Devon. Tinham o mesmo cabelo loiro. Embora Devon já tivesse visto Hadley tingi-lo de preto, castanho, vermelho e outras cores, durante os dois anos e meio que viveram juntas. Elas costumavam ter estilos semelhantes, mas agora Hadley estava indo em direção a profissional de negócios e Devon ainda estava presa em seu jeans, inclusive durante o calor do verão. O que a fazia desejar ter embalado alguns vestidos.

— Então — começou Hadley. — Você está com fome? — Ela cruzou a perna direita sobre a esquerda, amassando seu terninho cinza.

Ela parecia certamente radiante. Devon não tinha certeza se já tinha visto Hadley assim.

— Sim, eu estou — Devon disse olhando para sua amiga. — Tem alguma coisa diferente em você. Não consigo descobrir o que.

— Eu estou morando com alguém! — Hadley gritou, incapaz de conter sua excitação.

— Já? — Devon perguntou, de boca aberta. — Você só está aqui há seis meses!

— Eu sei! É tudo tão novo e tão recente, e talvez não devesse, mas o fiz. Tive que fazer! Espere até conhecê-lo. Você verá que ele é perfeito! — Hadley jorrou.

Devon tentou manter seu sorriso o mais natural possível. Ela esperava que passassem um tempo juntas, apenas as duas, como nos velhos tempos. Não que ela não estivesse contente por sua amiga. Ela estava. Mas seria diferente.

— Parabéns. Estou muito feliz por você, — Devon disse a ela. — Deve ser por isso que você está praticamente brilhando.

— Você não faz ideia, Dev. Você o conhecerá hoje à noite. Mal posso esperar!

O metrô diminuiu a velocidade, e Hadley se levantou, indicando que era a parada delas. Devon olhou para as escadas, amaldiçoando à pessoa que decidiu que escadas rolantes não eram necessárias nessa cidade. Voando escada a baixo, na frente de Devon, Hadley pareceu esquecer sua oferta anterior de ajudar sua amiga. Devon resmungou baixinho enquanto carregava sua mala para o nível do solo.

— Vamos a um restaurante que eu adoro. É o tipo de lugar que você tem que conhecer. Acredito que gostará. É bem nesse quarteirão, então vamos comer primeiro, e depois levaremos suas coisas para minha casa — disse Hadley, entrando no tráfego sem olhar para trás.

Ela vai se matar, pensou Devon. Ela esperou o trânsito parar antes de seguir Hadley.

— Que lugar é esse? — Devon perguntou, quando finalmente a alcançou. Enquanto sua mala rodava atrás dela, clicando em cada buraco da calçada.

— Só um restaurante. Nada de especial, mas meu amigo Brennan trabalha lá como barman. É o lugar do momento, se você sabe o que quero dizer — ela disse.

Hadley virou num beco, em seguida, entrou imediatamente em um restaurante. Devon nem sequer viu a porta. Ela leu o letreiro Jenn's Restaurant em cima da porta, e entrou.

Hadley estava certa sobre o lugar. Não era nada luxuoso, mas estava lotado. Era um pouco pequeno, e todas as mesas e cabines estavam cheias de jovens profissionais ainda em seus ternos, após sair do trabalho. Apesar de alguns estar com a camisa desabotoada, Devon se sentiu terrivelmente malvestida, mesmo que o ambiente fosse acolhedor.

Enquanto Hadley passava pela multidão, as pessoas por todos lados a cumprimentavam. Ela deu uma cotovelada num casal os tirando do caminho, e pegou os dois últimos bancos na frente do bar.

— Você é popular — Devon murmurou, sentando ao lado dela.

Hadley sempre foi popular. Irradiava energia, e as pessoas pareciam gravitar em torno da sua personalidade espontânea. Hadley sempre parecia avançar, avançar, avançar, e esperar que a vida a alcançasse. Devon sentia falta desse raciocínio rápido da Hadley.

Hadley, apenas deu de ombros com um sorriso confiante no rosto. — Ei! Walker! — gritou, se inclinando sobre a extremidade do bar. Quando ele não respondeu imediatamente, gritou de novo: — Brennan!

O barman se virou em sua direção e lançou uma expressão exasperada. Ele era lindíssimo do tipo que ela não deveria nem chegar perto. Tinha olhos diabólicos e um sorriso malicioso que fazia Devon se perguntar que segredos ele teria escondidos nas mangas. Ele usava um uniforme de bartender com calça preta e uma camisa branca abotoada e arregaçada até os cotovelos, com uma toalha no ombro. Seu cabelo castanho era estilizado de um jeito que dava a impressão dele não perder muito tempo com isso.

— Me dê um minuto, Hadley. Estou atendendo um cliente, — Brennan falou.

— O que eu sou? — Ela perguntou com um sorriso descarado.

— Um aborrecimento, — ele disse, o suficientemente alto para todos ouvirem.

Enquanto os outros clientes riram como se essa interação fosse comum, Devon estava tendo dificuldades em tirar os olhos de cima do barman.

Ele definitivamente tem ‘má ideia’ escrita por todo seu belo rosto, ela pensou.

Hadley bufou, mas se ajeitou no seu banco revirando os olhos. — Ele é sempre assim. Você não consegue chamar sua atenção, mesmo quando não está ocupado.

Devon assentiu, sentindo-se totalmente fora da sua zona de conforto na grande cidade.

Alguns minutos depois, Brennan se aproximou delas e apoiou os antebraços em cima do balcão do bar. Ele deu um sorriso como se fosse o dono do bar. — O de sempre?

— Sim. — Enquanto Brennan servia sua bebida, Hadley continuou: — Esta é minha amiga, Devon. Ela está aqui de visita em suas férias de verão.

— Ei — disse ele, inclinando a cabeça para ela enquanto misturava as bebidas. — Eu sou Brennan.

— Oi — Devon murmurou de volta, encontrando seu olhar.

— De onde você é? — Ele deslizou a bebida da Hadley em sua direção, e começou a fazer outra.

— Bom, estou na Universidade de Washington em St. Louis, mas meus pais vivem em Nashville — ela lhe disse.

Ele deslizou uma bebida clara pelo bar para ela. Devon pegou cautelosamente.

— Você não se parece muito com uma beldade Sulista³, — ele observou.

³ A beldade Sulista é um personagem comum que representa uma jovem da classe socioeconômica superior da América do Sul.

— Você ficaria surpreso — interveio Hadley. — Seus pais trabalham na indústria da música country. Ela é uma beldade Sulista da cabeça aos pés.

— Huh — ele falou como se contemplasse essa informação. Então, apenas encolheu os ombros como se tivesse chegado a uma conclusão. Devon se perguntou qual seria.

— Bem, vocês duas vão jantar?

— Sim — Hadley disse a ele. — Eu vou querer frango, e ela vai querer camarão.

Devon a olhou com frustração. Elas nem sequer tinham visto o cardápio.

— Eu juro que você vai gostar, Dev. Não se preocupe!

Brennan assentiu e logo saiu para entregar seus pedidos. Devon reparou que ele não era nada mal de costas também.

— Estou tão contente de que você esteja aqui! — Hadley exclamou, jogando os braços ao redor da Devon. — Tenho muito que te mostrar. Quanto tempo você ficará comigo?

— Oh... — começou Devon, ainda incerta de como começar essa conversa, — apenas uma semana, ou um pouco mais, provavelmente. Por quanto tempo posso ficar com você?

— Bem, para quando é a sua passagem de volta? — Perguntou Hadley.

— Ainda não comprei uma, — Devon disse.

Era algo que Devon nunca teria feito. Ela sempre tinha um plano, mas aquilo não tinha sido planejado. Decidiu que ia, e o fez. Ela precisava fugir e deixar a vida que a assombrava, destruía. Não tinha sido uma decisão fácil.

Mas ela não podia dizer nada disse a Hadley. Devon estava tão feliz de ver seu amigo, e talvez, tudo que precisava era mais ou menos uma semana para que as coisas melhorassem. Não podia fugir da sua vida para sempre, mesmo se quisesse.

— Espera! — gritou Hadley, colocando a mão na testa da Devon. — Você está se transformando em mim. Como Reid está encarando tudo isso?

— Ah, Reid está bem — disse Devon. — Ele é, sabe, perfeito.

Hadley se engasgou. — Se aquele garoto pudesse ser mais perfeito, eu cairia morta.

Devon deu uma risada afetada. — Sim, eu também.

— Estou surpresa que ele não trouxe seu bunda com você. Vocês dois eram unidos pelo quadril o ano passado.

— Bem, ele está passando muito tempo em sua casa de Kansas City. Além disso, ele precisa começar a se inscrever nas universidades de medicina este ano. Sei que ele quer ir para a Universidade de Washington, já que é a tradição acadêmica da sua família. É uma das melhores no País, mas também está se candidatando em outros lugares — Devon informou a ela, sentindo que já tinha tido essa conversa muitas vezes.

— Isso quer dizer que tenho você só pra mim — disse Hadley, pegando o braço da Devon e a puxando para ela. — Que sorte a minha.

— Sim. Sorte sua — respondeu Devon, fazendo uma careta.

2 *Lar doce lar*

Devon olhou para os edifícios circulares incrivelmente altos, onde Hadley morava. Ela disse que o complexo se chamava Marinha City. Tudo o que Devon sabia é que, de alguma forma, era muito melhor do que qualquer outro lugar em que ela esperava morar após a formatura. Os dois edifícios ostentavam a House of Blues, um hotel completo, e uma marina funcional, onde as pessoas podia atracar seus barcos. Era um pouco esmagador.

— Venha. — Hadley riu de Devon, enquanto a arrastava pela entrada residencial em direção ao elevador.

Elas pegaram o elevador até o quadragésimo terceiro andar, que as deixou em um caminho arredondado levando ao apartamento de Hadley. Ela girou a chave e entrou. Seguindo atrás, Devon entrou no pequeno apartamento.

Não era muito maior que seu apartamento em St. Louis, e com base na localização, Devon tinha certeza de que custava o triplo do que pagava. O formato se parecia com uma fatia de bolo, com corredores em cada lado da entrada que levava aos quartos, uma pequena cozinha do lado direito, e uma sala de estar em forma de L junto a uma sala de jantar. A melhor parte era, obviamente, a vista através da parede de vidro do chão ao teto que dava para a sacada, com vista para Michigan Avenue, o Grand Park, o Chicago River, e mais além o Lake Michigan.

Sendo a cidade do vento, Devon se perguntou, quão frio seria no inverno. Ela tinha frio o suficientemente em St. Louis sem estar a quarenta e três andares de altura.

— Sinta-se em casa. Garret chegará daqui a uma hora, ou mais. Odeio até quão tarde ele trabalha, mas pelo menos não é no turno da noite. Detesto quando ele tem que trabalhar no turno de noite. — Hadley jogou sua bolsa no sofá, e se virou para encarar Devon. — Temos outro quarto, se você passar pela porta à esquerda. Pode deixar suas coisas lá.

— Obrigada — disse Devon, entrando no quarto de hóspede. Ela colocou sua mala aos pés da cama queen size, e olhou ao redor do quarto.

Devon poderia dizer que Hadley decorou esse quarto. Não parecia como algo que um cara poderia fazer. Longas cortinas brancas caíam sobre as janelas, que se abria para sua própria varanda. A cama tinha um bonito edredom estampado com dois travesseiros combinando. Um armário de madeira escura com cinco gavetas estava encostado na outra parede, e grandes quadros de paisagem com flores estavam expostos ao redor do quarto.

Caminhando para a varanda, ela virou a fechadura, deslizou a porta, saindo para o patamar. Era uma linda vista. *Tanto para ver e tão pouco tempo*, pensou Devon.

Ela pegou o celular do bolso para verificar seu e-mail. Imediatamente apagou um boletim informativo da Universidade de Washington com uma série de e-mails spam. Enquanto seu dedo se detinha na próxima mensagem, mordeu seu lábio inferior, a indecisão fez sua testa franzir. Ela realmente queria ler, mas não conseguia.

Sem coragem de apagar o e-mail, ela o transferiu para uma pasta separada. *Fora da vista, longe da mente*.

Assim que deslizou para e-mail seguinte, seu telefone se iluminou. Olhando para a tela, deixando-o tocar mais algumas vezes, antes de criar coragem e atender.

— Oi, mamãe — disse Devon.

— Olá, Dixie! — disse sua mãe alegremente no telefone.

— Mamãe — Devon queixou-se, — agora é só Devon.

— Você sempre será minha Dixie garota — sua mãe pronunciou lentamente.

Devon estava certa de que nunca convenceria a sua mãe do contrário.

— Eu sei, mas pode ao menos tentar? Afinal de contas foi você quem me deu esse nome.

— Por que você tem que ser tão complicada? Dustin e Dani não parecem ter suas propensões.

— Você deve ter me mimado muito — brincou Devon.

— Sempre tem que me culpar — disse sua mãe.

— Até parece que a culpa é do papai.

— Ah, calada! Você sabe que sinto sua falta — disse sua mãe, derramando lágrimas na sua voz.

— Eu também sinto saudades, mamãe — disse Devon suavemente.

— Quando você vem para casa? Reid não pode roubar você por todo o verão. Seu pai e eu temos um grande evento em julho, e queremos que venha. Eu sei que você vai querer trazê-lo. Falta tão pouco para seu aniversário, e gostaríamos de comemorar com você, querida.

— Não sei, mamãe — respondeu Devon, indecisa.

Ela já havia dito a sua mãe, que ficaria em St. Louis durante o verão. Esta já era a segunda ou terceira tentativa de levá-la de volta para a casa. Devon não foi capaz de dizer a sua mãe, que tinha partido. Sua mãe não entenderia suas razões.

— Oh, vamos lá, Dixie... Devon — sua mãe corrigiu rapidamente. — Só estou pedindo um pouco do seu tempo. Você está longe faz tempo, e não tive muitas notícias sua ultimamente.

— Eu sei. Eu tenho estado muito ocupada.

— Eu sei que você está, querida, e estou muito orgulhosa de você. Só sinto que não conversamos muito este ano. Tem certeza que está tudo bem? — Sua mãe suplicou.

— Sim, mamãe. Está tudo bem — mentiu Devon, respirando fundo. Não queria incomodar a sua mãe. Estava tão perto de casa, mas Devon não podia falar sobre isso.

— Certo — disse sua mãe. — Bem, pense sobre julho. Vamos a Nova Iorque, e sei o quanto você ama a cidade. Vou levá-la para ver os espetáculos na Broadway, e podemos fazer compras, tomar coquetéis em festas sofisticadas...

— Tudo isso parece ótimo, mamãe — Devon disse a ela melancolicamente. — Eu não creio que poderei ir.

— Pode trazer o Reid com você, se quiser, querida — disse sua mãe, tentando chegar a um acordo.

— Obrigada, mas não acredito que ele ficará interessado. Ele está tentando o MCAT⁴, e se matriculando na faculdade de medicina. Você sabe o quanto isso é importante para ele.

— Sei, mas... — começou, claramente se contendo.

— Mas o quê? — Devon não conseguiu evitar perguntar.

— Eu acho que você passa muito tempo com esse garoto, é isso — sua mãe respondeu calmamente.

— Vou ficar bem. Não se preocupe tanto.

Sua mãe suspirou. — Bem, pense em Nova Iorque. Eu sinto sua falta, e sei, que significaria muito para o seu pai ter você lá.

— Certo, vou pensar sobre isso, mas não prometo nada. Tenho que ir. Amo você — disse Devon.

—Eu também te amo.

Devon encerrou rapidamente a ligação. Enterrou sua cabeça entre as mãos, e respirou fundo, tentando se lembrar repetidas vezes, de que estava fazendo a coisa certa. Mentir para a sua mãe era a coisa mais difícil no mundo, mas ela não podia estar em St. Louis.

Ela realmente gostaria de conversar com a sua mãe. Ela não estava errada quando disse que Devon tinha parado de falar com ela. Se as coisas fossem do jeito que eram, quando ela era mais jovem, quando contava tudo à sua mãe. Mas as coisas mudaram muito desde então.

Colocando o celular no bolso do seu jeans, saiu da sacada e voltou para a sala de estar.

— Sinto muito. Mamãe me ligou — disse Devon a Hadley.

Hadley estava deitada no sofá, assistindo Millionaire Matchmaker na televisão fixada na parede. Ela tinha uma inclinação para reality shows ruins e filmes do canal Lifetime. Devon nunca entendeu sua obsessão, mas Hadley frequentemente se referia a isso como seu único defeito.

— Psiiu! Patti está prestes a desmentir às garotas. É a melhor parte. — Hadley estava com os olhos colados na televisão.

⁴ O Medical College Admission Test é um exame padronizado baseado em computador para futuros estudantes de medicina nos Estados Unidos, Austrália, Canadá e Ilhas do Caribe. Ele foi projetado para avaliar a resolução de problemas, o pensamento crítico, a análise escrita e o conhecimento de conceitos e princípios científicos.

Devon riu e balançou a cabeça. Pelo menos algumas coisas não mudaram. Sentando-se ao lado da sua amiga, Devon observou à mulher na TV fazer sua magia. Ela estava certa de que já tinham visto esse capítulo.

Devon se acostumou facilmente a simplicidade de viver com Hadley. Elas sempre foram amigas de fácil convívio. Nem sequer podia lembrar se alguma vez tinham discutido por outra coisa além de lavar os pratos. Devon se arriscou no seu primeiro ano e deixou que a Housing escolhesse sua companheira de quarto. Ela ganhou na loteria. E mesmo que Hadley estivesse no segundo ano, elas se deram perfeitamente bem.

No ano anterior, Hadley teve uma experiência horrível com uma colega de quarto que conheceu do nada. Depois disso, ela decidiu morar novamente nos dormitórios e, por sorte, tinham ficado juntas. O ano seguinte também. Ajudava que o dormitório tinha sido reformado no verão anterior, em um layout estilo apartamento, com quartos pequenos, uma sala de estar, e uma cozinha com bancadas de granito e eletrodomésticos de aço inoxidável.

No último ano, eles optaram por se mudar para um apartamento fora do campus. Quando tomaram a decisão, Devon não pensou que Hadley estaria se formando antes. Logo que Hadley se mudou, Devon começou a passar todo seu tempo com Reid. Mesmo com ele, o apartamento parecia vazio sem Hadley.

— Onde estão seus copos? — perguntou Devon, ficando de pé durante o intervalo comercial.

Hadley pegou seu telefone e imediatamente começou a enviar mensagens — Segundo armário à esquerda da geladeira.

— Obrigada. — Devon entrou na cozinha e encheu um copo com água gelada. Enquanto tomava um gole, seu telefone tocou três vezes consecutivas no bolso. Ela pegou o telefone e folheou suas mensagens. Eram todas de Reid, desejando-lhe uma boa viagem e dizendo quanto sentiria sua falta enquanto ela estivesse fora.

Seu coração disparou enquanto lia a última. *Volta logo para casa, para mim, Dev. Estou muito ocupado para viajar a Paris, mas já sinto saudade de você. Sinto a sua falta.*

Engoliu as emoções que corriam através dela, enquanto embalava o copo de água em seu peito. Ela lhe disse que sua família tinha planejado uma viagem a Paris durante o verão. As mentiras estavam se acumulando por cima dela, e não pela primeira vez ou última, ela se arrependeu da sua decisão.

Nesse momento, a porta principal se abriu, fazendo que Devon saísse bruscamente da sua autopiedade.

— Oi, baby! — um cara disse, entrando pela porta.

Olhando através da porta da cozinha, Devon o viu levantar do sofá com Hadley em seus braços. Hadley ria como uma louca, enquanto jogava os braços ao redor do seu pescoço, e envolvia as pernas em sua cintura. Ele se afastou o suficiente para beijá-la profunda e lentamente na boca. Sentindo-se como uma intrusa, Devon voltou para a cozinha lhes dando um pouco de privacidade.

— Ponha-me no chão. Ponha-me no chão. Você tem que conhecer a Devon! — Hadley gritou. Devon ouviu alguns baques que soaram como se Hadley estivesse batendo em Garrett.

— Ela já está aqui? — Ele perguntou.

— Sim. Ei, Dev. Venha conhecer o Garret! — Hadley chamou.

Devon respirou fundo, preparando-se para a fofura em excesso que sempre acontecia na etapa da lua de mel em um novo relacionamento. Ela acenou desajeitadamente com a mão, enquanto entrava na sala de estar.

— Olá.

— Ei, Garret querido, esta é minha melhor amiga, Devon Sawyer — disse Hadley. — Dev, este é o meu namorado, Garret Jones.

— Olá, Devon. Prazer em conhecê-la finalmente — Garret disse, avançando com a mão estendida.

Devon educadamente colocou a mão na dele e a sacudiu. — Eu ouvi muito sobre você — disse Garret.

— Eu também ouvi muito sobre você. — O que era verdade. Hadley não parou de falar dele no almoço, não que Devon estivesse reclamando. Ela preferia falar sobre qualquer coisa, menos sobre ela mesma.

— Não acredite em uma palavra que ela disse. Ela acha que sou um cara legal — ele disse, com uma piscadela para a Hadley.

— Você é um cara legal! — Hadley disse, revirando os olhos, e caminhando até eles.

— Está condenada, baby. Condenada — disse Garrett, passando um braço por sua cintura, e a colocando junto a ele.

Sim, parece que ela está condenada, pensou Devon.

— Quanto tempo você ficará aqui? — Garrett perguntou, direcionando sua atenção de volta para Devon.

— Ah... provavelmente apenas uma semana — ela diz, encontrando seus desconcertantes grandes olhos castanhos.

— Bem, feliz em tê-la aqui. Trouxe para casa algumas garrafas de vinho da adega — ele diz, apontando para a mesa lateral, onde tinha posto uma sacola.

— Nem sabia que você ia ver seu pai — disse Hadley, com a voz tensa.

— Ele pediu para me ver depois do trabalho. Ele te mandou um oi. Acredito que ele queira jantar com a gente algum dia nesta semana.

— Ah, bem, isso parece legal — Hadley respondeu categoricamente.

Devon certamente perguntaria sobre isso mais tarde. Hadley não mencionou nada sobre os pais de Garrett, e a conhecia muito bem. Havia algo a incomodando.

— Vou abrir uma garrafa. Continuem vendo Millionaire Matchmaker. Vou preparar o jantar esta noite, já que cheguei em casa cedo, e vamos celebrar a chegada da Hadley. — Ele pegou a sacola da mesa e tirou uma garrafa. — Vinho tinto está bom para você, Dev?

Ele já está usando meu apelido como se me conhecesse. *Como diabos Hadley tem tanta sorte?* Devon se perguntou.

— Vinho tinto está perfeito — respondeu.

Quando ele foi para a cozinha, Hadley pegou seu braço, a empurrando para o sofá. — Ele não é incrível? — extasiou-se.

— Ele deve ser muito bom. Ele trouxe vinho para casa, e está fazendo o jantar? Esse cara é real? — Devon perguntou, cutucando Hadley nas costelas.

— Muito real, e ele tem sido assim nos últimos cinco meses — ela diz, suspirando satisfeita. — É como encontrar uma mina de ouro, em relação a namorados.

Devon não podia discordar. Seu amiga parecia muito feliz com o Garrett, e ele parecia adorá-la. Qualquer homem que cumprimentasse uma mulher, a levantando em seus braços, e a beijando sem sentido, era bom na lista da Devon.

Além disso, era lindo de olhar. Ele era alto, muito alto, o que era legal, já que Hadley era alta. Tinha ombros largos, um sorriso amistoso, e um par de covinhas lindas. Seu cabelo castanho era curto, mas elegante. Ele usava um terno preto quando chegou, mas trocou por jeans escuro e uma camisa verde enrolada até os cotovelos para cozinhar. Parecia confortável e era carinhoso com Hadley. Devon gostou disso nele.

Os três passaram a noite perdidos em debates sobre o que ia acontecer no Millionaire Matchmaker, enquanto bebiam copo após copo do vinho tinto que Garrett trouxera consigo. Para acompanhar o vinho, o jantar consistia em um frango ao molho Marsala perfeitamente cozido com uma massa e pão de alho. Enquanto riam e brincavam durante a refeição, Devon sentiu a tensão e a ansiedade do último semestre desaparecerem dela.

Cada dia tinha sido uma luta para seguir adiante, e nesse momento, sentiu-se afortunada por estar com sua amiga. Ela conseguiu sobreviver ao dia.

3

A coisa do Feijão

Devon dobrou a esquina, olhando por cima do ombro. Enquanto passeava por ruas desconhecidas, ficou surpresa ao encontrá-las desertas. *Onde estavam todas as pessoas?*

Ela continuou caminhando, mas seu ritmo aumentava rapidamente. Odiava estar perdida, especialmente à noite. Ela se lembrou de uma experiência similar que teve noutra cidade. As instruções de direção estavam erradas, e seu GPS não a tinha orientado corretamente. Ela surtou, e parou para descobrir para onde deveria ir. A sensação avassaladora de total insegurança e perigo, fez seu estômago apertar e enrijecer.

Não estava realmente em perigo, mas sem dúvida parecia assim.

E assim se sentia agora.

Devon engoliu em seco, afastando seu cabelo loiro do rosto, enquanto caminhava cada vez mais rápido, na esperança de encontrar algo que desencadeasse algum tipo de lembrança. Tentou se lembrar de onde estava, ou o que estava fazendo, mas simplesmente não surgiu nada. O pânico cresceu no seu peito, fazendo com que seu coração acelerasse, enquanto o suor começou a pingar na parte de trás do seu pescoço.

Ela olhou por cima do ombro novamente, sentindo olhos na parte de trás da sua cabeça, mas não havia ninguém ali. Estava sozinha. Como ela poderia estar sozinha? Certamente, alguém teria que estar por perto.

Contrariando a lógica, Devon foi até o primeiro edifício e tentou abrir a porta. Esta não se moveu. Fez o mesmo com a próxima, e a seguinte, mas estavam fechadas firmemente. Sem êxito, empurrou seu ombro contra a outra porta. Ela não estava em algum tipo de filme policial. De maneira alguma ela tentaria abrir a porta com chutes. Quanto mais tempo tentava achar uma maneira de entrar num edifício, mais sentia como se alguém a estivesse

observando, espreitando seus movimentos. Enquanto ela golpeava a porta, sua garganta se apertou, impedindo-a de gritar por socorro.

Alguém por favor abra a porta! Ela gritou em sua cabeça.

Ninguém veio até a porta. Nada se movia, nem mesmo o vento.

As lágrimas brotaram dos seus olhos, enquanto o desespero agitava seu estômago. Ela se afastou da porta, sabendo que não teria sorte ali. Sua caminhada se transformou numa corrida, e o som dos passos atrás dela, a fez acelerar.

O único problema, era que não tinha a menor ideia de para onde estava indo. Ela sabia que não poderia correr por muito tempo, antes que o cansaço a alcançasse. Quanto tempo ela tinha, antes que a apanhassem?

Manter o ritmo acelerado era cansativo, e ela se sentiu desacelerando, mas percebeu, pelo barulho dos passos atrás dela, que seu perseguidor estava se aproximando. As lágrimas escorriam por seu rosto abertamente, e ela não fez nada para detê-las. Ela teve um terrível mau pressentimento com isso.

Quando ela virou a esquina, viu uma luz no prédio bem na sua frente. Dirigindo-se diretamente para ela, adquiriu uma velocidade explosiva. Parecia como estivesse correndo para a luz no final do túnel.

Devon puxou a porta da frente, e felizmente se abriu. Não esperou para ver se a pessoa atrás dela ainda a seguia. Quando entrou, a luz fluiu ao seu redor, e a música alta da festa preenchia a sala. As pessoas estavam dançando em cada centímetro de espaço, mas ninguém parou para olhar.

Ao fechar a porta atrás dela, as luzes se apagaram, e flashes coloridos ricocheteavam nas paredes. Chegou na primeira pessoa que conseguiu, mas ele a afastou. Todas as pessoas com quem tentou de falar depois disso, a ignoraram completamente. Era como se ela não estivesse ali. Caminhando pela sala, sua cabeça girava, enquanto o volume da música parecia aumentar cada vez mais.

O que está acontecendo comigo? Ela pensou.

Logo, sentiu olhos na parte de trás da sua cabeça outra vez. Ela se virou, procurando a origem, mas encontrou apenas um mar de muitas pessoas. Se achou que odiava se sentir única numa cidade deserta, nessa altura, odiava ainda mais ser invisível num mar de gente.

Ela afastou as pessoas do seu caminho, empurrando-as como se fossem bonecos de pano, até que seus braços estavam gritando de dor. Ela não conseguia se mover rápido o suficiente. Sentia os pés esgotados, e lhe falhavam os braços. Seus pés estavam doloridos e seus braços debilitados.

Quando Devon olhou para trás para ver se a pessoa ainda a seguia, viu uma figura caminhando diretamente em sua direção, mas não a distinguia no ambiente escuro. Virando, correu para frente com uma última tentativa. Passou por um conjunto de portas duplas, entrando num quarto completamente branco, que a cegou.

Apenas quando chegou do outro lado, sentiu uma pessoa pegar no seu braço.

Devon despertou sobressaltada, ofegando. Suas mãos agarrando a colcha, seu peito subia e descia, e seu corpo sacudia de tremores. O suor frio escorria por sua camiseta fina, e ela estremeceu quando o ar frio afundava na sua pele.

Onde diabos ela estava?

Ansiosamente, olhou ao redor do quarto escuro, examinando o ambiente desconhecido. *De quem era a cama que ela estava? E por que não reconhecia este lugar?*

Respirando fundo, ela tentou voltar para a realidade. Tomou outro fôlego, acalmando seu coração ainda acelerado, e tudo voltou para ela. *St. Louis. O trem. Hadley.* Estava hospedada na casa de Hadley com o namorado dela. Tinham jantado e bebido vinho. Mais tarde, eles saíram para beber, e ela caiu na cama bêbada.

Seu estômago grunhia com raiva à memória, e sua cabeça latejava contra o couro cabeludo. *Ótimo. Ressaca.*

Seus olhos vagaram até o despertador com números vermelhos sobre a cômoda.

Seis e meia da manhã.

Devon ainda tinha duas ou três horas antes que tivesse de se levantar. Ela se deixou cair de novo no edredom, sentindo-se completamente esgotada emocionalmente.

Foi apenas um sonho. *Só um sonho.* Ela seguiu dizendo a si mesma repetidamente. Não tinha nenhum psicopata atrás dela. Ninguém a seguia.

Apenas um sonho.

Devon pulou no chuveiro algumas horas mais tarde. Não importa o quanto tentou, não conseguiu voltar a dormir. A memória persistente de alguém a perseguindo pelas ruas, permaneceu com ela. Vomitou duas vezes desde que acordou. Estava morta de cansaço, e só queria voltar a se enfiar na cama, mas sabia que não conseguiria desligar sua mente. Assim que tentou, tudo se precipitava de novo para ela.

Vestiu uma calça jeans clara e uma camiseta azul, prendeu o cabelo num rabo de cavalo, em seguida, cobriu as olheiras sob seus olhos como uma especialista. Sua cabeça ainda doía, apesar de que mais cedo tomou mil miligramas de Tylenol. Sabia que precisava comer, mas a ideia revoltava seu estômago.

Finalmente, se sentindo o suficientemente humana para deixar o quarto, entrou cozinha. Serviu um copo de água, e o bebeu lentamente.

— Bom dia! — Garrett exclamou alegremente, entrando na cozinha.

Devon saltou e imediatamente se arrependeu. — É?

— Talvez para você não. A escutei vomitando. Está melhor? — Ele abriu a porta da geladeira.

— Não — ela disse, sacudindo a cabeça. — Como você está tão alegre?

— Resultado de trabalhar a noite, suponho. Quando consigo uma boa noite de sono, sou uma pessoa muito mais feliz.

— Certo. — Ela tomou outro gole hesitante da sua bebida.

— Você será capaz de passear hoje? — ele perguntou, tirando um banquete completo de comida.

Na noite anterior, combinaram que Garrett a levaria para passear pela cidade, enquanto Hadley trabalhava. Devon realmente queria a oportunidade de ser turista durante sua estadia aqui, mas sabia que não conseguiria ver tudo, se esperasse Hadley chegar em casa.

— Não tenho certeza — ela disse, entrando na sala de estar. Ela se sentou no sofá e pôs a cabeça entre os joelhos. Ver essa quantidade de comida a fez querer correr para o banheiro novamente.

— Bem, vou preparar algo que te fará sentir melhor, e podemos ir.

— Você realmente não precisa me mostrar os arredores... ou me fazer comida — ela gemeu.

— Apenas algumas torradas. Beba essa água. Vai ajudar — Garrett disse, colocando alguns pães na torradeira.

— Tudo bem — ela murmurou.

Ela bebeu o máximo que conseguiu. Ele lhe trouxe um prato com torradas simples, e substituiu seu copo de água por outro cheio. Ela pegou sem fazer comentários, e tentou engolir a comida. Ajudou um pouco, mas ela ainda não estava cem por cento melhor. Garrett criou um elaborado prato de café da manhã para ele, e comeu tudo na mesma quantidade de tempo necessário para que ela terminasse sua torrada.

Ela tentou se levantar novamente. A dor de cabeça estava finalmente se dissipando, e seu estômago parecia apenas parcialmente enjoado. Ela sobreviveria a outro dia.

— Está pronta? — ele perguntou, voltando para pegar o prato dela.

— Acredito que sim.

— Ótimo. É melhor irmos então. Hadley saí às três e meia hoje, então temos umas boas cinco horas para entrarmos nas melhores armadilhas turísticas daqui, antes que eu tenha que ir trabalhar — Garrett disse a ela.

— Perfeito. Se eu conseguir sobreviver a cinco horas será um milagre — disse Devon. Estava feliz de ter um guia turístico, embora Hadley estivesse trabalhando.

Garrett balançou a cabeça, enquanto colocava a carteira no seu bolso de trás. — Vamos. Será bom para você tomar um pouco de ar fresco.

Devon resmungou algo incoerente antes de se levantar. Pegou sua bolsa da mesa e seguiu Garrett até o elevador. Andar de elevador pode ter sido a pior parte da manhã. Garrett colocou uma mão nas suas costas, enquanto a

olhava com cautela. Ela tinha certeza que ele esperava que ela explodisse a qualquer segundo, e isso parecia possível.

Quando finalmente chegaram ao térreo do enorme complexo, Devon saiu inquieta do elevador.

— Nunca faremos isso de novo — murmurou ela, agarrando seu estômago com uma mão.

— Tenho más notícias para você.

Devon o fulminou com o olhar.

— Bem, pelo menos você não terá que pegar um elevador nas próximas horas — ofereceu Garret.

— Não quero nem pensar nisso.

— Então, o que você quer ver? — Ele parou na entrada, debatendo em que direção ir.

— Tudo — Devon disse, encolhendo os ombros.

— Não acredito que possamos ver tudo até as três horas.

— A coisa do feijão então — disse ela.

— A coisa do Feijão? — Ele a olhou com ceticismo.

— Sim, não é assim que chamam? Não sei. Nunca estive lá antes — ela afirmou defensivamente.

— Vamos. Você vai descobrir — ele disse, andando em direção ao rio.

Ela o seguiu, passando pela House of Blues e pela State Street Bridge que cruzava o rio Chicago.

— O que eu fiz de errado? — Ela perguntou, olhando através da água.

— Bem, não é a coisa do feijão — ele disse, balançando a cabeça. — É a Cloud Gate, e a chamamos de The Bean, apenas The Bean.

Devon revirou os olhos. Achava que não estava assim tão longe.

— É no Millennium Park, não muito longe daqui.

Ele atravessou intencionalmente a ponte. Devon parou por segundo para tirar uma foto. Ela sabia que não poderia postar em qualquer lugar online, ou enviar para sua mãe como normalmente faria. Ninguém realmente sabia onde ela estava, assim, arruinaria seu esconderijo, se começasse a publicar fotos de Chicago. Mas, ela queria lembranças de onde tinha estado, mesmo que fossem apenas para ela.

— Já que estamos brincando de turistas, devo te dizer que diante de nós está o famoso teatro de Chicago — disse Garrett, apontando o enorme letreiro vermelho de Chicago .

Devon tirou uma foto porquê... *Ei, por que não?*

Eles seguiram pelas ruas movimentadas, e apesar de ter que desviar dos outros turistas admirando os bonitos edifícios, andar parecia ter ajudado seu estômago. Ela ainda não estava disposta a comer, mas o ar fresco arejava e, Devon descobriu que a mudança era proveitosa.

Garrett a guiou por uma rua lateral, e apontou a fachada de vidro do Joffrey Ballet. Ao passar pelo edifício, observou os bailarinos. Eles saíram da rua transversal para a Michigan Avenue, e o Millennium Park estava na frente deles. Garret mostrou-lhe o caminho para o The Bean, e ela viu o aglomerado de pessoas que já estavam rodeando a enorme escultura de espelhos.

Da localização perfeita, Devon podia ver toda a cidade de Chicago no reflexo da estrutura. Ela cruzou os braços e olhou, imaginando o que veria se visse seu próprio reflexo. Ela se veria arredondada e distorcida como a linha da cidade estava em alguns lugares, ou ela pareceria completa e perfeita?

Uma parte dela esperava se ver arredondada e distorcida como se sentia, mas quando se aproximou, viu que seu reflexo era como em qualquer outro espelho... uma mentira.

— Quer que eu tire uma foto sua? — Ofereceu Garrett.

Saindo de seu devaneio silencioso, balançou a cabeça.

— Não, obrigada.

Não queria uma foto dela junto ao The Bean. Ele refletia o horizonte, e isso em si era a obra prima. Sua imagem apenas obscureceria a vista.

— Você tem certeza? — perguntou, estendendo sua mão para o iPhone dela.

Devon o tirou do seu alcance. — Não, realmente não quero estar em nenhuma foto.

— Vamos lá, todos querem tirar uma foto no The Bean. Até eu tenho uma foto no Bean. Você não quer mostrar aos seus amigos, ou postar no Facebook? — Garrett perguntou com um sorriso, embora estivesse claro que realmente não estava brincando.

— Eu agradeço, mas sem fotos minhas. Eu não tenho mais Facebook, então não tenho onde postá-las — ela disse a ele, colocando seu telefone no bolso.

— Como você sobrevive? Hadley vive lá. A metade do tempo, não consigo nem falar com ela, pelo seu transe no Facebook.

Devon deu de ombros. Ela teve que bloqueá-lo, pelo menos temporariamente. Do contrário, poderia mostrar sua localização e não queria cometer acidentalmente um erro. Não era como se pudesse manipular o Facebook para estar em Paris e St. Louis, ao mesmo tempo. Ela não era um gênio em computadores, e mesmo se fosse, tinha certeza de que era ilegal.

— Estou vivendo no presente — ela disse a Garrett, o qual era verdade. Nem sequer queria pensar no passado.

— É o melhor lugar para se viver. — Simplesmente a olhou com a mesma expressão curiosa em seu rosto.

Toda a conversa tinha provocado algo dentro dela. Ela sentia que, se não conseguisse expressar seus sentimentos naquele momento, ela os perderia. Procurando na sua bolsa, Devon pegou seu caderno. Ela pegou sua caneta favorita, foi até um banco do parque, e imediatamente começou a escrever fragmentos do que veio a sua mente.

Garrett a seguiu e sentou ao seu lado, olhando por cima do seu ombro. — O que você está escrevendo?

Movendo o caderno fora da sua vista, ela murmurou: — Nada.

— Parece ser algo. Não conheço muita gente que carrega cadernos por aí.

— Eu também não. — Ela continuou anotando seus pensamentos, enquanto eles fluíam através dela.

— É como um diário? — Ele perguntou, tentando ler o que ela estava escrevendo.

Ela deslizou pelo banco. — Só me dê um segundo.

Ela escreveu uma última linha, e logo fechou o caderno. Garrett a olhava fixamente, e ela fez questão de não olhar para ele.

— Então, sem querer ser xereta, ou algo assim, — ele disse, claramente se intrometendo, — mas quem pega um caderno em público e começa a escrever?

Ele riu dela, e ela não conseguiu evitar de rir com ele. Ele tinha razão.

— Às vezes não consigo evitar. As palavras atravessam a minha mente.
— Colocou o caderno de volta na bolsa e se levantou.

— Você vai me dizer o que escreveu?

— Não — Devon disse, se afastando do The Bean.

— É como um diário ou uma agenda? É por isso que eu não posso ler?

— Não. Não falo sobre os meus textos. Sinto muito — ela disse. — Isso é um jardim? Podemos caminhar por aí?

— Claro — Garrett disse, — mas não pense que pode mudar de assunto tão facilmente.

— Não é importante. Só esqueça isso. — Ela saiu rapidamente em direção ao jardim.

Ela odiava quando as pessoas perguntavam sobre seus textos. Era muito pessoal. Ela meio que se odiava pelo hábito compulsivo, mas vinha fazendo isso desde que criança. Ela era boa nisso, mas não era boa em compartilhar com os outros.

— É importante para você, não é? — Garrett perguntou, enquanto caminhavam pelo jardim.

— Nem tanto — ela disse, mordendo o lábio.

— Então, você pode me contar sobre isso — ele diz suavemente.

Devon se deteve e sacudiu a cabeça. Sabia que ele estava apenas sendo simpático, mas estava se intrometendo em coisas que ela não queria compartilhar. Ela precisava mudar o curso da conversa. Qualquer pergunta pessoal seria uma grande pergunta.

Inclinando-se, ela tirou uma série de fotos de uma flor roxa desabrochando. Era melhor do que responder às perguntas de Garrett. Ele pode estar tentando conhecê-la, mas ela não estava disposta a se abrir para qualquer pessoa a curto prazo.

— Ei, sinto muito — ele murmurou.

Ela o olhou, enquanto ele passava a mão no seu cabelo castanho escuro. Ele realmente parecia envergonhado.

— Não quis me intrometer na sua vida. Eu não sabia que seria assim tão particular.

Devon se levantou lentamente. — Está tudo bem. Não se preocupe com isso.

— Você tem medo que sua redação seja uma droga? Sei que é por isso que não mostro nada a ninguém o que escrevo — ele disse a ela.

—Não, não é isso — ela disse. A redação era muito fácil para ela. — Eu só não gosto de mostrar para as pessoas.

— Espero que você não esteja se formando em letras, ou algo assim. Seria péssimo se você nunca mostrasse aos seus professores seu trabalho — disse Garrett com um sorriso.

— Oh Deus, não! Especializei-me em Serviço Social. — Devon caminhou ao lado dele, enquanto saíam do jardim, e se dirigiram para a beira do lago.

— Serviço social? — ele indagou, enrugando o nariz. — Em quê você quer trabalhar, com crianças carentes de gangues, ou lidar com casos de abuso? Um ou outro parece horrível.

Devon engoliu em seco e mordeu o lábio até doer. — Não, ela respondeu bruscamente.

Todos sempre menosprezavam o trabalho social como se não fosse uma graduação válida, mas, a Wash U possuía o melhor curso do País. Os profissionais do serviço social lidavam com todos os tipos de problemas, e eram muito importantes no mundo do lobby. Uma amiga dela estava atualmente trabalhando na proteção dos direitos das mulheres em D.C., e não tinha reclamações sobre seu histórico na assistência social.

— O serviço social beneficia uma esperança de vida normal e produtiva. Só porque você nasceu em uma família rica, não significa que o resto da sociedade seja tão afortunada. As pessoas devem receber a mesma atenção e ajuda — Devon respondeu com veemência. — Além disso, o trabalho social pode ser utilizado em todas partes: governo, aconselhamento, casas de repouso, planejamento comunitário. Eu poderia continuar infinitamente.

— Eu acredito que você poderia — disse Garrett com um sorriso. — Eu não pretendia que soasse tão condescendente.

— Nem todos podem ser especialista em administração — Devon disse secamente.

— Parece que você está realmente empolgada.

— Isso é sarcasmo? — perguntou ela.

— Eu nunca seria sarcástico.

Devon revirou os olhos quando a luz do semáforo mudou. Eles atravessaram a rua e desceram um lance de escada para o lago. A água estava agitada pelo vento e os barcos no porto. Ao longe, o Navy Pier parecia lotado, e a roda gigante girava lentamente, parando a cada poucos metros para deixar os passageiros entrarem e saírem. Corredores cruzavam o caminho, e um casal patinava de mão dadas. Era um dia bastante pitoresco.

— Fique aqui um minuto — Garrett disse, antes de se afastar. Devon suspirou e pegou seu caderno de novo. Agora que ele se afastou, ela releu o que tinha escrito junto ao The Bean. Ela analisou as palavras, e o tom que tinham usado. Tudo parecia retornar ao momento que a levou ao limite.

Voltando ao dia seguinte do ocorrido, viu os fracos golpes no papel, onde suas lágrimas haviam caído sobre a página. Danificando a metade da folha, e enquanto lia as palavras, sentiu um nó na garganta. As lembranças e as emoções eram demais. *Por que ela estava revivendo isso exaustivamente?* Ela não conseguia fugir, e a metade do tempo, não achava que queria.

Ela levou alguns minutos para se recompor, antes que Garrett retornasse.

Carregando dois picolés, ele sorria para ela. — Espero que você goste de morango, porque vou comer o de mirtilo com limão — ele disse, oferecendo-lhe o picolé vermelho.

— Meu favorito — Devon disse a ele com um grande sorriso. *Ele nos comprou picolés? Fofo.* — Por que isto?

— Pensei que seria bom para o seu estômago — ele disse, encolhendo os ombros. — Um dos meus passatempos favoritos. Quando eu era mais jovem vinha muito aqui com meus pais. Comíamos picolés e nos sentávamos na beira da água. Por isso... vamos nos sentar.

Devon sorriu ainda mais. Ela ficou contente que Garrett estivesse falando de si mesmo, e não dela para variar. Ela sentou ao seu lado na borda, e balançou seus pés na água, aproveitando o início do verão.

O começo de uma nova vida.

4

Praça

Garrett deixou Devon no restaurante Jenn's, esperando que Hadley saísse do trabalho. Ele trabalharia no turno da noite, e precisava se preparar, mas se sentia mal por deixar Devon sozinha no apartamento num dia tão bonito. Ele lhe deu a chave sobressalente, para o caso dela decidir ir para o apartamento. Entretanto, ela não tinha essa intenção. Devon pensou em esperar até que Hadley saísse do trabalho, e então, poderiam retornar juntas. Ela não se sentia confortável ficando sozinha no apartamento deles. Ela era apenas uma convidada.

Seu estômago roncou, lembrando-a que só tinha comido uma torrada e um picolé durante todo o dia. Ela e Garrett passearam por horas. Ele era um ótimo guia, lhe dando mais informação sobre os eventos e os prédios, do que provavelmente precisava saber. Garrett viveu em Chicago quase toda a sua vida, e só saiu durante os quatro anos de universidade. Devon não ficou surpresa ao descobrir, que ele tinha cursado a George Washington em D.C. Embora, ele tivesse dinheiro escrito por toda parte, surpreendentemente, ele parecia pé no chão. Oxalá essa combinação acontecesse com mais frequência.

O Jenn's não estava tão lotado como da última vez que Devon esteve aqui. Todo mundo ainda deveria estar trabalhando a esta hora. Suspeitou que começaria a lotar por volta das cinco horas.

Hadley tinha um arranjo muito bom no seu trabalho. Ela sempre saía do trabalho cedo às sextas-feiras. Além disso, não precisava trabalhar nos fins de semana. Hadley dissera que ficaria feliz em mostrar a Devon as partes da cidade que Garrett perdera durante o turno da manhã. Devon não tinha decidido o que queria fazer, mas sabia que pensaria em algo nesse meio tempo.

Sentando-se no mesmo banco do dia anterior, Devon apoiou os seus cotovelos pesadamente no balcão, e esperou que alguém aparecesse. Ela viu uma garçonete atendendo um cliente numa mesa junto à parede. A mulher parecia que trabalhava aqui desde que o lugar abrisse, quarenta anos atrás. No entanto, ela ainda usava o mesmo uniforme das garçonetes mais jovens, uma saia curta preta, uma camiseta branca desabotoada para revelar o decote, meias três quartos brancas e tênis. *Ela não poderia ser a única trabalhando, certo?*

A mulher recolheu os menus dos outros clientes, e logo se dirigiu para a porta dos fundos. Ao olhar para Devon, sorriu com uma sinceridade que provavelmente não sentia. — Alguém a atenderá em seguida, meu bem.

Ela atravessou a porta giratória da cozinha. Devon se perguntou se agora ela estaria gritando com alguém para fazer o seu trabalho. Era o que ela provavelmente teria feito quando trabalhou num restaurante. Pelo menos, teria se queixado consigo mesma sobre ser a única que trabalhava.

Durante os verões anteriores, Devon trabalhou meio período como garçonete para ganhar um pouco de dinheiro extra. Sempre tinha algo no que queria gastar seu dinheiro, e se sentia mal em pedir aos seus pais algo mais do que eles já davam a ela. Eles já pagavam sua educação, alojamento e alimentação, então ela não se sentia no direito de pedir mais.

Um minuto mais tarde, um homem descontente saiu da sala dos fundos, gritando algo à garçonete atrás dele. Devon tinha razão. Quando ele se virou, Devon sorriu, percebendo que era Brennan. Ela estava feliz por ver um rosto familiar em um mar de desconhecidos. Chicago foi um grande passo para ela, e tinha muito ao que se adaptar.

— Você foi atendida? — Brennan deslocou as garrafas, mal olhando para ela.

— Não, não fui — Devon disse-lhe, esperando que ele a reconhecesse.

— O que vai querer? — Ele passou uma toalha embaixo da torneira, e secou debaixo da bandeja.

— Não sei. Não vi o cardápio. — Ela pegou a caneta do seu bolso de trás e, distraidamente, a rodou entre seus dedos.

Ele pegou um menu para ela, e o deixou sobre o balcão. Ele se afastou, sem sequer lhe perguntar a o que beberia. Hadley tinha razão: conseguir a atenção de Brennan era difícil mesmo quando o restaurante estava vazio.

Ela o observou por um segundo, sabendo que ele não estava prestando atenção nela. Ele movia sua cabeça, e seu cabelo escuro se agitava sem esforço. Não tinha o aspecto de ontem. Hoje parecia mais, como se ele tivesse acabado de sair da cama, mas no bom sentido. Ele cantarolava sua própria melodia, mas Devon não podia distinguir a música. Ela sabia que não deveria olhá-lo desse jeito. Era rude, e certamente ele notaria, o que seria bastante embaraçoso. Mas tinha dificuldades em afastar os olhos.

Era estranho, para não dizer pior. Ele era o tipo de cara, que sua irmã Dani, se apaixonaria. Ela se exibiria diante dele, até que a notasse, e no caso de Dani, não demorava muito tempo para os caras repararem nela. Sua mãe tinha brincado sobre Devon ser a mais difícil, mas foi só porque ela havia boicotado as botas de caubói e o apelido Dixie, mas Dani era a única com quem sua mãe precisava se preocupar. Dani, ainda se exibia em vestidos de verão muito curtos, e ganhou o apelido de Pearl da metade dos caras da escola por uma boa razão. Era um pouco preocupante, desde que ela só tinha dezessete anos, e estava no último ano do ensino médio. Devon estava apavorada com a ida dela para a universidade, especialmente porque escolheu uma grande universidade estadual.

Devon não era de se deixar apanhar pela aparência de um cara, ainda mais com Reid em St. Louis. Não, ela não queria nem pensar agora em St. Louis. Brennan era lindo para olhar, isso era tudo.

Brennan então se virou, e olhou diretamente para ela. Suas bochechas imediatamente coraram, quando ele a pegou encarando. Ele não fez nada mais do que sorrir, antes que ela se enterrasse no cardápio que ainda não tinha aberto.

Devon sentiu seus olhos fixos nela, e a sensação não ia embora. Ela não estava acostumada a estar sob apreciação. Ela ponderou se ele havia sentido o seu olhar tão intensamente, se foi tão evidente. Ela deu uma olhada por cima, quando suas bochechas já não estavam ardendo.

Brennan sorriu, caminhou para trás e apoiou ambos os cotovelos sobre o balcão, como fizera ontem. — Você quer beber alguma coisa?

— Só água, por favor — disse Devon, desviando o olhar.

Brennan serviu a bebida e entregou. — Você esteve aqui ontem? — perguntou, voltando para sua posição.

— Sim — Devon assentiu. Ela fechou o cardápio, eliminando sua distração. — Eu estive aqui com Hadley.

— Eu sabia que já tinha te visto. Você é a pequena beleza Sulina.

— Devon — Ela corrigiu.

— Certo. Como você conseguiu uma amiga como a Hadley? — Ele perguntou.

— O que quer dizer? — Ele estava insultando a sua companheira de quarto de dois anos e meio?

— Não me leve a mal, mas você é muito certinha, e ela desobedece as regras.

Incrédula, Devon o olhou. — Como eu poderia não levar isso a mal?

— Porque eu te pedi com antecedência para não levar — Brennan disse, encolhendo os ombros.

— Você me dizer antecipadamente, significa que devo encarar isso ao contrário. Anula por completo tudo o que disse depois disso — ela disse a ele, semicerrando os olhos.

— É muito cedo para negar e pressupor isso. Eu sou um barman. Sirvo doses — Brennan disse.

Ele não se afastou, enquanto ela olhava para ele .

— Acredito que você pode negar e pressupor como todos nós. — Devon girou a caneta entre os dedos mais rápido.

— Poder e querer são coisas diferentes — ele disse, recuando. Ele se aproximou do bar, pegou dois copos de doses, e os encheu de tequila. Depois de passar um para ela, colocou um guardanapo na bancada com dois limões sobre ele. — Você girando sua caneta dessa maneira, vai causar um colapso nervoso. Agora, beba.

Devon suspirou. Esta era uma má ideia, principalmente depois da noite anterior. Mas a dose não parecia como uma escolha. Pelo contrário, parecia um desafio.

— Sal? — Ela pediu. Se ela ia fazer isso, faria como deve ser.

Brennan colocou o sal no balcão. Ela lambeu a sua pele entre o polegar e o indicador, e estendeu sua mão para ele. Ele sorriu para ela e, em seguida, sem qualquer aviso, despejou um pouco de sal no local. Ele fez o mesmo na dele.

— Vamos brindar a alguma coisa? — perguntou Devon, porque não conseguiu se conter.

— Não — disse Brennan, pegando sua dose.

Ela fez o mesmo, chocou seu copo contra o dele, e então tomou a tequila. Devon engasgou, enquanto o líquido ardente desceu por sua garganta. Ela pegou um limão e chupou até que o fogo resfriou.

Brennan riu baixinho, enquanto chupo seu limão e virou a dose. — Agora, o que você quer comer?

Devon começou a girar sua caneta. Quando se deu conta de que fazia isso de novo, colocou a caneta no balcão. — Eu não sou exigente. Qualquer coisa sem maionese. O que você sugerir.

— Huh — disse ele, pegando o cardápio.

— Quê? — Ela lambeu os lábios e olhou para ele apreensivamente.

— Nada.

— Ok.

Qual era a dele? Ela não conseguia entendê-lo. Essa era a segunda vez que ele tinha parecido avaliá-la de uma forma que não conseguia entender.

Brennan voltou para a cozinha. Quando ele não reapareceu, ela se perguntou o que ele estava fazendo lá trás. Ele estava vadiando com a garçonete? Não parecia provável. Não esperava que ele ficasse aqui para conversar com ela, ou algo assim. Ela odiava conversas forçadas com seus clientes, mas não achou que o bate-papo deles foi forçado.

Dando de ombros, pegou seu caderno, e o abriu na página que estava trabalhando quando estava no The Bean com Garrett. Lá tinha fluído tão

facilmente. Ela gostaria que escrever fosse sempre assim. Às vezes, sentia como se estivesse tentando forçar sua saída da areia movediça.

Por mais que escrever fosse uma libertação, ela meio que odiava isso. Ela sentia como se contasse com isso para se expressar. Quando pensava sobre isso, imaginava que mantinha sua voz moderada. Não era necessário berrar, gritar, ou chorar com ninguém, quando podia fazer tudo isso no papel. Ela podia pôr todas as emoções no papel, até se sentir como estivesse sangrando. Não era o suficiente. Nunca era o suficiente, mas ajudava. Ajudava a manter seus muros.

Mais do que tudo, ela desejava não ter a mesma habilidade dos seus pais. Porque quando as palavras saíam dela, não era um roteiro perfeito, um romance bem feito, ou mesmo algo tão simples como um diário. Eram letras. Tudo que ela escrevia saía em forma de canção. O que tornava isso ainda pior, era que ela nunca poderia, nunca cantaria. Ela não gostava que outras pessoas ouvissem sua voz, porque achava que era muito pessoal, por isso ela nunca cantava seu próprio material.

Como ela poderia cantar entre as lágrimas?

Ponderando sobre as palavras no seu caderno, reorganizou as frases que formavam o refrão. Podia imaginar alguém talentoso cantando suas canções com vocais perfeitos e suaves, que subiam e caíam no ritmo da música, mas não acreditava que ela pudesse seguir adiante. Ouvir sua própria dor em todas as rádios não era exatamente seu estilo.

Uns minutos depois, Brennan saiu e colocou a comida na frente dela. Era apenas um hambúrguer. Ela ficou surpresa. Ela achou que ele traria algo criativo.

— Melhor coisa do cardápio — disse ele, reabastecendo sua água.

Ela nem sequer se deu conta de que o copo estava vazio. Ela percebeu que a ressaca a desidratou mais do que acreditava.

— Obrigada. — Devon acrescentou ketchup ao hambúrguer, e em seguida deu uma mordida. — Uau! Isto está ótimo! — Nunca foi admiradora de hambúrguer, mas este estava excepcional.

Brennan assentiu com a cabeça, como se soubesse que ela ia gostar enquanto se recostava contra o balcão. — Quanto tempo você vai ficar na cidade?

— Só uma semana — ela disse, antes de dar outra mordida no seu hambúrguer.

— Você vai vir ao meu bar enquanto estiver aqui?

Devon olhou para ele, tentando entendê-lo. Ele a queria ali ou esperava que ela não viesse? Ou simplesmente estava puxando assunto?

— Provavelmente — ela respondeu.

— Certo.

— Por quê? — Ela perguntou com curiosidade.

— Não sei o quanto de tequila tenho no estoque — ele explicou sem sequer esboçar um sorriso.

Devon, no entanto, riu dele. Ela preferia seu bom humor a sua avaliação. — Eu manteria reabastecido.

— Acho que terei.

— Você acha que terá que fazer o quê? — Hadley se aproximou por trás deles, interceptando o final da conversa.

— Hadley! — Devon se virou para cumprimentar sua amiga com um sorriso.

— Oi, é bom ver que Brennan está cuidando de você para mim. Vejo que está te alimentado com hambúrguer — ela disse balançando a cabeça. — Ele acha que é a melhor coisa no cardápio. Ele está errado. É o frango.

— Hadley, sempre dando sua opinião — Brennan disse, endireitando enquanto se aproximava dela. Começando a servir uma bebida para ela.

— É realmente uma opinião quando é um fato óbvio? — Hadley perguntou, sentando-se ao lado da Devon.

— Ela acha que todas suas opiniões são fatos — informou Brennan a Devon, passando a bebida para Hadley.

— Não são? — perguntou Devon com um sorriso.

— Oh, então, você está do lado dela agora?

— E havia alguma dúvida? — perguntou Hadley.

— Eu tenho a tendência de duvidar de tudo.

— E eu tenho a tendência de discordar de tudo o que você duvida — Hadley disse a ele, encolhendo os ombros.

— Apenas beba e pare de discordar de mim — ele disse com um sorriso.

Hadley encolheu os ombros novamente, tomou sua bebida, e se virou para olhar para Devon. — Então, como foi o seu dia? Garrett te mostrou a cidade?

— Sim. Nós nos divertimos muito, antes dele ter que ir trabalhar. A cidade é linda. Por que não estive aqui antes? — perguntou Devon.

— Não sei. Não foi por falta de convite para me visitar.

— Só tinha aquele pequeno detalhe chamado aulas — Devon disse a ela.

— Aulas. Aff. Quem precisa disso? — Hadley curvou seus lábios. Ela olhou para o caderno da Devon, e bateu duas vezes. — Você ainda escreve?

— Não mudei muito desde que você partiu — disse Devon.

— Posso ler a última? — perguntou Hadley, pegando o caderno com um sorriso de cumplicidade.

— Não — Devon respondeu rapidamente, tirando o caderno do balcão, e o colocando de volta sua bolsa. Pegou a caneta novamente e começou a girá-la entre seus dedos distraidamente.

Hadley riu e acenou com a cabeça. — Você realmente não mudou. Você deveria permitir que mais pessoas lessem suas músicas. São muito boas, Dev.

Devon corou e voltou a olhar sua comida. Ela não queria ter essa conversa, especialmente em público. Ela tinha muitas emoções guardadas no seu caderno. De maneira alguma ela simplesmente o abriria.

— Brennan poderia inclusive tocar guitarra para suas canções — Hadley ofereceu sem o consentimento de Brennan.

— O que é isso? — ele perguntou, inclinando-se para frente.

Hadley olhou para Devon como se pedisse permissão para continuar. Devon revirou os olhos, sabendo que não tinha outra opção, agora que sua amiga tinha começado.

— Você toca guitarra? — perguntou Devon, sendo mais rápida.

Brennan parecia bastante artístico, mas não tinha certeza se ele realmente se encaixava no perfil. Ela cresceu rodeada de músicos, e enquanto ele dava a impressão de ter toda a rotina de barman desesperado, parecia

haver algo mais nele. Sua aversão às próprias canções atingia às pessoas que achavam que podiam tocar instrumentos. Ela estava muito acostumada a como os músicos agiam, e como achavam que dominavam o mundo. Eles não estavam exatamente na sua onda.

— Devon escreve canções — interrompeu Hadley.

— Sim, eu toco — ele disse, travando seus olhos com os de Devon. — Escreve? Eu nunca imaginaria.

— Um pouco — ela disse, encolhendo os ombros. Ela gostou de comprovar que seus julgamentos estavam errados. — Eu nunca imaginaria você como músico.

— Sou um músico esforçado.

— O que você está fazendo em Chicago se é músico?

— Eu te disse que sou esforçado.

— E esforçado, você quer dizer que não tem talento? — Devon perguntou, arqueando uma sobrancelha.

— Eu tenho talento — ele disse, como se não importasse o que ela pensava. Provavelmente não importava. — Eu só acho que deveria passar mais tempo com meu talento de barman, enquanto sigo falhando nas provas de admissão na faculdade de medicina.

Devon engoliu em seco, sua mente imediatamente indo para Reid. Ela se sentia muito mal por não ter lhe dito a verdade. Ele estava passando por um momento tão difícil, se candidatando para a faculdade de medicina, e ela o tinha deixado passar por isso sozinho.

Talvez devesse ligar para ele.

Não.

Ela não podia fazer isso sem lhe dizer que mentiu, sem dizer que não estava em Paris neste verão. Então, teria que voltar para St. Louis, e não estava preparada para isso.

— Ele tem talento — Hadley disse, como se fosse a coisa mais dolorosa de admitir. — Eu o ouvi tocar. Você tem um show de microfone aberto esta semana? Nós poderíamos dar uma passada.

— Não — disse Brennan, balançando a cabeça, enquanto um grupo grande entrava no bar, — não tenho nada por algumas semanas.

— Que chato! — murmurou Hadley. — São muito divertidos. Teremos que te levar até o bar no edifício John Hancock, antes de ir embora. Será divertido. Estive lá uma vez. Estava nevando no nonagésimo nono andar, porém no andar de baixo nem sequer chovia. Quando você estará de folga, Brennan? Poderia vir?

— Você quer que eu vá a um bar caro, a mais de trezentos metros do chão, quando trabalho em um bar? — Ele perguntou.

— Sim — disse Hadley com um grande sorriso.

— Tenho folga na segunda-feira, mas estou ocupado. Que tal no domingo?

— Você vai estar aqui no próximo domingo? — Hadley perguntou a Devon.

— Uh... Sim. No próximo domingo está bom pra mim.

— Ótimo! Está combinado no domingo que vem — disse Hadley. — Pode ser a festa de despedida da Devon.

— Sim — Devon disse desanimada.

Ela não queria ficar apenas uma semana na cidade. Teria que achar um lugar para ficar até o fim do verão, ou então, teria que enfrentar Reid e a sua família, antes do previsto.

E isso era algo que ela não podia fazer.

5

Universidade

Devon atravessou o Brookings Quad onde o ar da manhã de verão se mesclava com o aroma das flores brotando. A Praça na Wash U era rodeada por edifícios de estilo góticos. Aquele diretamente na sua frente era o Brookings Hall, e servia como cartão de visita do campus. Ele abrigava principalmente funcionários de alto escalão da universidade, assim como as outras grandes universidades, por isso, ela raramente visitava o prédio, mas os caminhos que o rodeavam eram lindos. Devon preferia os espaços abertos que as outras partes do campus. Ela provavelmente estava sendo tendenciosa, porque o prédio do serviço social, Brown Hall, ficava bem ao lado do Brookings.

Devon teria tomado o atalho para o Brown Hall, mas o tempo estava tão bom, que ela quis atrasar o inevitável. Estava quase chegando atravessando o pórtico do Brookings quando sentiu que a observavam.

Estranho. Ela não se lembrava ter visto mais ninguém na Praça.

Estava um dia tão lindo que ela achou que as pessoas estariam aqui fora estudando, se bronzeando, curtindo e, em geral, desfrutando o sol. Mas era verão, e poucas pessoas ficavam no campus, então isso não era tão surpreendente.

Tentando afastar a sensação incômoda de que alguém a observava, Devon acelerou o passo e atravessou o pórtico. Não gostava de estar ali, mais do que gostava de estar ao ar livre na Praça, mas ao menos ali poderia ver quem a seguia. Era muito improvável que qualquer pessoa fizesse algo no meio do dia no centro do campus.

Mas o pórtico no Brookings era diferente. Embora fosse um lugar muito público, ligando a Praça e a Hoyt Drive, o local era limitado pelo corredor. De repente se sentiu presa, apesar de não ser uma grande distância. O cabelo na sua nuca se arrepiou, e o sangue percorreu seu corpo. Podia sentir seu pulso

batendo rapidamente em cada um dos seus dedos, e engoliu as pesadas bolas de algodão que tinha na sua garganta.

Devon olhou para trás por cima do ombro, seu cabelo loiro girando ao redor de seu rosto, enquanto esperava ter um vislumbre da pessoa atrás dela. Mas não havia ninguém. Não ouvia passos, nem nada. Entretanto, ela não conseguia se livrar da sensação. Quem a seguia era bastante hábil para não ser visto. A única maneira de ver uma pessoa era quando queria ser vista, e isso a desconcertava ainda mais.

Correndo pelo pórtico, Devon cruzou para o outro lado, sã e salva. Seus olhos se moviam da esquerda para a direita, procurando por alguém que esperava para emboscá-la do outro lado. Não havia ninguém ali. Na verdade, não havia ninguém em lugar nenhum.

Não havia carros na usualmente movimentada Hoyt Drive ou Brookings Drive, que levavam ao campus. Só carros estacionados nas vagas do estacionamento ao longo da estrada, mas ela não conseguia ver ninguém neles. Mesmo em um dia calmo, calouros se reuniam na entrada da universidade para tomar suas decisões finais sobre a matrícula. Apesar de sua irritação com isso, Devon queria saber onde eles estavam.

Ela não tinha mais tempo para pensar sobre isso. Alguém a seguia, e quase por instinto, sabia que se aproximava. Sem olhar para trás, ela desceu as escadas que levavam à rua. Devon subiu e desceu as escadas levemente inclinadas, e aparentemente intermináveis, mais vezes do que podia contar, mas hoje, a descida parecia terrivelmente longa.

Chegando finalmente na calçada da Hoyt, virou imediatamente à direita para a Brown Hall. Ela ansiava muito estar em um ambiente familiar. Além disso, ela conhecia todo corpo docente, e alguém tinha que estar lá. O professor Turner estava lá todos os dias. Ela passara horas e horas em seu escritório, revisando tarefas e se atualizando. Ela nunca teve que marcar horários, uma vez que ele sempre estava lá. Se ninguém mais estivesse no campus, ele ainda estaria lá com sua gravata frouxa olhando o seu MAC. *Ela conseguiria chegar até ele. Ela poderia fazer isso.*

Não era uma longa caminhada. Era literalmente ao virar a esquina. *Por que ela não pegou o atalho pelo Busch Hall?* Tudo o que ela tinha que fazer era pegar à direita antes da Praça, atravessar o departamento de Letras, e Brown estaria bem na frente dela. Em vez disso, Devon quis aproveitar o clima, mas agora não estava apreciando o clima.

Correu pela calçada, sentindo olhos nela em todas as direções. Ela se sentia completamente emboscada. *Eles estavam atrás dela. Eles estavam se aproximando. Eles a pegariam.*

Não. Ela tinha que ser forte, e se esforçar mais ainda. Alguém estaria dentro do Brown Hall. Se não o professor Turner, outro professor ou talvez um estudante teria que estar lá. Devon faria isso dar certo. Tinha que fazê-lo.

Chegando nas portas duplas, abriu uma o mais rápido que pôde, e entrou correndo. Cheirava exatamente como sempre, como se muitos produtos de limpeza tivessem sido usados para mascarar o cheiro empoeirado do velho prédio. Ela percorreu os corredores familiares, navegando por eles como uma perita. O escritório do professor Turner era no quarto andar do edifício. Sabia que era uma péssima ideia correr pelas escadas. Ficaria encurralada nelas, mas não tinha outra opção.

Abrindo a porta, subiu os degraus de dois em dois. Sua respiração estava irregular no momento em que chegou no último andar, mas ao menos não se sentia observada. Seu perseguidor não conseguiu descobrir para onde ela tinha ido.

Cautelosamente, caminhou pelo corredor, à procura do escritório do professor Turner. Na metade do caminho, ouviu um clique numa porta. Com o coração acelerado, se virou para ver se alguém estava atrás dela, mas não havia ninguém ali. Embora, não estivesse com aquela sensação incômoda na boca do estômago, dizendo-lhe que alguém a observava, sentia como se estivesse no lugar errado, como se tivesse tomado a decisão errada. Ela se sentia como se tivesse colocado acidentalmente o seu Bispo na frente da Rainha do seu oponente.

Sem outra escolha, ela seguiu até o escritório do professor Turner, e bateu suavemente. —Professor — ela sussurrou, — você está aí?

Sem resposta.

— Professor, é urgente! Sei que não é horário escolar, mas tenho que falar com você. Há algo estranho que preciso te contar.

Ainda sem resposta.

— Professor! Tem alguém me seguindo! — Ela voltou a bater, ansiosa para sair do corredor e entrar na segurança do seu escritório.

Mesmo assim, não houve resposta.

Devon engoliu sua crescente ansiedade, e fez o que nunca teria feito normalmente. Estendeu sua mão para a maçaneta da porta, sabendo que não era inteligente, sabendo que isso levaria à sua derrota, mas tinha que fugir. Quem a estivesse perseguindo a obrigava a isso.

Girou a maçaneta e abriu lentamente a porta para uma sala aparentemente vazia.

— Professor — murmurou baixinho, olhando ao redor.

— Devon — alguém a chamou.

Mas ela não sabia quem era, ou até mesmo de onde vinha a voz.

Nesse momento, uma mão apertou seu pulso.

— Devon! Devon! — Alguém gritou com ela, sacudindo seu ombro.

Sem fôlego, seus olhos se abriram rapidamente, e ela olhou para Hadley. Ela não conseguia respirar, e seu coração estava acelerado. O que quer que tenha acontecido, ela continuava a sugando o ar seco e morto.

— Ei, está tudo bem. Sou eu — disse Hadley, esfregando seu ombro para tranquilizá-la. — Você está bem?

Devon tentou se controlar, mas estava tendo problemas consideráveis. Sua pele estava fria e pegajosa, e sua camiseta estava encharcada. Inalou, e seu peito se expandiu com apreciação, enquanto o oxigênio enchia seus pulmões. Soltou lentamente o ar. Os movimentos ficaram mais fáceis com o passar do tempo. Quando passou as pontas dos dedos sob os olhos, sentiu seus cílios molhados.

Deus, você consegue chorar dormindo? Ela se perguntou.

— Falando sério, Devon, você parece um fantasma. Você precisa de alguma coisa? — perguntou Hadley com a preocupação escrita no seu rosto bonito.

Devon passou a mão pelo cabelo loiro emaranhado. *Ótimo, teria que tomar outro banho.* — Sim, estou bem — sussurrou com a voz tensa.

— Você tem certeza? — pergunto Hadley, com os olhos arregalados. — Vou buscar um pouco de água. Já volto.

Hadley desapareceu, e Devon agradeceu. Estava grata pelo silêncio, e pela luz que entrava pela janela, significando que ainda era dia. Seu lábio inferior tremeu, enquanto se recostava contra a cabeceira, deixando que os calafrios saíssem de seu corpo.

Ela tinha tido pesadelos toda a semana, os mais vívidos que já tivera em toda sua vida. A cada manhã, despertava mais exausta do que quando se deitava, como se tivesse corrido uma maratona em vez de dormir por oito horas. Ela se sentia mais que desidratada, e com dores de cabeça constantes.

Devon começara a cochilar durante o dia, para que dormisse menos à noite e assim, evitar os pesadelos. Até hoje, os pesadelos não surgiam enquanto cochilava.

Hadley reapareceu na porta com um copo de água. Cuidadosamente ela o entregou para Devon, parecendo muito assustada. Devon se sentiu mal a respeito de toda a situação. Tomou alguns goles de água, sentindo o líquido gelado descer por sua garganta e encher seu estômago.

— Entãoooooooo... você está bem? — perguntou Hadley, repetindo sua pergunta.

— Sim, estou bem — disse Devon reflexivamente.

— Pesadelo? — perguntou Hadley, claramente não acreditando na sua declaração.

— Eu não sei. Não me lembro — Devon mentiu. Não podia contar a Hadley o que sonhava diariamente: isso só aumentaria suas perguntas. Devon não sabia o significado de todos esses sonhos, mas tinha uma pista. E se ela tinha uma pista, Hadley também podia imaginá-la.

Hadley lhe lançou um olhar perplexo. Com um suspiro, ela assentiu. — Tudo bem. Se você não quer falar sobre isso, está bem. Mas, eu nunca vi você assim. Você nunca teve pesadelos antes, não é?

O que Devon podia dizer? Hadley tinha vivido com ela dois anos e meio, e a conhecia mais que ninguém. Devon só poderia continuar mentido durante algum tempo.

— Não — Devon respondeu finalmente. — Antes eu não os tinha. São recentes.

— Quando começaram? — Hadley perguntou como um pai indulgente.

— Não sei — Devon disse, olhando para baixo. Sabia perfeitamente quando haviam começado, mas não contaria.

— Bom, espero que parem. Não é saudável — Hadley disse, levantando. Ela parecia resignada em deixar Devon escapar.

— Eu também espero que parem — Devon concordou com um sorriso hesitante.

— Vamos para a festa em breve. Eu estava indo me vestir. Nos vemos daqui a pouco. — Hadley saiu do quarto, deixando Devon sozinha.

Devon suspirou, se recostando na cabeceira da cama. Fechou os olhos, se submetendo à escuridão. Como isso continuava acontecendo? Quando ela partiu, achou que os pesadelos acabariam. Ela esperava que talvez tivesse tomado a decisão correta, então, parariam completamente. Em vez disso, foi o contrário.

Abrindo os olhos, terminou o resto da água que Hadley lhe dera, e entrou no banheiro. Tirou a roupa, jogando-a em um cesto ao lado da privada, e então, ligou o chuveiro o mais quente possível. Ela passou uma escova nos cabelos emaranhados até ficar livre de nós, enquanto espaço se tornava espesso pelo vapor. Tudo o que ela queria era afastar as lembranças dos olhos de alguém sobre ela, o desespero da perseguição, e a sensação nauseante da mão da pessoa no seu braço.

Ela entrou na água, assobiando quando tocou sua pele. A água parecia como agulhas perfurando sua pele onde quer que tocasse. Doía. Não podia negar que doía, mas a dor, me fazia sentir em casa. E por isso, em vez de diminuir o calor, ela sucumbiu a ele.

Seu cabelo encharcou, quando finalmente enfiou seu corpo de volta na água escaldante. Fechando os olhos, deixou a água correr lentamente pelo seu

rosto, descer por sua frente, e chegar até seus pés. Pelo menos aqui, ela só sentia a dor da água. Uma dor que podia suportar.

Devon se virou, enfrentando o fluxo da água. Pressionou sua testa contra a parede fria de cerâmica, e deixou a água fluir por suas costas, enquanto mechas do seu cabelo molhado grudavam seu peito. Suspirou e deixou que sua mente esquecesse.

Sua mão desceu pela sua frente até o calor entre suas pernas.

Timidamente esfregou os dedos contra si, testando para saber quão sensível a água quente a deixou. Seu corpo estremeceu levemente com o toque... ainda mais sensível do que teria imaginado. Foi um toque bem-vindo. Seu corpo não tinha tido qualquer liberação em muito... muito tempo.

Devon mordeu os lábios quando deslizou seu dedo pela superfície úmida, espalhando e aprofundando. Sua mente girava, quando seu dedo saiu escorregadio e pronto. Seu corpo tencionou ligeiramente enquanto ela se movia pela superfície macia, deslizando dentro e fora provocativamente.

Sua respiração desacelerou, e seu núcleo pulsou enquanto pensava em alguém a segurando de todas as maneiras certas. Sua mente viajou para um lugar distante, longe da vida atual.

Ele pegou seus dois braços e a empurrou sobre a cama, abrindo suas pernas para o prazer dele. Ela sorriu para ele, esperando que a tomasse. Ela o queria. Deus, como o queria. Seu corpo aqueceu quando ele deslizou suas calças até o chão e forçou seu caminho para dentro.

Devon gozou quando as lembranças e seus dedos a levaram ao limite. Seus joelhos enfraqueceram, e ela se curvou no chuveiro, ofegando.

6

Signature Room 95^a

Algumas horas depois, Devon estava parada na base do edifício John Hancock, um dos edifícios mais altos do mundo, no centro de Chicago. Olhar diretamente para a estrutura de vidro fez seu estômago revirar. O vento era particularmente cruel na Cidade dos Ventos, e Devon tinha certeza de que o prédio estava visivelmente balançando.

— Vocês querem que eu vá lá em cima? — Devon perguntou a Hadley e Garrett com incredulidade.

— Vai ser divertido — Hadley lhe disse a tranquilizando.

Não é que Devon tivesse um medo em particular de altura, mas desafiar o destino não parecia divertido em nenhum momento da imaginação. Sua expressão deve ter mostrado sua descrença, porque Hadley passou seu braço ao redor de Devon, a puxando para a entrada.

— Vamos lá, Dev — disse Garrett, assumindo a liderança. — Você vai gostar do bar, e nem sequer perceberá que balança, quando você estiver lá em cima.

O rosto de Devon empalideceu.

— Garrett!! — disse Hadley, golpeando-o. Ele riu e se afastou dela.

— Quero que se divirta, e você nunca esteve aqui. Quero dizer, quando vai estar em Chicago novamente? — Hadley lhe perguntou.

Devon mordeu o lábio e desviou o olhar, evitando a pergunta. Ela ainda precisava descobrir como ter essa conversa com Hadley.

— Além disso, trabalhei muito esta semana, e não passamos muito tempo juntas. Venha comigo como nos velhos tempos — implorou Hadley, arregalando seus olhos.

— Quero sair com você. Mas prefiro fazê-lo em algum lugar onde... não possa morrer — disse Devon, olhando para o edifício.

— Você não vai morrer! — Hadley revirou os olhos. — Garrett e eu estaremos lá para cuidar de você, caso sinta que pode morrer. Além disso, Brennan também estará lá, acho... se conseguirmos convencê-lo ou algo assim. Quero dizer, você gosta do Brennan, certo?

Devon engole em seco. — Sim, ele é legal — ela disse com indiferença.

Ela passou a última semana no restaurante do Jenn's, comendo hambúrgueres e ocasionalmente tomando doses de tequila. Brennan estava lá todos os dias, exceto na segunda-feira, como havia dito. Ele normalmente a deixava em paz, enquanto ela olhava as fotos em seu telefone ou escrevia em seu caderno. Às vezes, ele vinha conversar com ela, mas só quando parecia que estava pensando muito em outra coisa. Foi muito difícil descobrir o que havia nele que ela gostava tanto.

— Bem, veja, isto será perfeito. O edifício está de pé desde os anos sessenta. Não acredito que teremos um problema esta noite — Hadley disse a ela, empurrando-a para dentro.

Garrett as guiou para os elevadores, e esperaram alguns minutos para que chegasse no andar.

Quanto tempo tenho que ficar nessa coisa? Devon se perguntou.

Quando as portas do elevador finalmente se abriram, eles entraram rapidamente. Devon olhou em volta com ceticismo, enquanto Hadley pressionava o botão do 95^a andar. O elevador subiu como uma bala, deixando o estômago da Devon nos andares abaixo deles. Seus ouvidos zumbiram desconfortavelmente, enquanto tentava ignorar a dor de cabeça que era constante em suas têmporas, desde que acordou do seu pesadelo.

Ela fechou os olhos, sentindo a pressão a sua volta, enquanto o elevador subia, e então, reduziu a velocidade, parando gradualmente, antes de sinalizar o andar deles. Devon timidamente entrou no Signature Room no 95^a andar, o bar e restaurante no John Hancock Center. Ela meio que esperava que o chão tremesse debaixo dela, mas estava completamente firme, sem balanço nem nada. Pelo menos, se sentiu melhor por isso.

O lugar era aberto e espaçoso. Uma grande bar ocupava a parede oposta, e as mesas e cadeiras pretas já estavam lotadas. A vista de verdade estava além do próprio bar. As paredes de vidro do chão ao teto exibiam uma

vista espetacular de Chicago e do lago Michigan, até onde os olhos alcançavam.

Garrett gesticulou para a direita, alegando que tinha a melhor vista, e forçaram através de uma pequena multidão para conseguir lugares perto da janela. Devon caminhou até o vidro, e ficou olhando a cidade iluminada a mil metros abaixo dela. Assimilou a vista, tentando lembrar como era sentir estar no topo do mundo.

Devon pegou seu telefone, e tirou algumas fotos, desejando ter algo melhor com que tirar fotos. A câmara do seu celular não fazia justiça à vista, por outro lado, talvez nada fizesse.

— Quer que eu tire uma foto sua? — ofereceu Garrett, parado ao lado dela.

Ela negou com a cabeça. — Não, obrigada. A vista é o suficiente.

—Você tem algo contra tirar sua foto? — Ele cruzou seus braços, voltando sua atenção da janela para ela.

— Não, eu só não preciso do meu rosto estampado na frente de algo tão único. Como poderia corresponder? — Ela lhe deu um sorriso suave.

Garrett tinha sido incondicionalmente gentil desde que ela chegou. Ele permitiu que ela ficasse no quarto de hóspedes do seu apartamento por uma semana inteira. Cuidou dela quando esteve doente, e mostrou a cidade. Almoçaram juntos algumas vezes antes dele ter que ir trabalhar. Uma noite, ela tinha adormecido, enquanto assistia a reprise do *Whose Line Is It Anyway?*, e depois de ter chegado em casa tarde do trabalho, Garrett a acordou e a levou para a cama. Eles repetiram seu passeio no parque completo com picolés, novamente, quando Hadley estava trabalhando. Devon descobriu que, apesar não ter lhe dito o motivo pelo qual saiu, ele abriu sua concha, e ela conseguiu relaxar ao seu lado. Ela entendeu porque Hadley gostava tanto dele.

— Acredito que esse loiro é muito profundo — Garret disse, desviando a pergunta.

— Que original. Uma piada de loiras — respondeu Devon, revirando os olhos.

— Duvido que tenha uma foto sua em Chicago. Como alguém acreditará que você esteve realmente aqui? — perguntou Garrett.

Espero que ninguém o faça, pensou.

Devon encolheu os ombros. Não podia dizer isso a ele.

— Faça como quiser. O que você quer beber? Vou para o bar — Ele disse a ela com um sorriso.

— Um Gin Tonic seria ótimo. Você precisa de dinheiro? — Ela perguntou a ele, colocando a mão na sua bolsa.

— Por minha conta — Levantou as mãos para mostrar que não aceitaria dinheiro dela.

— Obrigada, Garrett — disse Devon com sinceridade.

Onde Hadley encontrou esse cara?

Com um suspiro profundo, Devon o viu se afastar. Ela gostaria poder contar a alguém o que estava acontecendo. *Mas, como alguém entenderia?* Hadley teria um prato cheio, e Devon não estava preparada para esse tipo de surto. Ela realmente não conhecia Garrett, então, ele não era uma alternativa. Sabia que devia tentar falar com sua mãe, mas Devon estava evitando suas ligações durante toda a semana, esperando que ela entendesse a indireta.

Cada vez que Devon pensava nisso, sentia-se mal do estômago. *Como posso contar a alguém, se nem consigo decidir se tomei a decisão correta?*

— Não posso acreditar que já passou uma semana — disse Hadley, parando ao lado de Devon. — Para onde o vai o tempo?

— Bem, você tem um emprego — disse Devon.

— Argh, nem me lembre — Hadley disse dramaticamente.

— Você ama o seu trabalho.

— Sim, mas mesmo assim, é um emprego — ela disse encolhendo os ombros.

— Garrett é ótimo — disse Devon, mudando de assunto.

— Dev, ele é mais do que ótimo. Ele é incrível. E me deixe te dizer — Hadley disse, inclinando seu corpo para olhar diretamente para Devon, — ele está além do incrível. — Ela arqueou as sobrancelhas e sorriu.

Devon riu da tentativa de Hadley em ser discreta. Era tão diferente da sua amiga.

— Além disso, falando sério, ele é um animal na cama. Eu só... estou encantada — Hadley disse a ela.

Agora, isso soava mais como ela.

— Você sabe o tipo de sorte que tive na universidade.

— Oh, sim, a pobrezinha da Hadley sempre teve que sair com os caras mais gostosos do campus.

— Mas todos eles tinham paus pequenos, e tive que ensiná-los como usá-los — Hadley reclamou.

— E quanto a Jason? — perguntou Devon. — Você nunca reclamou dele.

Hadley desviou o olhar com um grande sorriso bobo no rosto. — Eu tinha me esquecido do Jason. Mas ele não importa; Garrett é melhor que todos eles! Mal posso acreditar como o sexo é bom.

— Ótimo — disse Devon, olhando de volta para o horizonte de Chicago. Ela não queria ter essa conversa. Não só não queria imaginar Garrett e Hadley transando como animais, Devon realmente não queria pensar em sexo. Muitas complicações.

— Sei que não passamos muito tempo juntos, porque nossos horários de trabalho são conflitantes, mas o nosso tempo é bem aproveitado — ela disse com uma risadinha.

Como a conversa seguiu nessa direção?

— Obrigada por me fazer vir aqui. É realmente fantástico — disse Devon, mudando de assunto mais uma vez.

— Sim, eu sei o que é bom para você — disse Hadley.

— É mesmo? — Devon perguntou curiosamente.

— Aff! Eu sempre soube melhor do que você.

Devon queria perguntar a Hadley o que seria bom para ela. Talvez Hadley soubesse a resposta. Mas o momento se perdeu.

— Aqui está, senhoritas — disse Garrett, retornando com três copos cheios em suas mãos.

Devon aceitou o copo da sua mão e sorriu. — Obrigada.

— Sem problema — disse ele com um amplo sorriso, enquanto entregava a Hadley uma bebida de cor azul brilhante.

Devon tomou um gole do seu Gim-tônica. Era o único jeito que ela conseguia beber isso. Não gostava muito de Gin, mas lhe causava um bom zumbido. Não estava certa do porquê, mas funcionava rápido, e a deixava muito feliz. Ela engoliria o sabor de pinheiro para ficar alta, todos os dias. Talvez com o tempo acabaria aprendendo gostar.

Ela terminou sua bebida rapidamente, querendo lavar as lembranças do seu sonho, em conjunto com os pensamentos que Hadley tinha forçado entrar na sua mente. Devon talvez ficasse um desastre mais tarde, mas apesar de tudo, deveria ser sua festa de despedida. Ela foi ao bar, e pediu outro. Sabia que tinha que beber com calma, mas não queria.

Quando ela voltou, rostos desconhecidos tinham invadido a mesa deles, e outras duas mesas tinham sido adicionadas ao lado da deles. Hadley acenou para Devon, e a apresentou ao grupo. Todos eram amigos de Hadley do trabalho, todas com seus maridos ou noivos. Devon não se importou em saber seus nomes. Estavam aqui por causa de Hadley.

Ela ocupou um lugar vazio ao lado do Garrett, e fingiu que estava interessada na conversa. A maior parte da conversa centrava em coisas nas quais Devon não pensava: bodas, matrimônio e bebês.

Sua mãe queria que sua filhinha tivesse um grande casamento Sulista numa fazenda em Nashville, coberto de rendas e lírios, e complementada com botas de cowboy e laços. Mas Devon não gostaria de ter esse tipo de casamento. Se sua visita a Chicago servisse de indício, sem dúvida não estava preparada para o matrimônio.

— Desculpe, me atrasei — disse uma voz, interrompendo a conversa.

Devon olhou para cima para ver Brennan parado perto do Garrett. Ele a estava olhando, e ela sorriu para ele, feliz por conhecer outra pessoa aqui. Ele estava vestido de maneira simples, com jeans escuros e uma camiseta cinza justa. Ele tinha tido tempo de arrumar o cabelo. Parecia que um dia de descanso havia lhe favorecido.

— Belle — ele disse, acenando com a cabeça para Devon.

— É Devon — ela lembrou-lhe, como ela tinha feito a semana toda.

Ele tinha começado a abreviar o "Beleza sulista" quando se referia a ela. Estava bastante certa de que ele só fazia isso, porque ela o corrigia.

— Ei, cara — disse Garrett alegremente. Ele se levantou, e apertou a mão do Brennan. — Bom te ver.

— Igualmente — respondeu Brennan.

Ele nunca teve o mesmo entusiasmo como Garrett, mas por outro lado, Devon não acreditava que muitas pessoas o tivessem.

— Senta no meu lugar — ofereceu Garrett. — Estou indo para o bar. Você quer alguma coisa?

— Só uma cerveja — disse Brennan.

Garrett assentiu e foi em direção ao bar. Brennan tomou o lugar vago entre a Hadley e Devon. Quando ele sentou, ela notou que algo estava diferente nele. Ela não tinha certeza do que era, mas seus movimentos não estavam tão elegantes, e seus olhos estavam um pouco vidrados. Ele já estava bêbado?

Quando Brennan se virou para olhá-la, ela olhou para as unhas, agindo como se não estivesse olhando para ele. Ela tinha sido pega fazendo isso muitas vezes esta semana. Ele parecia um quebra-cabeças que ela queria montar.

— Quando você vai embora? — Brennan perguntou diretamente, ainda olhando para ela.

Devon encolheu os ombros, olhando para cima. — Dentro em breve — ela disse evasivamente.

— Você passará no Jenn antes de ir?

Ela inclinou a cabeça para avaliá-lo. Ele estava lhe pedindo para passar por lá? Ela não sabia com ele. Às vezes, ela achava que ele gostava da sua presença, matando o tempo no restaurante e o incomodando. Em outras ocasiões, ele a tratava mais como um inseto, que tentava espantar. Suas mudanças de humor a mantinham se questionando sobre ele.

— Provavelmente — respondeu ela.

Ele assentiu, e então, olhou para o outro lado.

Que diabos foi isso? Ela se perguntou. Ela realmente queria lhe perguntar, mas se intrometer em seus assuntos pessoais não era uma boa ideia, porque costumava exigir reciprocidade.

Devon terminou seu segundo drinque e o colocou na mesa em frente a eles. Ela olhou para o bar, que agora estava muito cheio. Decidiu que não queria ir até lá para esperar na fila.

— Nós deveríamos ter tido esta festa no Jenn — disse Devon, inclinando-se para Brennan, quando falou.

Ele se virou para enfrentá-la, e ela percebeu que eles estavam muito mais próximos do que antes.

— Você acha? — ele perguntou, levantando uma sobrancelha.

Ela baixou os olhos para seus lábios, e depois subiu novamente, antes de se recuar um pouco. *Ele cheirava bem.*

— Eu, hum... bem, pelo menos eu não teria que esperar na fila — ela disse, apontando para o bar.

— Mas então, eu estaria trabalhando — ele lembrou a ela. — E, eu meio que gosto de estar aqui.

Devon engoliu em seco, e se perguntou se ele quis dizer que gostava de estar aqui com ela. Não, isso era ridículo. Apesar de que ela gostava de estar ali com ele nesse momento, mas nunca diria isso.

— Alguém tem que trabalhar esta noite, já que você não está lá, certo? — perguntou Devon, tentando permanecer no assunto.

Ele estava muito mais perto do que ela deveria se sentir confortável, mas de algum jeito isso não a incomodava.

— Sim, Kami está cobrindo o bar, mas ela não é tão boa — disse Brennan, olhando para os seus olhos e sorrindo.

De repente, o ar ficou muito quente e suas bochechas coraram.

— Eu tenho certeza que ela é boa.

— Enfim, se estivéssemos no Jenn, me sentiria obrigado a fazer suas bebidas. Então, ficaria preso atrás do balcão. Por isso, realmente é melhor assim — ele disse, nivelando-a com seu olhar fixo.

— É melhor assim — ela concordou, incapaz de evitá-lo. — Caso contrário, você estaria muito ocupado.

Assim que as palavras saíram da sua boca, seu rosto ruborizou, e Brennan sorriu. Ela se perguntou o que ele estava pensando. Ele achava que ela estava sendo presunçosa? Afinal de contas, ela não sabia se ele tinha

namorada, e ele não sabia a respeito de Reid. Mas sua mente, ligeiramente confusa pelo álcool, pulou direto pelas barreiras.

Em vez de tentar esconder seu embaraço, ou decifrá-lo novamente, ela se levantou rapidamente. — Eu só vou... Hum, ao banheiro — ela disse a Brennan.

Um sorriso cruzou seus lábios, enquanto a olhava. — Certo.

— Se alguém perguntar, é onde vou estar — ela disse, enquanto se afastava.

— Certo — ele repetiu, ampliando seu sorriso.

Devon correu para o banheiro, com o rosto em chamas. Como ela estava essa bagunça? Ela realmente tinha dito isso? Sinceramente, o que havia de errado com ela?

Ela não conseguia se lembrar da última vez que conversou com alguém que a fez se sentir como uma idiota. Normalmente, porque Reid sempre estava ao seu lado, ela nunca foi posta nesses tipos de situações. O que Reid pensaria agora, se pudesse vê-la sair correndo para o banheiro, com o rosto mais vermelho do que um tomate? Ela nem sequer queria pensar nisso.

Como era de se esperar, havia uma fila no banheiro das mulheres. Devon ficou do lado de fora da porta, esperando que as pessoas saíssem. Depois que algumas mulheres saíram, ela entrou, e olhou para a grande janela na sua frente. A parede externa era inteira de vidro, literalmente, a melhor vista de Chicago. Era muito melhor do que onde estavam sentados no bar. Por que essa vista estava escondida no banheiro feminino?

Devon se aproximou do vidro, enquanto esperava que os reservados esvaziassem. Sua mente estava por todo lado, correndo entre o sonho, o chuveiro, o sorriso de Brennan, e a sensação confusa em seu cérebro, e então, repetia novamente.

Logo, o banheiro ficou tranquilo, e Devon entrou num reservado, esperando que o lugar permanecesse em silêncio. Ela fez o que precisava, e folheou seu telefone. Ela esteve colada nele até mais do que o normal, porque não podia se conectar com ninguém. Ela havia desativado suas contas do Facebook e Twitter, e decidira ignorar permanentemente os e-mails recebidos. Reid tinha enviado outro, perguntando da sua viagem, mas ela adiaria a

resposta o maior tempo possível. Poderia fingir dificuldades na internet ou algo assim.

Era uma sensação estranha estar completamente sozinha num mundo em atividade. Sem estar ligada a nenhum vínculo tecnológico. Pensar nisso a fazia se sentir ainda pior, assim colocou o telefone em sua bolsa, preparando-se para sair.

Devon ouviu a porta do banheiro se abrir. Passou a bolsa por cima da sua cabeça, enquanto escutava às garotas do outro lado da parede.

— Você quer? — perguntou uma garota.

Devon franziu as sobrancelhas. Ela não era normalmente uma intrometida, mas elas não estavam sendo discretas.

— Sim, eu só o faço isso de vez em quando — respondeu uma segunda garota.

Isso soou ainda mais estranho. Devon abriu a porta do reservado, e foi até a pia para lavar suas mãos. As duas garotas estavam encolhidas no canto, com uma terceira garota escondida atrás delas. Devon lavou e secou suas mãos, e em seguida deu uma última olhada no estranho grupo de garotas escondidas no canto do banheiro.

Ela viu uma garota se curvar, e fungar ruidosamente, e então, se endireitou, e esfregou debaixo do seu nariz. Devon congelou. Puta merda! Elas estavam realmente inalando cocaína no banheiro? Assim, desse jeito em público?

Devon não conseguia acreditar. Ela congelou, olhando em estado de choque para as garotas na frente dela. Então, ela prestou mais atenção, algo que não tinha feito desde que chegou a Chicago. As garotas pareciam familiares. As duas de costas, estavam sentadas com Hadley. Devem ser colegas de trabalho. Quando seus olhos se voltaram para a garota escondida atrás das outras duas, ela viu uma ponta de cabelo loiro quase da mesma cor do seu. Devon ficou boquiaberta. Não pode ser!

7

Elevações de vida

Devon saiu tropeçando do banheiro. Sua boca estava no chão, enquanto se afastava correndo da cena atrás dela. *O que diabos acabara de acontecer?*

Ela estava mais em choque do que surpresa com a coisa toda. Aquilo saiu do nada. Hadley sempre foi impulsiva e ambiciosa, indo atrás das coisas que queria com fervor. Junte isso com sua espontaneidade, e a enormidade de uma grande cidade, e Devon tinha certeza que o uso de drogas seria mais provável do que improvável. Colegas que cresceram aqui, lhe disseram, que Chicago, em particular, era um poço para o consumo de drogas. Jovens profissionais de todas as partes do Centro-Oeste inundavam a cidade, e ficavam presos num estilo de vida condizente com suas riquezas. Era um sinal de status, um tipo de norma social.

Devon achava isso repugnante. Ela sabia que não podia exatamente falar sobre ser um membro íntegro da sociedade, mas tinha crescido rodeada de músicos. Devon sabia tudo sobre o estilo de vida.

Quantas festas ela havia frequentado em casa, onde as coisas saíram do controle? Seus pais não precisavam ser o centro das atenções, e mesmo assim, os afetou. A indústria estava descontrolada, e qualquer envolvido era absorvido como se fosse um tornado. Mesmo Devon, tão longe do subúrbio quanto possível, tinha fumado maconha no ensino médio. Ela parou com isso, quando saiu de casa, e manifestou seu desgosto sobre isso aos seus pais.

Mas Hadley...

OH, Hadley.

Hadley nunca tinha fumado maconha na universidade. A gente tirava sarro dela, por nunca experimentar nada. Ela era tão tranquila. Dizia que não precisava de drogas para alterar seu humor, porque ela era muito legal sem elas.

Agora, ela está cheirando cocaína em público?

Devon não conseguia entender. *Como perdeu tanto da sua melhor amiga em apenas um semestre? Pensando bem, quem era ela para julgar?* Devon perdeu tudo de si mesma em tão pouco tempo. *Ou isso aconteceu há muito tempo, e finalmente tinha aberto os olhos?*

Ela se afundou na cadeira, e olhou para o horizonte de Chicago. Ela talvez devesse ir embora imediatamente. Ela não sabia o que fazer, e quanto mais pensava nisso, mais chateada ficava. Hadley estava sendo irresponsável ao fazer essa merda num lugar que poderia ser pega. *Com que frequência ela estava usando? Garrett sabia? Também se drogava?*

Devon tinha muitas perguntas. Mas se ela pedisse sinceridade a Hadley, Hadley exigiria o mesmo dela?

— Oi, Belle. Está tudo bem? — perguntou Brennan, deslizando na cadeira ao seu lado.

— Para de me chamar assim, — ela cuspiu.

— Certo — disse ele.

— Pare com isso, também!

— Parar com o quê? — Ele a olhou confuso.

Ela desviou o olhar. — Nada.

— Precisa de uma dose? — Ele ofereceu a ela a tequila na sua mão.

— Não. Doses não consertam tudo — ela disse, se virando para encará-lo.

Já era o bastante que sua vida estivesse muito fodida. A de Hadley não deveria esta fodida também. Supunha-se que Hadley fosse sensata, inteligente e bem-sucedida. Ela deveria ter o mundo a seus pés.

— Como queira. — Brennan entornou o drinque.

— Qual é o seu problema? — Ela perguntou, tomada pelo desespero.

Brennan deu de ombros. — Qual é o seu?

Ele agora a olhava diretamente nos olhos. Isso a deixou desconfortável, então, desviou o olhar. Ela realmente só queria que tinha perguntado primeiro, mas por motivos de não parecer infantil, se conteve.

— Simplesmente não te entendo.

— Sinto muito — ele diz, sem na verdade pedir desculpa.

Sinto muito? Como se isso esclarecesse tudo, pensou com amargura.

— Você é sempre assim tão falante? — Perguntou ela secamente.

— Bom, pensei que você fosse calada — ele diz, encolhendo os ombros.

Ela agora tinha certeza de que ele estava propositalmente evitando suas perguntas. Considerando o quão pouco que ela falava com qualquer um, suas respostas vagas eram francamente enervantes.

— Tanto faz — ela por fim concordou. — Eu acho que vou embora. Preciso falar com o Hadley sobre... umas merdas, mas acredito que ela estará mais lúcida amanhã.

— Por quê? Ela está bêbada? — Ele perguntou, erguendo os olhos para onde Devon estava em frente a ele.

Devon suspirou frustrada. — Você poderia dizer isso — ela bufou.

— Espera — disse Brennan, pegando o braço de Devon, antes que ela se afastasse, — você não vai para casa sozinha, vai?

Ele lentamente se levantou, oscilando um pouco. Se alguém estava bêbado, era Brennan. Devon se sentia surpreendentemente sóbria, depois do seu encontro no banheiro.

— Sim — disse, olhando para baixo no braço dele, — vou para casa sozinha.

— De jeito nenhum. — Ele sacudiu a cabeça. — A cidade não é segura a esta hora.

— E você vai fazer o quê? — Ela perguntou, o olhando de cima a baixo. — Você mal consegue andar.

Ele piscou algumas vezes, e logo se endireitou. Ele estava claramente tentando parecer estabilizado, mas Devon não era tola. Ela se embebedou o suficiente para saber que essa expressão nos olhos dele, estava longe da sobriedade. E, não deixaria um cara bêbado, que só conhecia há uma semana, levá-la para casa. Essa oferta não parecia prometer nada além de confusão.

— Sério, eu ficarei bem — ela diz a ele.

Embora, para ser sincera, a ideia de andar sozinha por esta cidade fosse assustadora. Como eram seus pesadelos que a faziam correr pelas ruas escuras e desconhecidas. Ela não queria viver seus pesadelos na vida real.

— Não, você não vai. Não em Chicago, Belle — ele diz, usando seu apelido.

— Brennan, você está bêbado. Muito bêbado. Você não será de nenhuma ajuda nas ruas esta noite — Devon diz.

— Planeja pegar um trem amanhã? Bem, andando por Chicago sozinha, e não conseguirá — ele diz a ela.

Devon engole em seco. Ela não queria estar em um trem amanhã. Na verdade, o que menos queria era voltar para o St. Louis. Ela só não tinha descoberto como ficar.

— O que você sugere então? — Ela pergunta, querendo ir embora.

Ele sorri preguiçosamente. — Minha casa é ao virar a esquina. Você pode dormir lá.

Devon corou. — Eu acho que vou chamar um taxi, ou algo parecido.

— Ei, pessoal! — Gritou Hadley, retornando à festa. — Vamos tomar umas doses!

— Eu acho que vou embora — diz Devon, cruzando os braços.

— Como? Não, você acabou de chegar, e vai embora amanhã — Hadley diz.

Devon não queria fazer uma cena no meio do bar, mas estava ficando cada vez mais irritada, porque Hadley a tratava como uma idiota. Devon estava longe de ser uma idiota.

— Acho que é hora de ir embora — ela diz.

— Não, não — diz Hadley, segurando o braço de Devon, e apoiando-se no seu ombro. — Esta é a sua festa. Você vai ficar.

Devon puxou Hadley de lado. — Deixou de ser minha festa, quando você e seus amigas foram ao banheiro para cheirar cocaína. Hadley, que porra é essa?

Devon não ia perguntar. Nunca pensara que isso aconteceria, mas estava preocupada com sua amiga. Irônico, para dizer o mínimo, mas a última coisa que queria era que Hadley se viciasse em drogas, e desistisse de tudo que ela estava construindo.

O rosto do Hadley empalideceu. — Como?

— Você me ouviu. Eu estava lá.

— Eu não...

— Hadley, por favor — Devon diz, levantando a mão.

— Foram só algumas vezes, Devon — ela disse, percebendo que não escaparia dessa.

— Não me interessa. É viciante por um motivo. Pode arruinar sua vida.

— Não vai arruinar minha vida — disse Hadley, revirando os olhos. — Estamos apenas nos divertindo.

— Eu já ouvi isso antes — disse Devon.

— E daí? Você vai partir, por que está me julgando e a meus amigos? — Hadley perguntou.

Devon observou as pupilas de Hadley visivelmente dilatar diante de seus olhos. Sim, como se ela não tivesse consumido cocaína.

— Pouco me importa seus amigos. Eu me preocupo com você.

— Bem, não se preocupe comigo — Hadley diz, com um encolher de ombros. — Nos vemos mais tarde no apartamento?

Era uma despedida. Ela estava chapada, e provavelmente nem se importava muito.

— Não — Devon diz com um movimento de cabeça. — Vou embora com Brennan.

— Ohhh — diz Hadley, erguendo as sobrancelhas. — Agora quem é a rebelde? Ele sabe sobre Reid? Sugiro que você transe com ele de qualquer maneira. Brennan é maravilhoso.

Devon revirou os olhos. De manhã, Hadley perceberia que Devon não estava lá, e isso seria o suficiente para assustá-la. Ela estava muito alterada para que Devon fazê-la pensar com lógica.

— Tchau, Hadley. Vá para casa em segurança — Devon disse com tristeza.

Talvez ela devesse ter esperado com Hadley, ou ter insistido mais para levá-la para casa. Talvez ela devesse ter feito mais em geral. Mas Devon se sentia completamente derrotada. Se Hadley estava perdida, então o que dizer sobre ela?

Devon se afastou de Hadley, e voltou para onde tinha deixado Brennan.

— Vou encontrar Garrett. Só me dê um minuto, e partiremos — ela disse a Brennan.

Ele pareceu achar isso aceitável. Ela o deixou ali parado com os braços cruzados sobre o peito. O tipo corpulento de Garrett foi fácil de localizar na multidão. Ele estava conversando com os maridos e noivos das amigas de Hadley. Devon nem sequer lembrava seus nomes.

Garrett sorriu enquanto ela se aproximava. — Oi, Dev. Você está aproveitando a sua festa?

— Na verdade, estou cansada — ela diz, bocejando. — Pronta para encerrar a noite.

— Tudo bem — ele diz, parecendo um pouco desapontado. — Você avisou Hadley?

— Sim, ela está meio confusa. Só quis ter certeza que você soubesse que precisará ter cuidado dobrado com ela.

— Sempre tenho, mas obrigado. Você precisa de ajuda para ir para casa? Quer que chame um táxi ou algo assim?

— Não, estou bem. Brennan vai me ajudar — ela disse a ele.

Garrett franziu a testa. Claramente mais preocupado. — Acredito que ele também esteja muito bêbado. Tem certeza de que não quer que eu a ajude?

Ela queria a ajuda dele, mas não queria voltar para a casa que ele dividia com Hadley. Ela queria sentir raiva de Hadley por sua estupidez, e não conseguiria fazer isso, se estivesse rodeada por sua hospitalidade. Não poderia enfrentar Hadley na manhã seguinte, quando ela acordasse e seguisse sua vida, como se não a estivesse destruindo.

Devon recusou sua ajuda mais uma vez, e então, saiu o mais rápido que pôde. Garrett era muito legal, muito atencioso. Devon nunca achara que alguém seria muito bom para Hadley... até agora.

— Estou pronta — ela disse a Brennan, quando chegou a ele.

Era uma noite fria, e Devon se abraçou para se proteger do vento, enquanto iam para a casa de Brennan. Ele não mentiu quando disse que morava virando a esquina. Seu apartamento não ficava mais do que duas ou

três quadras do John Hancock Center. Pegaram o elevador até o seu apartamento, onde estava agradavelmente quente.

Ela ficou surpresa com a decoração. Sabia que ele provavelmente ganhava muito dinheiro como barman nessa parte da cidade, mas não imaginaria que seu apartamento seria tão agradável. Era de um quarto, com uma cozinha completa com sala de jantar adjacente e uma espaçosa sala de estar. O apartamento estava limpo com móveis relativamente novos. Não era o que imaginaria que Brennan tivesse, sendo solteiro e tudo.

Devon deixou sua bolsa numa mesa lateral. — Lugar legal.

— Obrigado — disse ele, entrando na cozinha e pegando uma cerveja. — Quer alguma coisa?

— Não, obrigada. Acho que para mim chega.

— Você não bebeu tanto para estar assim. — Ela com certeza estava mais confortável em sua própria casa do que no Jenn ou no bar.

— Foi uma noite longa, só isso.

— Saímos cedo.

— Sim. Longa em um sentido diferente, então.

Devon sentou no sofá e se acomodou no meio das almofadas. Brennan sentou ao lado dela, e ligou a televisão.

— Você quer conversar sobre isso? — Ele perguntou, colocando na ESPN como som de fundo.

— Não — ela disse imediatamente.

— Tudo bem.

A conversa terminou, e Devon ficou ali parada, assistindo os destaques do beisebol. Ela se sentiu mal pôr cortá-lo tão abruptamente. Talvez estivesse sendo ridícula.

— Como você banca esse lugar sendo barman? — Ela perguntou, esperando que o assunto fosse neutro o suficiente.

— Eu não gosto de falar disso. — Ele tomou um gole de sua cerveja.

— OH — ela suspirou.

Brennan terminou sua cerveja em silêncio, e então colocou a garrafa vazia na mesa de centro. Devon observou enquanto ele levantou e esticou

seus músculos esbeltos. Ele não era excessivamente construído, mas era todo musculoso. Ele levantou os braços sobre a cabeça, e os olhos dela correram pelo seu estômago exposto, então rapidamente os afastou.

Ele saiu por um minuto, e logo retornou com um monte de cobertores nos braços. Ele os jogou no sofá. — Você quer ficar com a cama, Belle?

— O sofá está bom para mim — ela respondeu.

— O que for melhor para você, está bom para mim. — ele diz. — Aqui está o controle remoto.

— Você pode desligar. Vou desmaiar — diz ela, desviando os olhos.

Ele se virou para sair, mas então pareceu pensar melhor sobre isso. Ele sentou novamente ao lado dela no sofá. — Você vai me dizer o que está te incomodando? — Ele a olhou com mais atenção do que nunca.

Ela acenou negando. — Não é nada.

— Você ficou chateada com a Hadley? — Ele perguntou, atingindo o problema superficialmente.

— Como você sabe?

— Eu presto atenção.

— Então... você sabe o que ela está fazendo? — Ela perguntou cuidadosamente.

— Que ela está cheirando cocaína? — ele perguntou. — Sim, eu sei.

— O Garrett sabe? — ela perguntou rapidamente.

Brennan negou com a cabeça. — De jeito nenhum. Ele acredita que ela seja perfeita. Pode imaginar se senhor Perfeito descobrisse que sua Princesa é viciada em cocaína?

— Ela é viciada? — Devon gritou.

— Depende da sua definição. Ela já fez isso mais do que algumas vezes.

Ele estava soltando as palavras porque estava bêbado. Devon provavelmente não deveria se aproveitar da situação, do estado dele, mas ela queria respostas.

— Como você sabe sobre o problema dela, se ele não sabe? — Devon lhe perguntou curiosa.

— Quando você já fez merdas assim antes, consegue detectá-la em outras pessoas. Quando ela descobriu que eu sabia, parou de se esconder ao meu redor, — ele disse com sinceridade.

— Você consome... cocaína também? — ela perguntou, com o coração pesado. Era isso que estava acontecendo com ele? Mas, normalmente não deixa as pessoas alegres ou agitadas?

— Nah. Só uma vez, e soube que não era para mim. Basicamente, fumo maconha.

Ah, isso explica tudo, ela pensou.

— Você deveria usar um pouco de maconha — Brennan disse a ela. — Você é muito tensa, Belle.

Devon franziu a testa. Típico. — Vou ter que recusar.

— Você é que sabe, mas acredito que gostaria — ele diz, se virando para encará-la com um sorriso.

— Eu já fiz isso antes — ela confessou, sem querer admitir o quanto costumava fumar. Por muito tempo, ela achou que estudava melhor chapada. Tornou-se um problema já que ela estava quase sempre estudando.

— Você? — ele perguntou com as sobrancelhas franzidas.

— Sim. Surpreso?

— Nunca imaginaria .

— Claro, a certinha. — Devon gesticulou para si mesma com as mãos.

— Eu gosto de certinhas — ele disse sem rodeios.

Droga, o quão bêbado ele está? Devon se perguntou. — Obrigada — ela sussurrou, olhando para baixo.

Ela não sabia mais como desviar a conversa. Brennan é legal... bem, mais ou menos, e é muito atraente. Ela precisava sair desse território. Estava aqui por um lugar para dormir, e isso parecia uma boa ideia agora.

Quando Devon sentiu a mão dele tocar sua bochecha, seus olhos flutuaram até encontrar os dele. Antes de ter uma chance de reagir, ele se inclinou e a beijou nos lábios. O choque a manteve imóvel. Ele não fez nada mais do que pressionar seus lábios macios contra os dela. Eles eram estranhos e diferentes, mas tentadores.

Ela sentiu seu corpo responder ao toque dele. Seus dedos se moveram e se emaranharam no cabelo dela, puxando-os levemente em sua pressa. Ela tinha muitos pensamentos girando na sua cabeça para manter a clareza. Os mais importantes eram quão bom parecia, como isso era errado, e quão surpresa ela estava por ele estar fazendo isso.

Alguma vez ele deu a indicação de que queria beijá-la, antes desse último comentário? Ela não conseguia lembrar.

Ela não sabia por que, mas lágrimas brotaram em seus olhos. Deslizando livremente por suas bochechas, misturando o sal com o gosto de álcool em seus lábios.

Brennan se afastou para a olhar e, ela engasgou. — Eu tenho um namorado.

Brennan deixou as mãos cair no seu colo. — OH.

Devon mordeu o lábio, enquanto esperava que ele dissesse algo mais. Ele só a olhou, com os olhos ligeiramente turvos. Ela queria que ele dissesse alguma coisa, qualquer coisa. Ele estava chateado? Surpreso? Será que esperava algo dela?

— Então, boa noite — ele finalmente disse, enquanto se levantava.

Ela olhou para ele, a testa franzida em receio. Era isso? Ele não estava bravo? Não ia insistir no assunto? Ele não tinha mais nada a dizer?

Ele andou até a porta do seu quarto, antes de se virar para olhá-la. Parecia estar esperando por algo, mas ela não sabia o que era.

— Boa... boa noite, Brennan — ela disse.

O que quer que ela deveria ter dito... não era isso.

Ele baixou um pouco a cabeça, em seguida assentiu. — Tenha uma boa viagem amanhã, Devon.

Quando Brennan fechou a porta atrás dele, ela se deu conta de que foi a primeira vez que ele a chamou pelo nome.

8

Imagem Espelhada

Devon caminhou pela estrada de terra, chutando as pequenas pedras em seu caminho com suas botas de cowboy. O dia se aproximava do crepúsculo, e o sol pairava pesado sobre o horizonte, salpicando o céu de rosa, laranja e amarelo. Ela penteou seu cabelo loiro e comprido até a cintura com os dedos. Desejou ter um chapéu porque seu cabelo estava um ninho de ratos.

Ela assobiou sua última música, recordando a letra que cantara para seus pais mais cedo, naquele dia. Eles gostaram tanto da canção que queriam mandar para uma gravadora. Achavam que sua garota Dixie seria uma estrela. Ela não sabia de nada disso, mas gostava de escrever tudo.

Devon desviou da estrada, pegando um atalho através de um campo aberto. Estava grata por suas botas, enquanto caminhava pelo pasto alto. Tinha sido um dia quente, mas a noite baixava rapidamente a temperatura. Ela não deveria ter sido pega de surpresa, mas de alguma forma, sempre esquecia um casaco nas caminhadas.

O vento açoitava a grama, chicoteando seus cabelos e cobrindo seu rosto. Ela lutou para mantê-los afastado, mas eram muito para fazer a diferença. Enquanto lutava com seu cabelo, seu vestido de verão voou ao redor do seu estômago. Ela o puxou para baixo se cobrindo, mas não estava tendo sorte. Resmungando com frustração, amaldiçoou o vento pelo seu timing.

Ela e seu irmão, Dustin, usavam esse atalho por anos. Era só uma questão de tempo antes de que Dani o descobrisse também. Essa ideia assustava Devon.

Quando ela chegou a metade do caminho, entre a estrada e o bosque, ouviu o som de botas contra a terra atrás dela. Revirando os olhos, Devon se virou.

Espero que Dustin não esteja me seguindo novamente, ela pensou.

Seus olhos vagaram pelo campo, tentando ver se havia alguém na estrada. Ela não conseguiu ver ninguém, mas por aqui, isso não significava que não havia ninguém. Ignorando a sensação, Devon se virou e continuou caminhando pelo campo aberto. Ela tinha planos, e ficar assustada em campo aberto, não iria impedi-la.

Quando seus pés tocaram a linha das árvores, os cabelos da sua nuca se arrepiaram. Devon engoliu em seco, e olhou ao redor, seu estômago afundando em apreensão. Sentia-se ridícula por estar assim nervosa, mas seus pais encheram sua cabeça com histórias de notícias sobre garotas sendo sequestradas, vendidas para prostituição, e depois assassinadas. Muitas dessas histórias ocorreram recentemente. Ela sempre disse a sua mãe que ela se preocupava demais, mas agora tomada pelo nervosismo, Devon se perguntava se as preocupações de sua mãe tinham um bom motivo.

Ela ainda não tinha visto ninguém se aproximar, mas podia sentir os olhos sobre ela. Era uma sensação clara, como a maneira que Matt a olhava fixamente no fundo da sala de aula. Mas isto era pior.

Correndo de lá, Devon atravessou as árvores até a trilha estreita. Não era uma longa caminhada, mas ela aumentou seu ritmo de qualquer maneira. Ela tinha pressentimento horrível sobre tudo isso. *Por que não ficou em casa? Por que não escutava o que as pessoas lhe diziam?*

Ela definitivamente escutou passos atrás dela. Não estavam exatamente perto, mas não precisavam estar para assustá-la. Ela estava sozinha, afinal, e considerando tudo, era uma pessoa pequena. Não tinha como se defender de alguém a perseguindo. Sua única esperança seria conseguir sair da floresta.

O medo se filtrou por seus poros, e ela sentiu que o pânico atingi-la como uma tonelada de tijolos. *Que tipo de pessoa a perseguiria no meio do bosque? Ela seria uma daquelas notícias: restos do corpo de uma jovem encontrados enterrados na floresta perto da sua casa?* A bile subiu por sua garganta, e ela engoliu. Ela só estava pirando ainda mais.

Disparando como um foguete, Devon correu o mais rápido que pôde. Ela nunca foi uma atleta, e a última cerveja que tinha bebido, dava voltas no seu

estomago, retardando-a. *Por que ela fez isso? Se não tivesse feito, seria mais rápida? Não conseguia pensar direito.*

Suas botas a deixavam ainda mais lenta. Não eram feitas para correr. Eram para montar a cavalo, e o mais importante, eram bonitas.

Seus pés esmagavam o chão, enquanto tentava manter o ritmo. O fim da trilha estava próximo, mas ela podia sentir seu perseguidor se aproximando dela. Num trecho reto na trilha, olhou por cima do seu ombro, e seus cabelos longos voaram em todas direções ao redor do seu rosto. Ela definitivamente pôde ver uma figura, mas com o rápido olhar, não sabia quem era, ou se reconhecia a pessoa.

Sua mãe não tinha havia dito que em noventa e cinco por cento dos casos relatados eram pessoas que a vítima conhecia?

Finalmente chegando à estrada, olhou para ambos os lados antes de atravessar. Ela correu pelo gramado entre os dois carvalhos, e subiu as escadas rangentes de madeira. Abriu a porta de tela, e bateu na porta da frente. Devon ouviu uma saudação familiar, e entrou da casa sem pensar duas vezes.

Era uma pequena cabana de um quarto em estado precário que não era habitada há muito tempo, até onde Devon sabia. Ela vinha aqui para transar com seu namorado há bastante tempo. *Ele já deveria estar aqui. Ele a protegeria. Será que a pessoa que a seguia tentaria entrar na casa?* Não era segura de maneira alguma. Seu perseguidor não teria dificuldade para entrar.

Devon fechou a porta e colocou a trava no lugar, esperando que isso ajudasse.

— Mason! — Gritou freneticamente.

Sem resposta.

— Mason! — Ela gritou novamente, correndo para a porta do quarto fechado.

Ele havia batido em resposta quando ela chegou à porta. Era o sinal deles. Ela não inventou o fato de que ele tinha batido de volta. *Onde diabos ele estava?*

Devon abriu a porta do quarto, e o encontrou transformado. Estava completamente branco em todas partes, das paredes, à cama com dossel, o

tapete e cortinas. O quarto estava incrivelmente claro, como se ela tivesse entrado em outro mundo.

Ela olhou em volta, dando alguns passos hesitantes pelo quarto. Quando ouviu a porta se fechar atrás dela, saltou, e olhou por cima do ombro. Sua saída tinha sido fechada, e pelo que sabia, não havia outra.

— Mason? — Ela sussurrou, as palavras obstruindo sua garganta. Seu coração pulsava rápido no peito enquanto as lágrimas enchiam seus olhos.

Como sairei dessa? Ela pensou.

Ela sentiu os olhos nela novamente, e se virou para enfrentar seu perseguidor. Antes que tivesse a oportunidade de gritar, a pessoa agarrou seu braço, o torceu dolorosamente nas suas costas, e a jogou de cara no colchão.

Devon despertou com um grito saindo da sua garganta, que não tinha conseguido soltar em seu sonho. Ela se sentou em linha reta no sofá, sua respiração pesada e, sua pele fria e úmida. Passando as mãos pelo cabelo, deixou que as lágrimas caíssem livremente. Ela chorou impotente até que não tinha mais lágrimas, até que seus olhos ficassem vermelhos e inchados, e sua garganta dolorida.

Tirou as cobertas do seu corpo e se levantou do sofá com as pernas tremulas. A porta do quarto de Brennan permaneceu fechada. Ela se perguntou se ele escutou seus gritos ou se dormiu apesar deles. De qualquer forma, ele não abriu a porta, deixando clara sua posição.

Tropeçando até a cozinha, serviu um copo de água e bebeu. Sua roupa estava amarrotada, e nem sequer queria pensar em quão despenteado estava seu cabelo. Ela bateu na porta do banheiro, esperando uma resposta, e quando não escutou nada, entrou.

Seu reflexo a encarou do espelho sobre a pia, e ela tentou não se afastar. Ela parecia um desastre, pálida e magra, com olheiras sob os olhos. Ao menos Brennan não a viu assim. Não importava depois do que aconteceu a noite passada, contudo, era melhor assim.

Ela lavou o rosto, e prendeu o cabelo em um rabo de cavalo, tentando ficar apresentável. Não adiantou muito, não depois de chorar tanto. Ela ficava horrível quando chorava; sempre ficou. Agora que o sangue havia retornado

ao seu rosto, ela estava toda vermelha e inchada. Pelo menos desapareceria eventualmente.

Curvando-se, embalou seu corpo e, implorou e suplicou a quem quisesse ouvir para os pesadelos pararem. Essa foi a primeira vez que sonhou com sua casa. Tinha sido muito bom estar de volta na floresta do Tennessee, e então, a mesma coisa aconteceu novamente. *Quantas vezes mais poderia ser perseguida? Quantas vezes mais poderia ser apanhada? Quantas vezes mais antes de não acordar a tempo?*

Sentindo saudades da sua casa, ela pegou seu telefone. Ela realmente queria ligar para sua mamãe, mas na sua condição, sua mãe saberia quão confusa ela estava. Em vez disso, tentou ligar para o telefone de Dustin. Ele acabara de terminar seu terceiro ano na faculdade de farmácia na Universidade de Michigan, e morava nos arredores de Ann Arbor para estar perto da sua namorada, Kelly. Eles faziam o mesmo curso, e só namoravam há seis meses.

— Oi, Dev — disse Dustin atendendo o telefone.

— Oi — disse ela. — Como você está?

— Melhor do que você parece — ele respondeu, sabendo muito rapidamente assim como sua mãe, que havia algo errado.

— Bem, já estive melhor — ela admitiu honestamente.

Ela tinha dificuldade em mentir para Dustin. Na infância, ele tinha sido sua rocha. Tinham suas diferenças, mas ele era seu irmão mais velho, e sempre esteve lá para ela.

— Em que tipo de encrenca você se meteu? Tem algo a ver com a mamãe te chateando sobre Nova Iorque? — Ele perguntou.

— Ela tem feito o mesmo com você? — Devon perguntou, pensando no quanto evitou as ligações da sua mamãe na semana passada. Preferiria falar sobre Nova Iorque do que dos seus reais problemas.

— Me perseguindo como um cachorro, mas ela não quer que eu leve a Kelly. Disse que queria que fosse uma coisa de família. — Ele parecia irritado.

— Ela me disse a mesma coisa.

— Eu não me preocuparia com isso, Dev. Não acredito que irei, mas se você tiver uma sugestão melhor para o seu aniversário, me avise. Prefiro ficar bêbado em St. Louis com você, do que passar bons momentos em família.

— Parece um pouco injusto com a Dani — disse Devon.

— Não parece, não. Mamãe quer que ela leve seu namorado. Pessoalmente, não acredito que mamãe confie o suficiente que Dani não vá dormir com todos os caras que encontrar lá. Mas, quem entende o raciocínio da mamãe? —Dustin lhe diz.

Devon riu levemente. Era bom sorrir depois de tudo o que aconteceu. Não se sentia curada, mas Dustin certamente tinha um efeito calmante sobre ela.

— Nunca entendi seu raciocínio.

— Então, você vai me dizer o que há de errado? — Dustin perguntou mudando de assunto.

Ela suspirou, desejando saber como contar a Dustin. Quanto mais se afastava do que tinha acontecido, mais se perguntava se ocorreu na verdade. Possivelmente imaginou. Talvez ela estivesse exagerando, e não houvesse necessidade de fugir. Quem sabe uma conversa poderia ter mudado tudo, e então, ela não teria que partir. Talvez ela não tenha tentado o suficiente.

E se ela contasse a ele, e tudo se tornasse realidade? Então, não poderia voltar atrás. Estaria desprotegida.

— Você se lembra quando costumávamos passar por aquele atalho no bosque fora da estrada, que nos levava à cabana abandonada? — Ela perguntou timidamente.

— Sim, costumávamos ir lá o tempo todo — ele disse.

— Tive um sonho com aquele lugar, e isso realmente me assustou — ela falou sem convicção.

— Um sonho com a velha cabana abandonada? Isso não faz sentido, Dev.

— Sim — ela disse suavemente, — realmente não faz sentido. Parecia que alguém estava me perseguindo. Sério, Dustin, foi muito assustador.

Dustin riu de uma forma debochada, aquela que Devon estava muito acostumada. — Foi apenas um sonho, Dev. Tenho sonhos com ataques de

zumbis e estar sendo perseguido entre as árvores por um Tiranossauro Rex. Também são muito assustadores. Eu não deixaria esses sonhos te afetar tanto.

— Verdade — ela diz incrédula.

— Olha só, a Kelly acabou de acordar. Tenho que correr. Eu falo com você depois. Avise-me sobre seu aniversário.

Depois que Dustin desligou, Devon deixou cair sua cabeça sobre a pia. Ele não lhe deu oportunidade de dizer mais nada. Era motivo suficiente para ela ficar calada por mais algum tempo. Precisava descobrir o que fazer, e para onde ir. Não podia ficar em Chicago, porque não tinha dinheiro para se manter, mas não podia voltar. Sua vida estava no limbo, enquanto oscilava entre ficar e partir. Ela tinha que tomar uma decisão, e teria que ser hoje.

Endireitando-se, Devon saiu do banheiro, alisando suas roupas pelo caminho. Ela não sabia se deveria bater na porta de Brennan, e se despedir ou não. Quase o fez três vezes, e então decidiu não fazer.

Quando chegou à porta da frente, ela viu um bilhete colado nela.

Fui para a academia. Tem comida na geladeira, se você estiver com fome. Feche a porta quando sair.

Brennan.

Argh! Como ele poderia mesmo querer ir a academia, depois de todo o álcool que consumiu ontem à noite? Ou foi só um disfarce para sair de casa e evitá-la?

Ela balançou a cabeça, perdida em sua própria frustração. Pegou suas coisas, deixou o apartamento e foi para a estação de trem mais próxima. Pegou o trem de volta para Marina City. Queria que o constrangimento que acontecera com o Brennan ficasse o mais longe possível da sua mente.

Em vez disso, Devon focou em outra coisa que não podia controlar. Precisava falar com Hadley, antes de fazer as malas e ir embora. A noite passada tinha terminado mal, e Devon não queria partir desta maneira. Hadley era sua melhor amiga. Devon estava chateada com ela sem dúvida, mas não queria ver Hadley cometer mais erros. Não podia partir, e se perguntar, se seu amiga estava avançando ladeira abaixo, pior do que ela.

Almoço? Precisamos conversar. Devon enviou uma mensagem para Hadley.

Devon recebeu sua resposta, enquanto pegava o elevador para o apartamento. *Ótimo. No Jenn?* Hadley respondeu.

Te encontro naquele lugar em frente ao seu trabalho. Será rápido.

Te vejo ao meio dia.

Devon trocou de roupa, e escovou os dentes. Estava feliz por Garrett não estar aqui. Não queria encará-lo nesta manhã. Ele estava sempre tão feliz e animado, e embora, ele costumasse fazê-la se sentir uma pessoa melhor, não estava neste momento preparada para isso. Além disso, ele descobriria quão chateada ela estava com Hadley. Ele veria isso de alguma forma, e não seria ela contando-lhe que sua noiva é viciada em cocaína, pelo menos não até que Devon achasse necessário.

Devon pegou outro trem para o prédio da Hadley. Chegando ao restaurante do outro lado da rua, ocupou uma mesa na parte de trás. Parecia ser melhor do que o Jenn, com toalhas de mesas chiques, música clássica tocando ao fundo, e obras de arte caras penduradas das paredes. Devon não era muito fã, mas seria melhor se encontrarem aqui, do que em algum lugar acolhedor... algum lugar perto de Brennan.

Hadley entrou, parecendo pior do que Devon esperava. *Ela estava com essa aparência à semana toda, e Devon não tinha notado? Devon estava tão perdida em si mesma, que não viu os problemas da sua própria amiga?* Não tinha visto muito Hadley esta semana, por causa do seu trabalho, mas não acreditava que Hadley parecera muito diferente.

— Oi. — Hadley se sentou em frente a ela, e abriu o menu, sem fazer contato visual.

— Oi — Devon respondeu.

Hadley claramente, não lhe daria abertura, ou algo assim. Ela ficou parada olhando seu cardápio. Devon tinha certeza que Hadley não estava lendo nada.

— Hadley, vamos lá — Devon suplicou.

— Não aja como tivesse sido sincera durante o tempo que esteve aqui — Hadley retrucou, ainda sem olhar para ela.

— Justo — disse Devon, tentando ignorar sua retaliação. — Concordo com você, mas também, não exibi meus problemas na cara de todos em um lugar público.

Hadley deixou cair o menu na mesa. — Eu não estava exibindo nada, Devon!

Devon suspirou, prevendo como tudo isso iria terminar. — Tudo bem. Você também não estava fazendo isso. Acontece que eu vi. Mas, há quanto tempo isso vem acontecendo? E por quanto tempo você vai continuar assim?

Hadley mordeu seu lábio, e sua raiva diminuiu um pouquinho. Ela parecia muito jovem nesse momento, menos do que seus vinte e dois anos. — Não faz muito tempo.

— Desde quando? — Devon pressionou.

— Apenas um mês ou dois.

As sobrancelhas do Devon se levantaram.

— Tudo bem, dois.

— E você vai parar... quando? — Devon perguntou.

Hadley olhou para longe, o cabelo loiro emoldurando seu rosto. — Não é tão frequente quanto você pensa — ela disse, levantando novamente seu escudo.

Devon engoliu em seco, querendo pegar sua amiga pelos ombros e sacudi-la. Era triste, considerando tudo o que ela estava escondendo de Hadley. Por mais que isso espelhasse seus problemas, era muito diferente.

— Eu só quero que você se cuide.

— Eu posso me cuidar muito bem — Hadley retrucou.

— Não tenho a menor dúvida — disse Devon arrastando as palavras, seu sotaque Sulista aparecendo com força total.

— Não use esse tom comigo — murmurou Hadley.

— Garrett sabe? — Devon perguntou. Ela já sabia a resposta, desde que Brennan tinha dito a ela na noite passada, mas queria ouvir a resposta de Hadley. Precisava ouvir o que Hadley diria cara a cara, sem se esconder.

— Claro que ele sabe — Hadley disse, sem encontrar seus olhos. — Você acha que eu estaria vivendo com ele, se ele não soubesse tudo sobre mim?

Devon enrijeceu a mesa, encarando sua amiga. *Hadley já tinha intencionalmente mentido para ela? Teria sido desonesta alguma vez? Hadley era muitas coisas, mas mentirosa? Não, ela nunca foi uma mentirosa.*

E então, Devon soube o que tinha que fazer...

— Quero ficar em Chicago neste verão — Devon disse a ela. Os olhos de Hadley dispararam para o seu rosto, olhando incrédula.

— Então, divirta-se — ela disse sarcasticamente.

— Ficarei com você e Garrett — disse Devon com naturalidade.

—O quê? É o apartamento de Garrett. De maneira alguma ele a deixará ficar por mais três meses. Por que você quer ficar? Você não sente falta do seu namoradinho?

— Não importa por que eu quero ficar — disse Devon. — Ficarei, e você vai telefonar e convencer Garrett a me deixar ficar no apartamento dele.

—O quê? — Hadley perguntou, olhando para Devon como se ela estivesse louca.

— Caso contrário, vou contar a ele que você consumindo cocaína.

— Mas ele já sabe — cuspiu ela, como se Devon fosse acreditar nela.

— Ótimo — Devon disse, pegando seu telefone. — Então, vou ligar e falar com ele sobre isso.

Hadley a olhou surpresa. Claramente esperando que Devon estivesse blefando.

Hadley acreditava que era impossível que ela ligasse para ele, de maneira alguma Devon faria isso.

O dedo de Devon estava posicionado sobre o número de Garrett. Ela estava a ponto de pressionar o botão de chamada.

Então, Hadley gritou. — Espere! Jesus, Dev. Você pode ficar com a gente. É claro que você pode ficar com a gente. Vou ligar para ele agora mesmo.

9

Tudo tem um preço

A única condição do Garrett para o verão, era que Devon contribuísse pagando o aluguel. Isso deixou Devon em uma posição desconfortável, desde que não tinha nenhuma poupança para tirar, que seus pais não controlassem ativamente. Pareceria suspeito se de repente ela retirasse uma quantia sem dizer nada a eles. Eles se perguntariam se ela estava se drogando.

Devon não ousaria pedir a Hadley que a ajudasse na sua situação financeira. Devon não queria saber quanto dinheiro Hadley gastava em suas novas atividades extracurriculares. Além disso, Devon não podia se dar ao luxo de pedir mais ajuda a Hadley.

Devon se sentia mal o suficiente por ter manipulado Hadley, para deixá-la ficar durante o verão. Deveria ter sido sincera a respeito de tudo. Se Hadley soubesse pelo que Devon estava passando, então provavelmente teria sido mais compreensiva. Ou poderia ter saltado em um trem direto para St. Louis para incendiar o lugar. Devon ainda não se encontrava bem mentalmente para expor todos os seus segredos, por isso agiu impulsivamente, e usou as fraquezas de Hadley contra ela. Foi baixo, até mesmo para sua situação atual, mas ela não viu outra alternativa. E funcionou.

Devon precisava encontrar uma maneira de pagar o aluguel. Sabia que Marina City não era exatamente barato, e não sabia o quanto Garrett esperava que ela pagasse. Certamente um terço, mas ele não tinha dito. Na verdade, ele não precisava do dinheiro extra, mas Devon tinha certeza que via isso como um compromisso por ela usar o espaço adicional, aumentando os custos dos utilitários, tirando parte da privacidade deles, e assim por diante.

Por isso, tinha que começar imediatamente a procurar um emprego. A menos que vendesse seu corpo por dinheiro, não via outra alternativa a não ser trabalhar durante o verão. Não podia propriamente ligar para os seus pais, e pedir dinheiro.

Seu primeiro impulso foi se candidatar no Jenn's, mas depois de seu último encontro com Brennan, simplesmente não conseguiria ir até lá. Devon não tinha falado com ele, desde que saiu do seu apartamento. Ele achava que ela havia indo embora da cidade de qualquer maneira. Se ela não o alertasse da sua presença, ele nunca saberia que ela ficou. Sua vida já estava muito complicada, sem acrescentar um elemento romântico ao seu tempo na cidade.

Brennan era perigoso, atraente e carinhoso,... e ela não queria nada disso. Ela teve que desligar sua mente, quando os pensamentos começaram a se aventurar nessa direção. Isso faria mais mal do que bem. Mais cedo ou mais tarde, ela teria que voltar para St. Louis, e não queria o sentimento de culpa na sua consciência também.

Sem mais delongas, Devon começou a percorrer a cidade, preenchendo formulários onde quer que pudesse. Poucos lugares estavam contratando no momento. Muitos deles, já tinham preenchido suas vagas para a temporada turística do verão. Os lugares que tinham cartazes nas vitrines procuravam mais experiência, ofereciam baixos salários ou não contratavam imediatamente. Tudo que pudesse para atrapalhar.

Devon voltou para casa de mãos vazias, e se deixou cair no sofá da sala de estar, apoiando os pés na mesa de centro. Estava exausta de outro dia em busca de emprego. Parecia uma missão inútil. Ela estava convencida de que não encontraria nada a tempo de pagar o aluguel no final do mês. Já estava procurando há duas semanas, e o mês estava acabando. Depois de três entrevistas malsucedidas, sem contar pelo menos uma centena formulários, Devon estava esgotada. Não sabia mais o que fazer. Se não conseguisse um trabalho, não poderia ficar, o que significava que havia intimidado sua melhor amiga, em um momento em que ela mais precisava, por nada.

Ela abriu a Netflix no PlayStation, e começou a folhear o catálogo dos programas de TV. Ela nunca foi uma grande fã de TV, mas também era uma das primeiras vezes em sua vida que não tinha nada para fazer. Hadley estava

sempre no trabalho, e quando Garrett estava aqui durante o dia, geralmente ficava trancado no seu quarto.

Decidindo-se pela primeira temporada da série Heroes, manteve seu celular por perto, no caso de alguém decidir lhe dar um emprego, e ficou vadiando. Logo que chegou ao segundo episódio, Garrett saiu do seu quarto.

— O que está acontecendo, Dev? — Ele pegou um lanche da geladeira, e em seguida, sentou ao seu lado.

— Apenas rezando para que alguém me chame para um trabalho — ela disse, passando para o terceiro episódio. Então, pensando melhor, ofereceu a Garret o controle remoto. — Você quer assistir alguma coisa?

— Não, Heroes está bom. Só para você saber, a primeira temporada é viciante, mas as outras são ruins. Você provavelmente deveria parar agora, — ele disse.

Devon apenas deu de ombros, sem ter nada melhor para fazer. — Acho que vou me deixar levar.

Ela engoliu em seco, se ouvindo dizer isso em voz alta. *Não era esse o problema dela?* Ela sempre se deixava levar pelas coisas, e depois, não podia ou não queria achar uma saída. Mesmo agora, que estava aqui, não conseguia acreditar que tudo tinha acontecido do jeito que aconteceu. Às vezes se perguntava se Chicago era um sonho, e seus sonhos eram a realidade.

— Então, a procura de emprego não está indo bem? — Garret perguntou, oferecendo a ela uma cenoura do seu prato.

— Argh — ela resmungou, jogando a cabeça para trás. — Possivelmente da pior maneira. Por que as empresas anunciam que estão contratando se não estão realmente contratando? Ou melhor ainda, se já têm outra pessoa em mente, por que perdem tempo fazendo uma entrevista com você? É uma completa idiotice.

— Isso é o pior. Que tipo de trabalho você está procurando? — Ele perguntou com simpatia.

— Todos. Qualquer coisa. Procurei nos jornais, nos classificados, e em toda a porra da internet. Caminhei de acima a abaixo pelas ruas, procurando por novos anúncios. Acredito que agora já me familiarizei bastante com a paisagem — ela disse, meio brincando. — Não existe nada por aí. A maioria

dos lugares não são propensos a contratar alguém que não conhecem ou que não tenha um diploma. Mesmo muitas das vagas para atendimento... bem, a maioria estão completas, mas querem alguém que ficará aqui depois do verão. E quando veem que requeito à universidade de Washington, não acreditam em mim, quando digo que não voltarei a St. Louis para a faculdade

Devon não tinha a certeza de onde saiu tudo isso. Durante as últimas duas semanas, se sentiu tão frustrada por tentar encontrar um emprego, e não ter ninguém com quem conversar. Hadley a evitava tanto como podia, Garrett não estava na maior parte do tempo, e Brennan estava completamente fora de cogitação. Era bom falar com alguém.

Garrett franziu os lábios. Parecia contemplar a situação, antes de falar. Ela não sabia o que ele diria sobre isso, mas não poderia ser pior do que Hadley provavelmente diria.

— Quero dizer, odeio dizer isso, mas só passaram duas semanas. — Ele parecia compreensivo.

— Eu sei — Devon cedeu. — Mas tenho que pagar o aluguel em breve, e não tenho o dinheiro. — Envergonhada baixou o olhar.

— Calma — ele disse, pousando a mão em seu joelho, — não se preocupe com isso. Tenho certeza que podemos dar um jeito.

Devon não sabia se deveria ouvir o significado oculto disso ou não, por isso optou por não fazer. Este era Garrett, e ele estava loucamente apaixonado por sua melhor amiga. Não havia como estar insinuando o que ela achava que estava. Para evitar derramar acidentalmente seus pensamentos, não se atreveu a abrir a boca.

— Tenho certeza que você logo encontrará um emprego, e enquanto isso, sinta-se à vontade para ficar o tempo que quiser. Consegui viver sem o aluguel até agora, por isso acho que consigo me virar sem o mesmo. Confio que você me pagará quando conseguir um emprego. Não se estresses por causa disso — ele disse afastando a mão.

Devon se sentiu uma pessoa de merda. *Ela era uma péssima julgadora de caráter? Ou só estava muito acostumava com as pessoas sendo horríveis, e tirando proveito de qualquer situação, presumindo que alguém como Garrett poderia ser assim também?*

— Obrigada, Garrett — Devon disse. — Eu agradeço, mas ainda me esforçarei muitíssimo para conseguir um emprego.

— Verei se conheço alguém que esteja contratando.

— Isso seria de grande ajuda — ela disse, respirando aliviada.

Então, eles se recostaram e desfrutaram dos dois próximos episódios de Heroes, antes que Garrett tivesse que se preparar para trabalhar. Devon queria sair da casa antes que Hadley voltasse, de qualquer maneira. Ultimamente, tinha sido mais fácil assim.

Cerca de mais uma semana sem sorte, enviou a depressão de Devon mais para o fundo do poço. A busca de Garrett voltou com resultados sombrios. Ninguém estava contratando. Ela não podia acreditar nisso.

Quão difícil era encontrar um trabalho nesta cidade? Sério, não deveria ser assim tão complicado, ela pensou, atravessando a rua.

Maio se foi rapidamente. *Como ela estava aqui há um mês sem encontrar um emprego?* Parecia que foi ontem quando chegou na Union Station com a música de Dustin tocando nos seus ouvidos. Ela estava surpresa por ter chegado tão longe. Nunca achou que seria o suficientemente forte, mas aqui estava ela. Ainda procurando um emprego, para que pudesse ficar mais dois meses.

O caminho que Devon normalmente percorria, passava pelo Jenn, mas a mantinha fora da vista. Ela estava na cidade há tanto tempo que seria realmente estranho se ela de repente aparecesse por lá. Hadley e ela já não eram mais amiguinhas, então não passavam mais suas tardes no Jenn, mas Devon sabia que Hadley ainda frequentava o local. Devon não estava a fim de forçar um encontro com Hadley. Sua raiva ainda não tinha desaparecido, e não sabia se ficava irritada com a presença da Hadley, ou se era pelo consumo de drogas. Ela queria ajudá-la, mas Hadley não permitiria isso tão cedo. *Como ajudaria se Hadley a evitava o tempo todo?*

Devon atravessou para o outro lado da rua, e quando o fez, olhou pelas janelas ao passar pelo Jenn. Tentou dizer a si mesma que fez isso, para ver se Hadley estava lá dentro. Devon era muito boa em se enganar. Às vezes, até mesmo procurava o familiar cabelo loiro, mas Hadley nunca estava lá quando passava.

A verdade, era que geralmente esperava ver outra pessoa. Era uma tolice. Brennan não sabia que ela estava na cidade. Ela o rejeitou. Ela tinha um namorado. Mas mesmo assim, passava por este trecho para ver se ele estava trabalhando no bar, assim poderia vê-lo rapidamente .

Nem Hadley. Nem Brennan. Ela continuou caminhando. Lembrar-se da sua primeira semana em Chicago não a ajudaria a conseguir um emprego.

Dobrando a esquina, Devon de imediato saiu do caminho, quando alguém veio correndo em sua direção. Ela disparou alguns palavrões para a pessoa, enquanto ela passava. *As pessoas em Chicago são tão grosseiras!* As pessoas não agem assim em Nashville.

Quando a pessoa derrapou abruptamente até parar, Devon recuou alguns passos. Não pensou que xingá-la faria com que parasse. Não queria chamar a atenção. E certamente não queria contrariar um valentão das ruas, ou ainda pior, detonar o desequilíbrio emocional de algum serial killer enlouquecido.

Quando a pessoa se virou, o medo de Devon evaporou. Foi imediatamente substituído pelo que ela só poderia descrever como uma expressão de “OH, merda”.

— Devon? — Brennan disse hesitante, de frente para ela.

Respirando pesadamente devido sua corrida, e com um brilho de suor na testa, ele pareceu surpreso com a presença dela. Ela não podia culpá-lo.

— Bem...oi, Brennan — sussurrou. Ela estava envergonhada por se encontrarem assim, depois do que aconteceu entre eles. — Você parecia estar com pressa...

— O que você está fazendo aqui? — Ele perguntou, ignorando sua declaração.

— Eu, bem... não fui embora, — ela murmurou baixinho.

— Como? — Ele perguntou, parecendo confuso. — Você deveria ter ido embora há três semanas. Por que você ficou?

Ela sem dúvida o surpreendeu bastante, para ele falar sem rodeios. Normalmente, ela o achava muito reservado, mas sua expressão clara como o

dia o delatava. Ele não queria que ela fosse embora, e agora, estava feliz em vê-la. *Ela poderia estar lendo-o corretamente?*

— Eu decidi ficar...e ajudar a Hadley — ela disse. *Era a verdade, basicamente.*

Os olhos do Brennan se estreitaram como resposta. — Tenho visto a Hadley quase todos os dias durante as últimas três semanas, e ela nunca mencionou que você ainda estava na cidade.

Devon deu de ombros. Bem, isso certamente parecia comprometedor. Não que ela tivesse pedido a Hadley que não contasse a Brennan. Era só que Hadley não estava falando sobre Devon. Agora, parecia que ela estava o evitando. Bem, ela estava.

— Eu não tenho tido sucesso... — ela disse. *Isso também era verdade.*

— Então, ela está te evitando como uma praga, porque ela quer continuar usando — ele disse intuitivamente. — Eu já vi isso antes. Você terá que se esforçar mais. — Ele hesitou, olhando para baixo, e depois para cima, como se não tivesse certeza do que dizer. — Talvez, você deveria passar pelo Jenn. Poderia ajudar.

— Claro — ela sussurrou, desviando o olhar dele. *Por que ele insiste em complicar as coisas?*

— Para ver a Hadley — acrescentou.

— Pode ser — ela respondeu. — Ando um pouco ocupada procurando emprego, então não sei quando terei tempo.

— Você está procurando emprego? Você vai ficar? — Ele perguntou.

Ela claramente continuava a chocá-lo, cada vez que abria a boca.

— Sim, vou ficar durante o verão.

Ela podia ver a pergunta em seu rosto. Ele não estava em guarda como normalmente. Ele parecia querer saber por que ela não havia ido vê-lo desde último encontro. Entretanto, ele devia saber a razão. Ela tinha lhe dado motivo suficiente, quando interrompeu o beijo em seu apartamento.

Em vez disso, ele disse — Venha comigo. — Então, se virou, e se afastou dela.

Devon desviou o olhar e vacilou. *Que porra ele está pensando?* Mas ele não esperou por ela, e ela teve que correr para alcançá-lo. Ela nem sequer

sabia por que o seguia. Sabia que não era uma boa ideia estar perto dele. Isso ficou abertamente evidente depois que ele a beijou.

Ela estava muito confusa. Tinha seus próprios problemas para resolver, e não podia arrastar mais ninguém neles.

Brennan foi direto para o Jenn, o local que ela evitou durante três semanas seguidas. Ela o seguiu até a parte de trás do restaurante quase deserto. Um cliente habitual fez um comentário sarcástico enquanto ele passava, e Brennan mostrou o dedo do meio. O cara riu através da sua tosse de fumante.

Quando chegaram à porta da cozinha, Brennan disse. — Espere aqui.

Devon ficou ali, girando os polegares. Ela queria saber por que ele a trouxe aqui. Ela não sabia o que a compeliu segui-lo, exceto que tudo tinha sido tão repentino. Não esperava vê-lo, tanto quanto ele esperava vê-la.

Linguagem imprópria e alta veio da parte de trás, a tirando de seus pensamentos. Tudo o que ela conseguiu entender da conversa, era que ele estava atrasado para o trabalho. Deve ter sido por isso que ele estava correndo. Ela não achava que ele era o tipo de pessoa que normalmente chegava atrasado, mas não o conhecia muito bem. Talvez chegar atrasado fosse uma coisa normal para ele. Talvez por isso seu cabelo estivesse sempre desarrumado.

Alguns minutos depois, Brennan saiu da cozinha acompanhado de uma mulher. Devon nunca a tinha visto antes, quando frequentava o Jenn, mas isso não a surpreendeu. A mulher não usava o uniforme comum. Em vez disso, usava um vestido justo. Ela parecia bem conservada, e Devon se perguntou o que ela estaria fazendo cozinha.

— Devon — Brennan disse, de frente para ela, — esta é Jenn Yarrow.

— Prazer em conhece-la — Devon disse, estendendo a mão.

— Brennan comentou que você está procurando emprego — ela disse com um forte sotaque do Norte. — Você tem alguma experiência como garçoneiro?

— Sim, senhora. Trabalhei como garçoneiro em Nashville durante alguns verões, — Devon disse, suas esperanças acendendo.

— Em primeiro lugar, não me chame de senhora. Essa é minha mamãe ou minha sogra, Deus as tenha — disse, inclinando a cabeça para o céu. — Segundo, trabalhamos apenas com testes. Se conseguir chegar ao fim do dia, contratarei você. Caso contrário, pode ficar com suas gorjetas e ter um bom dia.

Jen jogou um pano de prato para ela, e Devon o pegou, surpresa.

— Então, isto é como uma entrevista?

— O que te parece? — Jen revirou os olhos, e olhou para Brennan, como se perguntasse que tipo de pessoa ele trouxe ao seu estabelecimento. — Tem uma muda de roupa lá atrás. Te vejo quando fechar. — Com isso, ela se virou e foi embora.

— O que acabou de acontecer? — Devon ficou completamente imóvel, segurando um pano de prato.

— A proprietária acaba de te dar um emprego, contanto que você sobreviva ao dia de hoje — disse Brennan. — Então, chegue ao fim do dia.

10

Rebelião

Devon tirou seu uniforme no banheiro feminino nos fundos do Restaurante Jenn's. Enquanto vestia novamente sua roupa normal, seus braços e pés doíam, sua cabeça estava zumbindo, e sentia uma sensação avassaladora de exaustão percorrendo todo o seu corpo. Tudo isso a fez se perguntar, por que não conseguiu um emprego antes. Ela estava tão ocupada, que esqueceu de todo o resto, como a razão dela estar em Chicago, o consumo de drogas da sua melhor amiga, e os olhos de Brennan sempre a procurando pelo ambiente.

Bem, nem tão ocupada para não notá-lo, mas agora parecia diferente. Ela não podia reagir ou responder como normalmente faria, porque simplesmente havia muitos clientes a mantendo ocupada.

Jenn a encontrou na porta, quando o bar fechou. Aparentemente, ela não gostava de conversas longas. Ela disse a Devon que ficasse com a toalha e o uniforme adicional, se ela não tivesse qualquer outra roupa que servisse. Foi muita sorte, porque Devon não trouxe nada parecido com isso. Ela teria que usar um pouco das suas gorjetas para comprar roupas novas e sapatos mais confortáveis. Jenn tinha lhe dito que viesse todas as noites pelo resto da semana. Não se incomodou em perguntar se o último turno estava bom para Devon. Jenn mencionou que lhe daria um turno oficial na semana seguinte, e Devon suspeitou que permaneceria no da noite.

Ela rolou os ombros de trás para frente várias vezes, tentando desfazer os nós, mas não adiantou. No mínimo, ficaria dolorida durante uma semana. O bolo de notas em seu bolso, compensava a rigidez que certamente sentiria pela manhã.

O Jenn's ficava numa área agradável, e os clientes estavam sempre entrando e saindo. Os turistas que conseguiam encontrar o lugar, deixavam gorjetas péssimas, mas os clientes habituais deixavam gorjetas enormes.

Davam muito mais, do que as pessoas na pequena cantina onde trabalhou em Nashville.

Ela colocou sua roupa de trabalho em uma sacola, e atravessou a porta da cozinha para o salão principal. A outra garçonete já tinha desaparecido, resmungando o tempo todo que não precisava de ajuda. Devon suspeitava que tivesse algo a ver com a partilha das gorjetas. Embora, Devo não tinha ideia de como a mulher conseguia trabalhar sozinha no restaurante movimentado, somente com a ajuda de Brennan.

— Você está pronta para sair daqui? — Brennan perguntou, deslizando as mãos nos bolsos da frente do seu jeans.

Devon não tinha percebido que ele estava esperando por ela. Ela estava em dívida com ele. Gostaria não sentir a onda de desconforto que a atravessava por sua proximidade. Dessa maneira, seria capaz de mostrar sua gratidão.

— Certo... sim — ela disse, olhando para longe daqueles olhos.

— Só vou fechar tudo. — Ele entrou na cozinha e retornou um minuto depois. — Vamos lá.

Brennan desligou o brilhante letreiro vermelho na janela que dizia "aberto" e, em seguida saíram pelas portas da frente. Ele levou um tempo trancando as portas, e depois caminharam juntos para a estação L.

Devon acolheu o surpreendente silêncio da cidade. Enquanto passavam pelas ruas cheias de arranha-céus, o medo parecia infiltrar-se em seu consciente. Ela não tinha medo de estar sozinha com o Brennan. Na verdade, não se tratava dele. Era só que, não havia mais ninguém nas ruas. Sabia que era tarde. Já tinha passado da hora em que a maioria das pessoas estariam acordadas e andando pela cidade, mas ela achava que ainda teria movimento, como Nova Iorque. Pelo jeito, esse não era o caso na área onde o Jenn estava localizado.

Ela engoliu seu medo, e tentou lembrar-se do bom trabalho que tinha feito hoje. Tinha um emprego novo, um modo de ficar em Chicago, e uma maneira de escapar. Mas neste momento, sentiu a perda da sua fuga. Sentiu tudo se fechando sobre ela. *Por que as ruas estavam tão vazias? Por que era só Brennan e ela?*

Sua respiração engatou, e então, percebeu que de repente parou de respirar completamente. O medo envenenou seu sistema sanguíneo, começando em seu peito e rastejando em suas veias como uma doença. Sentiu seu peito subir e descer rapidamente, e seus dentes baterem como se ela estivesse congelando, mas sabia que esses eram os sinais claros da hiperventilação.

Mas ela não podia hiperventilar. Tinha que fugir. Tinha que escapar. Essa era a resposta. Correr.

Brennan tocou seu braço, puxando-a de volta à realidade, à cidade, para sua mão descansando levemente nela, para as pontas dos seus dedos roçando sua pele macia.

— Ei, você está bem? — Ele perguntou.

Quando ela finalmente conseguiu vê-lo, através da sua visão turva, viu a preocupação gravada em cada linha do seu rosto.

Devon levantou a mão para silenciá-lo, e isso só pareceu deixá-lo mais preocupado. Respirou fundo, e dobrou os joelhos, agachando-se no meio da calçada. Segurou os joelhos contra o peito, e deixou que o déjà vu dos seus sonhos se afastasse. Ela sabia de onde tinha vindo, onde estava, e para onde ia. Era tudo o que importava. Não era como em seus pesadelos. Ninguém a perseguia. Ninguém a agarrava. Ninguém a jogava no chão. Ela respirou novamente, e se lembrou dessas coisas repetidamente.

Quando ela finalmente se levantou, Brennan parecia ter um milhão de perguntas na ponta da língua. Devon não queria responder nenhuma delas, por isso, imediatamente começou a andar. Brennan avançou, e caminhou ao seu lado, dando o silêncio que ela precisava. Ela também deveria agradecê-lo por isso.

Um emprego e silêncio. *O que mais eu poderia pedir?* Ela se perguntou.

A viagem de trem foi curta. Sua estação chegou antes da de Brennan, mas ele não parecia preparado para deixá-la ir. Ele desceu do trem com ela, e caminharam juntos pela Marina City. Pelo menos essa área era bem iluminada, e as pessoas ainda passeavam no exterior da House of Blues.

— Obrigada por me acompanhar — Devon disse, finalmente rompendo o silêncio.

— Você vai me contar o que aconteceu há pouco? — Ele perguntou.

Devon olhou para longe dele, não querendo responder. — Acredito que foi apenas cansaço — ela murmurou.

Era mentira e ele sabia disso. Ela estava exausta, mas uma pessoa esgotada não hiperventila no meio da rua.

— Cansaço, claro — ele respondeu incrédulo.

— Obrigada por sua ajuda hoje. Eu realmente precisava do emprego — Devon disse, mudando de assunto.

— Se soubesse que você estava procurando por um, poderia ter ajudado antes — ele disse, sem rodeios.

A pergunta do por que ela o evitou por três semanas, estava escrita no seu rosto. *Se ele não importava, e ela tinha um namorado, então, por que ela passou pelo Jenn's todos os dias?* Ela se recusou deixar sua mente pensar sobre isso.

— Bem, que bom que esbarrei em você aquela hora — ela disse com o único sorriso que podia dar.

— Devon, sobre aquela noite... — Brennan começou.

Ela levantou a mão novamente, não querendo falar com ele sobre isso. Ele estava bêbado, e ela era um alvo fácil no seu apartamento. Não podia culpá-lo por tentar, ou por sair sem acordá-la na manhã seguinte. Ele não sabia dos seus pesadelos, ou que ela acordaria gritando no dia seguinte. Depois do tinha acontecido, e da quantidade de tempo que provavelmente passariam juntos no trabalho nos dois próximos meses, era melhor que ele não soubesse.

— Nos vemos amanhã no trabalho —ela sussurrou, desesperada para fugir.

Ele suspirou e assentiu. — Boa noite.

Devon correu para o elevador o mais rápido que pôde. Ela não poderia ficar sob seu escrutínio por mais tempo. Seu olhar intenso parecia avaliá-la e medi-la, e ela sentia suas entranhas se contorcendo por tudo isso. *E enquanto estava tentando evitar tudo, como ela parecia notar cada vez mais quão atraente ele era?*

Ela sacudiu a cabeça, tentando dissipar seus pensamentos. A imagem dele esticando as mãos sobre a cabeça, exibindo os músculos dos seus braços e a rigidez de seu abdômen, retornou a ela. *Quando tentava não pensar em nada, por que a lembrança dele naquele exato momento voltava?*

Suas bochechas ainda estavam quentes, quando ela saiu do elevador. Ela se repreendeu por pensar em um garoto num momento como esse. Outro cara agora em sua vida era a última coisa que precisava. *Ponto final.*

Devon escancarou a porta do apartamento, esquecendo que eram quatro da manhã. Quando a porta bateu contra a parede, amaldiçoou, e se lançou para evitar que batesse uma segunda vez. Hadley e Garrett estavam dormindo, e ela não pretendia acordá-los a essa hora. Fechando lentamente a porta atrás dela, Devon se arrastou até seu quarto, e colocou uma camiseta folgada e seu short de dormir de seda. Depois de tudo o que aconteceu esta noite, a última coisa que ela queria fazer era deitar na cama, e ter outro pesadelo para combinar com seu surto na rua.

Ela foi silenciosamente para a sala de estar, e ligou a TV. Não se importava o que assistiria, contanto que fosse algo que atraísse seus pensamentos, e a tirasse do seu medo. Quando nada chamou sua atenção, começou a ver os velhos desenhos animados do Bugs Bunny, e sintonizou em como ele conseguia fugir constantemente.

Pouco depois, a porta da frente se abriu, e Devon se endireitou no sofá. *Quem estava chegando em a essa hora?* Já passava da hora em que Garrett normalmente saía do trabalho, e Hadley iria trabalhar daqui a algumas horas.

— Olá? — Devon falou baixinho.

— Oi — respondeu Garrett, materializando-se na sala de estar.

O corpo de Devon relaxou ao vê-lo. *Era só o Garrett. Não precisava se alarmar. Porque estava na rua tão tarde, era problema dele.* Ela estava feliz em vê-lo, principalmente porque, finalmente poderia pagar parte do aluguel do apartamento. Não era muito, mas o suficiente, até que recebesse seu primeiro salário real.

— Você está atrasado — ela disse com um sorriso e um bocejo.

— Estou surpreso em encontrar você. — Garret tirou os sapatos, e se sentou ao seu lado no sofá.

— Hoje consegui um emprego — ela contou alegremente de frente para ele, e cruzando as pernas no estilo pretzels.

Estava mais feliz em contar a ele, do que achou que ficaria. Ele acreditou nela. Deu-lhe uma chance. Ele não a expulsou, quando ela não podia pagar imediatamente.

— Parabéns! — Ele disse com um sorriso caloroso.

Ela gostou do sorriso dele. Era tão sincero.

— Espera um pouco. — Devon se levantou, e correu até o quarto. Pegou o maço de dinheiro, guardou vinte dólares para si, e em seguida, voltou para a sala de estar. — Aqui está.

Os olhos do Garrett arregalaram, quando Devon lhe entregou maço de notas, e voltou a sentar ao lado dele. Pegou da sua mão e avaliou o montante.

— Onde você conseguiu tudo isso? — Seus olhos se moveram do dinheiro para o rosto dela, e de volta.

— São minhas gorjetas do trabalho — respondeu.

Garrett folheou o dinheiro com hesitação. Devon não entendia por que ele estava agindo de forma tão estanha.

— Devon — ele falou calmamente, — quando eu disse para não se preocupar em conseguir um emprego, e que poderíamos arranjar alguma coisa, se fosse necessário... realmente quis dizer isso.

Devon olhou para ele perplexa. *O que ele estava insinuando?*

— Você não precisava... fazer isso — ele disse, apontando para o dinheiro, — só porque estava preocupada com o aluguel.

— Não é a grande coisa. Eu gosto de trabalhar. Limpa minha mente. — Ela nem sabia por que disse isso. Não falava com ninguém sobre o que estava acontecendo com ela. Não começaria agora.

Os olhos do Garrett viajaram ao longo de seu corpo, e ela se deu conta da pouca roupa que usava. Não esperava por ele, caso contrário teria colocado um moletom.

— Tenho certeza que você é...boa no trabalho — ele disse, cautelosamente. — Só não acho que strip-tease seja a solução.

Devon engasgou alto, boquiaberta. — O quê? — ofegou. — Eu não estou fazendo strip-tease!

De repente, a respiração pareceu explodir fora de sua boca. Ele estava muito aliviado. Ela não podia acreditar, que ele achou que ela se rebaixaria para conseguir o dinheiro do aluguel. *Isso ficaria ótimo no seu currículo!*

— Você não está? — Ele perguntou sem fôlego.

— Não!

— O que você esperava ao me entregar o que parece ser uma centena de notas de um dólar? — Ele sacudiu a cabeça em descrença.

— Você tem que me dar mais crédito do que isso. Tenho certeza que todo mundo quer me ver sem roupa, mas realmente não faria isso. Além disso, sou mais do tipo "entre quatro paredes". — Revirou os olhos em direção ao céu.

Então, eles se entreolharam e, de repente, ambos riram. Devon se contorcia, segurando suas laterais. Garrett tinha a mão em suas costas, enquanto tentava controlar sua gargalhada. Sem muito sucesso. Ambos lançaram olhares furtivos para a porta fechada do quarto de Hadley. A última coisa que queriam, era explicar por que estavam rindo tanto de madrugada. *Hadley certamente aceitaria bem Garrett achar que Devon era uma stripper... ou não.*

Devon se recostou no sofá. A mão de Garrett deslizou pelas suas costas para seu colo. Podia sentir cada centímetro que ele tinha tocado, e quando o olhou, registrou que ele também percebeu isso. Afastando-se, envergonhada, Devon dobrou as pernas, e se moveu para o lado. Conversar sobre strip-tease, certamente mudou o clima.

— Então — disse Devon, limpando a garganta, — por que você chegou tão tarde do trabalho?

— Estou trabalhando em alguns investimentos internacionais. Eles gostam de ter alguém lá para trabalhar nos mercados, quando estão abertos. Nós alternamos quem fica com o pior horário — explicou, encolhendo os ombros, como se tudo fizesse sentido para ela.

Ela não sabia nada sobre ações, exceto que seus pais investiram bem, e que pagaram por sua educação universitária.

— Parece chato — falou a ele sinceramente.

— Realmente não tão interessante como strip-tease — ele disse com malícia nos olhos.

Devon riu, e o golpeou. Como era bom rir sem preocupações. — Pare com isso!

— Diga-me, os homens choram nos cantos? Quando elas dizem "não toquem", querem dizer realmente não toque? — Ele perguntou com humor na voz.

— Chorar é uma possibilidade — Devon diz, entrando no jogo. — E a regra de não tocar se aplica somente aos que não quero que me toquem.

Não entendia por que sua voz mudou, ou em que momento sua despreocupação evaporou. Por alguma razão, sua brincadeira havia se desviado sem sua permissão, e seu corpo agora respondia a sua avaliação. Ela não sabia a razão, mas parecia de repente, ter percebido que estava atraída por ele. Ele era o namorado da sua melhor amiga, e basicamente, o cara mais legal que ela já conheceu. *Por que permitiria estar atraída por ele?*

Garrett riu da sua brincadeira, e ela tentou não interpretar a tensão na sua voz. *Ele com certeza não estava atraído por ela. Ela estava imaginando. Não era real. Ela teve uma noite difícil, e estava cansada. Nada mais.*

— Eu...uh, acho que deveria ir para cama — Devon disse sorrindo. Mesmo que ela estivesse imaginando uma situação, precisava se afastar nesse momento.

— Você está dormindo melhor? — Ele perguntou, impedindo-a de sair.

Ela assentiu, embora não fosse verdade. — Muito.

— Fico feliz em ouvir isso.

Seu olhar nunca a deixou, e ela tentou não se contorcer.

— Noite — Devon sussurrou, saindo da sala o mais rápido que podia.

Assim que fechou a porta do seu quarto, correu para a cama, e se jogou nela. *Que porra ela estava pensando? Primeiro Brennan, e agora Garrett? Ela enlouqueceu?*

Não conseguia entender. *Por que estava agindo assim?* Tinha passado um mês sem sexo... só um mês. Não fazia tanto tempo sem o Reid.

Seu corpo traía a sua mente. Ela queria se repreender por agir como uma adolescente hormonal enlouquecida. *Ela era um animal tão carnal, que não podia passar nem um mês sem querer foder todos que chegassem perto dela?* Não fazia sentido. Ela se recusou a encontrar uma razão.

Devon colocou os fones nos ouvidos, e explodiu a música de Dustin o mais alto que podia suportar. Sempre teve um efeito calmante. Deixou que a música angustiante atravessasse seu corpo, com sua raiva e rebelião se filtrando profundamente em seus poros. Ela começou sua própria rebelião, e precisava ir até o fim. Não podia se distrair com nada. De maneira nenhuma correria o risco de machucar alguém.

Ela teve força de se impulsionar e agir, para finalmente partir. Agora precisava de força para ficar longe. Devon não conseguia evitar lembrar, como se sentia sobre voltar a St. Louis, impotente pelo seu próprio desejo de aceitação. Por mais que tivesse tentado escapar de tudo o que aconteceu, sua vida a prendeu no tempo e espaço. Ela se sentia de pernas para o ar e de cabeça para baixo. Ela se sentia perdida e sozinha, mas completamente cercada.

Tudo o que ela queria fazer, era libertar seu corpo, e se livrar da sua própria armadilha. Mas, não se deixaria. Não se orientaria dessa forma. Se o fizesse, então, só estaria aceitando sua atração. Seria melhor que seu corpo doesse, e sua mente lembrasse que ela teria que seguir sozinha... ela conseguia ficar sozinha. Não era obrigada a cumprir as exigências do seu corpo.

Ela poderia iniciar sua própria rebelião.

Ficar ao seu lado

As duas semanas seguintes foram as melhores que Devon experimentou, desde sua chegada a Chicago. Trabalhar no Jenn era tão desgastante que, quando retornava ao apartamento, tudo o que conseguia fazer era cair na cama exausta. Ela não teve nenhuma pesadelo durante todo esse tempo.

Preocupava-se que quando a rotina começasse a entrar em ação, quando não sentisse a dor constante em seus pés, ou a pressa de estar sempre em movimento, ou o chamado dos pedidos em seu cérebro, os sonhos retornariam. Não queria pensar nisso. Preferia acreditar que fez a escolha certa, que a depressão se afastava, e estava melhorando. Devon não queria enfrentar a alternativa.

De qualquer forma, sua atitude estava melhorando muito com sua mente ocupada.

O principal impedimento, era que Hadley ainda não havia superado o que aconteceu. Não que Devon pudesse culpá-la. Ela praticamente chantageou Hadley para ficar. Mas Hadley não sabia, por que Devon precisava ficar. Se Hadley soubesse, então provavelmente, não teria ficado tão chateada. Devon simplesmente não podia lhe contar. Antes mesmo, de Hadley evitar falar com ela por quase um mês, não se sentia à vontade de contar o que aconteceu em St. Louis. Agora, com a tensão na relação delas, parecia ainda menos provável.

Quando Hadley descobriu que ela estava trabalhando no Jenn's, foi um desastre. Hadley entrou no restaurante com seu habitual passo firme, afundou no banco do bar, e pediu frango a Brennan. Devon saiu da cozinha, equilibrando uma bandeja de bebidas no ombro. Enquanto caminhava até a mesa para entregar as bebidas, chamou a atenção de Hadley. Toda sua

animação desapareceu. Ela murmurou algo a Brennan, que Devon não conseguiu ouvir, antes de se levantar e sair do restaurante.

Brennan olhou para Hadley se afastando e para Devon. — Estão brigadas?

Devon encolheu os ombros, e desviou o olhar. Retornou à cozinha, mas Brennan a seguiu.

— Você vai me dizer o que foi aquilo? — Ele perguntou.

— Não. — Ela baixou a bandeja, e voltou a carregá-la com comida para outra mesa.

— Vocês não são melhores amigas? — Brennan cutucou.

— Sim — ela respondeu.

— Devon — ele falou, segurando seu braço, — está tudo bem?

Isso tinha se tornado seu mantra. Não sabia quantas vezes ele perguntara isso, nem quantas vezes mentira. *Ela estava bem. Bem.*

Hadley não tinha aparecido no Jenn desde aquele dia, ou pelo menos, não apareceu no horário que Devon trabalhava. Na verdade, Devon só a tinha visto de passagem no apartamento. Era como se Hadley evitasse o apartamento tanto quanto Devon o fez, antes de conseguir o trabalho. Devon tentou detê-la para conversar, mas Hadley sempre fingia estar ocupada antes de sair imediatamente. Devon se preocupava em passar o resto do verão sem ver sua amiga. O que ela fez foi errado, mas queria ajuda-la, se ao menos Hadley a deixasse.

O dia em que Hadley voltou ao Jenn, Devon ficou tão surpresa, que quase deixou cair sua bandeja. *Ela estava carregando aquela coisa por tanto tempo, e quase perdeu o controle?* Quando Amy, a outra garçonete em serviço, olhou para ela, Devon se recuperou rapidamente.

Lentamente tratou de retornar a seus afazeres, e não prestou mais atenção na sua amiga. Para começar, ela não era uma pessoa particularmente perspicaz, mas nesse dia, Devon reparou em tudo sobre Hadley. Seu terninho estava imaculado como sempre. Seu cabelo loiro estava amarrado em uma trança francesa na nuca. A maquiagem foi cuidadosamente aplicada. Ela parecia perfeita.

Exceto onde não o fez.

Viver com Hadley durante dois anos e meio, deu a Devon uma certa visão de seu comportamento que a maioria das pessoas normalmente não notavam. Seus olhos pareciam um pouco mais vazios do que o normal. Sua roupa estava muito folgada, como se ela tivesse perdido peso. O firmeza no seu caminhar se perdeu por completo. Hadley estava num mau momento, mesmo que parecesse perfeita no exterior.

Hadley sentou no seu lugar habitual. Levantou a cabeça, olhando diretamente para Devon, e logo se recuperou, olhando para frente.

Devon suspirou. Então, era assim que seria. Era tipo uma batalha territorial. Devon não tinha nenhum problema em tê-la ali. Ela só queria que fosse em circunstâncias diferentes.

Brennan se aproximou de Hadley e anotou seu pedido. Em vez da sua bebida habitual, ele colocou um copo de água sobre o bar. Ela olhou para ele, e Devon imaginou o olhar furioso que ela lhe deu. Brennan sabia tão bem quanto Devon, que Hadley estava no limite. Devon tinha sorte de tê-lo ao seu lado, ou ao menos, acreditava que ele estava ao seu lado. Ele não pareceu particularmente perturbado na noite que disse a Devon, que Hadley consumia, mas foi mais cauteloso sobre o assunto, desde a última vez que Hadley saiu do restaurante.

Quando o pedido de Hadley ficou pronto, Brennan fez um sinal para Devon.

— O que houve? — Ela perguntou inocentemente, como se não soubesse para quem era a comida.

— Pode levar isso para Hadley? — Ele perguntou da mesma maneira inocente, como se não soubesse nada sobre a relação entre Hadley e Devon.

Devon mordeu o lábio. — Você tem certeza que ela não vai jogar isso em mim?

— Você é a única que não responde às perguntas — ele disse.

Devon sequer tinha uma resposta para isso. Não podia responder perguntas claras e simples. Não tinha confiança suficiente para contar a ninguém o que aconteceu. Talvez, quando voltasse para St. Louis no outono, descobriria que estava tudo na sua cabeça.

Em vez de responder, pegou a bandeja de Brennan, e cruzou a porta vaivém. Brennan a seguiu de perto, parando a uma distância segura, caso tivesse que intervir. Devon respirou fundo, e caminhou até Hadley. Colocou a comida na frente dela, e Hadley não olhou para cima uma vez. Devon colocou a bandeja sob seu braço, e esperou.

— Você pode ir — Hadley disse friamente.

— Hadley, sinto muito — Devon sussurrou.

— Não — ela respondeu, negando com a cabeça. — Eu só quero almoçar.

— Não podemos conversar? — Devon perguntou.

Hadley congelou, e a olhou. Ela se virou, e caminhou em direção à porta. Devon simplesmente ficou parada, estupefata. Devon nunca soube que Hadley guardava rancor, sobretudo um tão feroz. *As drogas estavam afetando tanto seu cérebro? Quanto mais ela consumira desde a última vez que se falaram?*

Devon correu ao redor do bar, mas Brennan já estava lá, caminhando em direção a Hadley. Ele a alcançou pouco antes dela chegar à porta, e a puxou para o lado. Devon estava logo atrás, mas Brennan lhe enviou um olhar de advertência, por isso ela recuou alguns passos. Ela estava perto o suficientemente para escutar o que diziam.

— Vamos lá, Hadley — disse Brennan, soltando o braço dela.

— Por que você está se metendo nisso? — Hadley perguntou.

— Por que você não dá um chance a ela? Você não disse que ela era sua melhor amiga? Não se conhecem há anos? O que está te impedindo de fazer as pazes com ela? — Ele perguntou com ênfase.

— OH, Deus, você também não — ela disse. — Não se faça de hipócrita. Eu não preciso ouvir isso de você também.

— Hadley, não dou a mínima para o que você faz no seu tempo livre. Eu só me importo com quem está machucando, a si mesma e a Devon. Isto vai além de você. Apenas dê uma chance a ela.

Devon podia ver o brilho duro em seus olhos, mesmo de onde estava. Ficou admirada com a suavidade das suas palavras. Ele não era de conversar enquanto estavam trabalhando.

— Não posso lidar com isso agora — Hadley disse, o afastando.

Ele estendeu a mão, e pegou o seu braço novamente. — Nem tudo tem que melhorar hoje. Mas você não acha, que ela também está sofrendo?

Quando ele baixou a voz, Devon se esforçou para escutar.— Você não vê que ela está aqui por um motivo? — Ele sussurrou.

Devon perdeu o resto, quando seu estômago se agitou. *Como Brennan sabia disso? Ela era tão óbvia? Ou ele era um bom adivinho?* De qualquer maneira, ficou apavorada por ele ser tão perceptivo, quando nem sequer falavam com tanta frequência. Ela baixara a guarda mesmo sem saber.

Recuando mais alguns passos, até que estivesse totalmente fora do alcance da voz, contemplou como deixara isso acontecer. *Quando se permitiu se sentir tão segura? Quando esqueceu quão tênue era essa linha, e como facilmente poderia se romper, derrubando todos os pesadelos ao seu redor?*

Não era só sobre Brennan, porque nem sequer sabia que estava enfraquecendo perto dele. Também incluía Garrett. Ele era incrivelmente legal, e ela nunca tinha conhecido alguém como ele. Eles estavam passando cada vez mais tempo juntos, ficando acordados assistindo Netflix tarde da noite, depois de saírem do trabalho, rindo das horas absurdas dos seus turnos, e maravilhando-se com seu amor compartilhado por sobremesas. *Quantas vezes na semana passada quis contar a Garrett?* Ela segurou sua língua, mas quanto mais confortável se sentia, mais queria que alguém soubesse.

Devon mordeu o lábio, e tentou segurar todas as suas emoções. Primeiro tinha que lidar com Hadley.

Logo depois da sua conversa com o Brennan, que imediatamente desapareceu, Hadley se aproximou dela.

— Podemos conversar... em particular? — Hadley perguntou, obviamente ainda incerta sobre tudo isso.

— Sim — Devon disse. — Deixe-me só avisar a Amy que estou no meu intervalo.

Hadley e Devon se sentaram na sala de descanso na parte de trás do restaurante. Devon sentia falta da sua amiga, e foi nesse instante, que se deu conta disso. Gostaria de poder descarregar todos seus problemas em Hadley, e

tentar juntá-los na ordem certa, mas Hadley já tinha muito com que lidar. Não podia sofrer também com seus problemas.

— Então... — disse Hadley.

Devon concordou. — Então...

— Vejo que conseguiu um trabalho no Jenn.

— Sim — Devon respondeu. Ela não sabia o que Hadley queria dizer, e achou melhor permitir que ela dirigisse a conversa.

— Como isso aconteceu?

— Brennan me ajudou, quando não consegui encontrar mais nada.

— Ele é um cara legal — Hadley disse distraidamente.

— É o que parece — Devon respondeu.

— Vou ser direta. Estou muito chateada com você, e isso não vai passar imediatamente — Hadley disse. — Você violou minha confiança, sem mencionar minha hospitalidade. Vai demorar um tempo, até eu começar a confiar em você novamente.

Devon assentiu lentamente, sem saber o que dizer. Grande parte era verdade.

— Mas... sei que também trai sua confiança. Não vou te contar meus problemas. Eles são meus. Quando estiver preparada, daremos um jeito, mas até lá, não quero que você interfira.

— Hadley — Devon interrompeu. Hadley tinha que ser razoável.

— Não — ela cortou, levantando a mão, enquanto se levantava. — São meus problemas. Não estou implorando para você me contar os seus, e sei que têm alguns. Sempre soube, mas o problema é seu.

— Eu acho que você precisa de ajuda, Hadley — Devon disse suavemente, sentindo-se uma hipócrita.

— Eu acho que você não sabe por tudo o que estou passando. Tudo o que te direi agora — comentou, dando um passo para a porta, — é que estou cansada de andar na ponta dos pés pela minha vida. Eu posso ir e vir, como quiser. Estarei no apartamento e no restaurante. Brennan fará uma apresentação em breve, e também estarei presente. Sem dúvida você também estará, e estou cansada do constrangimento disso. Vamos seguir em frente. Vamos deixar que a confiança se reconstrua sozinha.

— Hadley, por favor — disse, desesperada para se aproximar da sua amiga. — Lamento o que aconteceu. — Ela engasgou-se com as palavras, desejando que tudo pudesse voltar a ser como antes.

— Agora é tarde — ela respondeu, chegando à porta. — O estrago já foi feito — murmurou antes de sair.

Devon ficou olhando a porta fechada. Ela estava pra lá de frustrada. *Era assim que as pessoas lidavam com ela?* Não. Ninguém sabia qual era o seu problema. Possivelmente isso a deixou ainda mais frustrada. Ela não sabia. Simplesmente não entendia.

Só sabia que Hadley estava usando drogas, e provavelmente, agora mais que antes. Ela parecia irritada e inflexível. Devon não sabia como ajudá-la, mas tentaria do jeito que Hadley permitisse.

A Fugitiva

Já havia passado a hora de fechar. Jenn estava reclamando do seu trabalho, e Devon estava cansada de escutá-la. Então, teve um cuidado extra na limpeza do restaurante. Cada mesa pulverizada e esfregada até ficar limpa. Em seguida, passou às cadeiras e cabines. Passou pano no chão, e limpou o excesso de poeira atrás do bar. Brennan se encarregou do bar, por isso não teve que tocar na sua área.

Saindo do salão de jantar principal para a cozinha, começou a lavar as pilhas de pratos, copos e talheres na pia. Depois de colocá-los em seus lugares, esfregou o chão na parte de trás, em seguida limpou os balcões de qualquer resíduo adicional. A equipe da cozinha era muito boa em limpar os balcões, mas de qualquer maneira Devon colocou um esforço extra nisso. Reorganizou os produtos de limpeza no armário, e fechou a porta com um gemido satisfeito.

Jenn não teria nenhuma queixa pela manhã, pelo menos não a respeito da limpeza do restaurante. Devon tinha certeza disso.

Trancando a porta, Devon se virou, e começou a caminhar para a estação de trem. Mesmo sendo tarde da noite, já se acostumara à caminhada. Brennan normalmente a esperava para acompanhá-la. Ele tinha um pequeno conhecimento intuitivo de que ela não gostava de andar sozinha pelas ruas a noite, mas, por outro lado, tampouco acreditava que fosse seguro que ela estivesse aqui sozinha. Provavelmente ele tinha razão. Ela não sabia com certeza o que ele estava fazendo esta noite. Ela queria que ele tivesse ficado.

Virando à direita, desceu pela rua escura, segurando sua bolsa perto do corpo. Seria muito azar se alguém a assaltasse a caminho de casa. Ela deveria ter pedido a Brennan que ficasse. *Isso teria sido inteligente.*

Ela andou por um tempo, sua paranoia levando a melhor sobre ela. Sabia que Chicago não era tão segura, mas a área perto do Jenn era bem legal. Além disso, era um percurso de menos de dez minutos até a estação de trem. Ela sabia que a limpeza havia tomado mais tempo do que o normal, mas não se deu conta de quão deserta estariam às ruas.

Ela não gostou. A sensação era inquietante. Ela apertou o passo em um esforço por chegar mais rápido ao trem, para que pudesse chegar ao apartamento. Não havia razão para ficar na rua mais tempo do que o necessário.

Quanto mais rápido andava, mais devagar parecia se mover. Os edifícios pareciam ficar mais longe e cada vez mais no final da rua, até que não estava fazendo qualquer tipo de progresso. Olhou sobre seu ombro para ver se estava imaginando coisas, mas os edifícios na frente e atrás dela estavam incrivelmente longe... inacreditavelmente longe.

Seu estomago revirou, e sua pele arrepiou, enquanto o medo fez seu corpo formigar. Ela podia senti-lo nesse momento. Os olhos a observando, seguindo cada movimento dela. Ela não via ninguém, mas sabia que estava lá.

Respirando fundo, Devon tentou racionalizar o que estava acontecendo. Já havia surtado antes por algo assim. Talvez, estivesse apenas imaginando o que estava à frente e atrás dela. Sua mente estava lhe pregando peças. Mas, estava andando uma quantidade interminável de tempo, e não parecia estar perto da estação. *Não deveria virar à esquerda logo a frente?* Com certeza, ainda não tinha chegado a um cruzamento.

Devon começou correr, na esperança de colocar a maior distância possível, entre ela e os edifícios estranhos da cidade. Quando mais rápido ia, mais distantes os prédios ficavam. Sua mente não conseguia entender. *Como era possível não estar se movendo, quando sua respiração estava irregular de tanto correr?*

Finalmente viu o cruzamento mais adiante. Foi em direção a ele, ignorando a sensação incomoda de que alguém a seguia. Devon virou a esquina, e viu a estação de trem à distância. Uma dor aguda estava se formando no lado das suas costelas, e ela pressionou os dedos para tentar aliviar a dor. Ela não era uma corredora e nunca tinha sido. Devon queria

saber por que seu perseguidor simplesmente não a alcançou. Ela não era muito rápida, sua velocidade já estava diminuindo consideravelmente, e, em breve teria que parar. A adrenalina era a única coisa que a alimentava.

Mas, a pessoa se manteve distante, os olhos do seu perseguidor fixos nela.

Ela chegou às escadas apressada e subiu vacilante, querendo colocar a maior distância possível, entre ela e a pessoa atrás dela. Ela passou seu cartão, empurrou a catraca de metal, e saiu para a plataforma. Ela voou até o segundo lance das escadas, e rezou para que um trem estivesse esperando por ela.

Os passos nas escadas abaixo dela, disseram a Devon, que a pessoa se aproximava rapidamente. Ela sabia os horários dos trens, e provavelmente demoraria mais alguns minutos antes de chegar a essa hora da noite. Ela andava de um lado para o outro na plataforma, debatendo suas opções.

Se alguém a perseguia, não tinha o luxo de perder tempo esperando um trem. Precisava agir agora. Mordendo o lábio, decidiu avançar. Ela correu pela plataforma até o extremo oposto, onde ficava o elevador. Seu dedo esmagou repetidamente o botão. Ela podia escutar a rítmica ascensão da máquina, enquanto levava seu tempo para subir de nível. Devon amaldiçoou sua lentidão. Mesmo que ela conseguisse entrar antes que a pessoa a alcançasse, seu perseguidor seria capaz de chegar ao piso inferior antes do elevador.

Sua cabeça virou bruscamente, e viu que a pessoa tinha subido o lance da escada. Devon não teve outra escolha. Entrou no elevador assim que abriu, e bateu a mão no botão para fechar a porta.

Saltando para cima e para baixo nas pontas dos seus pés, assistiu a porta se fechar, exatamente quando seu perseguidor percebeu onde ela tinha ido. Ela não conseguiu ver seu próximo movimento. *Ele estava correndo escada baixo agora? Ele chegaria antes dela? Ela não sabia. Simplesmente não sabia.*

À medida que o elevador descia, ela saltava, querendo que se movesse mais rápido, mas é claro, que demorou um tempo. Era um equipamento antigo, e era improvável que escutasse seu pedido de ajuda. Finalmente,

chegando ao andar de baixo, e as portas se abriram. Devon não pensou duas vezes. Passando pelas portas, esperava que, se a pessoa já tivesse chegado ao piso inferior, ele não esperaria que ela corresse na direção dele.

Sua explosão de velocidade foi injustificada, porque seu corpo colidiu com uma cama branca macia, que apareceu do nada. Ela caiu de cara no colchão, fazendo suas pernas voarem para trás. Devon gritou surpresa, tentando se endireitar.

Quando o fez, sentiu uma mão pegar seu braço, e prendê-la no lugar. Ela chutou e bateu em algo sólido. Ouviu a pessoa grunhir, mas não afrouxou o aperto no seu braço. Seu rosto estava contra o colchão, abafando os gritos e as lágrimas. Ela não sabia se podia respirar corretamente, mas a pessoa não parecia se importar, enquanto a mantinha no lugar. Seu coração martelava no peito, enquanto tentava pensar no que a pessoa faria com ela.

— Você achou que estava a salvo, — disse a voz, — mas nunca estará a salvo.

As lágrimas escorriam pelo rosto de Devon, antes mesmo dela acordar. Escutou a televisão, e a luz brilhante bateu contra suas pálpebras fechadas. Teve o bom senso de saber, que não estava sozinha. Outra pessoa estava na sala de estar, onde ela adormeceu depois de chegar do trabalho mais cedo naquela noite. Certamente era Garrett, já que, ele ficava sempre acordado até tarde com ela. Ela não podia enfrentá-lo assim.

Um soluço estremecido percorreu seu corpo. Ela desejou ter sido capaz de contê-lo, mas explodiu sem permissão.

Ela sentiu seus olhos nela como se estivesse de volta ao seu sonho. Enquanto a observava, ele estava provavelmente preocupado, se perguntando, por que ela estava chorando no meio da sala, quando estivera dormindo a minutos antes.

Devon pensara que os pesadelos tinham desaparecido. Pensara que os sonhos tinham ficado no passado, e que tinha seguido em frente. Passaram-se semanas desde que teve um, e agora este...

Parecia tão real. Era como se seus pesadelos se aproximassem cada vez mais da verdade. O sonho parecia tão real. Ela se lembrou da sensação de esgotamento, do orgulho de um trabalho bem feito, e de se perguntar onde

Brennan estava. Mas Brennan, a trouxe para casa esta noite, assim como tinha feito todas as noites, desde que começou a trabalhar lá, desde seu colapso emocional na rua.

As palavras soavam em seus ouvidos repetida vezes. *Você achou que estava a salvo, mas nunca estará a salvo.*

Eram palavras dolorosas que violavam seu subconsciente regularmente. *Quem era ela para achar que estava a salvo? Como poderia acreditar, que tudo do que fugiu retornaria à normalidade quando voltasse?*

Sentando-se, Devon dobrou suas pernas contra o peito, e apoiou a testa sobre elas. Não conseguia abrir os olhos, e encarar Garrett. Não sabia o que ele estava pensando. Certamente, só achava que ela era maluca. Ela tinha dito a ele, que estava dormindo melhor, e agora, aqui estava à prova de que não era assim.

Ela ouviu a cadeira ranger, e então, passos cruzando o tapete. O peso atrás dela mudou, quando Garrett se sentou no sofá. Gentilmente, ele acariciou suas costas algumas vezes, e ela chorou mais forte ao toque reconfortante. Ele não disse nada. Não precisava. Nada do que dissesse ajudaria. Nada que pudesse dizer seria melhor do que o abraço suave quando ele a puxou em seus braços. Devon se inclinou no seu peito, e deixou suas lágrimas molharem o colarinho da sua camisa polo. Ele descansou uma mão na parte de trás da sua cabeça, enquanto a segurava, permitindo que a dor a atravessasse. De vez em quando, a balançava, enquanto acariciava seu cabelo. Em outras, colocava seu queixo no topo da cabeça dela, e apenas a abraçava.

Quando sentiu que todas suas lágrimas sumiram, Devon se afastou, e Garrett a soltou. Finalmente abrindo os olhos, ela o olhou, e viu a preocupação na sua expressão. Era muito mais profunda do que ela esperava. *Como ele podia sequer olhar para ela?* Ela ficava feia ao chorar, e provavelmente parecia vermelha e manchada com o rosto inchado, e as bochechas cheias de lágrimas.

— Já não tem mais lágrimas? — Ele perguntou, seus polegares limpando o resto de lágrimas debaixo dos seus olhos.

Ao fazer a pergunta, mais lágrimas brotaram em seus olhos, enquanto piscava para ele através da sua visão turva.

— Ei, agora, tudo ficará bem.

Devon negou com a cabeça, e olhou para o outro lado. Ela não conseguia encará-lo. Não suportava que ele a olhasse assim. Ele era o único pedaço de sanidade no qual ela tinha sido capaz de se apoiar recentemente. Hadley estava tão distante. Devon não conseguia alcançá-la. Mesmo que ainda estivesse fisicamente presente, mentalmente ela não estava. Brennan era uma circunstância perigosa a considerar. Ele a olhava muito intensamente, e ela tinha certeza, de que ele não tinha esquecido o beijo deles. Ele mantinha distância, porque sabia sobre Reid. *Mas por quanto tempo?* Garrett tinha sido sua rocha, seu único senso de normalidade.

— Achei que você tivesse dito que estava dormindo melhor — ele falou a acusando.

Devon engoliu em seco, tentando encontrar sua voz. Depois do pesadelo horrível, não tinha certeza se conseguia pensar direito. — Eu também achei — disse, com a voz rouca.

— Você voltou a acordar chorando. Em seguida, chora outra vez. O que mudou? — Perguntou.

— Não sei. — Olhando para o tapete branco, tentou não pensar sobre isso.

— Você se lembra do sonho? Pode me contar a respeito? — Ele perguntou com cautela.

Ela não queria lembrar. Não queria discutir seus sonhos com ninguém. Nem pensar neles. Mas, aqui estava Garrett, a confortando e a ajudando. Parecia que ninguém mais se importava. Embora, não tivesse contado a ninguém, ele estava aqui, e ele era tão amável. Talvez ela pudesse confiar nele. Talvez...

Devon assentiu lentamente com a cabeça. — Eu... eu lembro — disse em voz baixa.

— Você vai me contar a respeito? — Ele repetiu.

O silêncio que perdurou entre eles estava cheio de tensão. Ele esperava que ela respondesse, e ela estava determinava a não responder. O

que eu poderia dizer para fazê-lo entender? Não podia lhe contar tudo. Nem lhe contar o que realmente aconteceu. Como ele reagiria? O que faria?

— Você não tem que me dizer — Garrett falou finalmente, olhando para o mesmo lugar do tapete. — Entendo se é pessoal. Eu só quero ajudá-la. Talvez falar sobre isso, faça os sonhos pararem.

Devon não tinha pensado nisso. Não achava que os sonhos parariam. Eles haviam parado por um bom tempo recentemente, e ainda assim, retornaram como uma vingança.

Garrett suspirou baixinho, como se achasse que tinha perdido. — Se você não quer falar, tudo bem — ele disse, começando a se levantar.

Devon estendeu a mão e tocou seu braço. — Não vá — ela sussurrou.

Seus olhos se encontraram, e então, ela teve certeza, de que tudo o que ele via era uma casca vazia olhando para ele. Ela se sentia patética e sem valor. Ela só precisava que alguém acreditasse nela.

Ele assentiu, e sentou novamente. — Você vai me contar sobre o sonho?

— Eu nunca falei sobre isso antes — ela finalmente respondeu. — Não realmente.

— Bom, sou todo ouvidos. Você não precisa ter medo de falar comigo.

Respirando fundo, Devon começou. Contou a ele o que estava experimentando nos seus sonhos, como a pessoa sempre a perseguia, e como o cenário se alterava, mas era sempre a mesma pessoa. Ela não tinha ideia de como sabia, que era sempre a mesma pessoa, mas sabia. Contou-lhe sobre o medo que a dominava, o fim inevitável, quando era capturada, e mais recentemente, os momentos que era jogada sobre uma cama branca como a neve, em um quarto da mesma cor. Mas, não lhe contou as palavras que a pessoa dizia. Não estava preparada para revelar tanto de si mesma.

Garrett a escutou atentamente durante todo o tempo, como se realmente tentasse absorver o que ela estava vivendo. Quanto mais ela falava, mais ele parecia interessado na sua história. Ele não riu, ou fez pouco do seu sonho, mesmo que, às vezes, enquanto contava a história, não parecia tão assustadora, como tinha sido em seu sono.

Quando a história chegou ao fim, ela terminou com um bufo, e ficou sentada na frente dele, com seus medos expostos no colo dele. Não sabia como ele reagiria, ou o que diria. Ela se sentia exposta, e um pouco ridícula.

— Isso parece assustador, Dev — ele disse finalmente. — Não é de admirar, que você acorde em lágrimas.

Seus olhos estavam cheios de compaixão, e de repente, não se sentia tão boba. A aceitação dele era revigorante. Sentiu-se justificada em seu medo, ao invés de se sentir infantil.

— Por que você acha que continua tendo esses sonhos? Você tem alguma ideia? — Ele perguntou, a levando muito a sério.

Outra encruzilhada. *Quanto ela poderia lhe contar? Não a verdade, nem tudo. Talvez uma parte. Definitivamente, não a principal causa.* Não se sentia preparada. Não sabia se algum dia estaria. Embora precisasse lhe dizer alguma coisa.

— Tenho minhas suspeitas — ela respondeu baixinho.

— Alguma que queira compartilhar comigo?

Devon suspirou profundamente. *É agora ou nunca*, pensou.

— Eu...só posso supor. Eles não são reais. Quero dizer, nunca tive ninguém me perseguindo — ela disse a ele.

— Certo.

— Bem, não vim a Chicago de férias — ela disse o mais rápido que pode.

Ele assentiu. — Quando você decidiu ficar, percebi isso, mas não quis me intrometer.

Devon não contou isso a ninguém, embora soubesse que Hadley e Brennan tenham especulado a respeito das circunstâncias da sua permanência. E tampouco podia dizer a Garrett a razão. Simplesmente não estava preparada.

— Eu meio que fugi da minha vida — ela sussurrou. Ela tinha vergonha de dizer isso em voz alta. Parecia tão idiota, como quando contou seus sonhos.

— O que pode ser tão ruim, que você quis fugir? — Ele perguntou curioso.

Ele não parecia julgá-la, como ela esperava. Só parecia interessado nos seus problemas. *Ela podia confiar nele. Poderia começar a confiar nele.*

— Bem... Eu estava meio cansada da minha vida — disse, pisando em ovos em torno do verdadeiro problema. — Disse ao meu namorado que iria para Paris com a minha família durante o verão, e disse a minha família que ficaria em St. Louis com meu namorado. Então, liguei para Hadley, e entrei no primeiro trem para cá. Eu precisava me afastar. Havia muitas coisas que eu não aguentava mais. Às vezes sinto, que estava sendo melodramática sobre tudo isso, como se não fosse tão ruim quanto parecia.

Antes de falar, Garrett pareceu considerar o que ela dissera. — Então, você acha que está tendo esses sonhos porque fugiu?

— Pode ser. Eu não sei — ela respondeu, não querendo ser muito vaga.

— Não deve ter sido fácil, entrar num trem dessa maneira. Não sei se conseguiria fazer isso — ele afirmou, olhando-a com admiração. — Às vezes, gostaria de poder.

— Você? — Ela perguntou, sem esconder a surpresa. — Por que você deixaria isto?

Ele riu amargamente. — Para alguém tão inteligente, você não é muito perceptiva, não é?

Ela negou com a cabeça. — Nunca fui.

— Tenho meus próprios demônios, dos quais ficaria feliz em fugir. Para começar, meu pai — Garrett disse, descansando suas costas no sofá.

Nesse momento, Devon se perguntou algo que nunca havia perguntado antes. Talvez a vida dele, e a relação perfeita que pensava que tinha com Hadley...não fossem tão perfeitas, como suspeitava. Ele não sabia sobre o uso de drogas da Hadley, isso ela tinha certeza. *Mas quanto disso, causaria uma rachadura no relacionamento deles?*

— Ele é controlador e muito exigente. Não me vê pelo que sou. Ele não se importa com nada que me importa. Ele nem sequer gosta da Hadley — ele disse firmemente.

— Como alguém poderia não gostar da Hadley? — Ela perguntou.

Ele deu de ombros. — Não sei. Ele acha, que ela não é boa o suficiente para mim — ele disse. — O que ele quer dizer, é que ela não é rica.

— Mas, ela tem um trabalho maravilhoso, — Devon interrompeu, sentindo que precisava defender sua amiga.

Garrett negou com a cabeça. — Famílias ricas. Posição. Prestígio. Ela é da pequena cidade do Missouri — ele disse, como se isso fosse explicação suficiente.

Então, Devon entendeu. Ela lidou com preconceitos toda a sua vida. Podia ver o peso nos ombros de Garrett, enquanto lutava pela namorada que queria, e a pressão que colocara em Hadley, porque achava que ela nunca estaria à altura. Recordando a primeira vez que entrou no apartamento, Devon entendeu a declaração de Hadley sobre Garrett ter indo a casa do pai dele. Devon não tinha percebido até agora, quão Hadley parecia ansiosa.

Algumas vezes, os pais de Devon agiam assim, e ela achava isso ridículo. Sua família morava em Nashville por mais tempo que Devon se lembrava. Ser de uma rica família Sulista, era um privilégio que proporcionava a uma pessoa mais luxo, do que status. Devon tinha dado isso como certo em sua vida. Conhecia os prós e contras desse estilo de vida. Podia sentir empatia pelo que ele atravessava.

— Já passei por isso — ela declarou, estendendo a mão para ele, e entrelaçando com as dele. — Meus pais são assim algumas vezes.

— Obrigado — ele respondeu, dando de ombros, como se não quisesse falar mais sobre isso.

Era mais fácil falar sobre ele do que dela. Essa conversa parecia ter criado um vínculo que Devon não esqueceria.

— Desculpe por mudar de assunto. Eu estava tentando te ajudar com seus sonhos. — Garrett disse.

Devon sorriu. — Acho que você ajudou.

— Sério? — Ele perguntou, levantando as sobrancelhas.

— Sim, acho que sim. Foi... bom falar sobre isso e tirar do meu peito — ela confessou.

— Espero que você durma melhor agora. Acho que você tem muitas coisas boas acontecendo, que te impedirão de acordar chorando dos seus sonhos. Talvez ficar longe de tudo, seja exatamente o que você precisava. — Ele girou a mão e apertou a dela suavemente.

— Talvez seja — disse Devon.

Queria poder acreditar tão facilmente como ele havia dito.

Enchendo a Escuridão

A escuridão ainda não havia caído na tarde de verão em Chicago. O clima estava úmido, depois da série de tempestades que marcaram o horizonte na semana passada. Quando Devon visitou o Navy Pier no início da semana, as ondas arrebatavam com tanta força, que se viu obrigada a ir embora. Felizmente, agora a chuva acalmara, enquanto descia a rua com seus nada práticos saltos altos e vestido justo.

Supostamente o clube se localizava ao virar a esquina, mas Devon, não conhecia este bairro. Desejou ter aceito a oferta de Garrett, de ir com ele e Hadley quando saíram um pouco depois, mas as coisas estavam estagnadas com Hadley. Ela não cedia, e sempre que tentava pressioná-la, Hadley se fechava totalmente. Devon esperava que essa noite fosse um bom ponto de partida para reconstruir a relação delas.

Ela checou duas vezes o GPS do seu telefone, para se certificar de que estava indo na direção certa. Pegou a próxima à direita, e então, encontrou o que procurava na metade da rua. Era um tipo de lugar pequeno e decadente. A única indicação de que se tratava de um clube, era a placa apagada que dizia "*Microfone Aberto Esta Noite*".

À medida que entrava no lugar, imediatamente se sentiu muito bem vestida. Ninguém lhe disse o que vestir, e estava bastante acostumada aos clubes de música da sua região. Ela sempre se vestia bem, para ver as apresentações. Algumas vezes, até mesmo pessoas famosas apareciam do nada, para beber e tocar suas músicas favoritas. Devon não achava que este fosse um lugar desse tipo.

Devon pagou o ingresso, e entrou no salão principal. Quando ele entrou, os olhos a seguiram pelo bar, e imediatamente se tornou auto consciente. Não achava que parecia tão bem esta noite, mas os homens aqui, pareciam

dispostos a comê-la viva. Era uma sensação desconfortável, principalmente porque Garrett e Hadley não estariam aqui por um tempo. Ela escaneou a multidão, na esperança de ver alguém conhecido.

O espaço estava instalado em níveis diferenciados, com quatro a oito mesas em cada nível, formando um semicírculo ao redor de um pequeno palco. Um microfone e uma cadeira de madeira surrada eram o ponto focal. Um cortina preta pendurada contra a parede no fundo como única decoração. O espaço era pouco iluminado e nublado pela fumaça.

Devon esticou o pescoço olhando em volta. Sabia que outras pessoas do trabalho estariam aqui. A maioria não gostava dela, porque era a novata, mas seria melhor ficar com elas, do que sozinha. Sem sombra de dúvida, reconheceu alguém, quando sentiu uma mão pegar sua bunda. Chiou surpresa, e se virou mais rápido do que provavelmente conseguiria nos seus saltos.

— Calma aí, querida — disse o homem, olhando-a como se quisesse descobrir quantas lambidas levaria para chegar ao centro de um Tootsie Pop⁵.

Devon olhou para o cara, e ele sorriu.

— Você está procurando um lugar para sentar? Tenho um lugar bem aqui — ele disse, dando um tapinha no seu colo. Seus amigos gargalharam, enquanto o cara continuava percorrendo-a com o olhar.

— Não, obrigada — ela respondeu, e se virou.

O cara estendeu a mão pegando seu braço, e Devon congelou. — Onde você pensa que vai, baby?

Isto não era bom. Devon sabia o que aconteceria a seguir. Este cara já estava totalmente bêbado, embora fosse início da noite. O salão estava escuro, e ninguém interviria. Parecia como um de seus sonhos.

Acorde! Acorde! Acorde! Ela gritou na sua cabeça. Mas ela não estava acordando, e geralmente a essa altura, estaria naquele quarto maldito, com aquela cama branca idiota, e com o rosto plantado naquele estúpido edredom macio.

⁵ Tootsie Pops são pirulitos de balas cheias de Tootsie Roll com sabor de chocolate.

O cara estava segurando seu braço. Por mais sinistro ele parecesse, isto não era como em seu sonho. Era a realidade, e tinha que enfrenta-la

Devon tentou inspirar e expirar para evitar a hiperventilação, enquanto se virava para o cara. — Solte-me — ela disse mais suave do que gostaria.

— Ah, qual é — ele disse, puxando-a para mais perto dele.

— Há algum problema? — Questionou Brennan, materializando-se do nada.

Devon soltou a respiração, enquanto o cara afrouxou o domínio no seu braço.

— Não te diz respeito — o cara respondeu.

— Importa-se de soltar minha amiga, para que possamos chegar aos nossos lugares? — Brennan perguntou, elevando as sobrancelhas.

O cara soltou descuidadamente o braço dela, e Devon imediatamente deu um passo para longe dele. Ela massageou o braço, onde ele a segurou. Sua mente dando voltas.

Então, aquela voz horrível do seu sonho, falou na sua mente: *Você achou que estava a salvo, mas nunca estará a salvo.*

— Vamos, Devon. — Brennan a conduziu na frente dele, sem mover os olhos do cara.

Percebeu que Brennan não confiava que o cara não tentaria bater nele, ou coisa pior.

Devon já tinha sido abordada por esses tipos de caras, e todos eram iguais. Tentou deixar o incidente de lado, mas continuou assustada. *Ela era um alvo fácil para esses idiotas? As pessoas achavam engraçado mexer com ela?* Ela deveria estar parecendo tão mal quanto se sentia, porque Brennan a tirou dali rapidamente.

— Ei, você está bem? — Ele perguntou.

Ela se perguntou quantas vezes ele fizera essa mesma pergunta, e quantas vezes ela negara que alguma coisa estava errada. Era pelo menos uma dúzia de vezes por semana, desde que começaram a trabalhar juntos.

Desta vez, ela não tinha que fingir. Ela não estava bem. O cara que a agarrou, era duas ou três vezes maior que ela. Facilmente poderia tê-la dominado, e ele sabia disso. Ela viu o brilho em seus olhos, dizendo que ele

tinha todo o poder. Ele se divertiu com sua impotência, e isso era o mais assustador de tudo.

— Não — ela confessou finalmente, sacudindo a cabeça. — Eu particularmente, não gosto de ser maltratada.

— Não acho que muita gente goste — ele comentou.

Quando um grupo passou por eles, Brennan colocou a mão na parte inferior de suas costas, movendo-a para o lado. Seu corpo se aqueceu ao toque, e ela tentou afastar sua crescente atração por ele. Passava muito tempo com ele no trabalho, e não precisava disso agora.

— Obrigada por me tirar de lá — ela disse baixinho.

— Obrigado por responder à minha pergunta — ele respondeu com um sorriso diferente de tudo que ela já tinha visto dele.

Suas bochechas esquentaram, e ela desviou o olhar.

— E por vir ao meu show.

Ela limpou a garganta. — Você tem me falado sobre isso há semanas. Como eu poderia perder?

— Você é sorrateira. Achei que encontraria um jeito.

— Não sou sorrateira — ela disse defensivamente.

— Você provou que estou errado — ele disse, empurrando-a para frente.

— Amy e Hannah já chegaram. Não conseguimos tirar mais ninguém do trabalho.

— Tudo bem.

— Você sabe se Hadley e Garrett virão? — Ele perguntou, olhando para ela apreensivamente.

— Acho que sim. Garrett me falou que eles planejavam — ela disse, pensando se tinha falado demais.

— Ainda não está falando com Hadley? — Ele questionou intuitivamente.

Sim, ela falou demais.

— Olha só, estou vendo Amy — indicou Devon, saindo debaixo do seu braço.

— Falando em você responder as perguntas — Brennan murmurou, enquanto a seguia.

Amy e Hannah pareciam discutir profundamente sobre algo, quando Brennan e Devon se aproximaram, mas as mulheres lhes deram as boas-vindas na mesa. Devon se sentou ao lado de Amy, e Brennan junto a ela. Ela não sabia quando Hadley e Garrett chegariam, por isso ficou sozinha na companhia de Brennan.

Quando percebeu que Amy e Hannah continuariam a ignorá-la, se virou para Brennan. — Então, o que você cantará esta noite?

— Optei pelas originais.

— Você escreve suas próprias letras? — Ela perguntou surpresa.

Ele não mencionou essa parte. Isso a fez querer pegar seu caderno. Com o quão ocupada estava, ultimamente não tinha tido a chance de abri-lo. Doía seu coração ao pensar na última vez que escreveu alguma coisa. As músicas sempre vieram naturalmente para ela. Era provavelmente devido à profissão de seus pais, mesmo que, não gostasse de admitir isso. Ainda carregava o caderno com ela por toda parte, mas a escrita caiu no esquecimento, desde que assumira o emprego no Jenn.

Brennan deu de ombros, como se não fosse uma grande coisa. — Algumas. Não são muito boas, mas estive inspirando ultimamente.

— Isso é bom — ela disse, descobrindo que realmente queria contribuir nesta conversa. — Gosto quando me sinto assim... na maioria das vezes.

— Eu também — ele afirmou, olhando-a diretamente nos olhos.

— Às vezes, é como arrancar o meu coração, e escrever com o sangue. — Ela apertou a mão no peito.

— Às vezes é assim — ele concordou. — E outras vezes, é como se o sol só brilhasse para você, cada inalação de oxigênio tivesse sido projetada para você respirar, e a vida tivesse um novo propósito.

Devon engoliu em seco, e assentiu. — Sim — sussurrou. — Às vezes, também é assim.

— Mas eu gosto muito quando alguém sente a música.

Uma pausa se seguiu na conversa. Devon não sabia exatamente o que dizer. Quando o celular vibrou na sua bolsa, isso a impediu de falar qualquer coisa. Ela o pegou, e ficou olhando a mensagem. Reid. Ele só enviara uma

mensagem para ela uma vez, desde que supostamente partira para Paris. Seu coração acelerou. *E se ela fosse pega? Como responderia?*

Respirando fundo, ela abriu a mensagem.

Eu sei que você não vai receber esta mensagem por mais um mês, mas sinto sua falta aqui. Eu gostaria de poder entrar em contato com você, porque tenho tempo livre. Paris por uma semana parece um sonho. Paris com você soa ainda melhor. Ligue para mim, assim que desembarcar, então saberei que você está bem.

Quando Devon terminou de ler a mensagem, suas mãos continuaram tremendo, mesmo sabendo que não tinha sido pega. Ela fechou os olhos, e em seguida os abriu lentamente. Numa fração de segundo, excluiu a mensagem do celular. Não sabia o que estava acontecendo com ela, mas não podia ter as palavras dele a encarando, fazendo-a se sentir culpada, por mais um segundo.

Desde que ela partiu, recebeu três ou quatro e-mails dele por semana. Não respondeu nenhum. Provavelmente ele estava começando a se perguntar, por que ela sequer respondia s e-mails, mas ela não se importava. *O que ela poderia dizer?*

— Alguma coisa importante? — Perguntou Brennan, inclinando-se para o lado dela.

Ela bloqueou seu telefone rapidamente, e o olhou. Ela não havia se dado conta de quão perto ele estava até aquele momento. Devon umedeceu os lábios, enquanto olhava para as profundezas dos seus olhos. Suas pupilas estavam ainda mais dilatadas essa noite. Não sabia se era pela luz fraca no salão, ou se ele fumara maconha antes de chegar. Ele não cheirava como se tivesse. Na verdade, cheirava muito bem. *Como ela nunca notou isso?*

Ele lançou um sorriso preguiçoso para ela, como se pudesse ler seus pensamentos. Talvez pudesse. Ele olhou para ela, explorando seu rosto de maneira que a fazia sentir ainda mais culpada, por apagar a mensagem de Reid.

Quanto mais próxima ficava de Brennan, mais reparava nele, e isso era um terreno perigoso. *Ele sempre foi tão bonito? Será que não tinha percebido antes, porque estava cega pelo Reid, e todos os problemas que estava lidando? Ou era mais do que só a sua aparência?* Afinal, ele não mudou sua aparência.

Era simplesmente ele. Era algo sobre ele que só ela recebia. Algo que só uma pessoa era capaz de experimentar. Agora que o olhava, não conseguia entender como não reparou.

Se ela pensou que vindo a esse show, diminuiria seu desejo crescente pelo homem sentado na sua frente, estava enganada. Redondamente enganada.

— Não, nada importante — respondeu, finalmente afastando os olhos dele.

Devon foi salva de mais conversa, quando as luzes começaram a piscar, para chamar a atenção. Uma mulher de vestido preto entrou no palco com mais confiança, do que Devon conseguiria demonstrar, e pegou o microfone com um sorriso. Anunciou o início da noite de microfone aberto do clube, resultando numa rodada animada de aplausos. Enquanto ela falava, desfilava de um lado para o outro no pequeno palco, como se fosse a dona. Alguns homens soltavam assobios. Devon esperava que não continuasse, e que era somente porque a mulher claramente era um tipo de MC.

De repente, as luzes se apagaram, deixando o bar em completa escuridão. Devon olhou em volta confusa, mesmo que não conseguisse ver nada. Não gostava muito da escuridão, não depois de todos os seus pesadelos. Hesitantemente começou a se levantar, mas então, a mão de Brennan encontrou a dela no escuro, acalmando-a. Devon podia sentir Brennan a olhando, apesar de não conseguir vê-lo, mas isso pareceu tranquilizá-la, em vez de deixá-la nervosa.

Inclinando-se em sua direção, ele sussurrou — É só esperar.

Um holofote atingiu o centro do palco um minuto depois, e os primeiros acordes de uma música tocaram nos alto-falantes. Então, a mulher começou a cantar, e os aplausos seguiram. Brennan soltou sua mão, e Devon tentou não ficar nervosa.

Quando a mulher alcançou a última nota alta, terminando lindamente, a plateia enlouqueceu. Então, outra pessoa tomou o seu lugar no palco, e começou a cantar. Devon se perguntava quantos artistas se apresentariam esta noite, e onde Brennan estava na programação. Se isto fosse continuar por um tempo indefinido, precisaria de uma bebida.

— Quando disse que Hadley e Garrett chegariam? — Ele perguntou, olhando o relógio, depois do último cantor.

— Eles não disseram.

Estava ficando tarde. Eles já deveriam ter chegado.

— Tenho que ir para os bastidores. Esperava vê-los antes de sair, mas acho que não posso fazer nada. Diga-lhes que mandei um oi, e os verei depois da apresentação — Brennan disse, se levantando da cadeira.

Devon brincou com seu celular, e pensou em mandar mensagem uma para descobrir onde eles estavam. Hadley era uma pessoa compulsivamente impontual, mas Garrett não era, então, eles normalmente se equilibravam. Uma nova pessoa ansiosa subiu ao palco, e começou a tocar desajeitadamente a guitarra. Devon sabia que este seria um pesadelo.

Inclinou-se para a Amy e Hannah. — Geralmente quantas destas pessoas são péssimas?

Ambas a olharam como se estivesse sendo grosseira.

— Pelo menos todos eles têm coragem de subir lá — Amy comentou, dando de ombros, sem olhar nos seus olhos.

— Sim, não é fácil subir num palco como esse — concordou Hannah, cruzando os braços.

Lembre-me de nunca mais tentar conversar com vocês novamente, Devon pensou.

— Vou pegar uma bebida — Devon disse a ninguém em particular.

De qualquer maneira, não a escutavam.

Cuidando para evitar mesa que assediara há pouco, caminhou até o bar, e viu que havia uma longa fila. Devon suspirou, debatendo se valia a pena. Decidiu esperar, já que não tinha nada melhor para fazer.

Passou o tempo explorando o espaço mais atentamente. Antes, estava só procurando seus amigos, mas agora, podia simplesmente observar às pessoas. Um grupo de garotas no canto se vestiam com nada menos do que roupas de prostituta. Ela se perguntou, se eram mesmo prostitutas ou só se vestiam dessa maneira para chamar a atenção. Se fosse esse o caso, estava funcionando. Um casal estava pressionado contra uma parede no canto. A perna da mulher estava presa em torno da cintura do cara, e isso era

praticamente tudo que Devon conseguia ver dela. O casal sairia em breve, a não ser que preferissem a comodidade dos reservados do banheiro. Não eram poucos os grupos de caras que tinham a mesma aparência do babaca que a assediou antes. Este lugar parecia ser um antro deles. Teria que ser mais cuidadosa para evitar suas mãos bobas ao retornar à mesa.

Ela desviou o olhar de um grupo enorme de caras, que não faziam nada menos do que brincadeiras sem graça com uma das garotas que pareciam prostitutas. A menina deveria ser muito teimosa, porque parecia pronta para enfrentá-los, ou talvez ela estivesse os usando de outras formas. Não queria pensar nisso.

Justo quando terminou sua avaliação, seus olhos pousaram num casal perto da entrada do banheiro. Pareciam estar no meio de uma conversa acalorada. Devon deu um passo à frente na fila, e estreitou os olhos. Estava escuro, mas conseguia distinguir a forma daqueles ombros, o estilo do cabelo do cara, a cintura estreita da garota, e o brilho do cabelo loiro na luz. Eram Hadley e Garrett.

Há quanto tempo eles estão aqui? Devon se perguntou.

Devon observou a linguagem corporal deles, porque estava muito longe para ouvir o que diziam. Hadley parecia fora de si. Suas mãos voavam, e sua boca se movia sem parar. Pelo jeito, ela parecia realmente estar gritando com Garrett, mas isso não fazia sentido. Garrett estava bem longe de Hadley, para parecer dominador. Parecia escutar atentamente, mas sua postura mostrava incômodo. Era algo estranho nele. Devon passara horas e horas com ele, agindo completamente tolo, mas também totalmente sério, e nunca o vira parecer desconfortável.

Ela viu quando Hadley o empurrou para longe, antes de lhe dar as costas. Garrett a pegou pelo pulso. Puxou-a contra ele, esmagando-a contra o seu peito e, em seguida, fechou seus lábios na boca dela. Hadley lutou contra ele, golpeando seus braços e ombros, antes de ceder, e cair neles. Quando Garrett finalmente a soltou, Hadley deu um tapa no seu rosto, e invadiu o banheiro.

A garota atrás da Devon a empurrou para frente na fila. Era sua vez, mas Devon ficou parada ali, em estado de choque.

14

Prosseguir

Que porra acabara de acontecer?

Sério. Que diabos aconteceu?

Devon pediu sua bebida, para que a mulher atrás dela parasse de incomodá-la. Finalmente, com sua bebida na mão, Devon voltou para o lugar onde Hadley e Garrett estavam. Nenhum deles estava ali, ela procurou pela área para ver se os encontrava. Eles não estavam à vista. Devem ter seguido em frente.

Ela não conseguia entender o que tinha acontecido. Garrett e Hadley viviam num mundo perfeito, que não existia em outros relacionamentos. Devon se surpreendeu que Hadley ainda não tivesse um anel em seu dedo.

Devon sabia que era ridículo pensar nisso. Era fácil ver a perfeição do lado de fora, mas ela vivia com eles. Sabia como eram seus horários, e o pouco tempo que realmente passavam juntos. Sabia que o pai de Garrett não gostava de Hadley, e que ele não sabia do pequeno problema com a cocaína de Hadley.

Devon parou abruptamente. *Garrett havia descoberto o problema com drogas de Hadley?* Ela repassou a cena em sua mente, recordando o que tinha visto. *Não. Não fazia sentido.* Ele não a teria beijado daquela maneira. *Teria?* Talvez ele tivesse pedido a ela, que escolhesse entre as drogas e ele. Talvez o beijo fosse um ato de desespero de sua parte para convencê-la, para mantê-la. *Céus!* Ela não fazia ideia, e realmente queria saber.

Ela retornou ao seu lugar, para esperar pela apresentação de Brennan, e pelo estresse entre Hadley e Garrett. Amy e Hannah continuaram a agir como se sua presença na mesa não fosse importante, e no momento, Devon estava feliz com o descaso. Tinha coisas mais importantes na sua cabeça.

Vir a Chicago para fugir da sua vida em St. Louis, não estava funcionando exatamente como ela planejava. Não que alguma coisa tenha acontecido. Ou que ela realmente tivesse planejado para começar.

Hadley deveria ajudá-la a se manter no chão. Garrett não deveria ter tomado o lugar dela. Devon não queria se sentir mais confortável com ele do que com Hadley. Brennan não devia ser tão atraente. Tinha muito a resolver na sua vida, para ter que lidar com o pensamento intrometido dos lábios de Brennan contra os seus novamente. Ela não podia fazer isso,... não com todo o resto.

— Acho que ele é o próximo — Amy gritou.

Devon olhou para elas, e se deu conta de algo que não tinha notado antes. Elas gostavam de Brennan. Não tinha prestado atenção no trabalho, mas era bastante óbvio, agora que estava procurando por isso. Possivelmente escutaram sobre como ela conseguiu o trabalho no Jenn, e essa era a razão pela qual não gostavam dela. Deviam pensar que era concorrência. Isso explicaria muita coisa.

Bem, se era isso que elas achavam, estavam erradas. Depois que Devon recusou Brennan, não podia imaginá-lo tentando novamente. Ela deixara claro que estava fora dos limites. Mesmo que quisesse cruzar essas linhas, não tinha certeza se ele agiria novamente.

Arg.! Ela não queria nem pensar nisso. Só fazia sua cabeça doer.

Devon colocou a mão na testa, e tentou massagear a dor crescente na sua cabeça.

— Você está se sentindo bem, Dev?

Quando a cabeça de Devon levantou de surpresa, encontrou Garrett de pé ao lado dela. — Garrett! Você chegou!

— Sim, desculpe por chegar tão tarde — ele disse.

Ela olhou em volta, imaginando onde Hadley estava. *Ainda estava no banheiro? Devon era uma amiga péssima, por não segui-la?* Devon não sentia que deveria intervir. Garret e Hadley não sabiam que os viu discutindo, e provavelmente não queriam que ela soubesse. Ainda assim, talvez pudesse dar uma olhada em Hadley.

— Onde está Hadley? — Devon perguntou, sabendo a resposta.

Se ela não estava com ele, então a deixara no banheiro.

Acho que será uma noite cheia de culpa, Devon pensou.

Garrett pegou o lugar que Brennan deixara desocupado. — Bem, ela realmente queria vir, mas está doente esta noite. Nem sequer consegui tirá-la de casa. Você está bem? Espero que não tenha a mesma coisa que ela.

Devon olhou para ele confusa. Ele estava mentindo. Ele estava olhando bem na sua cara, e mentindo. E, era muito bom nisso. Ela jamais perceberia. Sabia que ele estava mentindo, e nem sequer poderia dizer que estava. Realmente, a fez duvidar do que tinha visto antes, com seus próprios olhos.

— O que... o que há de errado com ela? — Devon perguntou, incrédula.

— Dor de cabeça, dor no corpo, esgotamento. Ela tem estado muito mal-humorada a semana toda, então, pode ser apenas TPM — ele disse, encolhendo os ombros.

TPM? Ele ia mesmo usar isso. Hadley tinha acabado de dar um tapa no seu rosto, e ele colocaria a culpa de seu comportamento na TPM. *Sim, claro!*

É mais provável que seja a quantidade de cocaína que ela está usando, Devon pensou.

— Que droga — Devon disse finalmente.

— Sim, ela realmente queria vir — ele repetiu.

— Estou surpresa que você veio, se ela não está se sentindo bem — Devon comentou, de modo acusador. *Por que ele não foi atrás dela? Por que a deixou ir? Não era isso o que deveria acontecer?* Ela se sentiu enganada a respeito do relacionamento deles. Queria muitíssimo que fosse tão perfeito quanto parecia do lado de fora.

— Ela me disse para vir. Apesar de tudo, eu não podia fazer nada por ela — Garret respondeu. Ele se recostou na cadeira, e cruzou as pernas.

— É claro — Devon disse, tentando conter o sarcasmo na sua voz. — Espero que ela melhore logo.

— Acontece uma vez por mês. Tenho certeza que ela vai melhorar — Garrett falou, sobre os aplausos do último intérprete.

Devon revirou os olhos, e olhou para o palco. Garrett não daria nenhuma pista sobre o que tinha acontecido entre eles. Teria que perguntar a ele depois, ou talvez a Hadley. Que era a única a estar chateada, então,

poderia ser mais provável que ela falasse. Por toda a confiança que Devon e Garrett estavam entregando um ao outro, não tinha certeza, que ele lhe diria, mas talvez, perguntasse a ele sobre isso mais tarde.

Seus olhos focaram em Brennan, à medida que ele entrava no palco carregando um violão. Seu corpo ficou tenso, enquanto o olhava. Podia ouvir murmúrios vindo das mulheres na plateia, enquanto ele conectava seu violão, ajustava o microfone, e sentava na cadeira. Todos se deram conta de algo que ela acabara de notar minutos atrás. Ele parecia bem ali em cima. Ele tinha tirado a camisa azul com a qual chegou, e agora estava usando apenas uma camiseta verde justa com jeans escuros.

Se não o conhecesse bem, acharia que ele estava totalmente à vontade ali em cima. Mas suas mãos tremiam, enquanto dedilhava um acorde, e viu seus lábios se moverem, enquanto murmurava para si mesmo. Ele tinha uma aparência calma e preguiçosa, que o ajudou a parecer mais relaxado do que estava. Quem dera ela pudesse fazer algo para acalmar seu nervosismo.

Depois que Brennan terminou os ajustes, inclinou-se para o microfone. — Boa noite. Eu sou Brennan Walker. Alguns de vocês já me viram por aqui. Tenho certeza que alguns de vocês me vaiaram quando saí do palco, na primeira vez que tentei isso. Obrigado por retornar, e me dar outra chance.

A plateia riu. Que foi um bom sinal. Devon se pegou torcendo por ele.

— Para aqueles que são novos à rotina do microfone aberto, escolheram uma ótima noite para estar aqui. Tocarei uma seleção de temas originais, espero que gostem. O primeiro título, "Teimoso".

Devon não tinha ideia do que esperava, mas o que quer que fosse, nunca se compararia a isso. Ela conhecia música. Crescera ao redor da música, saiu com músicos, e ouviu todos os gêneros musicais imagináveis. Seu coração ansiava por música. E era exatamente isso que estava recebendo esta noite.

A voz de Brennan não era a melhor por aí. Ele não era um mestre no violão. Não tinha a presença de palco dos artistas, que encontrava na sua casa. Mas ele tinha uma certa qualidade, que o fazia parecer superior a tudo isso. Era como quando ela tentava afastar seus sentimentos por ele, e tudo o que descobriu era que não podia. Assim era sua música. Era mais uma

emoção do que qualquer outra coisa, como a maneira que ela se sentia quando tinha borboletas no estômago, ou quando andava de montanha russa, ou quando vislumbrava o horizonte do outro lado do oceano. Era tudo e nenhuma dessas razões.

E talvez, ela fosse a única no salão sentindo isso. *Mas não era isso a princípio, que fazia a arte tão bonita?* Ela poderia estar em um lugar, e experimentar a mesma coisa que uma centenas de pessoas, e todos sairiam disso com algo diferente. Ela se sentia como se estivesse subindo, e o mundo voando sob seus pés. A voz suave de Brennan era música para seus ouvidos, e a música a levou para casa.

Quando a música terminou, Devon percebeu que seus olhos estavam fechados, e lentamente os abriu. À medida que sua visão se ajustava a tênue iluminação, se concentrou em Brennan.

O que você está fazendo comigo? Ela se perguntou.

O público aplaudiu, e Devon os seguiu, aplaudindo com força.

— Ele é bom, não é? — Garrett se inclinou para ela poder ouvi-lo.

— Sim! Uau! — Ela respondeu, mostrando o maior sorriso em seu rosto desde que chegara a Chicago.

— Você deveria ter vindo na sua última apresentação. O público o ovacionou de pé ao terminar. Eu não sei o que acontece com esse cara, mas todo mundo fica louco por sua música. Hadley até chorou no final do seu último show, e ele só tocou por quinze minutos — Garrett disse a ela.

— Ele é bom. Eu bem sei — ela disse com um sorriso. — Eu conheço música.

— Você deveria apresentá-lo para as pessoas que você conhece — Garrett sugeriu.

Devon franziu o nariz. — Não conheço ninguém, exceto meus pais.

— Tenho certeza que você consegue lembrar de alguém. — Garrett a cutucou. — A música dele a fez sorrir mais do que nunca, desde que você chegou aqui. Qualquer coisa que possa colocar esse lindo sorriso no seu rosto, deveria estar tocando nas rádios.

Devon corou com suas palavras. — Obrigada — ela disse, retornando seu olhar para Brennan.

Provavelmente ela conhecia alguém. A maioria de seus contatos eram com a música country, e ele obviamente não cantava esse gênero. Em todo o caso, poderia provavelmente conseguir uma entrevista... se era isso que ele queria. Seria algo que valia a pena pensar... talvez.

Antes que pudesse pensar mais sobre isso, ele começou a próxima música. As duas seguintes eram conhecidas de Garret por suas apresentações anteriores. Ele lhe disse, que Brennan geralmente adicionava algumas originais aqui e ali, entre os covers que fazia. Garret nunca tinha ido a um show onde Brennan cantasse todas suas originais. Devon não podia imaginar o show de outra maneira. As músicas de outra pessoa não fariam sentido.

Quando o pequeno set de Brennan chegou ao fim, Devon descobriu que não queria que terminasse. *Como acabou tão rápido?* Parecia que tinha acabado de começar.

— Quero agradecer novamente por terem vindo. Esta é minha última canção da noite, e é meio pessoal para mim. É sobre perda, dor, e silêncio, sobre como a esperança floresce nas menores embalagens, e nas circunstâncias menos prováveis. Chama "Moving Forward" — ele diz no microfone, seus olhos parecem encontrá-la na multidão.

Ao tocar os primeiros acordes, seus olhos nunca desviam dela. Ela nem sequer estava perto do palco, mas ele parecia saber exatamente onde ela estava. Amy e Hannah suspiraram profundamente ao seu lado.

Assim que a letra começou a fluir da sua boca, Devon poderia dizer, que a música era diferente das demais... mais pessoal. Ela não achava ser possível, mas essa música era mais adequada para ele, do que as outras. Ele não poderia ter descrito a letra melhor, do que na sua introdução.

Ela sentiu que seu coração estava partido, enquanto cantava sobre uma perda, que ela podia entender. Ela sentiu a sensação de uma facada em seu corpo, enquanto experimentava sua dor. As palavras a fizeram sentir como se não estivesse sozinha com o temido silêncio do qual ela sofria. E finalmente, ela podia sentir seu coração sendo costurado. A agulha não era suave, e o fio curaria as feridas no devido tempo, mas existia esperança de que as cicatrizes fechariam.

Quando a música chegou ao fim, Devon sentiu lágrimas em seus olhos. A música era muito dolorosa. Na verdade, lhe causou desconforto físico ao escutá-la, mas isso a tornou ainda melhor. Pessoas que alguma vez decidiram guardar silêncio, precisavam da esperança da canção de Brennan. Talvez ajudasse a consertar seus corações também.

Brennan se levantou, enquanto a casa veio abaixo com aplausos. As pessoas estavam de pé. Algumas limpavam as lágrimas devido à música emocionante. Mas Brennan nunca rompeu o contato visual com Devon, e seus olhos nunca se afastaram dos dele, até que ele saiu do palco, para dar lugar ao próximo intérprete. Aquela pobre alma.

— Não sei como ele faz isso — Garrett disse, cutucando Devon suavemente. — Olha, até você está chorando. Achei que tínhamos conversado sobre isso. Chega de choro para você.

Devon riu entre as lágrimas, e suspirou. — Certo. Certo. Chega de chorar — ela disse, enxugando os olhos.

— Se eu tivesse uma voz como essa, e soubesse tocar o violão, poderia pegar tantas garotas — comentou, com uma expressão falsa e idiota no seu rosto, tirando sarro de todos os caras que realmente falavam assim.

— Tenho certeza que ele faz isso — Devon respondeu, rindo baixinho da sua piada.

Se os avanços de Brennan em direção a ela fossem alguma indicação, ele certamente conseguia o que queria e de quem queria.

— Quem? Brennan? — Garrett perguntou incrédulo. — De jeito nenhum. Esse cara é um santo. As garotas são ímãs para os músicos, e ele consegue afastá-las como um domador de leões.

— De maneira alguma ele é um santo — Devon disse, revirando os olhos. — Não posso acreditar. Metade das garotas no trabalho gosta dele.

— Bem, então pergunte a ele — Garret falou encolhendo os ombros. — Conheço muitos caras com complexo de músico. Ele não é um deles.

— Então, você conhece caras com complexo de músico? — Devon perguntou, revirando os olhos para o teto outra vez. *Nunca se comparariam com os que ela tinha visto.*

— O que eu quero dizer, é que Brennan poderia transar com qualquer garota daqui esta noite, e ele não levará nenhuma para casa. Pelo menos, nunca o vi fazer isso.

Mas ele me levou para sua casa, ela pensou. Ela não ficaria por perto para descobrir se isso aconteceria com outra pessoa.

Agora, ela podia ver Brennan nos bastidores, colocando sua camisa outra vez. Logo, ele retornaria à mesa deles. Ela não podia enfrentá-lo. Aquela música atingiu o alvo. A letra era tão pessoal e tão tocante, que parecia como se ele estivesse falado diretamente com ela. Era como se ela tivesse aberto seu caderno cheio de músicas, e o deixasse ler as páginas com seu coração exposto nas palavras. Ela era a única seguindo em frente, empurrando contra a dor para se encontrar mais uma vez. E foi então que ela sentiu que a última música era sobre ela, como se tivessem sido escrita para ela. Ela não podia provar isso, e nem queria. Não podia ficar mais envolvida com ele do que já estava, mesmo que Garrett dissesse que ele não avançaria... mais um passo.

Ela estaria interessada em perseguir seu pequeno pingô de esperança, mas não nestas circunstâncias. Não seria justo com ele, Reid, ou ela.

Ela precisava ir embora, antes que fizesse algo estúpido.

— Garrett, na verdade não me sinto muito bem. — Devon colocou a mão na testa novamente. — Eu queria ver o show de Brennan, mas acho que é melhor irmos. Eu o verei no trabalho esta semana, e falarei com ele lá.

— Tem certeza? — Garrett perguntou, claramente confuso.

— Sim, quero ir para casa — Devon disse, sentindo que não era o nome apropriado para o apartamento onde estava vivendo.

Ela tinha encontrado sua casa na música de Brennan.

15

Tudo volta

— Porra — Devon clamou, tamborilando impacientemente sua caneta de um lado para outro em sua perna no trem.

Uma senhora sentada perto de Devon olhou para ela. Devon não tinha paciência para isso agora. Ela estava atrasada para o trabalho. Era a primeira vez que se atrasava. E o pior era que sabia que Jenn estaria lá hoje.

Ela não queria se atrasar. Ninguém nunca quer chegar atrasado. Mas conseguiu dormir enquanto o alarme tocava.

O pesadelo de ontem à noite foi o pior que já teve. Acordou duas vezes no meio da noite com o mesmo pesadelo que já tinha tido uma dúzia de vezes, aquele em que estava sendo perseguida pelo campus. Ela até estremeceu ao pensar nele. Então de manhã voltou a dormir, e o pesadelo a manteve refém quando o alarme soava. Cada vez que acordava encharcada de suor ou chorando, recordando a sensação das mãos do homem em cima dela deitada de bruços na cama. Suas mãos tremiam só de pensar.

Ela não teve tempo de tomar banho ou encobrir as olheiras, e sem dúvida estava uma lástima. Isso seria outra coisa que Jenn adoraria ressaltar por chegar tarde. Jenn não tinha precisamente um código para aparência em seu restaurante, mas sua ideia de parecer bem, sem dúvida envolvia um banho e maquiagem. Devon tinha feito o que podia com a confusão do seu cabelo emaranhado, graças ao trio de pesadelos. Embora normalmente preferisse domar suas ondas com sua chapinha, só teve tempo suficiente de molhar os dedos na torneira e passa-los pelo seu cabelo.

De qualquer maneira, não é como se Devon tivesse que impressionar alguém. Jenn esqueceria, e Brennan não estaria lá. Todos os dias desde seu show ele se ausentou do trabalho por doença. Jenn não comentou qual era o problema, mas devia ser grave. Ele nunca tinha faltado ao trabalho, pelo que Devon sabia.

Ela amaldiçoou pela segunda vez, e devolveu o olhar abertamente para a senhora, até que esta rompeu o contato visual. Devon não era uma mulher para se brincar neste momento. Desde que Brennan se ausentou do trabalho, não tinha falado com ele em quatro, quase cinco dias. Certamente ele a achava uma péssima pessoa péssima, por ter saído do seu show sem dizer nada. Quando ela soube que ele estava doente, mandou-lhe uma mensagem, mas não recebeu resposta. Só podia supor que, ele estava chateado, ou muito doente. Nenhuma das opções eram boas.

Quando o trem parou, Devon abriu caminho para as portas antes que se abrissem completamente. Ela afastou o cabelo do rosto, quando o calor da rua a atingiu. Queria correr direto para o Jenn, mas sabia que, se corresse, estaria suando quando chegasse lá. Isso não a ajudaria em nada.

Incapaz de evitar, desceu correndo o lance de escada para chegar ao nível da rua. Quando o telefone começou a tocar alto em sua bolsa, xingou novamente. Agora não era o momento.

Pegou o telefone da bolsa, olhou a tela, e suspirou. Não era o melhor momento, mas esteve evitando sua mãe por muito tempo.

— Oi, mamãe — Devon saudou, apoiando o telefone contra o ombro, enquanto empurrava a catraca.

— Olá, querida! Como você está? Eu senti tanto a sua falta neste verão — ela disse, efusiva como sempre.

— Estou bem. Como vão você e papai? E Dani? — Devon questionou, fazendo as perguntas necessárias.

— Estamos todos ótimos, Dixie.

Devon revirou os olhos. Nunca superaria a vergonha desse apelido.

— Seu pai começou uma nova música, que trará lágrimas aos seus lindos olhos azuis.

O pensamento de Devon desviou para outra canção que a fez chorar a semana passada. Ela afastou esse pensamento. Este seria um bom momento para pedir aos seus pais que ajudassem Brennan. Abriu a boca para dizer algo, mas logo a fechou outra vez. Como explicaria Brennan, quando sua mãe nem sequer sabia que ela estava em Chicago? Devon se encolheu.

— Acredito que será um sucesso. Dani quase se emocionou — sua mãe disse.

— Outra triste? — Devon desceu correndo as escadas, mal ouvindo sua mãe. Não queria pensar em como explicaria sobre Brennan para seus pais, mas agora, tudo o que pensava era em como fazer isso.

— Não! É tão alegre, que você vai chorar de felicidade — a mãe dela disse eufórica. — É realmente muito bonita.

— Que bom, mamãe — Devon comentou secamente.

— Mal podemos esperar para ver quem a gravadora escolherá para ela.

— Mamãe, estou um pouco ocupada. Podemos conversar mais tarde? — Devon perguntou, andando pelo trajeto familiar até o Jenn.

— Sim, serei rápida, e te direi porque liguei! Então, comprei nossas passagens de avião para Nova Iorque. Comprei uma para você... — ela começou.

— Mãe! — Devon reclamou, arrastando a palavra tanto quanto pôde. — Eu não vou.

— Vamos, Dixie, seja razoável. É reembolsável caso você não possa ir, mas, na verdade, você deveria conseguir. É um voo sem escalas de St. Louis para o aeroporto de LaGuardia. Inclusive comprei na primeira classe — a mãe dela murmurou, como se isso compensasse.

— Mãe!

— Será muito divertido! Seu pai e eu fomos indicados para um prêmio, querida!

— Mamãe — Devon tentou novamente.

— Será tão legal ter toda a família reunida outra vez — disse sua mãe.

— Eu não vou, mamãe. Estou muito ocupada.

— Mandarei para você por e-mail a informação do voo. Dustin acha que ele e Kelly também não irão, mas já enviei o itinerário deles. Tenho certeza que vão mudar de ideia — ela disse, alheia à minha frustração. — Você precisa que eu compre uma passagem para o Reid também?

— Não — Devon disse categoricamente.

— Você tem certeza? Ficarei feliz em comprar a passagem dele também. — ela disse cantarolando.

— Eu não vou, assim, se você comprar uma passagem para o Reid, ele iria sem mim — Devon disse.

— Dixie, por favor — suplicou sua mãe, começando a chorar como se ligasse um interruptor.

Devon suspiro, ela odiava quando sua mãe fazia isso. Neste momento, não conseguia lidar com isso.

— Tenho que ir trabalhar. Falo com você em outro momento — Devon disse apressadamente.

— Trabalhar? — A mãe dela perguntou.

Devon parou no meio da rua. *Merda!*

Ela não queria ter dito isso. Escapou sem querer. A mãe dela nem deveria saber que ela estava trabalhando. Tinha que pensar em algo rapidamente. Ninguém deveria saber o que ela estava fazendo. Se uma pessoa descobrisse, a coisa toda desmontaria.

— Sim, estou só substituindo uma amiga num restaurante. Estavam com pouca gente, e eu me ofereci para ajudar — Devon mentiu, tentando encobrir seu erro.

— Você precisa de mais dinheiro, Dixie? Não me importo de transferir um pouco na sua conta — sua mãe ofereceu.

— Não, estou bem — ela respondeu rapidamente.

— Eu não gosto da ideia de você trabalhar, quando já está tão ocupada.

— Eu só... preciso ir — Devon finalizou, se xingando por fazer merda. — Tchau, mãe.

Devon frustrada, jogou seu celular dentro da bolsa. Ela já estava na porta dos fundos do Jenn, e precisava se recompor.

Ela entrou, e esperou pelo inferno que provavelmente chegaria. Rapidamente guardou sua bolsa no refeitório, surgindo bem a tempo de ver Brennan entrando na cozinha. Ela parou no meio do caminho, surpresa ao vê-lo. Jenn tinha comentado que ele não viria por toda a semana, e ele ainda parecia muito doente. *O que ele fazia aqui?*

— Oi — Devon disse, querendo falar antes dele.— Desculpa por sair correndo do seu show na semana passada. Eu não estava me sentindo bem.

Brennan deu de ombros, sem olhar diretamente para ela .

— Acho que isso está acontecendo com todos.

— Sim, mas me sinto mal. Eu devia ter esperado — ela disse. — Você fez um ótimo show.

— Obrigado — ele respondeu. — Acredito que tudo saiu bem.

Ele ainda não encontrava seu olhar. *O que ele tinha?*

— Eu gostei muito da última música. — Ela mordeu o lábio, esperando que ele a olhasse.

— Acho que ainda precisa de uns ajustes.

Devon tentou descobrir um ponto de vista diferente. Ele parecia ainda mais desligado e retraído do que o normal. — Você está se sentindo melhor? Jenn disse que você estava doente.

Ele encolheu os ombros novamente. — Acho que sim. Um pouco. Eu só vim buscar o meu pagamento. — Ele acenou com desdém para o ar.

— Claro. Então, você não vai ficar? — Seu estomago afundou.

— Jenn não me deixa voltar, mesmo que eu tenha lhe dito não estava tão mau. Ela disse que manipulo comida, e não quer que eu contamine seus clientes.

Um leve sorriso tocou seu rosto, quando finalmente olhou para ela. Ele realmente não parecia bem. Não admira que Jenn o mandasse para casa.

— Que droga — ela disse, sem saber o que mais falar.

Ele parecia tão distante. Através da sua música, ela sentiu como se tivessem se conectado num nível diferente, um que nem sequer podia compreender. No entanto, ela havia saído, e agora, era como se ele fosse recipiente vazio.

— Então, como foram seus exames de medicina? — Esperava que mudar de assunto, o tirasse do seu estado de depressão. Ela havia esquecido de lhe perguntar sobre isso no seu show.

Ele vacilou visivelmente com as palavras. — Bem.

Ela não sabia como conseguira deixá-lo ainda menos confortável. — Você acha que entrará nas universidades que quer?

— Só teremos que esperar e ver — ele respondeu secamente.

Era o mesmo tom que ela usara com sua mãe. *Não era bom.*

— Bem... boa sorte — ela murmurou.

— Tenho que sair daqui. Acho que não me sinto tão bem como pensava. A gente se vê por aí, Devon — ele disse com um sorrisinho, antes de sair pela porta dos fundos.

Ela o viu ir embora, com um grande peso no peito. *Ela não deixou St. Louis para escapar dos seus problemas? Por que parecia que quanto mais ela corria, mais problemas continuavam se acumulando?* Nada funcionava, e não podia se esconder em Chicago para sempre. Teria que enfrentar o que aconteceu com ela, antes do início das aulas, caso contrário só pioraria.

De algum modo, teria que incluir Brennan em tudo isso, porque, o que quer que estivesse sentindo por ele, não ia desaparecer. Seu estômago se contorceu nesse pensamento. Brennan não precisava estar perto dos seus problemas... poderiam matá-lo.

Jenn estava pra lá de puta, quando finalmente encontrou Devon. Não podia culpá-la. Era um feriado. *Quem se atrasava no Quatro de Julho?* Ela estava perdendo toda a diversão dos desfiles, churrascos, e bandeiras americanas por todo lado, lá fora. Desejou ter o dia de folga, mas Jenn foi pega de surpresa. Hannah ligou avisando estar doente, e de maneira nenhuma Jenn deixaria Devon sair cedo, sobretudo depois de aparecer vinte minutos atrasada.

A única parte boa de estar tão ocupada, era que Devon não tinha tempo para pensar. Ficou de pé a manhã toda, literalmente correndo em alguns momentos para entregar os pedidos mais rápido. Sua cabeça latejava ao meio-dia, e seus pés doíam como no primeiro dia que começou a trabalhar ali.

Justo quando estava fazendo seu primeiro intervalo do dia, Devon viu Hadley entrar no restaurante. Hadley passava tão pouco tempo no apartamento, como quando Devon a confrontou pela primeira vez sobre as drogas. Desta vez, Devon tinha certeza que não era sua culpa. Nunca descobriu o que causou a discussão de Hadley com Garrett. Hadley não esteve presente a semana toda, por isso Devon não teve oportunidade de lhe perguntar.

Garrett não estava agindo de forma diferente. Ele claramente, não sabia que Devon viu a discussão. Quanto mais tempo ela passava ao seu lado, mais acreditava que devia ser culpa de Hadley. Ele não estaria tão tranquilo com a

situação, se tivesse sido culpa dele. Ela sabia, já que se sentia terrivelmente culpada por deixar St. Louis, como fosse culpa dela por não enfrentar seus problemas, por não estar de alguma forma melhor.

Garrett não mostrou sinais de se sentir mal pela briga, enquanto Devon sabia que Hadley seguia consumindo.

Os olhos da Hadley percorreram o restaurante, e quando encontrou Devon, mordeu seu lábio e acenou com a cabeça para o lado.

Certo...

Devon estava no seu intervalo, então tinha tempo para conversar com Hadley, mas considerando tudo, era estranho que Hadley quisesse conversar com ela. Também era estranho que Hadley estivesse sozinha. Era um feriado. Ela deveria estar com sua família, ou com Garrett, ou com a família dele.

Mas que inferno? Devon pensou, decidindo ir até lá descobrir.

— Ei, você tem um minuto? — Hadley perguntou, quando Devon chegou até ela. — Sei que aqui está lotado.

— Por acaso, estou no intervalo — Devon respondeu.

Hadley pareceu aliviada, e fez sinal para segui-la para fora. A curiosidade levou o melhor sobre Devon. Não perderia a oportunidade de falar com ela, embora não se sentisse segura das circunstâncias.

Elas deram a volta no prédio, e ficaram no beco de frente para a rua. Não era propriamente privado, mas teriam mais privacidade do que lá dentro. Além disso, se Jenn visse Devon no refeitório, possivelmente perderia a cabeça, e seus quinze minutos acabariam. Devon se recostou contra o prédio de tijolo, e esperou que Hadley dissesse alguma coisa.

— Olá — Hadley disse sem jeito, como se não falasse com sua melhor amiga.

— O que houve, Hadley? — Devon perguntou, sabendo que tinha alguma coisa nisso.

O que ela pediria, dinheiro para suas drogas? Devon não conseguia evitar pensar o pior dela, e isso a fez sentir mal. Hadley era sua melhor amiga, e Devon precisava agir como tal. Só porque estava passando por seus próprios problemas, não significava que não poderia seguir tentando ajudar Hadley.

Era algo em que Devon podia trabalhar, mas era outra coisa que ela tinha tão pouco controle.

Hadley suspirou, e olhou para o chão. — Não sabia com quem mais conversar — sussurrou. Ela parecia mais como a Hadley que Devon conhecia, antes de descobrir que ela consumia drogas.

— Sobre o quê? — Devon perguntou com cuidado. Ela não queria assustar Hadley.

Hadley engoliu em seco, e se remexeu. — Eu....tenho tentando parar.

— Que bom, Hadley! — Devon aplaudiu.

— Sigo trabalhando nisso — ela disse, se mexendo nervosamente. — Na verdade, não vim falar sobre isso. Eu simplesmente... só achei que você deveria saber.

Porra! Essa era a melhor notícia que tinha tido o dia todo. Devon não sabia exatamente o que isso significava, mas pelo menos indicava que Hadley sabia que tinha um problema. Progresso era progresso.

— Fico feliz por você me contar — Devon respondeu sinceramente.

— Tem, humm... mais. — Hadley mordeu o lábio, e se moveu de um pé para o outro. — Garrett e eu tivemos uma grande briga na outra noite.

— Tiveram? — Devon perguntou, fingindo surpresa. Agora não era o momento para revelar que já sabia.

— Sim. Você deve ter notado que não tenho ficado muito no apartamento.

— Eu notei.

— Bem, fiquei tão brava com ele. Eu... eu dei um tapa nele, Dev — Hadley falou com as mãos tremendo. — Gah, ou seja, o que acontecerá se nos separarmos, e ele me expulsar do apartamento? É dele. Poderia fazer isso se quisesse.

Hadley seguia tagarelando, e Devon só a olhava, surpresa por ela ter contado.

— Espera... espera... retroceda — Devon a deteve. — Por que vocês brigaram?

— Esse é o problema. Eu nem sei. Tudo se intensificou e saiu do controle — Hadley disse, olhando para longe.

Devon reconheceria esse olhar em qualquer lugar. Ela estava mentindo. Todos mentiam para ela. Era apropriado, tendo em conta que também mentia pra todo mundo.

— Hadley, por favor. Eu te conheço muito bem. O que aconteceu? — Devon a incitou. Ela se arriscou, e estendeu a mão para tocar a mão de Hadley.

Hadley se retraiu, mas a deixou se aproximar.

— Você pode me contar o que aconteceu.

— Eu não estava em um bom lugar naquela noite. Estava tentando sair dele pelo show. Foi... ruim. Então, ele continuou agindo estranho, e fez um comentário presunçoso. Surtei, e comecei a gritar com ele. Não sei, Dev. — Ela olhou fixamente para o chão com uma expressão no rosto que indicava que sabia. — Eu acho que ele pode estar me traindo.

Devon olhou para ela com a boca aberta. *Garrett? Traindo-a? Não.* Isso não fazia nenhum sentido. Não encaixava. *Quando ele teria tempo para fazer isso?* Ele trabalhava o dia todo quando não vivia na academia. Seu corpo era um testemunho de sua dedicação nessa área. As outras vezes que estava acordado e não com a Hadley, era quando passava o tempo com Devon tarde da noite.

Além disso, como Hadley poderia surtar por ele fazer algo assim, quando ela usava drogas e escondia isso dele? Tudo bem. Devon daria algum crédito a Hadley. Devon também surtaria por isso, mas era um pouco hipócrita. Não que ela fosse dizer isso a Hadley, já que ela parecia arrasada.

— Ah, Hadley, de jeito nenhum. Como você pode pensar isso? Ele gosta tanto de você — ela a consolou.

Hadley encolheu os ombros. — Eu te disse. Ele tem agido muito estranho. Eu também achava que ele gostava muito de mim, como você disse, mas ultimamente, ele nem quer ir para cama comigo. Quero dizer... porra, não fazemos sexo há duas semanas. Duas semanas! Costumávamos não ser capaz de ficar sem por dois dias!

Devon não queria pensar na vida sexual de Hadley nesse instante. A sua era inexistente no momento.

— Vocês dois estão sob muito estresse. Tenho certeza que é tudo um mal entendido — Devon disse, tentando tranquilizar sua amiga.

— Se você soubesse de alguma coisa, Dev, você me diria, não é? — Hadley perguntou, olhando diretamente nos olhos dela.

— É claro! — Ela respondeu automaticamente.

Hadley a olhou durante um segundo, antes de assentir, e desviar o olhar.

— Talvez você esteja certa — Hadley finalmente disse, com um suspiro profundo. — Tenho um jantar de Quatro de Julho com o Garrett e sua família esta noite. Eu estava pirando sobre isso. Até pensei em cancelar. Não sei. A família dele é ainda mais estranha perto de mim. Eu gostaria que você pudesse vir comigo — ela disse impulsivamente.

— Tenho que trabalhar — Devon respondeu, querendo ficar o mais longe possível dessa confraternização. Depois de um dia como hoje, queria estar deitada antes dos fogos de artifício.

— Você acha que correrá tudo bem? — Hadley perguntou.

— Seja você mesma. Como eles poderiam não te amar?

— Tem razão — ela concordou, recuperando a força que Devon sempre amou nela.

— Mas é melhor não ... consumir nada antes de ir — Devon a advertiu.

Hadley negou com a cabeça. — Nunca.

Devon realmente queria acreditar nela.

16

As Desgraças Nunca Vêm Sorzinhas

O suor descia pela têmpora de Devon, e ela limpou a testa e os olhos. A festa já durava a noite toda, e era bom relaxar e se perder na música e na dança. Não festejava há muito tempo, e não pôde resistir quando Amy por acaso a convidou para sair. Ou Amy já superara seu ódio pela garota nova, ou Devon estava lá por tempo suficiente, para que não fosse mais considerada dessa forma.

As pessoas se amontoavam no clube, ombro a ombro, algumas mais próximas do que isso. A música era ensurdecadora, enquanto as luzes loucas atravessavam o grande salão, antes de se alternarem para luzes estroboscópica. Tudo começou a se mover em câmara lenta. Ela não tinha bebido muito, mas estava tonta devido à desidratação, e a energia na sala. Sua camiseta estava colada nas suas costas, e ela tirou seu cabelo do pescoço fazendo um rabo de cavalo.

Deus, preciso de outra bebida, ela pensou.

Seus olhos percorreram o lugar, tanto quanto pode do seu ponto de vista, mas acabou sendo meio metro de distância. Amy tinha que estar em alguma parte do prédio. *Como foi que ela a perdeu de vista?*

Bem, ela sabia como. Tinha muita gente no maldito lugar. Era fácil perder uma pessoa, ainda mais, quando essa pessoa era tão baixa quanto Amy. Mesmo assim, Devon deveria estar mais atenta em não se perder de Amy. Devon não gostava de ficar sozinha em lugares escuros. Se estivesse rodeada de pessoas, ou em um beco à noite, continuava sozinha.

Ela girou a cabeça para ver se localizava Amy, mas não teve sorte. Parecia que cada vez mais pessoas estavam sendo esmagadas no espaço. *Será*

que isso estava de acordo no regulamento de incêndio? Sem dúvida, o lugar seria fechado em breve.

Caminhando na direção do bar, tentou encontrar a Amy no meio da multidão. Sinceramente, estava cada vez mais difícil manobrar pelo salão, por isso teve que abrir caminho com cotoveladas. Isto não estava certo, e não era divertido. Não deveriam deixar entrar mais pessoas. As coisas poderiam sair do controle.

Devon olhou por cima das cabeças das pessoas à sua frente, e suspirou. Parecia que nunca chegaria ao bar. De qualquer maneira, tinha uma fila enorme. Pensou, que talvez o banheiro fosse uma alternativa melhor. Ao menos teria um pouco de privacidade.

Ela se virou para seguir em outra direção, e bateu direto contra um cara musculoso, que a olhou enquanto perdia o equilíbrio, e caía no chão. Alguém pisou na sua mão, enquanto tentava se levantar. Ela amaldiçoou entre dentes, tirando sua mão do chão para que ninguém mais fizesse a mesma coisa. Ela se equilibrou o melhor que pode, embalando sua mão dolorida. Empurrando através das pessoas com uma mão pressionada entre os seios, para impedir que alguém batesse nela, não era fácil. Tudo o que fez foi que as pessoas, sem saber, batessem em outras partes dela. Ela não tinha avançado mais do que alguns metros em direção ao banheiro, e já tinha levado cotoveladas no braço, teve seu pé pisado, e se chocou contra um bêbado que lhe tirou o ar. O clube estava ficando perigoso.

Quando um espaço se abriu no meio da multidão, aproveitou, correndo através do mar de pessoas. Isso a aproximou do banheiro, mas não o suficiente.

Foi então que ela sentiu os olhos na sua nuca. Ela nem sabia como isso era possível. Havia centenas de pessoas no local. Ninguém poderia estar se concentrando com tanta intensidade nela, mas ela podia jurar que alguém a olhava. A sensação subiu por suas costas, obrigando-a se mover mais rápido. Ela não sabia onde Amy estava, mas fugir desse lugar, parecia fazer mais sentido do que procurá-la.

Finalmente saindo da pista de dança, passou correndo pela enorme fila de gente esperando para ir ao banho. Todos a xingaram, quando passou por elas, e se dirigiu para a frente.

— Só quero me ver meu cabelo. — Devon olhou por cima do ombro ,e correu para o toalete antes que alguém pudesse dizer mais alguma coisa.

Assim que passou pelas portas, sentiu a água sob seus calcanhares. À medida que deslizava pelo chão, tentou manter o equilíbrio, mas em vez disso, caiu de quatro. Devon gritou, quando a dor subiu por seus braços e pernas. O choque a golpeou como uma onda. Seu joelho direito recebeu a maior parte do impacto, e estava em chamas. Com certeza havia rasgado a pele. Lágrimas surgiram nos seus olhos, enquanto a dor a atingia em cheio.

Como posso ser tão desajeitada? Ela se perguntou.

Devon se perguntou, se alguém a ajudaria. Não estava certa, se poderia se levantar sozinha. Quando tirou os olhos do chão, percebeu que não estava no banheiro do clube. Ela estava num lindo banheiro todo branco com uma banheira de hidromassagem, e um box amplo com ducha. Seu coração disparou, enquanto observava ao redor.

— Ahh, o que você fez a si mesma? — A voz muito familiar perguntou.

Seu corpo estremeceu. Devon lentamente se levantou, usando a banheira como alavanca de impulso. Sentiu o sangue do joelho escorrer por sua perna, mas não deixaria que isso a detivesse. Sem pensar, correu o mais rápido que pôde contra o seu perseguidor.

Ele riu, e saiu do caminho. Então, se aproximou dela, e a empurrou para trás, com força suficiente para fazê-la tropeçar em direção à cama branca como a neve. Ela poderia ter evitado a cama, se ele não estivesse ao lado dela. Ele pegou seu pulso, girando seu braço atrás das suas costas, e a empurrou contra a colcha.

Ela tentou gritar através das lágrimas, enquanto ele quase lhe arrancava o braço. A dor no seu ombro era tanta, que ela se dobrou facilmente à altura da cintura, esquecendo a dor nos joelhos.

— Solte. Solte. Deixe-me ir — ela murmurou, tentando aliviar a dor só seu ombro. — Por favor. Deixe-me ir.

— Não é isso que você quer? — Perguntou a voz.

Com um calafrio percorrendo-a, disse em voz baixa: — Por favor, solte-me. — Ela nem sequer sabia se ele poderia escutá-la.

Uma mão se aproximou, e agarrou seu rabo de cavalo, puxando sua cabeça para trás rudemente. Enquanto a tirava da cama pelos cabelos, ela gritou, quando ele arrancou algumas mechas. Ele liberou um pouco da tensão nos ombros dela, mas aumentou o aperto no seu pulso. Ela já estava começando a perder a circulação sanguínea nos dedos.

Ele puxou sua cabeça de volta para ele, mas a manteve de frente para a parede. Ele sussurrou no seu ouvido, — Você na verdade, não quer que eu a solte. Quer? — Sua voz era rouca, mas sedutora.

Ela sentiu seus ombros relaxar, mas seu coração ainda estava acelerado. — Eu não quero soltá-la, por isso, não vejo como você gostaria que eu fizesse.

Devon tremeu no seu abraço pervertido. Ela tentou limpar a mente. Ela precisava apagar. Precisava esquecer, já que não podia pará-lo ou resolver isso.

Isto é minha culpa. Por que achei que pudesse fugir? Quem provocou isto fui eu, ela pensou.

Ele levantou a saia dela, e a empurrou de volta contra a cama.

Devon despertou sobressaltada, quando alguém sacudiu seu ombro. — Dev, acorde — disse Garrett, sacudindo-a novamente.

— Estou acordada — ela respondeu com a voz rouca.

Neste momento, estava com dificuldade de pensar ou respirar. Garrett pairava sobre sua cama, e fedia a álcool. Ela ficou feliz por ele tê-la acordado, mas depois desse pesadelo, o cheiro do álcool era a última coisa com a qual queria despertar. Os pesadelos nunca foram tão longe antes. Quando a realidade do que aconteceu caiu sobre ela, deu-se conta que sempre despertava aterrorizada, mas agora, não estava suada, chorando ou tremendo. Apenas entorpecida. Todo este tempo, permitiu que suas paredes desmoronassem em torno dela, mas lembrando desse sonho, ela havia trancado firmemente de novo.

— Você bebeu? — Ela perguntou, somente para que ele parasse de olhar para ela na escuridão. Ela precisava se recompor.

— Sim. Hoje é Quatro de Julho. Bem, agora é o cinco — ele respondeu, sentando-se pesadamente na cama.

Os lençóis caíram, passando seus seios, que só estavam cobertos por sua camisola fina. Os olhos dele seguiram o movimento, e, desta vez, Devon ficou contente pela escuridão.

Ela puxou o lençol para cima. — Por que você já está de volta? — Ela bocejou enquanto olhava o relógio. Meia-noite. — Você não deveria estar com seus pais ou algo parecido?

— Mudança de planos.

Ela percebeu que algo estava errado pela postura dos seus ombros. Seu cérebro ainda não estava acompanhando seu corpo. Ela dormiu logo que chegou em casa. Acordar no meio da noite a deixou aturdida. Não entendia por que ele já estava em casa ou o que poderia estar errado.

— E você me acordou...

— Venha beber comigo. — Ele pegou a mão dela e puxou levemente, a tirando da cama.

Devon bocejou. — Não estou com muita vontade de beber.

— Você nunca está cansada tão cedo.

— Eu trabalhei pra caramba o dia todo.

— Você pode dormir amanhã. Venha tomar uma bebida comigo. Eu trouxe uma garrafa para casa — disse com um sorriso juvenil, passando a mão pelo cabelo.

Devon suspirou, e assentiu. Ele não pediria, se tudo estivesse bem. — Certo. É melhor que não seja tequila.

— Eu faria isso com você? — Ele riu.

— Só se você me odiasse.

— O que não faço. Então, vamos. — Ele se levantou, e saiu do quarto.

Quando ele saiu, ela levantou da cama e parou trêmula. Ela não podia acreditar que estava realmente saindo da cama para tomar um drinque, e não queria encarar o porquê de estar fazendo isso. Tudo isso doía muito.

Quanto tempo uma pessoa poderia ficar sem dormir? Ela ficaria, se nunca mais tivesse que sonhar. O álcool soava como uma opção melhor do que fechar os olhos e reviver aquele sonho de novo.

Ainda de camisola e short de dormir, colocou seu casaco de malha, e foi para a sala de estar. Caindo no sofá, se aninhou na almofada, e tentou segurar um bocejo.

Garrett saiu da cozinha com dois copos de doses cheios. Ele os colocou na mesa perto de Devon. Ela os olhou com receio, enquanto ele voltava para a cozinha. Ele retornou com dois copos de uísque cheios de um líquido castanho escuro.

— Você não estava brincando — Devon disse.

— Soou como se eu estivesse? — Ele perguntou, olhando para ela.

— Suponho que não. Eu vou ficar bêbada.

— É essa a intenção. — Ele lhe entregou uma dose de whisky.

Garrett levantou seu copo, e ela levantou o dela para brindar.

— Viva a vida — ele brindou.

Devon rachou, pensando quão longe disso se sentia, mas quando olhou para o rosto dele, pôde ver que o sentimento era mútuo.

— Viva a vida — ela repetiu, tomando a dose. Queimou como uma cadela, mas ela era do Tennessee. Não teria chegado a lugar nenhum, se não soubesse como tomar um boa dose de whisky.

Garrett bateu o copo na mesa. — Foda-se. — Ele voltou para a cozinha, e reapareceu um segundo depois, com uma garrafa de whisky que parecia cara.

Os olhos de Devon se arregalaram ao ver o rótulo. Chegou a ver pessoas bebendo isso, mas geralmente era servida em um elegante decanter de cristal.

Quem toma doses de uma garrafa de uísque de dois mil dólares? Aparentemente, eles.

Sem conseguir evitar, ela perguntou. — Onde diabos você conseguiu isso?

— Eu te disse. Trouxe uma garrafa.

— De quem?

— Dos meus pais — ele respondeu, com um encolher de ombros.

— Deveríamos bebê-la?

— É para isso que serve. — Ele serviu outra dose, e entregou a ela.

Ela olhou para o líquido com um novo sentido de apreciação. Só a sua dose, provavelmente valesse centenas de dólares. Quando o líquido deslizou por sua garganta novamente, ficou feliz por não ter engasgado na primeira vez. *As pessoas estavam autorizadas a se engasgar com uísque muito caro?*

Quando Garrett começou a lhe servir outro, Devon negou com a cabeça.

— Para mim chega, a menos que queira que eu vomite. Preciso ir devagar. — Ela já sentia a cabeça pesada.

Ele deu de ombros, e tomou a dose sem ela.

— Então, por que você está em casa? — Ela perguntou.

— Tive uma briga com meu pai — ele admitiu. Era claro que o álcool o soltou um pouco mais.

Devon se endireitou, enquanto sua cabeça caía para trás.

— Conte-me sobre isso.

— Ele odeia a Hadley. Ele acha que ela é uma perda de tempo e um desperdício de espaço. Ele acha que posso conseguir coisa melhor. Acha que continuo no trabalho que ele me ajudou a conseguir, sem ambição e nem motivação para subir na empresa. Ele se recusa a ver que odeio esse emprego, e faria qualquer coisa para deixá-lo. Mas a ideia de decepcioná-lo ainda mais, me mata — ele disse na adrenalina. — Ele é apenas um filho da puta egoísta, que odeia o seu único filho.

Devon não sabia o que lhe dizer sobre a última parte. Seus pais tinham expectativas para sua vida. *Por que não teriam?* Mas tudo o que faziam era por amor. Eles nunca a pressionariam o suficiente para afastá-la. Mesmo agora, quando ela estava mentindo para eles diariamente, nunca pensou que tentariam forçá-la a fazer algo.

— Tenho certeza que ele não te odeia — ela disse baixinho, tocando sua mão.

Garrett zombou. — Você não conhece o cara.

— Mas eu te conheço. Não sei como alguém poderia te odiar.

— Bem, acredito que você seja a única.

— Garrett, o que aconteceu? — Ela perguntou. — Não pode ser tão ruim como você diz.

Ele lhe ofereceu outra dose, e ela só aceitou tomar, porque ele parecia muito desesperado.

— Hadley e eu fomos para casa dos meus pais no subúrbio para o feriado. Tudo ia bem. Fizemos churrasco, jogamos futebol no quintal, e as garotas se deitaram no lago. Poucos antes dos fogos de artifício, foi tudo por água abaixo. Meu papai me perguntou sobre o trabalho, e eu disse algo que ele não gostou. Uma coisa! Ele enlouqueceu, e começou a me dar um sermão. Começamos a gritar alto o suficiente para que todos os convidados escutassem. Eu não recuei. Estou cansado dele sempre tentar afirmar seu domínio sobre mim. Sou um adulto! Eu disse a ele que iria pedir demissão.

Devon engasgou. — Demissão?

— Estou realmente pensando nisso. Odeio esse trabalho. Mas fica pior — ele disse miseravelmente.

Como poderia ficar pior?

— Quando me recusei a aceitar sua merda, ele começou a falar de Hadley.

— Ah, não — Devon sussurrou, imaginando Hadley escutando todas as coisas que o pai do Garrett pensava dela. Conhecia seu amigo muito bem para supor, que ficaria de fora da conversa.

— Sim. Você pode imaginar as coisas que ele disse sobre ela. Tenho vergonha de repetir. Que é de uma interiorana, gentinha, uma caça fortunas. — Garret balançou a cabeça. — Ele até a chamou de viciada fodida, bem na minha cara. Não sei onde ele arranja coragem.

Devon congelou. Então, Garrett ainda não sabia. Ela queria lhe contar. Realmente queria, mas ele já estava tão deprimido. Não podia ser ela a lhe dizer.

— Hadley surtou com todas suas acusações. Seus gritos só alimentaram meu pai, não que ela não tivesse todo o direito de gritar em resposta, mas acredito que isso provou a ele o que pensava dela desde o início. E, então, de algum modo, ela acreditou que eu pensava o mesmo.

— O que?

— Sua fúria foi de meu pai para mim, e então, ela simplesmente saiu. Vi vermelho depois disso, e acabei socando uma parede na casa dos meus pais. Hadley foi embora chateada, e pegou o meu carro. Eu peguei essa garrafa de uísque e o Mercedes do meu pai, e saí de lá também. Hadley não atende o celular. Acho que terminamos — ele disse, finalizando sua história.

Obsessão

Depois do seu desabafo, Devon e Garrett ficaram sentados em silêncio por um tempo. *Hadley e Garrett terminaram.* Não podia ser verdade. Hadley estava muito apaixonada por ele. Tanto que essa tarde procurou Devon, preocupada que ele a estivesse traindo. Hadley não o deixaria. Certamente reagiu sem pensar.

E esse tampouco era um pensamento agradável. A reação exagerada de Hadley em seu estado psicológico, era uma receita para o desastre. Ela estava tentando parar, mas o estresse faz as pessoas fazerem coisas estúpidas. *Quem sabia onde ela estava agora?* Ela poderia estar em qualquer lugar, tomando uma overdose de drogas.

Devon estremeceu, e afastou esse pensamento de sua mente. De jeito nenhum Hadley seria tão estúpida.

Garrett serviu outra dose para eles, e desta vez, Devon aceitou de bom grado. Queria tirar essa imagem de Hadley da sua cabeça. Devon estava um pouco zozna, e temia a ideia de levantar. O uísque com certeza era potente. Não se permitia beber tanto, desde sua última experiência bêbada, logo que chegou a Chicago.

— Hadley voltará — Devon comentou em voz baixa. Sem saber a quem estava tentando convencer.

Ele assentiu. — Podemos apenas ... falar sobre outra coisa? — Ele inclinou a cabeça para trás no sofá.

— Claro. — Embora não tivesse mais nada que gostaria de falar. — Sobre o que você quer conversar?

Ele ficou em silêncio, considerando sua resposta. — Por que você deixou St. Louis?

— Bem... — ela murmurou.

— Você disse que fugiu da sua vida. Do que fugiu? — Ele perguntou, agora olhando-a atentamente.

Devon olhou para os pés dela. — Acho que vou precisar de outra dose para isso.

Garrett obedeceu, e a quarta dose de uísque lhe deu coragem.

Ele deslizou a mão pelo ombro dela, e apertou. — Vai ficar tudo bem.

Ela não percebeu que tinha começado a tremer.

Devon umedeceu os lábios, e em seguida, se virou para olhá-lo. *É apenas Garrett. Não é um estranho.* Ele tinha aberto seu coração para ela, então ela poderia lhe confiar seu segredo. *Certo?*

— Bem, já que você me contou uma história, vou... te contar uma minha.

— Tudo bem. — Ele endireitou-se no assento e olhou para ela.

Ela engoliu em seco, e tentou encontrar seu olhar. *Quão bêbada ela estava? Ela poderia fazer isso?*

Respirando fundo, ela começou. — Minha mãe sempre me disse que uma vez na vida, é dado a você a possibilidade de conseguir a verdadeira glória. Que você saberia quando acontecesse, e seria o verdadeiro amor em sua máxima expressão. Eu acreditei nela. — As lágrimas já enchiam seus olhos.

— Eu queria a glória, assim como minha mãe. Sua glória é meu pai, e eles se encontraram na música. — ela falou. — Quando me dei conta, não sabia como sequer pude viver um dia sem ele. Não sei como explicar, só posso dizer que foi como se o universo estivesse subitamente se alinhado.

— Então..., você se apaixonou? — Ele perguntou, franzindo as sobrancelhas.

Ela via que ele tentava compreender onde isso estava indo. Não o culpava por sua confusão.

— Foi... mais do que isso — ela disse, procurando as palavras certas. — Não é como o destino ou almas gêmeas, porque isso faz com que pareça ridículo, mas é uma sensação de ser a coisa certa.

— Tudo bem, vou acreditar nisso — Garrett comentou.

Ele não faz a mínima ideia, Devon pensou.

— Ter isso com alguém abre tudo. Está tudo na mesa. A confiança não é sequer uma consideração, porque nunca poderia existir nada ou mais alguém.

Garrett se mexeu desconfortavelmente.

— Eu sei o que você está pensando — disse Devon.

— Eu duvido.

— Bem, me diga — ela insistiu. Isto já era bastante difícil, sem ter que tentar também interpretá-lo.

— Para mim, parece um pouco como... obsessão.

Devon suspirou. — Achei que diria isso, não posso explicar de outra maneira, por isso, tente ter uma mente aberta — ela insistiu. *Ele precisaria manter sua mente aberta.* — Não sei com exatidão quando começou, mas o sexo mudou.

Os ouvidos do Garrett ficaram aguçados. — Mudou... para pior?

Ela negou com a cabeça. — Para melhor. — Devon mordeu o lábio. Quando viu que ele a observava, ela parou. Não podia acreditar que estava contando essa história.

— Não que o sexo antes fosse ruim, porque não era. Era incrível. Na verdade, eu não acreditava que pudesse melhorar. Mas um dia, era de uma maneira e, no dia seguinte, eu estava presa na cama, sendo forçada a obedecer.

— Quê? — Garrett retrucou. — Forçada?

Devon assentiu. — Não achei que gostaria. Quero dizer, parece muito ruim. Talvez seja o motivo, que nunca falo sobre isso.

— Isso não é... estupro? — Ele sussurrou.

— Não use essa palavra — ela respondeu imediatamente, dobrando os joelhos contra seu peito. *Nunca essa palavra. Qualquer uma menos essa palavra.* — Não era assim.

— Peço desculpa. Não tive a intenção... sei lá. Continue — ele pediu, afastando seu cabelo loiro do rosto.

Ela o olhou, e ele sorriu. Sua mente estava nublada pelo álcool, e ela se aproximou dele. Era melhor senti-lo consolando-a por isso. — Então, depois

que começou, nunca mais parou. Só intensificou. Não sei se você quer detalhes...

— Se isso te ajudar — ele disse, permitindo que ela continuasse.

Ela respirou fundo. *Aqui vamos.* — Ele começou a ficar criativo, exigindo que eu fizesse coisas a qualquer hora ou em qualquer lugar, me prendendo, às vezes me sufocando. Ele chegava em casa me encontrando no chuveiro, e colocava a água na temperatura mais quente possível. Me inclinava na água escaldante, e transávamos dessa maneira. Lembro-me dele me esperando quando cheguei da faculdade mais tarde uma noite. Ele me jogou sobre o capô do seu carro, e me disse para ser uma boa menina. Transamos na entrada da garagem, debaixo de um poste de luz. Qualquer um poderia ter visto. E eu permiti.

Garrett olhava para ela com uma expressão confusa. Não sabia com certeza como devia interpretá-lo. Ele parecia muito interessado no que ela dizia. *Como poderia culpá-lo?* Ela estava conversando com um cara sobre sexo, sobre uma forma particular de sexo violento, que ele provavelmente nunca experimentou. O interesse se mesclava com um pouco de incredulidade. Ela não sabia se isso significava que ele não acreditava que ela tolerasse algo assim, ou não acreditava que alguém realmente fizesse isso. Tudo o que ela realmente sabia, era que ele se ajustou na sua calça, e que Hadley estava certa sobre do tamanho do conteúdo que havia dentro dela.

— A princípio não achei que gostaria, mas como você pode imaginar... talvez... — Afastou os olhos dele. — Bem, isso manteve as coisas interessantes. Eu nunca sabia o que ele faria. Às vezes isso tinha um preço, mas quanto mais acontecia, maior era o preço que eu estava disposta a pagar. Eu confiei nele completamente... até que algo alterou o equilíbrio ainda mais.

— De que maneira... alterou o equilíbrio? — Garrett perguntou com curiosidade.

— Deixou de ser sobre sexo. Não tenho queixas sobre isso. Ficou fora do controle, quando deixou de ser sobre nós, — ela disse, tentando explicar. — Se eu contasse às pessoas sobre isto, diria a todos para tentar esse tipo de relacionamento. Nunca me senti mais segura, sexy e desejada. Você está me

olhando como se não acreditasse em mim, mas experimente antes, e você mudará de ideia.

Ela cruzou os braços pela sua descrença. Jamais seria capaz de explicar isso para alguém, que nunca tinha experimentado, e nunca mudaria a forma como aconteceu. Nunca se arrependeria disso.

— Foi mais sobre ele estar no controle, que mudou tudo.

— Ele não estava no controle durante o sexo? — Garrett perguntou, parecendo mais curioso do que crítico.

— Não, não exatamente. Era mútuo. Poderia parecer que ele estava no controle, mas era consensual. Ele só me daria o máximo que eu podia lidar, e eu queria que ele pressionasse esses limites. É uma coisa difícil de compreender... — Ela fez uma pausa.

Como conseguiria explicar a próxima parte? Como ela poderia fazer Garrett perceber a diferença? O sexo não era o problema. Ele era o problema.

— Ele mudou, e não teve nada a ver com o sexo. Ele precisava me controlar. Ele sempre foi uma dessas pessoas que perguntavam onde eu ia e quando voltaria. Ele sempre queria saber. Mas depois, começou a me perguntar por que eu ia a esses lugares, e começou a me dizer quando eu tinha que voltar. Nessa altura, já não me permitia sair. Eu só queria fazê-lo feliz, porque o amava muito, mas ele queria ter o controle total da minha vida, o que me deixou sem nada. Foi quando percebi que não era mais uma pessoa. Eu era o seu objeto.

Devon parou de tentar explicar, e voltou para sua história. — Um dia voltei cedo da escola. Não o esperava, mas percebi que alguma coisa estava errada. E pode parecer estranho, mas nunca achei que ele fez alguma daquelas coisas por raiva. Ele as fez por amor.

— Você acha que ele a segurou debaixo da água fervendo por amor? — Garrett perguntou, incrédulo.

Devon olhou para ele. — Eu disse que você não entenderia. O sexo não era uma ameaça. Não tinha nada a ver com ele estar com raiva de mim.

— Sinto muito — ele disse envergonhado. — Continue. Foi minha pergunta. Quero ouvir a resposta.

Devon não queria continuar. Não queria contar a ele, a versão completa da sua história. *Como ele entenderia o que ela passou, e por que permitiu?* — Não sei. Talvez não seja a noite para isso — ela disse levantando com as pernas bambas.

Putá merda, quanto eu bebi? Ela se questionou.

— Calma — ele disse, saltando para firmá-la.

Não sabia como ele estava mais estável que ela. Ele chegou bêbado, e depois bebeu duas vezes mais do que ela. Suas mãos estavam no seu quadril, segurando-a, enquanto sua cabeça girava tão rápido que teve que fechar os olhos. Ela segurou a gola da camisa dele para se manter de pé, e sentiu mais do que ouviu sua ingestão de ar.

Ops!

— Você deveria voltar a sentar — ele comentou, guiando-a de volta para o sofá. — Eu vou pegar um pouco de água.

Quando ele voltou com o copo de água, Devon tomou alguns goles, agradecida pela distração. Quanto mais falava sobre essa história, mais sentia saudades de St. Louis, e mais queria ir para casa. Seu coração doeu ao sentir tudo de novo, por querer que fosse como antes. *Talvez pudesse ser assim novamente.*

— Dev — Garrett sussurrou, tirando o copo das suas mãos, e o colocando sobre a mesa, — o que aconteceu naquele dia que voltou cedo para casa?

Ela não queria recordar. Suprimir as lembranças era mais fácil, do que revivê-las. Ela inclinou a cabeça para o lado, e a colocou contra o ombro dele. Era mais fácil do que enfrenta-lo.

— Naquele dia, ele chegou em casa e me bateu até eu ficar inconsciente. Naquele momento, sem dúvida, ela ouviu a respiração ofegante de Garrett.

— Lembro-me de acordar deitada no chão do meu banheiro. Estava muito frio, e descobri que estava nua. Não conseguia parar de tremer, mas tive o cuidado de não me mover muito rápido. Minha cabeça latejava, e estava com o corpo coberto de hematomas. No começo, não consegui lembrar o que aconteceu, mas, quando ele entrou no banheiro, tudo voltou para mim. Comecei a chorar de dor e da descrença de que ele faria isso comigo. Eu

lembro das suas palavras. "Como pôde me obrigar a fazer isso com você?". Foi minha culpa. Foi tudo minha culpa o que aconteceu.

Garrett apertou o joelho dela suavemente. — Devon, não foi sua culpa.

Uma lágrima caiu do seu olho, e ela permitiu que rolasse por sua bochecha. — Foi minha culpa. Se eu tivesse sido melhor, ou tivesse feito algo mais, ele não teria ficado tão irritado. — Ela suspirou trêmula. — Eu jamais quis fazê-lo tão infeliz, tínhamos algo, sabe?

— Dev...

— Jurei que melhora, e me esforçaria mais. Queria que desse certo entre a gente. Tínhamos que dar certo. Pedi a ele que me promettesse que nunca faria isso de novo — Ela sussurrou.

— Mas ele não parou? — Garrett perguntou.

— Não, voltou a acontecer — ela respondeu. — Não de imediato, mas aconteceu. Eu simplesmente não conseguia descobrir como tornar as coisas melhor. Eu era tudo para ele. Fiz o possível para ser o que ele precisava.

— Se pensa dessa forma, por que acabou vindo para Chicago?

Devon podia ouvir o desespero em sua voz. Ele não entendia. Ele não entendeu o que ela passou. Por essa razão nunca contou a ninguém. Não podia quebrar o silêncio, só para sofrer por descrença. Não suportava a ideia das pessoas a julgarem, ou pior, sentirem pena das suas decisões. Fizera as escolhas certas para ela naquela época. Agora, o que aconteceria se retornasse...

Seu coração doeu com o pensamento que teve desde o dia em que partiu. *Tudo voltaria ser como antes? Ele faria pior? Ou perceberia que ela era tudo o que ele precisava?*

— Entramos neste ciclo que achei que nunca iria quebrar. Ele se zangava, e eu levava as consequências. Às vezes eu me encolhia, e chorava até que ele me perdoasse. Outras, eu me zangava e fugia. Mas então, parei de ficar com raiva. Fugir não era uma opção. Isso só piorou as coisas. Tornou sua raiva mais frequente.

— Você permitiu que esse cara continuasse...te batendo? — Garrett perguntou.

— Você não entende — ela respondeu, negando com a cabeça. — Eu o amo.

— Dev...

— Ficou pior — ela murmurou. — Tive que cancelar as aulas por uma semana.

— Por quê?

— Normalmente eu conseguia esconder os hematomas... naquela semana não consegui — ela sussurrou, olhando para o tapete. — Ele nunca mais deixou hematomas no meu rosto. Isso levantava muitas bandeiras vermelhas.

Garrett sibilou entre os dentes, ao imaginar. Ele não disse nada. *O que poderia dizer?* Ela não queria olhar para ele, e ler o que estava claramente escrito no seu rosto, então continuou, apenas querendo acabar a história.

— Mas isso, não foi o que me fez partir — ela disse. — Eu tinha terminado a minha última prova do semestre. Quando terminei, deveria encontrar meu professor favorito no seu escritório, para discutir meus planos do próximo ano. Recebi uma mensagem, me dizendo para encontrá-lo. Remarquei a reunião com meu professor, e corri para vê-lo. Não queria me atrasar. Quando cheguei, deveria ter pressentido o perigo. Velas estavam acesas em todos os lugares. Tinha uma garrafa de champanhe, e até pétalas de rosas.

— Isso era um sinal de problemas? — Garrett perguntou.

Devon assentiu, contra o ombro dele. — Deveria ter sido, mas eu vi, como um gesto romântico. Vi como uma maneira de voltar ao que era antes. Ele abriu a Champanhe, enquanto eu me despia para ele. Pensei que seria uma daquelas noites. Parecia que finalmente estávamos de volta ao caminho certo.

— Mas então, ele começou a fazer perguntas sobre meu professor, e por que ia encontrá-lo. Eu lhe disse que tive aulas particulares, e é claro, que meu professor queria me parabenizar pelo excelente trabalho neste semestre. Foi uma conversa estranha. Quero dizer, ele não gostou que eu tivesse aulas particulares, mas a semana que faltei me atrasou tanto que precisei usar todas as oportunidades para recuperá-la. Ele não acreditou em mim.

— Ele pegou meu braço e o torceu o mais forte que pode, me forçando para trás contra a cama. Ele pediu que eu lhe dissesse a verdade. Eu chorei, chorei e chorei, dizendo que estava falando a verdade. Não existia outra coisa que pudesse dizer. — Devon respirou fundo, e continuou.

— Senti como se os ossos de meu braço fossem quebrar, mas a dor evaporou, quando ele pegou uma vela da mesa, e manteve a chama sobre minha pele. Eu gritei quando me tocou. Ele disse que pararia quando eu dissesse a verdade. Tentei lhe dizer que estava falando a verdade, mas ele me golpeou tão forte no rosto, que vi manchas. Ele disse que eu estava mentindo. Sempre que a chama se aproximava da minha pele, a cera quente escorria pelo meu corpo. Ele disse que, se eu não lhe contasse, não lhe daria escolha. Eu não consegui convencê-lo, e a dor me cegava. Ele moveu a chama para a região, bem... logo acima da minha... — Devon apontou para sua região inferior. Ela corou, mas continuou. — A sensação da minha pele queimando tão perto de todas aquelas terminações nervosas foi a coisa mais intensamente dolorosa que já suportei, e logo, desmaiei.

Garrett estendeu a mão, e entrelaçou seus dedos com os dela. Ela não sabia de onde veio, mas era um sinal de força. Devon suspirou, e usou sua outra mão para baixar a frente do seu pequeno short de dormir.

— Veja — ela disse, apontando para a cicatriz logo acima da sua pele sensível.

— Porra — grunhiu Garrett.

Devon subiu o short novamente, envergonhada com a conversa. Ela o fez pensar que estava traindo, então o levou ao limite. Ainda assim, mesmo ela podia ver que sua punição foi excessiva, e sua consciência a estimulou a agir.

Ele violou sua confiança, a única coisa que ela lhe deu completamente, sem ele ter que pedir. Ele pegou tudo o que eles tinham, e derrubou tijolo por tijolo pelo seu próprio delirante senso de controle. Ele traiu sua confiança. Arruinou a vida sexual deles, destruiu o relacionamento deles, e a arruinou.

— Quando acordei, ele tinha desaparecido. Alguns dias depois, eu estava no primeiro trem para Chicago.

A única opção

Garrett não se moveu durante o que pareceu uma eternidade. Devon queria ver sua reação. Queria saber se ele não pensava diferente dela. Queria saber muitas coisas, mas não era corajosa o suficiente para olhá-lo.

Ela sentiu seu suspiro pesado, e o movimento do seu corpo na direção dela. Ela respirou fundo. Sua mente ainda se perguntava muitas coisas. Ela não podia acreditar que tinha contado sua história. Por muito tempo, tinha sido um segredo. Não queria correr o risco que alguém descobrisse. *O que as pessoas pensariam dela... dele? O que elas fariam?*

Sua mente se fechou a essa ideia.

— Devon — ele falou finalmente.

Ele a puxou contra ele, e a envolveu com seus grandes e fortes braços. Ela ficou tensa, incerta de onde isso estava vindo. *Ele estava com pena dela?* Não precisava da sua compaixão.

— Espero que veja quão forte você é, assim como eu vejo.

Forte? Eu fugi. Ela queria gritar isso para ele. *Eu não sou forte. Sou fraca. Não consegui enfrentar os meus medos, por isso fugi.*

Ela não sabia o que dizer, e ele não a soltou, então relaxou no seu abraço, o aceitando pelo que era. Ambos se encontravam num momento difícil, separados das suas vidas. Devon fugiu, e Garrett enfrentou seus problemas de frente. De qualquer maneira, terminaram sentados na mesma sala. *Então, possivelmente se ela tivesse enfrentado seus problemas, teria terminado do mesmo modo. Ou talvez ela não teria terminado inconsciente. Em vez disso, estaria morta.*

Esse pensamento a fez romper o abraço. Ela olhou diretamente para Garrett. Sentiu as lágrimas em suas bochechas, quentes e incômodas. Ela odiava chorar, especialmente na frente das pessoas.

Garrett estendeu a mão, e afastou o cabelo do seu rosto. Ela fungou, enquanto as lágrimas deslizavam mais rápido causadas por seu afeto. Ela não precisava que alguém cuidasse dela. Podia cuidar de si mesma. Esse pensamento a fez chorar com mais força.

— Não chore — ele sussurrou.

Seus polegares roçaram sob seus olhos, como ele tinha feito quando ela acordou do seu pesadelo no sofá. Ela não conseguia conter as lágrimas, e sua ajuda só piorou as coisas.

Ela não sabia como ainda tinha tantas lágrimas. *Ela já não tinha chorado o suficiente? Ou essas lágrimas eram por outro motivo?* Ela sentiu a garganta fechar, e tossiu. Nenhuma só vez ela acreditou que fugir, era a coisa certa a fazer. Foi impulsivo. Era algo que Hadley faria. Devon sempre foi a racional, que queria resolver as coisas. Ela ficou com ele bem além do ponto que deveria ficar. *E para quê? Para ter medo, e ser acusada de coisas que não fez? Para ser surrada, queimada, e deixada inconsciente?*

Todo o tempo que estivera em Chicago, ela se sentiu como uma covarde. Sentiu que fugir da sua vida, foi uma saída covarde, e a única razão de ainda não ter retornado, era por medo. Agora, olhando por outro lado, entendeu que fugir não era a opção certa. Era a única opção.

— Como você passou por tudo isso sozinha?

Devon sacudiu a cabeça. Ela realmente não sabia. Nunca se sentiu sozinha até partir. — Eu não sei. — Ela soluçou em meio as lágrimas.

— Você não deveria ficar sozinha — ele disse, acariciando seu cabelo. — Seus pesadelos são sobre isso?

Devon fechou os olhos. Não conseguia enfrentar esses pesadelos. Ele a assombrava há meses. Ela não conseguia escapar dele, mesmo tendo fugido.

— Devon, cedo ou tarde, você terá que enfrentá-lo — ele afirmou.

Ela achou que ele quis parecer reconfortante, mas não a acalmou. — Sim — ela respondeu tremula. — Eu sei... cedo ou tarde.

— Você não pode se esconder em Chicago para sempre. A faculdade não começa em agosto?

— Sim, é verdade.

Garrett apertou seu ombro, e a puxou para mais perto. — Você não acha que seria melhor acabar logo com isso, do que esperar mais um mês ou dois?

— Você não escutou o que aconteceu? — Ela sussurrou freneticamente.

— Eu escutei, Dev. Só estou dizendo que você tem tanto medo disso e, às vezes, precisa enfrentar seus medos.

Devon negou com a cabeça. — Não se trata de enfrentar meus medos. Bem, mais ou menos. Tudo bem, é, mas você não entende. Não sabe como ele é — ela diz, com suas mãos tremendo muito.

Garrett pegou suas mãos nas dele e as segurou para evitar que tremessem.

— Se você soubesse... se você ao menos soubesse...

— Então, me conta. Quem é esse cara? Quem pode ter tanto controle sobre você?

Devon olhou para as mãos deles entrelaçadas no seu colo. Ela contou sua história, e omitiu o detalhe mais importante. Era o único detalhe que sem dúvida às pessoas achariam difícil acreditar.

Quem realmente acreditaria que o casal perfeito, seria totalmente problemático?

— Difícil de acreditar — ela começou, preparando-se para a reação dele. — Meu namorado, Reid.

— Espera — ele disse, confuso. — Vocês ainda não estão namorando?

— Bem...teoricamente — ela sussurrou. — Eu apenas parti.

— Não, partir significa que vocês terminaram.

Certo. Ela nunca pensara dessa maneira. Quando ela partiu, realmente não pensou em nada. Mas fazia sentido para ela. Deixá-lo, mesmo que não tenha lhe dito o que estava acontecendo, a fez ver que tudo tinha terminado. Mesmo assim, não tinha dito a ele.

— Eu não disse a ele — ela finalmente admitiu.

— Mas, ele não continua te procurando?

Devon negou com a cabeça, envergonhada. — Durante meses meus pais falaram sobre essa viagem a Paris. Eu comentei com ele, mas nunca pensamos que na verdade aconteceria. Meus pais são tão espontâneos, que

quando eu lhe disse, que eles decidiram ir de última hora, ele acreditou em mim — ela disse, olhando para Garrett. — Caso contrário, ele não teria me deixado sair, ou teria surtado, e tentado me encontrar. Eu não queria ser encontrada.

— Então, ele acha que você está em Paris neste verão?

Devon assentiu.

— E você conseguiu se safar todo esse tempo?

— Eu disse aos meus pais que ficaria em St. Louis durante o verão com ele. Fechei minhas contas do Facebook e Twitter. Não respondi os e-mails.

— É por isso que você não queria tirar fotos — ele disse, juntando as peças.

— Sim, não sabia se elas seriam publicadas na internet, ou algo assim.

— Quando você voltar para St. Louis, e ele descobrir que você não estava em Paris, o que acha que ele vai fazer? — Garrett perguntou baixinho.

Ambos sabiam a resposta para essa pergunta.

Garrett se afastou e lhe serviu outra dose, e Devon tomou de um só gole. Assim que bateu no seu estômago, soube que era demais. Ou possivelmente a anterior tinha sido. Ela não sabia. Sua cabeça girava, e não podia sentir as pernas. Isso a fez rir, apesar do terrível pensamento que acabara de passar pela cabeça deles. Sentia os lábios e olhos pesados, tudo parecia pesado. Ela voltou a sentar contra Garrett. Estava feliz por ele a estar segurando. Caso contrário, achou que poderia cair.

Tão rápido quanto o riso deixou sua boca, ela a fechou, e as lágrimas escorreram pelo seu rosto. Ela estava realmente fodida. Ela se inclinou para frente, e o rodeou com os braços, aproximando seu corpo ao dele. Os braços dele desceram pelas suas costas, a puxando contra ele. As lágrimas caíam no seu ombro, e ela se sentia muito fraca e vulnerável, e bêbada para fazer algo a respeito.

Garrett acariciava seu cabelo com uma mão, enquanto a outra esfregava suas costas lentamente para cima e para baixo. Ela soluçou, mas logo suspirou em seu abraço. Ela só queria esquecer toda a dor, e afastar as lembranças de Reid. Queria fingir que nunca acontecera.

— Ei. — Garrett passou as mãos em suas bochechas, embalando seu rosto.

Quando ela o olhou nos olhos, enquanto a segurava, as lágrimas caíram mais forte. Ele colocou uma mecha do seu cabelo atrás da orelha, e então roçou os dedos ao longo do seu maxilar.

Baixou os lábios lentamente em seu rosto, beijando gentilmente as lágrimas. Fechando os olhos, ela descobriu que quanto mais ele tentava consolá-la, mais lágrimas caíam. Sua boca se moveu para sua outra face, e apagou a trilha que as lágrimas tinham formado. Ele continuou beijando seu maxilar, e então levemente, quase hesitantemente, seus lábios se moveram para o canto da sua boca. Enquanto permanecia imóvel, Devon sentiu sua respiração acelerar.

Em seguida, seus lábios encontraram os dela. Ele tinha gosto de uísque. Os beijos começaram lentos, enquanto Garrett esperava uma resposta dela. Ele enfiou os dedos entre seus cabelos, se pressionando contra ela. Deslizou a língua através do seu lábio, e Devon ofegou de surpresa. Ele moveu a língua na sua boca, os aproximando cada vez mais.

Então, tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo. Garrett a inclinou contra o sofá. Moveu seu corpo sobre ela, e podia sentir seus quadris a pressionando. Sua mão roçou seu seio através da camisola. A outra seguia emaranhada em seus cabelos. Os beijos se tornaram desesperados e exigentes.

Devon não conseguia respirar, nem pensar. Ele ignorou seus lábios indiferentes, e se atrapalhou com sua roupa, afastando o máximo que podia.

Ela sentiu seu corpo afundar cada vez mais no sofá, como se estivesse desaparecendo. Ela tinha certeza que emergiria do outro lado, e descobriria que tudo isso seria um outro sonho.

Seus lábios viajaram para o seu pescoço e clavícula, alcançando tanto espaço quanto poderia. Devon teve a terrível sensação de estar gostando. Fazia meses desde que alguém a desejou de tal maneira. Ela era apenas humana, e seu corpo a traía ao reagir favoravelmente a ele.

O álcool corria por suas veias, dizendo que aproveitasse. Sua mente não respondia. *Tinha se fechado tanto assim?* Era tão bom ser desejada, ser beijada. Fazia muito tempo que ela não era beijada.

Então, sua mente respondeu. Brennan. Brennan foi o último a beijá-la, e ela o afastou porque tinha um namorado. Naquele momento, acreditava que tinha um, mas na realidade abandonou Reid. Ela afastou Brennan por nada, e ele valia mais que isso.

Quando sentiu a mão do Garrett deslizando pelo seu short, ela gritou: — Para! Para! Eu...eu não posso fazer isso!

Devon o empurrou para longe dela. Ela caiu ao chão de joelhos, seu corpo estremecendo e seus dentes rangendo dolorosamente. Ela grunhiu, e se arrastou para longe dele. Seu equilíbrio estava horrível, e ela caiu duas vezes, quando tentou se levantar.

Garrett olhava para ela, mas ela não queria ver seu rosto. Não queria ver o que ele pensava. Só precisava ir embora. Se fugir era sua força, então, a exerceria uma segunda vez. Ela não podia suportar a ideia de ficar no mesmo apartamento que Garret mais uma noite. Como ele pôde tentar se aproveitar dela, depois de ter confiado nele com algo que nunca contara a ninguém antes, especialmente depois do que lhe dissera?

Devon não ficaria o tempo suficiente para descobrir. Entrou tropeçando no seu quarto, e vestiu um jeans e tênis. Garrett tentou falar com ela, mas fingiu não ouvi-lo. Não podia lidar com isso acima de tudo. Nem sequer conseguia lidar com seus próprios problemas.

Devon caminhou sem rumo pelas ruas. Não sabia para onde ia, ou que direção seguia. Era perigoso andar sozinha à noite por Chicago. Foi uma péssima ideia. Bem como, continuar com seu namorado por três anos, mentir para seus pais, afastar Brennan, e se aproximar de Garrett. Ela só adicionaria isso a lista.

Devon caminhou até sentir o álcool menos potente. *Por que bebeu tanto? Quem achou que era uma boa ideia para uma depressiva?* Ela teria rido da sua própria autorrealização, mas não era engraçado.

Quando seus pés começaram a doer, parou e olhou em volta. Não reconheceu nada, e isso a deixou ainda mais ansiosa. *Onde seus pés a levaram?* Seus olhos percorreram os edifícios ao redor, tentando se localizar.

Ela já havia estado aqui. Percebendo onde se encontrava, ela sorriu, e entrou em um edifício.

Parada em frente a porta, tomou a decisão que seus pés já haviam tomado por ela. Ela bateu, e esperou. Quando não aconteceu nada, voltou a bater mais forte, até que ouviu alguém se mover. Sua cabeça girava, e não sabia se era porque ainda estava bêbada, ou estava nervosa. Justo dizer que eram ambos.

— Quem é? — Uma voz gritou.

Ela não respondeu.

A porta se abriu, e o rosto do Brennan surgiu. Ele deixou a porta entreaberta, ainda trancada por uma corrente de segurança. — Devon? — Brennan perguntou, bocejando.

— Ei — ela sussurrou. De repente, se sentiu constrangida, como se não devesse ter vindo.

— O que você está fazendo aqui? São quatro da manhã.

— Posso entrar? — Ela perguntou, surpresa pelo horário.

— Já é muito tarde, e eu estava dormindo. Foi uma longa noite. Estou sem tempo para lidar com isso... — ele estancou, quando finalmente olhou para ela.

— Por favor? — Ela tentou segurar as lágrimas, mas não teve sucesso.

— Devon, isto não pode esperar até de manhã? — Ele perguntou, falhando em ocultar sua simpatia.

— Já é de amanhã — ela murmurou.

— Então, um horário normal? — Ele insistiu.

Devon baixou a cabeça e, em seguida olhou em seus grandes olhos. Eles não estavam vermelhos como hoje a tarde. Não pareciam aturdidos como costumavam estar, quando ele entrava no trabalho chapado. Eram só os olhos normais de Brennan, e ela gostava mais assim.

— Não tenho para onde ir — ela sussurrou, sentindo-se derrotada. Ele suspirou. Inclinou a cabeça de um lado para o outro como se estivesse

debatendo, e então fechou a porta, retirou a corrente e a abriu para ela. — Entre — ele disse. — Vou arrumar o sofá de novo.

— Obrigada — ela murmurou, aliviada.

Devon se sentou no sofá, recordando a última vez que esteve ali. Sua cabeça latejava, e tentou não pensar sobre isso. Este era Brennan. Ela resolveria as coisas.

Ele retornou com uma pilha de travesseiros e cobertores, como da última vez. Mas agora ela percebeu, que ele ainda estava muito chateado. Não tinha a certeza se era por antes, ou não, mas seu corpo estava rígido.

— Bem, boa noite. — Ele se virou, e caminhou para seu quarto.

Pelo menos, ele não era bisbilhoteiro.

— Qual é o seu problema? — Ela perguntou. Diferente dele, ela era bisbilhoteira.

Brennan parou, e suspirou. Ele se virou para encará-la. — Quanto você bebeu?

— Muito — ela entregou com facilidade.

— Isso foi o que pensei. Por que você apenas não...dorme um pouco? — Ele perguntou em voz baixa.

— Brennan — ela disse, quando ele começou a se afastar. — Você não pode conversar comigo?

Ela o viu cerrar os punhos ao seu lado. Ele se virou, e negou com a cabeça.

— Sobre o que você quer conversar?

— Você pode se sentar? — Devon pediu, levantando os pés do sofá.

— Não — ele respondeu secamente.

— Deus, Brennan, qual é o problema? — Ela indagou, o álcool deixando-a mais ousada do que o normal.

— Você quer saber qual é o problema? — Ele perguntou, atravessando a sala. Ele levou um instante para tentar se recompor, mas não conseguiu. — O meu problema é você. Tudo em você!

Devon engoliu em seco, olhando para ele em estado de choque. *De onde veio isso?* — O quê? Eu? — Ela vacilou.

Suas mãos tremiam. — Você entra na minha vida, quando não deixo ninguém entrar. Chegou sem pedir, sem me dar uma opção. Então, bateu a porta com tanta força, que poderia quebrar as vidraças. Justo quando penso que você se foi, e posso novamente me fechar — ele quase grita com ela, — você aparece novamente. E agora é pior, porque estou perto de você todos os dias.

— Você tem essa barreira, e não tenho ideia de como atravessá-la. E é óbvio, que você não quer que a atravesse, mas não posso deixar de tentar. Quando penso que não há nenhuma possibilidade, nenhuma, depois que você foi embora do meu show... quando escrevi aquela música para você... — Ele parou, a olhando intensamente. — Então, você aparece aqui, dizendo que não tem para onde ir, quando a porta sempre esteve aberta.

O coração de Devon estava batendo tão forte no peito, que ela achou que explodiria. *Era isso que ele estava carregando todo esse tempo? Ela chegou a suspeitar que ele ainda gostava dela, mas isso... como responderia a isso?*

— Acho que terminei com o meu namorado — ela disse em voz baixa.

Não era mentira, não exatamente. Ela deixou Reid. Sentia isso no seu coração.

— O quê? — Brennan perguntou, se aproximando.

Ele não esperava por isso.

— Terminamos.

Brennan então, se sentou. — Sinto muito.

Ela não acreditou nele, e isso a fez sorrir. — É... para melhor.

— Deus, sou um idiota — ele comentou, passando as mãos cabelo.

Devon riu. — Muito pelo contrário.

— Por isso que você veio? — Ele perguntou, entrecerrando os olhos.

— Mais ou menos. — Devon franziu o nariz. — Hadley e Garrett brigaram, e eu não queria ficar por perto.

Também não era mentira.

— Tudo está desmoronando — ele disse baixinho.

Devon deu de ombros. — Não sei se tudo.

Ela deu um tapinha no assento ao seu lado no sofá, e ele se aproximou para sentar ao lado dela.

— Como se sente, você sabe...sobre o seu namorado? — Ele perguntou com um suspiro. Ela não sabia dizer se era um suspiro de alívio ou não.

— Não sei se já caiu a ficha — ela admitiu, envolvendo seus braços nos joelhos. — Nós namoramos por três anos.

— É muito tempo.

— Sim — ela respondeu. — É.

Brennan voltou a suspirar. — Ficaré mais fácil com o tempo.

Devon assentiu. — Acho que sim. Além disso, tempo é tudo o que tenho agora, certo? — *Estava tentando se convencer ou a ele?*

— Desculpa por gritar com você — ele disse timidamente.

— Não se preocupe. Sem dúvida eu merecia isso — ela sussurrou.

— Não foi certo — ele disse. — Eu estava... projetando.

— É uma bela definição para isso — ela respondeu com uma risada.

Ele olhou para o chão por alguns minutos. Realmente ele é lindo. Mesmo gritando com ela, ele é lindo.

— Estou feliz que você esteja aqui — ele disse finalmente. — Que quando não tinha para onde ir, veio e me encontrou, para que eu possa te apoiar.

Ele ergue os olhos e encontrou os dela, e ela sentiu que suas palavras a atingiram.

— Quero ser isso para você, Devon.

19

Morangos

O aroma do bacon enchia o apartamento, e Devon acordou com um sorriso. Sem pesadelos. Não teve um único a noite toda. Foi a primeira vez em semanas. Ela dormiu profundamente, nem sequer acordou, quando Brennan se levantou para cozinhar. Olhou o relógio e se deu conta que já era meio dia. *Ela não podia acreditar!* Dormiu por quase oito horas. Não conseguia se lembrar da última vez que isso aconteceu.

— Bom dia, dorminhoca — Brennan a chamou, da porta da cozinha.

Ela bocejou, e esticou os braços sobre a cabeça. Ela usava uma das camisetas dele. Era muito grande, mas cheirava bem e limpa, e tão parecida com Brennan, que queria usá-la todos os dias. Seus olhos percorreram o corpo dele, e ela tentou disfarçar a avaliação. Mas tarde demais, e ele deve ter notado, porque sorriu para ela. *O que ele esperava que ela fizesse, quando andava pelo apartamento sem camisa?*

Devon esticou os pés, até que tocaram a outra extremidade do sofá. Era tão bom se sentir bem... pra variar. Ela não podia acreditar como dormiu bem, depois do que aconteceu ontem. Mas achava que falar sobre o que aconteceu com ela, mesmo que tudo tivesse dado errado, a ajudou...ou talvez fosse Brennan. Não conseguia decidir.

— Bom dia — ela disse através de outro bocejo.

— Como você dorme tanto? — Ele perguntou, encostado no batente da porta.

— Não dormia tanto assim há meses. Eu me sinto como uma nova pessoa.

Brennan riu, e Devon voltou a suspirar no sofá ao ouvir. Sem dúvida nunca o viu rir dessa maneira, leve, feliz, e livre.

— Bom, espero que esta nova pessoa goste de bacon.

— Ela gosta — Devon respondeu, assentindo. Ela tirou os lençóis do corpo. Quando se levantou, a camiseta caiu quase até os joelhos, e ela corou, lembrando que havia tirado o jeans antes de dormir. O pegou do chão, e correu para o banheiro. Depois de colocar o jeans cobrindo suas pernas expostas, rapidamente fez um coque no cabelo, e depois jogou água fria no rosto. Precisava acordar, e não corar tanto.

Brennan tinha uma mesa o suficientemente grande para dois, contra a parede da cozinha, e Devon ocupou a cadeira vazia. Ele colocou um prato com ovos, bacon e torradas na frente dela.

— Café? — Ele perguntou com um sorriso.

— Claro — ela respondeu. — Com muito creme e açúcar.

Ele riu outra vez, amavelmente. Depois de servir seu próprio café, ele sentou na cadeira em frente a ela, e comeram num silêncio confortável. Ontem à noite me parecia uma vida atrás. Mas Brennan gostava dela, ele confessou. Bem, pelo menos, de alguma forma deu a entender. Tinha lhe dito de uma forma totalmente Brennan. Isso a fez suspirar alegremente, enquanto comia.

Apesar dos seus protestos, Devon ajudou a limpar a mesa, e então, lavou seu prato e o colocou na lava-louça. Quando ele finalmente a empurrou para fora da cozinha, ela foi para o sofá, e voltou a sentar. Ligou a TV em algum canal aleatório, e esperou que Brennan retornasse. Não importava o que passava na TV, porque ela realmente não estava prestando atenção.

Alguns minutos depois, Brennan entrou na sala de estar. Sentou ao lado dela, e passou um braço em volta dos seus ombros. Ela se apoiou contra ele, aconchegando-se em seu peito, e ele entrelaçou suas mãos no colo dela. Era muito confortável e agradável. *Quanto tempo fazia desde que ela se sentiu assim?* Fazia pelo menos um ano, talvez mais, desde que fizera isso com Reid. Ela não conseguia lembrar do momento, quando tinha sido diferente, e não queria mais pensar sobre isso. Queria ser feliz.

Eles ficaram sentados assim durante todo o programa de televisão sem sentido. Devon não poderia dizer a ninguém o que aconteceu no programa, mas sabia o ritmo do coração de Brennan, os pequenos movimentos que ele

fazia quando se aninhava perto dela, e as suaves carícias dos seus dedos contra sua mão.

Quando o programa terminou, Devon se moveu para pegar o controle remoto, mas Brennan se moveu primeiro. Ele pressionou o botão desligar, e a tela ficou preta. Ela virou o rosto na direção dele, franzindo suas sobrancelhas. Quando o encontrou olhando-a com adoração, toda a tensão desaparecida de seu rosto. Ele moveu a mão e tirou com suavidade o laço do seu cabelo, liberando as longas madeixas que caíram ao redor do seu rosto.

— Eu adoro seu cabelo — ele disse, passando a mão por um lado, o que a fez estremecer. — Eu amo quando você o deixa solto. Adoro quando isso te incomoda, e você joga todo sobre um ombro.

Sua mão afastou o cabelo dela expondo seu pescoço, percorrendo a pele suavemente com os dedos. Sua respiração ficou superficial, e seus olhos foram até seus lábios e de volta para os olhos.

— Eu amo seus grandes olhos azuis, e o jeito que me encontram na multidão, mesmo quando não querem. Eu amo seus lábios, que você constantemente morde com frustração, que chupa na hora de escrever no seu caderno, ou que franze enquanto decide o que pedir.

Devon engoliu em seco. Não conseguia respirar.

Ele se inclinou para frente, segurando seu queixo com a mão. — Realmente eu amo seus lábios — ele sussurrou com suavidade, antes de pressionar os lábios contra os dela.

Desta vez, Devon suspirou, nem mesmo pensando em se afastar. Ela estava perdida mente, corpo e alma, para o cara diante dela. De algum jeito, ao longo do caminho, ele capturou não só seus lábios, mas ela toda. *Como pôde evitá-lo por tanto tempo?*

Sua língua acariciou seu lábio inferior, e abriu sua boca. A princípio o encontrou timidamente, e então, se entregou totalmente ante a sensação. Seus sentidos se intensificaram de uma só vez, ao sentir a suavidade dos seus lábios contra os dela, os calos nas mãos dele tocando sua pele, seu corpo tenso pressionando o dela. Seu perfume nublou sua mente, e ela se forçou a não se mover muito rápido. Seus dedos passaram pelo seu cabelo longo, e ela gemeu ligeiramente na sua boca.

Ser beijada desta maneira, era como saborear o primeiro morango da temporada, muito doce e bem melhor do que recordava.

Eles continuaram se beijando devagar, distraídos e felizes, até que Brennan lembrou que realmente tinha que ir trabalhar naquele dia. Devon não teve muitos dias de folga, e já que trabalhou tão duro no dia anterior, resultou que hoje era um deles.

Brennan foi tomar banho, e Devon pegou seu celular, tentando não imaginá-lo nu. Não teve tanta sorte.

Ela tinha desligado o telefone na noite passada, porque não queria ser incomodada. Principalmente, não queria que Garrett ligasse para ela. Quando a tela se iluminou, e finalmente alcançou um sinal, seu telefone se iluminou com mensagens, chamadas perdidas e áudios.

Que diabos? Ela pensou, ao abrir a primeira mensagem.

Esperava que Garrett lhe mandasse uma ou mais mensagens de texto, talvez um áudio, pedindo que voltasse. Talvez até se desculpendo por seu comportamento. *Mas trinta e duas mensagens de texto e cinco de voz?* Era um absurdo. *Qual era o problema dele?*

Devon não queria ler as mensagens de texto. Saiu delas, e foi para as mensagens de voz. Todas eram desta manhã. Ela encolheu os ombros, e colocou o telefone no ouvido.

— Devon, você pode me odiar, mas atenda o telefone!

Parou a mensagem, não querendo ouvir o resto. A seguinte mensagem começou justo depois da anterior.

— É a Hadley. Ela está no hospital. No Northwestern Memorial. Não me importa se você me odeia, mas pense nela.

A mensagem acabou, e Devon olhou para o telefone em estado de choque. Toda a leveza e tranquilidade por estar com Brennan essa manhã, desapareceram do seu rosto... de todo o seu corpo. Hadley estava no hospital. *Merda!*

Devon pulou do sofá apressada, jogando o celular na sua bolsa. Bateu com força na porta do banheiro, assim que o chuveiro foi desligado. Brennan abriu a porta, segurando uma toalha em volta da sua cintura. Ainda estava

molhado, e seu cabelo caído, quase sobre os olhos. Momentaneamente ela se distraiu.

Daí, balançou a cabeça, e lembrou do que era realmente importante. — Hadley — ela disse sem fôlego. — Garrett ligou, ela está no hospital.

— O quê? — Ele gritou, passando por ela. — Qual hospital?

— Northwestern Memorial.

— Não é muito longe daqui — ele disse. — Deixe-me vestir alguma roupa, e vamos. Vou ligar para a Jen do carro.

Devon não sabia por que, mas sua mente se focava nas coisas mais estranhas sob estresse. *Brennan tinha um carro?*

Brennan conhecia os atalhos dentro do Northwestern Memorial melhor do que Devon acreditava que a maioria das pessoas deveriam ser capaz de andar dentro de um hospital. Devon estava ansiosa, e não parava de esbarrar nele, enquanto caminhavam pelo prédio. A viagem foi extremamente curta. Ela quase se sentiu mal por pegar o carro, considerando que o trem não teria sido muito esforço. Mas ela gostou de observá-lo, embora com relutância, dadas as circunstâncias, dirigindo seu pequeno Jetta Hybrid pelas ruas movimentadas com seus óculos de sol.

Ele encontrou o que procurava, e se aproximou de uma mesa com um homem magro atrás dela. — Por favor, estamos aqui para ver Hadley Bishop — Brennan disse ao homem.

O homem digitalizou no seu computador, passando o dedo pela tela. — Ah, ela está na UTI. Vá direto por esse corredor, e depois vire...

— Obrigado, eu sei o caminho — Brennan respondeu, o interrompendo, e seguindo pelo corredor.

Devon seguiu grudada nele, torcendo as mãos como uma maníaca. Desejou ter uma caneta para girar, mas já tinha olhado em sua bolsa, e não encontrou nenhuma. Brennan andou por alguns corredores, e parou ao chegar na sala de espera da UTI.

Ele a deteve, antes de ir até o posto de enfermagem. — Você sabe por que ela está aqui? — Ele perguntou.

— Bem, tenho um palpite.

Brennan assentiu. — Seu palpite provavelmente está certo.

— Eu sei — ela sussurrou, olhando para baixo.

— Você está preparada? — Ele esfregou o braço dela.

— Não sei.

— Eu queria que você não tivesse que vê-la assim. Isso não é dela. Ela nunca deveria ter tido uma overdose.

Devon suspirou. Não sabia porquê. Ela sabia que essa era a razão pela qual Hadley estava aqui, mas dizer isso em voz alta parecia muito pior.

Lágrimas surgiram nos seus olhos, e de repente se sentia contente por estar do lado de fora da sala. Toda a adrenalina para chegar até Hadley estava passando, e ela se sentia exausta.

Os braços do Brennan a envolveram, e ela se apoiou contra ele, grata por ele estar aqui, por não ter ido trabalhar. Ele beijou o topo de sua cabeça, e a segurou em seus braços, enquanto ela chorava através da dor. Ela estava chorando por mais do que Hadley, mas saber o que Hadley tinha feito, era o mais potente neste momento. *Por que as coisas estavam desmoronando?* Ela se sentia tão culpada, por estar tão feliz com Brennan esta manhã, quando Hadley sofria sozinha.

— Você não poderia ter feito nada — ele sussurrou contra o cabelo dela.

— Eu sei — ela respondeu.

— Não sabemos. Mas ela vai ficar bem, e vai perceber o seu erro. Você não pode se culpar. Não é sua culpa. — Ele a balançava suavemente.

— Eu sei — ela repetiu.

— Você não pode carregar isto em seus ombros também — ele disse, afastando-a para examiná-la.

Ele se abaixou, e pressionou firmemente seus lábios contra os dela. Devon suspirou nele, pensando que nunca se cansaria disso.

— Não desanime. Vamos vê-la.

— Está bem — ela concordou trêmula.

Dobraram a esquina e caminharam até a enfermaria.

— Estamos aqui para ver a Hadley Bishop — Brennan disse a enfermeira.

— Um momento, por favor. Deixe-me ver se ela pode receber visitas — a enfermeira disse, olhando para o computador. A enfermeira falou no interfone

com alguém, e esperou por uma resposta. — Tudo bem, podem entrar. Ela está no quarto seis. Por favor, sejam conscientes da enfermeira que está trabalhando.

— Obrigado — Brennan respondeu, com um sorriso agradecido.

Eles entraram pela porta da UTI. Era um grande corredor de quartos com portas de vidro de cada lado. Cada quarto era facilmente acessível ao posto de enfermagem. Eles seguiram pelo corredor até o quarto de Hadley. Assim que chegaram a sua porta de vidro, Garrett saiu e deslizou a porta de volta no lugar.

O estômago do Devon se contorceu com a lembrança do seu corpo cobrindo o dela. Ele não a olhou nos olhos, e ela ficou feliz. Ele deveria ter vergonha. Ele parecia muito abatido, e Devon se perguntou há quanto tempo estaria aqui com Hadley. A pontada de culpa a atingiu novamente.

— Estou feliz por você ter vindo — ele disse, finalmente olhando para ela. Ela desviou o olhar, sem força para encará-lo.

— Teríamos vindo antes, mas o telefone da Devon estava desligado — respondeu Brennan, encolhendo os ombros.

— Você desligou seu telefone no trabalho? — Perguntou Garrett, confuso.

— Hoje não tive que trabalhar — Devon respondeu, sem saber por que ele se importava.

— Ela já estava comigo — explicou Brennan, antes que Garrett pudesse fazer outra pergunta.

Garrett franziu as sobrancelhas, e moveu os olhos entre eles. Ela não queria saber o que ele estava pensando.

— Podemos vê-la agora? — Brennan perguntou, impaciente.

— Oh, é claro — Garrett respondeu, como se não tivesse percebido que seu corpo bloqueava a entrada. — Ela está bem melhor, do que quando a trouxeram. Está sedada, e tiraram tudo o que puderam do seu organismo.

Devon olhou através do vidro para sua melhor amiga, e um soluço escapou da sua garganta ao vê-la. Claro, elas tinham se afastado nesse verão, mas Hadley ainda era sua melhor amiga. Elas moraram juntas por quase três anos, beberam juntas em festas idiotas de fraternidade, aprenderam a

cozinhar, tiveram fins de semana de garotas, e muito mais. Quase todas suas lembranças felizes na faculdade foram ao lado dela. A pior parte do relacionamento com Reid ocorreu, depois que Hadley partiu, e lhe entristecia que seis meses pudessem mudar tanta coisa.

Sua Hadley era a mesma pessoa, que agora estava deitada em uma cama de hospital, respirando com a ajuda de um aparelho, e parecendo tão pálida quanto o lençol branco que cobria o seu corpo.

— Os médicos disseram que ela teve sorte de estar com outras pessoas ontem à noite. Suas amigas a trouxeram quando ela ficou inconsciente, e então sumiram, assim que a largaram no pronto-socorro — Ele comentou. — Os médicos não têm certeza do que ela usou. Até agora, descobriram que a principal fonte foi a cocaína.

— O que explica o sedativo — disse Brennan, quase para si mesmo.

— Sim — concordou Garrett, — mas claramente ela estava bêbada, e também tomou alguns analgésicos. Ouvindo os médicos, entendi que eram um tanto fortes.

— Ela está tão pálida — Devon disse baixinho.

— Eu só... não posso acreditar que ela faria isso a si mesma — Garrett disse. — Nós discutimos, mas isso não deveria ter sido uma justificativa para... isso. — Ele gesticulou em direção a Hadley.

Brennan sussurrou algo para Garrett, mas ele continuo olhando Hadley, enquanto Brennan falava.

Devon entrou no quarto, e se aproximou da sua amiga, enquanto os caras conversavam do outro lado. Ela os ignorou, e se deixou cair na cadeira junto à cama. Pegou a mão de Hadley, surpresa ao descobrir que estava muito quente, como se estivesse em chamas. Devon envolveu os dedos ao redor da sua mão, e apoiou a testa nela.

— Sinto muito, Hadley — ela sussurrou. — Desculpe-me por saber, e não fazer o suficiente. Peço desculpa, por colocar você numa situação tão difícil. Lamento por usar sua fraqueza a meu favor. Isso é um merda vindo da parte de uma amiga. Sinto por não ter sido sua amiga desde que cheguei. Eu gostaria de poder te dizer tudo o que sinto, mas não acredito que me queira aqui todo o dia e a noite. Sobre tudo, lamento já não sermos tão próximas

como antes. Não sei quem nos distanciou, mas não gosto disso. Guardei segredos... você sabe que fiz isso. Mas você também, e depois me afastou, quando tentei te ajudar. Eu não te culpo. Como poderia culpá-la? Só lamento, que chegamos a isto, e espero, que quando despertar, possamos consertar isso. Você é minha melhor amiga.

Devon apertou a mão dela, e se levantou, antes que as lágrimas chegassem. Não podia mais chorar. Já tinha chorado muito.

— Ela ficará... bem? — Ela conseguiu dizer, antes de cobrir a boca só de pensar.

— Sim, os médicos disseram que ela ficará bem fisicamente — Garrett disse a ela. — Entretanto, o mental e emocional levará tempo.

Hadley ficaria bem, viva. Em breve acordaria, e começaria a se recuperar. Aprenderia com seus erros, e então, todos poderiam seguir em frente.

Mas hoje, ela não estava bem, e hoje não foi um bom dia. Foi um dia doloroso, terrível e desolador. Hoje, Devon se permitiria sentir, porque isso a faria sentir melhor amanhã.

— Vou... procurar algo para comer — Devon disse, evitando os olhos dos caras, enquanto passava por eles.

— Você quer que eu te acompanhe? — Brennan perguntou, roçando seu braço com os dedos.

Ela sorriu para ele, mas negou com a cabeça. Queria ficar sozinha.

Devon saiu pela porta, e percorreu alguns metros no corredor, quando ouviu passos atrás dela. Ela se virou, seu batimento cardíaco aumentando drasticamente. Depois de todos os seus pesadelos sobre ser perseguida, não conseguia evitar esse medo incontrolável.

— Devon, podemos conversar por um minuto? — Perguntou Garrett, se aproximando.

— É melhor não — ela disse. Seu peito doía, e ela só queria encontrar um lugar para ficar sozinha. *Ele não percebeu isso?*

— Eu só queria pedir desculpas por ontem à noite — ele se movia desajeitadamente de um pé para o outro.

— Eu realmente não quero lidar com isso agora, Garrett — ela respondeu.

— Entendo. Fui um imbecil. Devon, por favor... Não sei o que eu estava pensando. Estava muito chateado com Hadley — ele disse, se aproximando, e pegando seu braço.

— Por favor, não me toque — ela o advertiu, recuando rapidamente.

— Sinto muito. — Ele largou o seu braço.

— Podemos não falar sobre isso agora? Hadley está lá inconsciente. Isso é o mais importante. Primeiro... vamos nos preocupar com isso. Eu nem quero pensar na noite passada, ou no que aconteceu.

— Devon...

Ela ergueu a mão. — Por favor, apenas... não. Ainda não posso falar sobre isso. Preciso de um tempo.

Garrett assentiu, e se afastou. — Certo. Posso te dar um tempo — ele disse com um suspiro.

Devon virou, e se afastou, deixando Garrett sozinho no corredor.

Apesar de todas as coisas terríveis que aconteceram nesta semana, se sentia forte, mais forte do que em muito tempo.

20

Abrir o Logo

Hadley recebeu alta do hospital três dias depois. Seria obrigada a ver um psiquiatra que iria monitorar seu progresso. Os médicos decidiram que não foi uma tentativa de suicídio, então foram tolerantes ao lhe dar alta. Se dependesse de Devon, ela seria levada direto para a reabilitação, mas Hadley poderia usar seu charme e dar um jeito de sair. Depois que ela recuperou a consciência, a última coisa que queria era ficar no hospital por mais tempo do que o necessário.

Devon acampou no sofá de Brennan, até Hadley voltar para o apartamento de Garrett. Ela não se sentia bem voltar com ele sozinho lá. Sua hospitalidade deixou de ser interessante. Entretanto, não queria ficar afastada de Hadley quando ela voltasse, e tampouco queria que ela soubesse o que Garrett fez. Hadley estava muito estressada, e acrescentar esse erro estúpido de Garrett sobre isso, seria catastrófico.

Hadley recebeu uma licença médica provisória do trabalho, para poder se recuperar. Ela dormia muito, o que Devon pensava ser bom. Era melhor que sentir as dores da abstinência que estava sentindo. Devon nem se incomodou em perguntar, o quanto Hadley estava consumindo, porque era óbvio que a resposta seria muito. Seja qual a quantidade de drogas com que começou, agora estava longe de ser ocasional.

Embora tenha sido um alívio ter Hadley viva e em casa novamente, não melhorou a situação da sua vida. Quando Garrett e Devon não estavam cuidando de Hadley, eles pisavam em ovos um com o outro. Devon provavelmente deveria ter sido mais amável com ele no hospital. Ambos estavam sofrendo, e ela surtou, mas o orgulho segurou sua língua. Não podia admitir isso a ele, mas de qualquer maneira, ele nunca deveria tê-la tocado.

— Oi — disse Devon, entrando na sala de estar.

Desde que voltou, Hadley instalou-se no sofá. Ela voltou a assistir Millionaire Matchmaker e filmes ruins da Lifetime. Pelo menos, algumas coisas continuavam iguais.

— Oi — Hadley respondeu sorrindo, quando Devon entrou na sala.

Nos poucos dias que Hadley estava em casa, a cor voltou às suas bochechas. A semana de folga já estava lhe fazendo algum bem, mas Devon sabia que a batalha estava longe de terminar.

— Como você está se sentindo?

— Hoje não estou tão mal — Hadley disse, olhando para as unhas. — Pelo menos, está ficando mais fácil.

— É muito bom ouvir isso. — Devon encostou contra a parede. Estava tão agradecida de que sua melhor amiga estava viva. Nem todo mundo é tão afortunado.

— E quanto a você? Como está?

Devon deu de ombros. — Estou bem. Hoje não trabalho.

— De folga num sábado? Que surpresa. E eu que achava que Jenn os explorava — disse com uma risada.

Era bom ouvi-la rir de novo. Hadley estava voltando a ser sua amiga.

— Não a deixe pensar o contrário! — Devon disse, abrindo um sorriso.

— Ei, Dev. Pode vir aqui um minuto? — Hadley sentou.

— Claro — disse Devon, sentando-se no final do sofá.

— Eu meio que queria... falar com você.

— Sobre o quê? — Devon perguntou, seu coração acelerou, antes mesmo de saber o que Hadley diria.

— Bem, em primeiro lugar, queria te agradecer — Hadley sussurrou, olhando para suas mãos. — Você tem ajudado muito aqui, cuidando de mim. Garrett me disse, que você foi me ver no hospital. Quem me dera ter estado acordada para vê-la. Mas também, — ela disse, olhando para Devon, — obrigada, por tentar conversar comigo, mesmo quando não te escutava.

— Hadley, — disse Devon, dispensando o agradecimento. — Você não tem que me agradecer. Eu sou sua amiga.

— Eu sei, eu sei, mas eu queria muito. Quero que saiba... que você é minha melhor amiga, e eu não deveria ter feito o que fiz — Hadley disse.

Devon assentiu, relutantemente aceitando o agradecimento. Sentia-se mal em aceitar, ainda mais depois de tirar vantagem da amizade delas, depois que Garrett a beijou, depois de ter escondido seus próprios segredos. *Mas, que outra coisa poderia fazer?* Hadley queria que aceitasse sua gratidão, e não podia negar nada a ela.

Hadley limpou garganta. — Bom, fico feliz por isso estar fora do caminho. Agora, me conte, como vão as coisas? Sinto que não falo com você há séculos.

— Ah, está tudo bem, Hadley — Devon respondeu, sem jeito. Ela não queria que Hadley soubesse sobre Garrett ou Reid. Desejava o anonimato. Acima de tudo, queria seguir em frente, e agora, seguir em frente parecia o rosto bonito de Brennan.

— Ótimo — Hadley disse, enfatizando a palavra.

— Sim. De verdade, estou bem.

— Olha, não quero que você interprete mal, porque sei que fiz bobagem da grossa. Mas, o que há de errado com você? Não saber, me faz sentir ainda pior, porque você é minha amiga, e dá para ver que está triste. Só não sei como te ajudar, porque não sei o que está errado, — disse Hadley, olhando diretamente para Devon.

— Eu só, hmm... — Devon começou. Não sabia o que dizer, mas sabia que tinha que contar alguma coisa para Hadley. — Reid e eu, estamos meio estremecidos.

— Eu sabia! — Hadley saltou, e imediatamente se arrependeu, caindo no sofá.

— Acho que terminamos — Devon disse, achando que parecia mais real cada vez que dizia isso.

— Puta merda! — Hadley gritou. Esquecendo como estava magoada, rapidamente se sentou ao lado de Devon. — Não posso acreditar que vocês terminaram!

— Eu sei — concordou Devon, com sinceridade.

— Eu achei que vocês fossem o casal perfeito. O que diabos aconteceu? — Hadley perguntou em choque.

— Não sei. Eu vim para cá, eu acho.

— Uau. Nunca pensei que a distância seria sua desgraça — Hadley disse, balançando a cabeça.

— Bem, eu não lhe disse exatamente para onde iria. — Devon finalmente admitiu, sentindo o fardo sumir.

— O quê? — Hadley perguntou, franzindo as sobrancelhas. — Então, ele não sabe que você está aqui? Vocês se separaram antes de você partir?

— Sim. Bem, mais ou menos. Eu não sei. Seja como for, está tudo acabado — Devon disse, colocando um fim.

— Puta merda! Sério, caramba, Dev! Você e Reid já não estão mais juntos. — Hadley colocou as mãos sobre a cabeça, e a sacudiu de um lado para outro. — Estou realmente surpresa. Sinto muito. Me dê um minuto.

Devon riu. — Leve o tempo que precisar.

— Bem, não é de se admirar que você estivesse tão triste! Deus, eu devia ter perguntado antes — comentou sua amiga com uma risadinha.

— Para ser sincera, Hadley, não sei se teria te contado. Tenho estado meio deprimida...

— Jura? — Ela perguntou, cutucando o ombro de Devon.

Devon riu, e a cutucou de volta. — Mas estou feliz, que agora você saiba.

— Eu também — Hadley respondeu com um sorriso.

Ela parecia mais saudável neste momento, do que Devon recordava desde que chegou. Sentia-se feliz de ter de volta à velha Hadley. Devon só esperava que fosse duradouro.

— Bem, tenho que sair. Desculpe por te deixar sozinha — Devon disse, levantando.

— Onde você vai? Pensei que poderíamos passar um tempo juntas — Hadley disse, fazendo beicinho.

— Eu adoraria, mas vou me encontrar com Brennan — ela disse, sem poder conter o rubor.

Hadley subiu uma sobrancelha. — Com o Brennan, hein?

— Sim.

— Onde vocês vão?

Devon deu de ombro. — Ele não me disse. Falou que seria uma surpresa.

— Uma surpresa? — Hadley nem sequer se incomodou em conter seu sorriso. — Aham.

— Para de fazer isso! — Devon disse, rindo.

— O que estou fazendo? — Hadley perguntou inocentemente.

— Ahh, você sabe!

— Quero dizer, Brennan é lindo, Devon. Não a culpo.

— Hadley! Nossa, nós estamos apenas saindo — Devon comentou.

Eles se encontraram a semana toda, deram beijos apaixonados, toques brincalhões no trabalho, trocavam olhares através do salão, e se exploravam com as mãos. As bochechas de Devon aqueceram, enquanto pensava sobre isso.

— Saindo — disse Hadley com aspas no ar. — Espero que isso envolva um quarto.

— Oh, meu Deus, sério, você é ridícula — Devon respondeu, negando com a cabeça.

— Basta olhar para você! Você está corando da cabeça aos pés. Quem diria que eu fui a casamenteira? — Ela falou exageradamente.

— Volte a ver seu programa bobo! Tenho que ir — disse Devon.

— Espera, espera! — Hadley gritou, enquanto Devon tentava sair da sala de estar. — Já chegaram no quarto?

— Hadley!

— Certo, tudo bem. Vá se divertir! Eu teria te contado, no entanto! — Ela gritou, enquanto Devon saiu correndo do apartamento.

Devon podia ouvir sua risada, doce e melódica, enquanto fechava a porta. Pelo menos, Hadley voltou a rir.

Devon atravessou o corredor, e pegou o elevador para o térreo. Era cedo, por isso começou a andar para a estação de trem, a caminho da casa de Brennan. Quando pegou seu telefone para mandar uma mensagem para ele, descobriu que já estava tocando. Não percebeu que havia colocado no mudo.

— Olá! — Devon disse. Estava feliz em ouvir seu irmão. Já fazia um tempo, desde que se falaram.

— Ei, Dev. Posso te dizer o quanto te odeio neste momento?

Devon riu, e negou com a cabeça. — Por que isso?

— Porque você está em St. Louis, e eu estou em Nova Iorque com mamãe e papai. Como exatamente você saiu disso? — Ele perguntou.

— Não mordi a isca como você!

— Isso deveria ser pelo seu aniversário

— Não — Devon respondeu. — Nós dois sabemos que é para a mamãe.

— Sim, falando nisso, ela queria que eu te ligasse, e a fizesse sentir culpada por não vir. Quer dizer, queria que eu te dissesse o quanto ela sente sua falta, e gostaria que você pudesse estar aqui — disse Dustin, arrastando as palavras. Ele nunca perdeu o sotaque Sulista.

— Bem, diga a ela, que sinto muito, embora não sinta, e que lhes desejo boa sorte na cerimônia de premiação, mesmo que não precisem — disse ela.

— Palavra por palavra, Dev. Tal e qual.

Devon riu. — Idiota.

— Por isso estou aqui.

— Não, na verdade, dê boa sorte a mamãe e papai, e diga que sinto falta deles. Tenho que ir — ela respondeu, querendo terminar a ligação, antes de chegar à estação de trem.

Devon não acreditava, que realmente tinha chegado até aqui, sem que ninguém suspeitasse.

Fora da Cabeça

— Então, onde vamos? — Perguntou Devon, subindo as escadas da estação de trem.

— Você verá, quando chegarmos lá — disse Brennan.

Ele pegou a mão dela e segurou na dele, enquanto caminhavam. Hoje ele parecia confortável, sem usar suas roupas de trabalho. Gostava dele assim, de bermuda cáqui, camiseta azul com uma camisa mais clara por cima, e seus óculos de sol aviador sempre presentes.

— Eu vou gostar?

— Eu levaria você a algum lugar que não gostaria? — Brennan a questionou.

Devon sorriu, e deixou que ele assumisse o comando. Ela não era uma grande fã de surpresas, mas esta parecia diferente. Era excitante. Eles subiram no trem, e sentaram um ao lado do outro. Ela poderia se acostumar com isso.

— Acredito que Hadley está melhorando — ela disse a ele.

— Que bom saber disso.

— Eu lhe contei que sairia com você, e se ela se comportou totalmente como uma menininha — disse Devon, revirando os olhos.

Brennan sorriu. — Sem dúvida posso adivinhar o que ela está pensando.

Devon olhou para as mãos deles. — Sem dúvida. Ela é totalmente previsível.

Ele se aproximou, e a beijou. Seus olhos se fecharam, enquanto o respirava. Isto vinha acontecendo a semana toda, e toda vez que ele se afastava, a fazia querer mais. Seus beijos eram inebriantes, nublando sua mente quando seus lábios se tocavam.

Ela se pressionou contra ele, tentando diminuir a distância entre seus corpos. Ela levantou as mãos, e agarrou seu colarinho entre os dedos. Quando suas línguas se encontraram, Devon gemeu baixinho. Seu corpo estava em chamas. Ela não se cansava dele.

A mão de Brennan se arrastou ao longo da pele exposta na parte inferior das suas costas, e ela estremeceu.

— Eu gosto quando você fica toda excitada — ele disse, com a voz rouca, a pressionando e entrelaçando suas mãos.

— Você faz isso facilmente — ela respondeu, mostrando o desejo na sua voz.

— Ainda mais em público.

Devon ruborizou, olhando em volta para as pessoas perto deles. Ela tinha certeza, que algumas haviam reparado, mas nem sequer tinha pensado nisso. Ela nunca foi uma grande admiradora de demonstrações públicas de afeto... mas este era Brennan.

— E aí está aquele rubor — ele disse, com uma risada. — Porra, eu adoro isso.

Ela abaixou a cabeça, e bateu no ombro dele de brincadeira. — Cale-se!

— Esta é nossa parada. — Ele a levantou e voltou a beijá-la. Ela cambaleou contra ele, com a mente em branco.

Quando a soltou, ele riu novamente, e a puxou para o seu lado. — Vamos lá.

Eles percorreram as ruas até chegar a um parque em frente ao Navy Pier. Ela já tinha vindo aqui duas vezes. A primeira vez foi com Garrett, durante sua primeira semana na cidade. A segunda vez, foi quando quis um pouco de tempo para relaxar. Ela trouxe seu caderno, e sentou ao lado do cais, escrevendo suas letras, até que pensou que seu cérebro explodiria. Então, grandes e grossas gotas de água começaram a cair sobre as páginas, e as ondas ficaram mais altas. Ela saiu de lá o mais rápido que pôde. Desde então, não havia voltado.

— O Navy Pier? — Ela se perguntou, se esta era sua surpresa. Então, olhou mais atentamente. Estava cheio de gente. Havia crianças por toda parte, junto com seus pais, ou correndo como loucas. Os navios enchiam o

porto, estendendo-se até onde ela podia ver. Grandes velas pesadas esticadas em enormes veleiros. O farol se destacava à distância, contra o horizonte sem nuvens.

— Por que está tão cheio? — Ela perguntou.

O sorriso do Brennan era contagiante, e ela se viu nas pontas dos pés para voltar a beijá-lo. Ele riu, e a levantou, girando-a. Devon riu, enterrando o rosto em seu ombro.

— Eu acho que vou adorar estar com você, onde quer que eu vá — ele sussurrou em seu cabelo.

— Eu também — ela confirmou.

Depois, de soltá-la suavemente, ele beijou sua testa, seu nariz, suas bochechas, seu queixo, e, por último, plantou um beijo firme em sua boca. Ela tentou manter o beijo, mas ele se afastou.

— Tem muita gente aqui. Deveríamos voltar — Devon disse, envolvendo os braços ao redor da sua cintura.

— Você nem sabe o que te espera — ele respondeu com um sorriso.

Brennan a levou para longe do Navy Pier, a guiando em direção ao parque, segurando a mão dela mais uma vez. Sua mão era grande e quente. A dela era pequena, parecendo ainda menor em comparação a dele. Ela gostou.

Ela estava começando a ficar realmente curiosa sobre onde estavam indo, e o que aconteceria. Ela praticamente saltava de excitação. Brennan continuava olhando para ela pelo canto do olho. Seu sorriso cresceu ao seu entusiasmo.

— Então...realmente, o que vamos fazer? — Ela perguntou, enquanto atravessavam o pequeno parque.

— Você já ouviu falar da corrida de Chicago, Mackinac Race?

— Não. — Andando ao seu lado, ela olhou para todos os enormes barcos ancorados.

Eles caminharam, atravessaram o final do parque, e saíram em uma calçada que levava até a água. Devon olhou para o prédio em frente às docas, e leu "DuSable Harbor" ao lado.

— Bem, é um grande torneio de vela. Centenas de veleiros inundam o lago para navegar daqui até a ilha no norte do Lago Michigan. São quase quinhentos quilômetros.

Brennan virou à direita, e começou a se afastar do cais do porto.

— Uau — ela comentou, surpresa por nunca ter ouvido falar disso.

— É organizado pelo Chicago Yacht Club , que fica naquele edifício — ele disse, apontando para um ponto estratégico no cais.

— Oh, que chique — ela comentou, imaginando se era como os clubes de campo da sua cidade.

Brennan deu de ombros. — Imagino que sim. Enfim, eu já naveguei até a Ilha Mackinac algumas vezes nessa competição. Este ano decidi não participar, e estou feliz por ter feito isso.

— Por quê? — Ela perguntou, tentando não ficar com a boca aberta.

Brennan sabia navegar, e era bom o suficiente para participar de uma competição? O que mais ela não sabia sobre ele?

— Porque agora, posso passar o dia com você. — Ele deu uma volta, descendo por uma das movimentadas docas de madeira.

Devon sorriu, tonta por seus elogios, e pela surpresa iminente. Eles desceram a doca, pararam no final, e enfrentaram um barco de aparência imponente. Ela não sabia nada sobre barcos. Bem, ela não sabia nada além do que o que seus pais tinham na casa do lago. Mesmo assim, não se interessava em muito mais do que se bronzear, mergulhar e beber.

— Este é Alma — disse Brennan, apontando para o barco.

— Alma? — Devon perguntou com uma sobrancelha arqueada.

Brennan deu de ombros. — Recebeu esse nome em homenagem a minha avó.

— Este é...o seu barco? — Ela perguntou lentamente, tentando manter a calma.

— Bem, é o barco do meu pai, mas hoje o usaremos. — Sorrindo, ele pulou no convés, parecendo mais familiarizado com ele do que com a terra.

Ele lhe estendeu a mão, e ela a pegou, se estabilizando, antes de dar o primeiro passo para o barco. Ele balançou quando seu peso mudou, e ela quase caiu em seus braços. Ele a pegou facilmente, rindo.

— Trabalharemos em seu equilíbrio no mar — ele apontou, a segurando firme.

— Eu já estive num barco — disse ela na defensiva.

— Quando foi a última vez?

— Não sei, — ela mordeu o lábio inferior. — Faz uns dois anos.

— Tempo demais. Fico feliz em poder corrigir isso — ele disse. — Vamos lá, vou te mostrar tudo.

Seu barco era muito melhor que o barco do lago de seus pais, que era grande o suficiente para duas pessoas, não mais, para velejar ao redor do lago. Brennan apontou que este era um pequeno barco, mais tipo um iate. Tinha muito espaço para ficar no convés, e também a área da cabine, com uma cozinha pequena e sala de jantar, bem como uma porta, que levava a um quarto ainda menor, com uma cama de casal ocupando a maior parte do espaço. Quando seus olhos caíram na cama, ela sabia que deveria desviar o olhar, mas, por alguma razão, não conseguiu. Mesmo quando ficava na casa do Brennan, dormia no sofá.

Ela saiu rapidamente do quarto, e voltou para o convéns. Era difícil manter sua mente fora da sarjeta. Sua vida foi preenchida com isso, por muito tempo. Ela não queria estragar tudo. Tinha muito o que resolver primeiro.

Eles passaram a tarde aproveitando a companhia um do outro, passeando calmamente pelo porto, e observando os veleiros partirem. Foi preguiçoso e confortável, exatamente o que Devon precisava.

O dia desapareceu na noite, e o suave barulho das ondas batendo ao longo do barco embalou-os no silêncio. Deitados em uma manta no convés, Devon se aconchegou nos braços do Brennan, apoiando a cabeça em seu peito. Ele acariciando o braço dela. Enquanto o barco balançava de um lado para o outro, sentiu-se cair no sono que tantas vezes evitou.

— Hey — ele sussurrou, antes de beijar sua testa.

— Humm? — Ela murmurou.

— Você ainda não pode dormir.

— Eu não estava dormindo — ela respondeu com um grande bocejo.

— Bom. — Sua mão se moveu do braço até sua cintura, a puxando para perto.

— Brennan — ela disse baixinho, apoiando-se no cotovelo para olhá-lo.

— Sim?

— Obrigada pelo dia de hoje. Você não sabe o que significa para mim. — Ela mordeu o lábio, e desviou o olhar dele.

— Não, obrigado você — ele sussurrou, afastando seu cabelo do rosto, e a trazendo de volta para enfrentá-lo. — Não sei se conseguiria atravessar a semana passada sem você.

Devon sorriu timidamente. — Por quê?

Ele suspirou suavemente, antes de baixar seu rosto para encontrar seus lábios. Ela o beijou até ficar sem fôlego. Quando se separaram, ela se derreteu com a visão dele deitado sob ela. *Como tinha tanta sorte depois de tudo o que aconteceu com ela?*

— Devon — ele murmurou. Sentando-se de frente para ela no chão do barco.

— Sim? — Ela perguntou, o imitando.

— Eu não me abro com muita gente, então isso é importante para mim — ele disse, pegando a mão dela.

Do nada, seu ritmo cardíaco acelerou. Não tinha certeza, se era porque não tinha sido totalmente sincera com ele, ou não, mas isso a deixou desconfortável.

— Este... hmm, não é o barco de meu papai.

— O quê? — Devon perguntou, a confusão vincando sua testa. — Então, de quem é esse barco?

— O que quero dizer, é que este era o barco de meu pai — ele disse em voz baixa.

Devon ficou imóvel, e olhou para seu rosto lindo. *Era*. Soava tão definitivo. — O que aconteceu?

— Três anos atrás, ele morreu em um acidente de carro no dia 4 de julho. Foi atingido de lado por um motorista bêbado — ele disse, pegando as mãos dela. — O levaram de ambulância para o Northwestern Memorial. O

hospital onde trabalhou como médico durante trinta anos. Ele morreu antes de chegar lá.

Devon ofegou. — Brennan... — sussurrou, apertando sua mão com força. *O que poderia lhe dizer? O que poderia lhe dizer para curar essa ferida?* Não admira que ele estivesse doente, e de péssimo humor na semana anterior ao quatro de julho. *Como ela poderia culpá-lo ?*

— Eu não sei por que, mas quando olho para você, às vezes me vejo. Sinto que entendo você... como se pudéssemos nos entender. Não sei se isso faz sentido.

— Sim — ela respondeu em voz baixa, com lágrimas nos olhos. Ela encostou a cabeça na curva do pescoço dele, e o envolveu em seus braços. Ela nem queria perguntar, mas precisava. — O que aconteceu com sua mãe?

— Eles estavam divorciados. Eu era filho único. Ela mora na Califórnia, com seu novo marido e muitos filhos — disse, com desagrado em sua voz. — Ela só se interessou por mim, depois que ele morreu. Ao menos, até que descobriu, que ele me deixou tudo, e eu não lhe daria um centavo. Agora, ela nem sequer envia cartões de aniversário.

Ao pensar em ter uma mãe tão cruel, sentiu um nó na garganta. E ela nem conseguia imaginar a perda dos seus próprios pais. Seus problemas pareciam tão pequenos em comparação ao dele.

— Tudo parece melhor com você — ele disse a ela.

— Também, me sinto melhor com você na minha vida.

Antes que pudesse falar mais, fogos de artifício explodiram no céu, enchendo a noite estrelada de cor. Devon pulou surpresa, e Brennan a puxou mais perto, rindo no seu ouvido. Eles assistiram o céu iluminar repetidas vezes, felizes nos braços um do outro. Foi um lindo espetáculo, anunciando o fim das festividades do dia. Devon não queria que o dia terminasse. Não queria deixar Brennan sofrer outro dia sozinho.

Ela se levantou, o puxando com ela, e o levou para a parte de trás do barco. Abriu a porta, e ele a seguiu sem questionar. Envolvendo os braços em volta do seu pescoço, ficou nas pontas dos pés, e o beijou. Ele a levantou no meio do beijo, e a depositou na cama. Devon tremeu sob seu olhar intenso.

Aproximando-se, ela abriu os botões da sua camisa, e a empurrou dos seus ombros. Ele a deixou cair no chão, e tirou a camiseta. Ela engoliu em seco, enquanto olhava para o corpo dele. Quando ele se deitou na cama, percorreu levemente as curvas de seu corpo com as mãos. Ele passou para o estômago dela, e afastou o material macio da regata da sua barriga lisa. Seus lábios deslizaram pela superfície, plantando leves beijos através do cóis do seu short, antes de subir para recapturar seus lábios.

Seu coração acelerou, no entanto, se sentia plenamente satisfeita com ele, estando em seus braços. Ele passou os dedos através do cabelo que adorava, enquanto ela explorava os fios mais longos da sua nuca. Seu olhar encontrou o dela, queimando com perguntas que ela não podia responder.

— Brennan, vamos ficar aqui esta noite — ela sussurrou.

Ele se aninhou no pescoço dela. — Você acha que a deixarei partir, Belle? Você está muito enganada.

22

Tolo

O braço de Brennan estava ao redor do corpo de Devon, quando ela acordou. Ela bocejou, e se aconchegou mais a ele. Seus pensamentos estavam confusos ao abrir os olhos, e percebeu que ainda estava no barco com ele. A cama era confortável, mas estar deitada com Brennan era ainda melhor. Ela odiava que já estava amanhecendo, que o encontro deles estivesse chegando ao fim, que hoje eles teriam que trabalhar, então, não poderiam ficar no barco o dia todo novamente.

Virando-se para encará-lo, começou a torcer o cabelo em sua nuca outra vez. Realmente ela gostava muito dos fios mais longos, e do jeito que ele a olhava, quando brincava com eles. Seus olhos abriram lentamente, e ele sorriu quando a viu.

— Bom dia, Belle — ele disse, antes de beijar seu lábios.

— Bom dia. — Seu coração acelerou ao ouvir seu apelido. Não tinha percebido, o quanto sentia falta, até a noite passada, quando ele finalmente voltou a chamá-la assim.

— Podemos faltar ao trabalho hoje? — Ele perguntou, mordiscando o lábio inferior dela com suavidade.

— Aham — ela respondeu. Seu corpo estava de repente bem acordado.

— Ótimo.

À medida que a mão dele deslizava atrás da sua regata, ela arqueou em resposta.

— Ninguém notará se faltarmos.

— Claro que não.

Ela tentou ao máximo se manter centrada, mas sem resultado. De qualquer maneira, o trabalho não parecia uma grande ideia. Seria melhor ficar aqui, o dia todo no lago, e esquecer o resto do mundo. Brennan traçando suas costelas com os dedos, não estava ajudando em sua motivação para ir.

— Não é como se eu precisasse de dinheiro para pagar o aluguel, ou algo assim.

Devon inalou bruscamente, quando sua mão roçou seus seios inesperadamente.

Ele parou de se mover, e se afastou.

— Isso mesmo.

— Foi uma brincadeira, Brennan — ela disse, o puxando para mais perto.

Ele voltou a beijá-la. Movendo seu corpo sobre ela, a cobrindo. Quando seus quadris começaram a moer nela, ela gemeu, e suas pernas naturalmente envolveram a cintura dele. Seu corpo pulsava, e tudo o que conseguia pensar era aproximá-lo cada vez mais. Ela não queria que isso parasse. Não queria que nada disso terminasse. Ele tentou romper o beijo, mas ela colocou as mãos no cabelo dele, e sugou a sua boca de volta para a dela. Ele rosnou forte, e a segurou com força.

— Dev — ele disse, com um toque doloroso na voz, — eu não quero pará-la.

— Então, não o faça — ela respondeu, desejando que ele continuasse.

Ela sabia que eles tinham que ir, mas não queria pensar nisso. Não queria pensar em nada, além de Brennan, na sensação do seu corpo pressionado no dela, seu toque quente, e seus beijos apaixonados.

Brennan suspirou, e recuou apenas o suficiente para poder olhar no rosto dela. — Mas temos que parar.

Devon esticou seu lábio inferior, e fez um beicinho.

— Não quis dizer isso. Eu te quero, Dev. Sério. — Ele deu outro beijo em seus lábios, e então mordeu o seu lábio inferior novamente. Ele parou, e sorriu. — Eu não estou brincando. Eu quero você, mas temos que ir.

Devon saiu debaixo de Brennan, e ficou de pé, assim, não iria mais tentá-lo. Ele estendeu a mão e pegou a dela, dando um beijo nela.

— Você fica bem na minha camiseta — ele disse, beliscando gentilmente sua coxa nua.

Ela pulou, surpresa com o toque. — Não me belisque! — Devon gritou, esticando a mão e beliscando seu braço.

— Quem disse que você podia me beliscar? — Ele perguntou, rastejando pela cama. Envolveu os braços ao redor da cintura dela, e a puxou de volta para a cama. — Nesse caso, quem disse que você podia sair da cama?

— Eu faço o que quero — ela obstinadamente disse.

— Não, até eu deixar — Brennan disse, a segurando com força, e a levando de volta para a cama.

Não foi preciso muito esforço, porque ela não estava realmente lutando contra ele. Embora, se tivesse resistido, sem dúvida ainda não precisaria muito esforço de sua parte. Ele era incrivelmente musculoso.

Então, ela parou de resistir totalmente, e aproveitou os minutos fugazes que restavam, trancados no seu barco. Ela desejou que não tivessem que ir embora, e quando o fizeram, ansiou que pudessem retornar em breve. Isso parecia certo para eles, e ela queria se lembrar disso, e apreciá-lo pelo que era.

Brennan a levou ao seu apartamento, e a acompanhou até o quadragésimo terceiro andar. Ele a parou, antes que ela pudesse entrar. A pegou pela cintura, deixando seus pés pendurados sobre o chão. Ela riu, e se inclinou para a frente contra ele.

— Sentirei saudades. — Ele deixou que seu corpo deslizesse contra o seu, quando a soltou, colocando-a gentilmente no chão.

— Eu o verei em breve — disse Devon, balançando a cabeça. Ela estava tonta por seu toque e entusiasmo. Ela não enjoava dele.

— Muito tempo — ele murmurou. Ele a empurrou contra a parede, e capturou seus lábios.

— Muitíssimo — ela respondeu entre respirações. — Talvez você possa ficar...

— Nunca chegaria a tempo ao trabalho.

— Não é assim tão ruim. — Ela brincou com os botões da sua camisa.

— Isto não está ajudando.

Devon sorriu maliciosamente, brincando mais um pouco com a camisa.
—Fique.

Pegando seus pulsos, ele a afastou dos botões, e elevou suas mãos ao lado da sua cabeça. — Talvez esta noite. Ficarei aqui, ou você pode ficar comigo. O que você acha?

— Falta muito. — Ela fez um beicinho, apesar de sentir como se seu coração estivesse saindo do peito.

— Então, isso é um não?

— É um sim, é claro.

— Bom. — Ele a soltou, a beijou uma última vez, e deu um passo para trás. — Então, a gente se vê no trabalho, Belle.

Devon o observou ir embora. Suspirando pesadamente, desejou que ele pudesse ter ficado, mas sabia que era inviável. Eles realmente tinham que trabalhar. Tinham tirado folga ontem, e recentemente Brennan faltou muitos dias por causa do seu papai. Não podia deixá-lo faltar ao trabalho de novo, por causa dela.

Abriu a porta do apartamento, e ficou surpresa, quando notou que Hadley já não estava acampando no sofá. — Hadley? — ela chamou, jogando sua bolsa no chão, ao lado da mesa lateral.

— Oi — disse Garrett, saindo do seu quarto.

— Oh. Hadley está aqui? — Ela perguntou. Desde o incidente, não gostava de ficar sozinha com ele. Não se sentia confortável.

— Não. Ela foi almoçar com sua mãe, que está na cidade esta tarde — Garrett disse.

— A mãe dela está aqui? — Devon perguntou.

A mãe de Hadley era a mulher mais gentil, que Devon já conhecera. Era igual a sua filha, inteligente, linda, e com uma grande personalidade. Mas, não gostava das cidades grandes; a faziam se sentir claustrofóbica. Por isso, deveria existir uma boa razão para essa visita.

— Sim. Chegou esta manhã.

— Por quê? — Devon perguntou, entrecerrando os olhos.

— Hadley não disse.

— Isso é... estranho — disse ela. — A mãe dela sabe sobre a overdose?

— Não sei. Só se Hadley contou a ela — Garret disse.

— Está bem. Então, suponho que a verei mais tarde. Tenho que me arrumar para o trabalho — Devon disse, se virando para o seu quarto.

Ela fechou a porta, e tirou o celular do bolso de trás. Deu uma olhada na tela, e seu estomago despencou. Seu celular quase escorregou dos seus dedos, mas o segurou com força, apesar de suas mãos tremerem. Tinha cinco mensagens de texto, e algumas chamadas perdidas de Reid, todas nesta última hora.

Ela engoliu em seco, se perguntando sobre o que poderia ser. Seu cérebro lhe disse que não as lesse. *Que bem faria em lê-las?* Mas ela não conseguiu se conter. Não podia ser uma coincidência, que todas as mensagens fossem tão próximas.

Esta manhã vi seus pais na televisão em uma cerimônia de premiação em Nova Iorque. Você está nos Estados Unidos?

Porra! Não podia acreditar que ele tinha visto a premiação.

Devon? Senti sua falta, desde que você partiu. Se estiver nos Estados Unidos, vem logo pra casa. Tenho uma cama te esperando.

Devon balançou a cabeça. *Isso não poderia estar acontecendo.*

Por que você não me responde? Está me evitando? Atenda seu telefone. Diga-me se está aqui. Pegarei um avião para te buscar.

Para. Te. Buscar. Ela sabia o que isso significava.

Atenda seu maldito telefone. Desde quando você não responde minhas mensagens imediatamente? Você está em Nova Iorque com outra pessoa? É isso que está acontecendo? É melhor você me responder agora mesmo. Melhor ainda, me ligue. Preciso falar com você.

Não. Não. Não. Não. Não.

Não sei que merda você está fazendo, mas se não me ligar, não será bom. Estou te avisando. Não seja uma cadela. Retorne a ligação.

As palmas das mãos de Devon estavam suando, quando ela terminou de ler a última mensagem. *Nada bom. Isso não era nada bom. Como diabos ela não tinha pensado nisso?* Claro que, ele veria a premiação dos seus pais, a qual tinha faltado por um bom motivo.

Suas mãos tremiam, e ela mal conseguia manter a calma. *O que faria agora, que ele sabia que ela não estava na França? Ok, ela estava se*

precipitando. Ele não sabia disso. Ele só sabia, que seus pais estavam em Nova Iorque. Poderiam ter retornado de Paris inesperadamente. *Ela poderia ter ficado em Paris... certo?*

Ela balançou a cabeça. Ele era muito inteligente. Não conseguiria enganá-lo para acreditar nisso. Não que ela pudesse responder se ele estava pirando de qualquer maneira, não que ela tivesse respondido algo que ele enviou nas últimas semanas.

Como ele fazia isso com ela? Como ele a fazia se sentir tão culpada pelo o que fez, quando foi ele quem bateu nela? Ela precisava continuar repetindo isso a si mesma, ou então, acabaria lhe respondendo. Ela já se sentia mal por mentir. Eles estavam juntos há tanto tempo. Não deixá-lo saber que ela estava bem, parecia estranho. Mas se ele descobrisse, teria certeza de que ela não ficaria bem.

Uma batida na porta, a tirou dos seus pensamentos e, então o telefone começou a tocar outra vez. *Reid. Porra.*

— Ei, Devon? Posso entrar?

Devon silenciou o celular, e tentou manter a calma. — O que houve? — Ela gritou para Garrett. Tudo o que queria era deitar, e fingir que estava de volta ao barco com Brennan.

A porta se abriu, e Garrett entrou cautelosamente no quarto. — Você acha que poderíamos conversar? — Ele perguntou.

— É melhor não — ela respondeu, não querendo lidar com isso e Reid.

— Você não acha que deveríamos discutir o que aconteceu?

— Prefiro apenas esquecer o ocorrido. — Ela disse. Nesse momento, na verdade, queria esquecer de tudo.

— Certo — ele disse, balançando a cabeça. — Você prefere fugir com o Brennan, e evitar tudo o que está acontecendo na sua vida. Ele sabe das coisas que aconteceram entre você e seu namorado?

Devon o olhou com ódio. — Não é da sua conta o que faço, e com quem estou.

— Só estou tentando cuidar de você — ele explicou, dando um passo em sua direção.

— No momento, não quero falar sobre tudo isso, Garrett — Devon disse, cruzando os braços.

— Estou tentando me desculpar — ele insistiu.

— Eu sei. Eu entendo. Simplesmente nem consigo pensar nisso. Reid tem me ligado, e mandado mensagens sem parar toda a manhã. Não me deixa em paz. Não sei o que ele está pensando, ou fazendo, mas estou farta e cansada disso. Então por favor, por enquanto, esquece isso! — Ela se afastou dele.

— Ele tem contatado você? — Garret perguntou.

— Sim! Durante toda a manhã. Tenho que ir trabalhar, e vou me atrasar. Então, por favor, deixe isso pra lá, Garrett.

— Dev — ele disse, consolando-a.

— Por favor, Garrett — ela implorou, esperando que a escutasse.

— Tudo bem. Eu só queria te dizer que sinto muito. Eu cometi um erro. Não quero você. Quero a Hadley. E eu nunca deveria ter deixado nada disso acontecer. — Ele levantou as mãos, e foi para a porta.

— Não, provavelmente não deveria — ela respondeu. Neste momento, suas emoções estavam muito alteradas para ter essa conversa. Só queria que ele saísse, para poder se sentir infeliz em paz.

— Mas, foi apenas um erro bêbado.

— Garrett, por favor, vá embora. Não consigo resolver nada agora — ela implorou.

Garrett balançou a cabeça, e caminhou para a porta. Virando-se para encará-la, ele disse: — Estou tentando fazer o correto, Devon. — Então, saiu do seu quarto, fechando a porta atrás de si.

Devon rangeu os dentes após sua saída. Não que ela intencionalmente quisesse ficar brava com ele, mas estava muito esgotada mentalmente. Entre seu crescente amor por Brennan, a insistência de Reid, e a lembrança contínua daquela noite por parte do Garrett, estava muito cansada para lidar com qualquer coisa.

Devon rapidamente vestiu seu uniforme, e pegou o telefone para avisar Brennan, que chegaria alguns minutos atrasada. Ignorou a nova chamada perdida de Reid, e suspirou, sabendo que ele não pararia tão cedo.

Outra mensagem surgiu na tela, enquanto excluía a ligação de Reid.

Chegarei uns minutos atrasado ao trabalho. Mal posso esperar para ver você. Brennan.

Devon sorriu. Fechou a tela, e suspirou. Sentia falta dele.

Olhando para o telefone, se sentia cheia de frustração, dúvida e remorso, e então, lembrou que Reid não sabia que ela estava em Chicago. Enquanto ele não soubesse, seguia a salvo dele. E ela obviamente, não lhe diria. Tentaria lidar com ele em agosto, quando estivesse no seu território.

23

Natural e fácil

Devon entrou no Jenn's, uns quinze minutos atrasada. Depois da conversa com Garrett, e as mensagens de Reid, não conseguiu se recompor. A única maneira de se assegurar, que não responderia as mensagens de Reid, era deixar seu telefone em casa. Voltou a pegar seu telefone, pelo menos três vezes, antes de jogá-lo na sua cama, e deixá-lo lá. A última coisa que queria, era zapear as mensagens dele no trabalho, enquanto Brennan estava por perto. Eles tinham muito o que conversar durante essa noite, depois do trabalho, e não queria que ele descobrisse sobre Reid.

Ela ficou ali, enquanto Jenn a criticava muito, por chegar atrasada. Devon não tinha certeza de quantas vezes mais teria que pedir desculpas, antes de Jenn desistir e mandá-la embora.

— Tudo bem, a partir de agora serei mais consciente do meu horário — disse Devon

— Isso mesmo, você será — Jenn resmungou. — Preciso de uma bebida.

Você não é a única, pensou Devon.

— Brennan — chamou Jenn, finalmente se afastando dela. — Estou saindo, e deixando você no comando. O movimento matinal já passou, então acredito que seguirá calmo pelo resto do dia. Se precisar de alguma coisa, me ligue.

— Valeu, Jenn — ele respondeu, enquanto ela saía do restaurante.

Brennan se virou para Devon, com um olhar sério. — Você se atrasou.

— Você também — ela retrucou.

— Mas não fui apanhado. Então, não seja pega na próxima vez — disse ele, estendendo a mão para ela.

— Certo, chefe. Isso é tudo? — Sua resposta foi atrevida, mas não pôde evitá-la.

— Eu acho que Amy pode cobrir a parte da em frente por um tempo. — Assinalou com a cabeça para a sala de descanso.

Devon sorriu, sentindo o peso dos problemas desta manhã saírem dos seus ombros. — Acredito que sem dúvida ela pode cuidar de tudo — comentou, passando pela porta.

Brennan olhou em volta, para se certificar de que não havia mais ninguém dentro da sala, não que fosse um grande restaurante com muitos empregados, ou algo no estilo, e então fechou a porta atrás dela.

Suas mãos foram direto para o cabelo dela. Puxando seu rosto para o dele, baixou seus lábios para uni-los aos dela. Ela segurou sua camisa, e o puxou para mais perto. Ele tinha um leve gosto de álcool, e ela começou a se sentir tonta com o seu toque, como se ela tivesse bebido. Ele cheirava bem, recém saído de um banho, e ela agradeceu que seu cheiro não estivesse contaminado com o aroma da maconha. Aliás, não conseguia se lembrar, a última vez que ele cheirou assim.

Sem perder o contato, Brennan a levou de costas contra um dos armários, e seus corpos se fundiram. Era tudo o que Devon podia fazer para se concentrar no que faziam, em vez de saltar um milhão de passos de onde eles estavam. Ela não estava conseguindo.

Devon arranhou a camisa dele, desabotoando, enquanto pressionava as mãos contra seu abdômen plano e tonificado. O calor da sua pele fez eletricidade percorrer o seu corpo, e a sala de repente, pareceu sufocante. Sua mente não era capaz de registrar algum momento onde desejou tanto algo. Talvez por saber que estavam num lugar público, e poderiam facilmente ser pegos, mas acima de tudo, achava que era apenas Brennan.

Ele encontrou a barra da sua saia e a subiu. Agarrando sua coxa na mão, a levantou para que rodeasse o seu quadril. Entre beijos, sua respiração estava ofegante, enquanto suas mãos vagavam até a cintura do jeans dele. Devon se sentia tão apressada, tão desajeitada, que arrebentou o cós da sua boxer. Brennan grunhiu, e se pressionou mais firmemente contra ela, como se tivesse gostado. Ela continuou correndo os dedos levemente ao longo do interior da sua boxer, apenas o suficiente para provocá-lo.

— Belle — ele sussurrou, sem se afastar, mas tampouco avançando.

— Sim? — Ela respondeu, sem fôlego.

— Temos que trabalhar — ele disse, como se doesse.

— Sim. — Ela esperaria até que ele fizesse o primeiro movimento.

— Não posso sair assim — ele comentou, apontando para baixo.

Devon aproveitou o momento para baixar o olhar, e quando viu o que fez com ele, seu sorriso se alargou.

— Talvez... eu deva sair primeiro.

Ele engoliu em seco. — Sem dúvida. Preciso de um tempo para me acalmar, caso contrário, precisaremos terminar.

Ela preferiu a segunda opção, e isso deve ficado muito claro na sua expressão, porque ele gemeu, e pressionou sua testa contra a dela.

— Belle, você não pode me olhar assim.

— Eu... uh, já estou indo — ela respondeu, se afastando dele.

Brennan a agarrou uma última vez, a puxando para um último beijo lento, antes de soltá-la.

— Você ainda virá a minha casa esta noite, não é?

Ela sorriu feliz. — Sim, com certeza.

— Ótimo.

Seus olhos percorreram seu corpo, enquanto se afastava dele.

Devon saiu do refeitório, e certificou que suas roupas estavam em boas condições, antes de seguir para a parte da frente. Jenn tinha razão: não havia muita gente. Amy não estava tendo problemas com as poucas pessoas no restaurante. Devon se deu conta que estava dessa maneira, porque era o fim de semana depois do Quatro de Julho. A maioria das pessoas não podiam viajar dois finais de semana seguidos. Além disso, os clientes da corrida de veleiros se concentravam de manhã e a noite. Ela provavelmente correria esta noite.

— Já era hora, porra — resmungou Amy quando Devon se aproximou.

— Você acha que pode chegar mais tarde?

— Possivelmente — disse Devon encolhendo os ombros.

— Quero dizer, não foi suficiente tirar o dia de folga ontem? — Amy retrucou.

— Amy, me deixe em paz, ok? Já fui advertida por Jenn e Brennan por isso.

— Brennan? Claaaro. — Amy revirou os olhos.

Então, esse era o problema, ela pensou, percebendo que era sobre Brennan. — Sim, ambos se zangaram — Devon disse a ela.

— Bem, talvez eles te demitam.

Devon apertou tão forte quanto pôde o menu que segurava, para não lhe responder com aspereza. *Ela poderia ser mais vaca?*

— Obrigada pelo voto de confiança — Devon respondeu sarcasticamente.

Amy voltou revirar o olhos, e se aproximou de uma das suas mesas. Devon se ocupou arrumando talheres, enchendo saleiros e pimenteiros, e limpando as mesas. Em algum momento, Brennan retornou, e ela sorriu, quando sentiu os olhos dele a seguindo pelo ambiente. Ela se perguntou, se ele percebia que fazia isso com muita frequência.

O dia passou com um fluxo constante de clientes. Não era nada que uma pessoa não pudesse lidar sozinha, mas era bom ter ambas no mesmo turno. A clientela do jantar foi mais desagradável do que normal, e Devon sentiu vontade de dar um soco em um dos clientes. Até escutou Amy insultar um cara, que agarrou sua bunda. O Jenn não era esse tipo de lugar.

Devon ficou mais do que irritada, quando encontrou as gorjetas de merda que os grupos barulhentos deixaram, depois que saíram do restaurante. Amy estava furiosa do outro lado do salão, e Devon suspeitou que ela teve o mesmo problema nas suas mesas. *Que tipo de idiotas vinham a um grande evento, e agiam como vândalos o tempo todo que permaneciam aqui, e ainda por cima não davam gorjeta? Quem os educou dessa maneira?* Devon queria estrangulá-los, e explicar a esses seres humanos inúteis que, só porque eles nunca trabalharam um dia em suas vidas, não significa que não pudessem apreciar o trabalho duro que ela tinha feito por eles. Mas, é claro, ela também não poderia fazer isso.

— Pode fazer um intervalo. Você parece estar precisando — Devon disse a Amy.

Não queria fazer nenhum favor a Amy, mas ela tinha estado aqui mais tempo. Além disso, não ajudava em nada, ter todos a odiando.

— Obrigada. Eu preciso de um maldito cigarro — Amy respondeu, pressionando a mão na testa. — Volto em quinze minutos.

Devon encarregou-se das mesas de Amy, e manteve Brennan ocupado com os pedidos de bebidas. Inclinado no balcão, ele seguia lhe oferecendo doses de tequila, como na primeira vez que conversaram. Devon recusou, mesmo assim ele continuou insistindo.

— Só uma dose — ele sussurrou, colocando a bebida na sua frente.

Devon negou com a cabeça. — Não durante o expediente. Dê a Amy. Ela vai vibrar.

— Como assim? — Ele perguntou.

— Ah, não se faça de bobo. Essa garota é obcecada por você. — Devon riu, enquanto Brennan servia o restante dos seus pedidos de bebidas.

— O quê? Não, ela não é — ele respondeu.

— Brennan, sério? Você não é tão alheio ao mundo. Você deve ter percebido, que ela e Hannah estão interessadas em você.

— Humm — ele murmurou, seus olhos mergulhando em pensamento. — Isso explica um monte de coisas.

Devon revirou os olhos. — Como você não notou?

— Só tenho olhos para você, Belle. — Ele sorriu, colocando uma bebida na sua bandeja.

Seu estômago deu uma cambalhota, enquanto pegava a bandeja. Ela fez uma ronda nas suas mesas e de Amy. Amy retornou dez minutos depois do combinado com o cheiro de cigarro anunciando sua presença. Ela não se desculpou pelo atraso, e Devon supôs que foi pelo seu atraso.

— Sua vez — Amy disse, dando de ombros.

— Obrigada — Devon respondeu.

Devon passou por Brennan, sentando no banco dos fundos. Ela suspirou, e esticou suas pernas doloridas, deitando no banco. Ela bocejou, e deixou sua mente retornar para esta manhã, quando acordou em apenas um emaranhado de pernas. Estar com Brennan era a única coisa que a permitia esquecer sua antiga vida. Tentou ignorar suas lembranças, mas sem importar

o quanto tentasse, elas a assombravam. Quando Brennan entrou na sua vida, tudo mudou.

Quando ouviu a porta abrir, apoiou-se no cotovelo para vê-lo entrando.

— Oi — ele a saudou com um sorriso encantador.

— Oi.

— Vim aqui para ver se você está bem. Esteve um pouco louco por aqui durante algum tempo.

Ele se aproximou, e sentou no final do banco. Ela deitou, e descansou a cabeça na coxa dele.

— Estava. Estou pronta para ir para casa — ela disse com um bocejo. — Ontem à noite alguém me manteve acordada.

— Não tarde o bastante — ele respondeu, acariciando o cabelo dela.

Devon riu, e fechou os olhos, enquanto ele fazia sua magia em desembaraçar os nós. Isso a acalmava, e ela poderia ficar ali a noite toda. Tudo era tão natural e fácil com Brennan.

Ela exalou brandamente. — Posso te perguntar uma coisa?

— O quê? — Uma de suas mãos percorriam seus fios soltos.

— Eu estive pensando sobre isso, desde que você me contou, mas não quero que pareça estranho — ela disse, brincando com os botões da sua camisa branca.

— Nada é estranho entre nós — ele respondeu.

— Eu só... bem... seu pai lhe deixou dinheiro, não é? — Ela se sentiu estranha por perguntar.

Brennan ficou tenso, e parou sua mão. — Sim.

— Então, humm... por que você mora num pequeno apartamento, usa o trem, e trabalha como garçom? — Ela perguntou, suas palavras saindo rapidamente.

Ela não queria parecer esnobe, porque não era essa sua intenção. Mas se o pai dele trabalhou por trinta anos como médico no Northwestern Memorial, então provavelmente, estava bem de vida. *Por que Brennan não usaria nada desse dinheiro?*

— Oh — foi tudo o que ele disse.

— Não quero que pareça que gosto menos de você, por essa razão. Não mesmo! Não me importo com essas coisas. Eu gosto dessas coisas — ela acrescentou rapidamente. — É só curiosidade.

— Na verdade... eu não gosto de dinheiro — ele comentou com uma risada forçada.

— Você não gosta...de dinheiro — ela repetiu.

— Não sei. Sim eu gosto. Só que... o dinheiro era dele. Tudo o que compro com isso, me lembra que ele se foi.

Devon se sentou, para poder olhá-lo. A dor estava clara em seu rosto, e se arrependeu por ter tocado no assunto. Pegou a mão dele, e a segurou.

— Não me importo com as coisas que ele possuía, como o barco. Essas são lembranças felizes, mas a casa... — Ele estremeceu. — Eu não poderia morar naquela casa.

— Ele te deixou uma casa? — Ela não tinha ideia por que perguntou isso, mas não sabia mais o que dizer. Quanto mais falava, mais se questionava por que perguntara. Ele parecia tão triste.

— Sim. Não sei o que fazer com ela, por isso, a deixei como está. É provável que esteja empoeirada. Às vezes, vou lá cortar a grama do jeito que ele gostava, mas isso é o máximo que consigo — ele disse. — Comprei o apartamento depois disso. Tento manter uma vida discreta, e viver do jeito que eu costumava viver, antes do acidente.

— Deve ser difícil — ela disse, desenhando círculos na sua mão com o polegar.

— Eu sobrevivi.

— Ainda bem que estou aqui...então, você não está mais só sobrevivendo —Ela o abraçou.

— Com você, estou vivendo — ele sussurrou, beijando o topo da cabeça dela.

Ela se afastou e o beijou. — Eu também.

— E só para você saber, estou me esforçando muito nos exames de medicina — ele comentou com um suspiro. — Ele sempre quis que eu fosse médico. Que seguisse seus passos.

— Mas é isso o que você quer? — Ela perguntou, sabendo que não era.

Depois de ouvir sua música apenas uma vez, sabia que ser médico não era o que ele queria. *Como poderia ser, quando a arte chamava a sua alma?*

— Estou muito feliz trabalhando como bartender, e tocando música pelo resto de minha vida...mas não dá para se aposentar com isso.

— Não.

— Eu só não tenho coração para isso. Já recebi os resultados — ele disse.

— Como foi? — Devon perguntou, com o coração saltando no peito. *Já era época? As notas já foram comunicadas?*

Ele encolheu os ombros. — Bom o bastante, para ir onde eu quiser.

— Uau — ela disse com um sorriso. — Onde você se inscreveu?

— Esse é o problema, em nenhum lugar. Não me inscrevi em lugar nenhum. Não sei se posso ser como ele... e odeio isso sobre mim — ele confessou.

Eles ficaram sentados em silencio por um tempo. Devon conhecia um pouco sobre aprovação paternal. Ela e sua mamãe, nunca concordaram no que Devon deveria fazer da sua vida.

Devon estendeu a mão, e segurou a dele. — Sabe, minha mamãe sempre quis que eu fosse uma cantora de música country.

— Mesmo? É porque seus pais trabalham nesse ramo?

Ela ficou surpresa, por ele se lembrar disso sobre ela.

— Sim. Eles são compositores.

— Como você — ele afirmou com um sorriso.

— Ugh...nem pensar. Não como eu. Meu material é uma porcaria, e nunca deixarei as pessoas ouvirem.

— Eu duvido disso, Dev.

— De qualquer forma — ela continuou sem querer ter essa conversa agora, — eu nunca quis isso para mim. Nunca me imaginei como uma cantora de música country, como minha mãe queria que eu fosse, não importa o quanto ela tenha tentado, e foi muito. Mas minha mãe também quer a minha felicidade, e só me pressionou até onde pôde sem me perturbar. Ela queria uma estrela do country, mas está bem comigo, sendo a pessoa que sou. E... acho que seu pai também iria querer isso.

Brennan se inclinou, e a beijou. — Obrigado.

— Não tem de quê — ela respondeu timidamente. Ela se sentiu estranha sendo aquela que dá conselhos pra variar.

— Vamos lá. Provavelmente Amy virá nos buscar a qualquer momento — Brennan disse, ficando de pé.

— Você deve ter razão.

Eles saíram do refeitório e entraram na cozinha, assim que Amy atravessou a porta vaivém.

— Onde vocês se meteram? Eu preciso da sua ajuda! — Ela olhou para Devon como se quisesse apunhalá-la. Devon não duvidaria disso.

— Desculpe. — Brennan passou por Amy, e foi para o bar.

Devon suspirou profundamente. Ela detestava quando seus momentos juntos terminavam. Era como se estivesse num sonho, mas ao contrário dos seus pesadelos, era o melhor lugar que já tinha estado. Não se parecia em nada com sua antiga vida.

Ela se dirigiu ao salão principal, e anotou os pedidos das suas duas mesas. Correu de volta para a cozinha, recarregou as bebidas para outra mesa. Brennan lhe entregou uma bandeja cheia, e rapidamente distribuiu o conteúdo pelo salão.

— Aqui está — ela disse com um grande sorriso, dando o último drinque para seu cliente.

Devon se virou para a entrada, para receber um cliente que chegava, e sua bandeja escorregou da sua mão, batendo ruidosamente no chão.

— Reid?

24

A Melhor Opção

Reid inclinou-se, e juntou a bandeja do chão. Ele olhou para cima, seus olhos encontrando os de Devon, sorrindo bonito e charmoso. Ele tinha um sorriso premiado. Suas mãos tremiam quando ele entregou a bandeja de volta para ela, e automaticamente a colocou debaixo do braço.

Como ele a encontrou? Ela achou que estava segura, que ainda tinha tempo, que seria capaz de resolver as coisas. Ele não deveria estar aqui. Ele não deveria estar parado de pé no Jenn, olhando para ela em expectativa. Ele só mandou uma mensagem esta manhã. *Não tinha como tê-la encontrado em menos de um dia, certo?* Isso nem deveria ser possível.

E Brennan. *Que merda, Brennan!* Ela não contou a ele. Não houve tempo. Sua cabeça estava em outro lugar, correndo à frente dela, como sempre para seu apartamento de um quarto. Ela planejava lhe contar hoje a noite, quando deveria ir ao apartamento dele.

Agora, o que ela poderia fazer? Brennan não sabia, e ela disse a ele que tinha terminado com o namorado. Mas agora, Reid estava aqui, e a olhava fixamente, deixando muito claro, que ela era sua propriedade. Ele tinha um jeito de olhá-la, que deixava bem claro que estavam juntos. Ela nunca foi atacada em público, e Hadley foi quem assinalou isso a primeira vez. Devon reconheceu agora como possessividade, que era parte do seu problema.

Brennan notaria? Porra! Ele era a pessoa mais perceptiva que ela conhecia. É claro que perceberia. Além disso, da maneira que não conseguiram manter as mãos afastadas um do outro durante os últimos dois dias, seria estranho que agora ela agisse de uma forma diferente.

Mas se Reid a visse com Brennan, o que ele faria? Ela não conseguia pensar nisso. Não podia imaginar sua vida agora sem Brennan. Ele a fazia

sentir-se humana, e não queria se sentir nunca mais como se fosse algo menos.

Ela percebeu que tinha duas opções, nenhuma das quais queria enfrentar. Ela poderia confrontar Reid agora, algo para o qual nunca se preparou, e vê-lo enfurecer, podendo machucá-la e a Brennan. *Ela não pensou que se Brennan colidisse com seus problemas, poderia terminar morto?* Ela não podia deixar isso acontecer, mas sabia do que Reid era capaz. A outra opção era agir como se tudo estivesse bem; sair daqui com Reid, e manter o Brennan fora disso. Descobriria o que fazer a partir daí. Parecia uma missão suicida para ela, mas parecia egoísta pôr Brennan em risco.

Tudo o que tinha a fazer, era descobrir por que Reid estava aqui, e como a encontrou. Não podia fazer muito mais.

Todo corpo de Devon tremia, e ela tinha certeza de que Reid viu o choque em seu rosto. O calor espalhou por sua pele. Todo seu corpo ruborizou. E tudo o que podia fazer era ficar ali e olhar para ele. Fazia dois meses e meio desde que o vira pela última vez. Foi o tempo mais longo que ela esteve afastada dele, em quase três anos.

Devon podia ver por que se apaixonara tantos anos atrás. Ele usava a prepotência como uma segunda pele. Era uma característica adquirida há muito tempo, quando ele frequentava uma escola particular só de meninos, nos arredores de Kansas. Ele aperfeiçoou quando se uniu a uma fraternidade na Universidade de Washington. Sua estatura deu-lhe a posição de quarterback no colegial, mas ele não era bom o suficientemente para jogar na Primeira Liga Universitária. O orgulho o impediu de ir para a Segunda Liga. Ele usou como desculpa a herança do seu pai, como a razão pela que não jogou na universidade. Acima de tudo, Reid parecia o cara perfeito inteligente, confiante, ambicioso.

Mas então, ela também viu o que não tinha percebido quando começaram a namorar. Seu sorriso era uma promessa, dizendo-lhe que estava em apuros, sem sequer uma palavra. Seus olhos estavam gelados, a ameaçando com apenas um olhar. Sua estatura não só o fazia mais alto que ela; era um esforço pelo poder. Ele tinha que possuir o ambiente e quebrá-la, fazer dela menos do que nada. Sua mera presença era sinistra.

E ela merecia algo melhor.

Era um pensamento assustador.

— Oi, Dev — disse Reid, ainda sem se aproximar.

— Oi — ela sussurrou. — O que... o que você está fazendo aqui?

— Também é bom ver você — ele disse, dando aquele lindo sorriso em sua direção.

Devon fingiu ignorar. Ela não podia dizer que era bom vê-lo. Foi chocante vê-lo. Era assustador pra caralho. Isso a fez querer se enfiar em um buraco. "Bom", não estava nem sequer entre os cem primeiros adjetivos que teria usado.

Não passou despercebido que ele não respondeu sua pergunta. Ela não lhe perguntou o que mais queria saber. *Não o que fazia aqui, mas como a tinha encontrado?* Ela não achava que isso acabaria bem.

— Como você tem passado? — Perguntou ele.

Devon engoliu em seco. *Isso parecia uma pergunta traiçoeira.* — Bem.

— Senti saudade de você.

Ela não conseguia sorrir. Suas entranhas se contorceram, e ela fez tudo o que pôde para não desviar o olhar.

— Você não retornou minhas mensagens — ele disse, dando mais um passo desta vez.

— Sem querer deixei meu telefone em casa — ela disse.

Ela queria correr. Queria se virar, e fugir dele... para os braços de Brennan. Mas isso era perigoso... muito perigoso.

— Bem, que bom que te encontrei. Temos muito o que conversar.

Ela sabia como seria essa conversa.

— Tenho que trabalhar — ela disse baixinho.

Ele sorriu como se soubesse que ela estava encurralada. — Eu vou esperar.

O que ela poderia dizer? Não, saia daqui, porra! Sim, claro! Ele estava enrolado como uma víbora, pronto para atacar, e ela não ia cutucá-lo.

— Não vai demorar muito. Eu posso te encontrar em algum lugar — ofereceu, querendo nada mais que ele partisse agora.

Ele sorriu, e até isso soou ameaçador. Talvez tudo sobre ele agora resultasse em uma ameaça, porque ela sabia o quão perigoso ele era.

— Acho que prefiro ficar. Poderia tomar uma bebida.

Porra! Não. Não. Ele não podia tomar uma bebida. *Péssima ideia. Realmente péssima.* Brennan estava no bar.

— Vá para uma das minhas mesas, e levo uma para você — ela disse, lutando para manter a calma na sua voz. — Crown⁶, certo?

— Não se preocupe com isso, Dev — disse ele, caminhando até ela. — Eu vou ao bar. Podemos conversar depois que você sair do trabalho.

— Tudo bem — ela sussurrou, sabendo que estava qualquer coisa, menos bem.

Ele pegou a mão dela a apertando. — Você parece bem — ele disse, percorrendo seu corpo com os olhos. Então, a soltou, virou, e caminhou diretamente para o bar, na direção de Brennan.

Seu coração esvaziou, e o ar saiu da sua boca em um assobio. Ela estendeu a mão, se segurou em uma das mesas, e se apoiou. Não conseguia nem se virar, para olhar os dois de pé no bar, enquanto Brennan servia uma bebida para Reid, oferecendo uma conversa educada e descontraída. Não conseguiria testemunhar isso. Ela achou que poderia vomitar.

Foi precisou de toda sua força, para voltar às suas mesas, e agir como se nada estivesse errado. Ela nunca trabalhou tão duro na sua vida. Na tentativa desesperada de não olhar para Brennan e Reid, trabalhou o dobro do normal. Precisava manter sua mente ocupada, e essa era a única maneira que podia.

Devon não sabia o que faria, quando seu turno terminasse. Estava fugindo há tanto tempo, que afastara completamente os pensamentos, de quando teria que encarar sua vida outra vez. Agora, estava aqui, sentado bem na frente dela.

O pessoal do happy hour começou a encher o salão, o que fez a distração um pouco mais fácil. Ainda tinha dificuldade em ver Reid sentado

⁶ Crown Royal é uma marca de uísque canadense misturada criada pela Seagram, de propriedade da Diageo desde 2000. É a marca mais vendida de uísque canadense nos Estados Unidos.

no bar, mas pelo menos, Brennan estava o suficientemente ocupado, para não ter que falar com Reid. Ela não queria que eles se falassem.

Quando Hannah e outra garçonete entraram para substituir Amy e ela, Devon achou que desmoronaria em lágrimas. Não queria sair. Jenn era um santuário, e seus demônios a esperavam no lado de fora... ou pior ainda, no bar, bebendo com Brennan. Ela sabia que Reid não faria nada em público. Ele tinha muito autocontrole para isso. Era a única razão pela qual ele tinha se safado de tudo, durante tanto tempo. Ela não o tinha denunciado, e ninguém imaginaria, que o perfeito Reid faria algo para ferir sua namorada perfeita.

Ela queria acreditar que esse tempo separados, tivesse mostrado a ele, o quanto ele sentira a falta dela, e quão erradas tinham sido suas ações. Queria que ele visse a mulher por quem se apaixonou. Queria que se desculpasse, e implorasse para ela voltar.

Mas esses eram sonhos de contos de fadas. Quando ele entrou, o olhar que Reid lhe deu, foi suficiente para lhe mostrar, que nenhuma dessas coisas aconteceria. Afinal este era Reid. Ele nunca poderia estar errado... jamais.

— Oi, Devon — saudou Hannah, caminhando até ela.

— Oi, Hannah.

— Quem me dera estar no turno da tarde esta semana — ela disse com um suspiro. — Mas estou presa trabalhando até tarde. O que vai fazer esta noite?

Devon a olhou sem entender. Hannah nunca teve uma conversa educada com ela.

— Hum... nada.

— Parece fascinante — comentou Hannah com a cara séria.

É mais ou menos isso, ela pensou.

— Bem, divirta-se — Devon disse, desamarrando seu avental. — Estou indo embora.

— Sorte sua — Hannah murmurou.

Se ela soubesse...

Devon mordeu o lábio, e olhou de relance para o bar. Simultaneamente, Reid e Brennan olharam para ela. Ela desviou os olhos o mais rápido que

pôde, e atravessou correndo a porta vai e vêm da cozinha. Seu coração palpitava, enquanto caminhava rigidamente para o refeitório.

Há duas horas, estava sentada aqui com Brennan, enquanto ele brincava com seu cabelo. Antes disso, tinham se beijado, e ele a tinha empurrado contra os armários. *Será, que tudo o que aconteceu desde então é real?*

Ela pegou sua bolsa e passou sobre sua cabeça, deixando a alça cruzar seu corpo. Ela se recostou contra o armário, e tentou fazer alguns exercícios respiratórios para acalmar seu coração acelerado. Lágrimas surgiram em seus olhos, e suas mãos as tiraram a tapas. Não a ajudariam agora. Só precisava ser forte.

A porta se abriu atrás dela, e ela esperava que fosse a Amy.

— Belle, você está bem? — Perguntou Brennan.

Não teve sorte.

Ela se endireitou de imediato. — Estou bem — ela disse, as palavras soando vazias. *Por que essa palavra soava tão horrível quando ela dizia?*

— Bem. Ótimo. Então, você está pronta pra ir embora? Kami acaba de entrar para ocupar o meu lugar — ele disse, cruzando a sala.

Ele sabia que algo estava diferente. Ela se deu conta pela postura dos seus ombros. Ele esperava por isso. Não achava que ele sabia o que era, mas ele sabia se preparar. Ele estava se preparando para qualquer coisa que viesse.

— Brennan — ela disse suavemente. *Deus, ela se odiava.*

— Então... você não está bem.

— Eu... eu não sei — ela confessou, encolhendo os ombros.

Ele estendeu a mão para tocá-la, mas a deixou cair no meio do caminho, como se tivesse pensado melhor.

— Isso tem algo a ver com aquele cara lá fora?

— Que cara? — Ela questionou, quase inaudível.

Ele a olhou fixamente.

— Sim, tem a ver.

— Foi o que pensei.

— Não esperava que ele aparecesse aqui — Devon disse a ele. Ela se perguntou se ele poderia imaginar o quanto estava com medo, ou se sua falsa bravura, era suficiente para convencê-lo se afastar.

— Quem é ele? — Cruzou os braços, já se fechando.

— É o meu namorado.

Brennan levantou as sobrancelhas. — Namorado?

Devon fechou os olhos, e balançou a cabeça duas vezes. — Ex-namorado. Perdão.

— Se é seu ex, o que ele está fazendo aqui? — Perguntou Brennan com cautela.

— Não sei ao certo. Nós terminamos em condições difíceis. Acredito que ele queira falar comigo — disse Devon, desviando o olhar. *Isso não ia ser fácil.*

— Parece ser um problema — Brennan comentou. — Devon, olhe para mim. Ela obedeceu, tentando não ver a dor em seu rosto.

— Você não precisa falar com ele. Sei que pode parecer que sim, mas você disse que terminou. E você o superou, não é?

Ele esperou pela resposta que deveria ter sido imediata na sua boca. Era mais complicado, do que se havia ou não superado Reid, mas não podia dizer isso a Brennan sem colocá-lo em perigo. Ela se importava muito com Brennan, para deixar isso acontecer.

— Não terminamos pessoalmente. Acho que eu deveria ao menos conversar com ele — ela explicou baixinho.

Ele fechou os olhos e respirou pesadamente pelo nariz, como se estivesse se segurando. Ela se odiava. Ela se odiava muito. Nunca quis lhe causar dor. Nunca quis ver seu rosto lindo, olhando para ela de outra maneira que não fosse com amor como ontem no barco. Ela nunca se perdoaria, mas pelo menos, ele estaria seguro. Precisava continuar se lembrando disso.

Brennan abriu os olhos, e a olhou tão intensamente que a fez corar, e desviar o olhar. Ele a segurou pelos ombros, e a puxou para perto dele.

— Devon, por favor — ele pediu, a fazendo olhar para ele. — Já posso ver isso acontecendo. Não permita que a vida te drene novamente. Dá pra ver

você se afastando. Eu preciso de você, e acho que você também precisa de mim. Por favor, fique aqui, fique no presente, no futuro. Não me deixe.

— Brennan — ela sussurrou, com lágrimas nos olhos.

— Não, Devon, sem lágrimas — disse ele, as enxugando dos seus olhos. — Você é linda demais para isso.

Ela sorriu entre as lágrimas, e fungou.

— Aí está o sorriso, esse sorriso lindo. Quero continuar fazendo você sorrir, mas não posso, se você sair daqui. Nós nos tiramos da água uma vez, Devon. Mas, não posso suportar vê-la afundar mais. Por favor, por favor não me deixe. Só fica comigo — ele implorou.

Devon fechou os olhos e tentou acalmar sua respiração. As lágrimas vinham com mais força, e não a ajudavam em nada. Ela queria tanto ficar. Queria correr para Brennan, e continuar esquecendo todos seus problemas. Queria ficar com ele, mas não podia continuar fugindo. Precisava fazer o que era certo, mesmo que não fosse o que ela queria.

— Não posso — disse, afundando em si mesma, enquanto forçava as palavras. — Tenho que ir.

Ela limpou as lágrimas dos olhos, e passou por ele em direção à saída. Já estava ali há muito tempo. Reid se daria conta, e ela não queria que ele a associasse a Brennan.

— Devon — ele disse, segurando o pulso dela, antes que ela pudesse sair, — você está cometendo um grande erro.

Ela engoliu as lágrimas. — Tenho que ir — ela repetiu, puxando seu pulso para soltá-lo.

Antes que Brennan pudesse dizer outra palavra, saiu correndo do refeitório, e entrou na cozinha. Passando as mãos pelo seu cabelo, Devon se curvou como se tivesse acabado de receber um soco no estômago. *Não. Isto era pior.*

Sentia como se seu coração estivesse quebrando, estilhaçado em um milhão de pedaços.

25

Espiral

Quando Devon finalmente se recompôs, saiu dos fundos, para encontrar Reid brincando com seu copo vazio, enquanto conversava com uma Hannah extasiada. Isto faria bem para o ego dela, mas não que importasse. Ela não sabia o que estaria fazendo depois de hoje.

— Ei — disse Reid. Ele a observou enquanto caminhava em sua direção, como um predador espreitando a sua presa.

— Oi — respondeu Devon.

Seus olhos examinaram o rosto dela. Sabia que ele poderia perceber que ela esteve chorando. Ela nunca conseguiu fingir, mas não havia nada que pudesse fazer sobre isso agora.

Aparentemente sem pensar, ele se aproximou, e pegou a mão dela. — Está pronta para ir ?

— Sim — ela murmurou.

— Foi um prazer te conhecer, Hannah. — Reid disse, com o mesmo sorriso vencedor. Colocou duas notas de vinte dólares no bar, e se levantou.

— Igualmente — disse Hannah solenemente, enquanto observava Reid com Devon.

Devon nem sequer teve forças para dizer algo mais para Hannah. Ela estava pronta para sair, ou nunca o faria. Ela já tinha deixado Brennan no refeitório, e isso tinha sido quase impossível.

O silêncio que impregnava o espaço entre Reid e Devon era sufocante. Havia tanta coisa não dita, tanto que ela esperava, mas não seria ela, que quebraria o silêncio. Nem sabia onde Reid a estava levando. Ela conhecia a região, mas não sabia onde estavam indo. Ela deveria estar mais preocupada, ou um pouco assustada, mas era Reid. Ele não faria nada para atrair a atenção sobre si em público. Mas se estivessem indo a um lugar mais reservado...

Ela engoliu em seco o nó que não conseguia descer por sua garganta. O fato de estarem juntos aqui era muito perturbador. Ela pensara que estava apaixonada por este homem, que ele era sua glória. O amor verdadeiro nunca pareceu tão sem importância como neste momento.

E se iludira acreditando nisso, nele. Reid não era a sua glória. Ele era apenas um cara que se excitava com um pouco de poder. Ela tinha sido tão cega, que mesmo quando o pior aconteceu; continuava se culpando. *Por que ela não podia ser melhor? Como poderia fazê-lo ver que se esforçava muito? Ela merecia o que ele estava fazendo, porque não era a suficientemente boa para ele.*

Quanto mais tempo se manteve longe, mais esses pensamentos desapareceram da sua mente. Ela não era uma covarde. Não fugiu, porque achou que era mais fácil do que enfrentá-lo. Ela era valente, e fugiu porque não era possível enfrentá-lo.

Dois meses e meio não foram suficientes para que esquecesse o que aconteceu. Não foi tempo suficiente para que o perdoasse, se é que algum dia o perdoaria. Foi só o suficiente para o hematomas se curarem... mas não os emocionais. Esses já haviam cicatrizado, e ela não sabia se curariam completamente.

Enquanto Reid entrava em um estacionamento coberto, o coração de Devon palpitava. Claro, que ele veio dirigindo até aqui. *Como mais ele teria chegado aqui tão rápido?* A ideia de entrar em um carro com ele, e deixá-lo controlar seu curso era aterrorizante. *Para onde estavam indo? Será que ele os levaria de volta a St. Louis, e continuariam de onde pararam?*

Encontraram o pequeno esportivo BMW preto de Reid estacionado sozinho. Ele tinha o hábito de estacionar um andar acima dos outros carros, para evitar que alguém mexesse com seu bebê. *Irônico, na melhor das hipóteses.*

Sem soltar a mão dela, a guiou para o banco do passageiro, abriu a porta do carro para ela, e a deixou deslizar no assento de couro preto. Enquanto ele fechava a porta com força atrás dela, tentou não hiperventilar.

Eles estavam sozinhos. Completamente sozinhos. Cem por cento sozinhos.

Ela se sentia como um animal enjaulado, desesperado para ser libertado do cativeiro. Seu cabelo estava arrepiado, e ela tentou não se mexer. Sem pensar, colocou a mão na sua bolsa e pegou uma caneta. Distraidamente a girou entre os dedos. Isso não a acalmou, mas ajudou. Deu a ela outra coisa para pensar. Ela queria escrever, deixar sair todas as emoções percorrendo seu corpo. Queria escrever mais do que desde as primeiras semanas que chegou a Chicago. Mas não ousou pegar seu caderno. Reid não gostava das suas canções, e sem dúvida não gostaria das que tinha escrito sobre dele.

Reid se sentou confortavelmente no banco do motorista, e trancou as portas. Devon observou o pino baixar e teve a súbita vontade de levantá-lo, e sair correndo. *Até onde chegaria?* Ela não era uma atleta. *Conseguiria chegar até o elevador?* *As escadas seriam uma opção melhor?* *Ele a perseguiria?* *Seus pesadelos se tornariam realidade?*

Ele acelerou o motor, lhe dando vida, e Devon se afundou contra o banco. Ela não conseguiria correr mais do que ele. Embora ele, já não treinasse como antes, ainda tinha mais de quinze centímetros de altura. E sem mencionar, que era um atleta nato. *A quem queria enganar?* Seus pesadelos já eram realidade.

— Onde você está morando? — Ele perguntou, pegando sua mão.

— Com Hadley e seu namorado — ela disse com um suspiro.

— Ah — ele disse, dando marcha ré no carro. — Esqueci que Hadley estava na cidade.

Devon assentiu, sem saber mais o que dizer. *Agora ele sabia. Genial.* — Então, vamos para lá.

— O quê? — Ela perguntou. *Deus... Hadley!* Ela contou a sua amiga que havia terminado com Reid, e agora estava com Brennan. Se aparecesse com Reid a tiracolo, poderia causar um desastre nuclear. Garrett sabia o que tinha acontecido entre eles, e Garrett e Hadley sabiam que ela estivera todas as noites com Brennan. Se eles dissessem uma palavra sobre Brennan, isso faria Reid explodir. Ele não podia ir ao apartamento.

— É lá que estão suas coisas, certo? — Ele perguntou, se virando para encará-la.

— Uh, sim. Mas não tenho muitas coisas — ela explicou. Nem sequer sabia por que disse isso. Não que estivesse com pressa de voltar para St. Louis. Lá ela não teria escapatória.

Ele sorriu, e apertou a mão dela. Ela tentou não se encolher. — Você não deixou seu telefone lá?

Seu estômago se contraiu. *Foda-se! De todos os dias...*

— Sim — ela sussurrou.

Reid saiu com o carro do estacionamento, e entrou suavemente no trânsito na rua de mão única. — Para onde eu vou?

Ela mordeu o lábio, e olhou pela janela do carro, antes de direcioná-lo ao seu destino. Não queria levá-lo ao apartamento. *Mas que opção tinha?* Tinha tomado a única decisão que podia, para proteger Brennan. Agora, tinha que seguir adiante. Uma vez que, ele estivesse a salvo, tentaria resolver as coisas com Reid. Ele não podia descobrir. Nunca se perdoaria se Reid machucasse Brennan.

Devon nunca tinha dirigido pelas ruas de Chicago, mas conhecia os bairros bem o suficiente. O Jenn não ficava longe de Marina City, mas se sentia um pouco desorientada, já que ela sempre pegava o trem. Ele grunhiu, quando ela sem querer errou outra entrada.

— Eu deveria ter usado o meu GPS.

— Sinto muito — ela chiou.

Foi o menos zangado que ele ficou com ela, em muito tempo, por lhe dar informações erradas. Ele se recusava a deixá-la orientá-lo em qualquer lugar que fossem, porque odiava todos seus erros. Isso estava começando muito bem.

Ele entrou no condomínio Marinha City, e estacionou. Devon abriu a porta, e estancou. Da sua posição, podia ver além do edifício o lago Michigan ao longe. Isso a fez lembrar do barco de Brennan, o barco que seu pai lhe deixou, ancorado no porto. Ela afastou os olhos do horizonte, não querendo que seu olhar mostrasse a perda do que poderia ter sido. Reid poderia não ser capaz de decifrar o que era de imediato, mas não queria lhe dar motivo de pensar nisso.

Eles caminharam juntos até o elevador, seu braço em volta do ombro dela. Ele estava usando qualquer desculpa para tocá-la. Ela queria correr para longe, muito longe. Ao que parece, não tinha corrido o suficiente, para fugir dele.

O elevador foi rápido como sempre, e os deixou no quadragésimo terceiro andar do prédio. Devon temia esse momento com cada grama do seu ser. Ela odiava não saber, o que aconteceria quando atravessassem a porta.

Devon colocou a chave na fechadura, e girou a maçaneta. Ela respirou fundo para tomar forças, e abriu a porta. Reid entrou atrás dela. De repente, o apartamento parecia muito pequeno, pequeno demais. Dois quartos, dois banheiros, uma cozinha, uma sala de estar; não era espaço suficiente. Ela não poderia ficar longe de Reid aqui, a menos que saltasse da varanda, e despencasse quarenta e três andares. E isso nem sequer era uma opção.

— Então, este é o lugar — ela disse hesitante.

Enquanto entravam na sala, Reid parecia examinar o apartamento. Ele provavelmente estava analisando o lugar.

Ela ouviu um barulho atrás dela, e se virou rapidamente. Garret estava de pé no corredor. Seus olhos se moveram do rosto de Devon para o de Reid, e de volta. Seus olhos se arregalaram, quando pareceu perceber o que estava acontecendo, então, seu rosto ficou branco como uma folha de papel.

Reid se virou nesse instante, e sorriu. — Ei, cara, eu sou Reid. — Ele atravessou a sala, e apertou a mão de Garret.

— Garret.

— Prazer em conhecê-lo. Devon me contou tudo ao seu respeito. Muito legal da sua parte deixá-la ficar na cidade por algumas semanas — disse Reid.

— Claro, sem problema. Ela é sempre bem-vinda aqui — Garret disse, voltando seus olhos para Devon.

Reid sorriu amplamente, e se virou para incluir Devon na conversa. — É bom saber disso. Talvez façamos outra viagem para cá, durante o ano escolar.

Devon desviou o olhar deles. Ela simplesmente não podia suportar isso. A insinuação nas palavras de Reid, abriu velhas feridas. Eles nunca fariam

uma viagem para visitar Hadley e Garrett. Assim que Reid a tivesse em St.Louis novamente, não iria a lugar nenhum. Ele se certificaria disso.

— Então, por quanto tempo você ficará aqui? — Garrett perguntou, passando a mão pelo cabelo.

Devon já sabia a resposta. Eles partiriam assim que Reid pudesse tirá-la daqui.

— Bem, depende da Devon, claro — ele respondeu, mentindo. Reid sorriu para ela, e Devon achou que passaria mal. *Desde quando alguma coisa dependia dela?*

— O que você quer fazer, Dev?

Ela deu de ombros. Queria voltar para Brennan e se desculpar. Ela queria lhe explicar, que Reid era perigoso, e Brennan não podia se aproximar dele. Queria lhe dizer, que não confiava que Reid não faria mal a ele, e se fizesse, isso a mataria.

— Bem, recebi minhas notas de admissão na Faculdade de Medicina pelo correio esta semana, e em breve é o aniversário de Devon. Talvez, pudéssemos sair e comemorar? — Propôs Reid.

— E como você se saiu? — Devon perguntou automaticamente. *Ela não tinha feito a mesma pergunta a Brennan?*

Um músculo no pescoço de Reid se contraiu com a pergunta. Se não o conhecesse tão bem, não saberia o que significava. Ele não foi tão bem como esperava. Ela se perguntou, se seus pais doariam uma biblioteca ou algo, para colocá-lo na Faculdade de Medicina de Wash U. Ela não duvidaria disso.

— Ótimo. Correu tudo bem — ele respondeu com um sorriso sinistro. — Então, vocês querem sair?

— Claro — ela disse baixinho. Preferia sair, do que ficar sozinha com ele, e talvez, pudesse tentar adiar o inevitável.

— Preciso ver o que Hadley quer fazer. Não tenho certeza, se ela está preparada para sair novamente. Ela deve chegar em breve — disse Garrett.

Ele parecia desconfortável e deslocado, e Devon não o culpava. Ele sabia o que havia acontecido entre eles, e provavelmente tentava descobrir como agir, agora que Reid estava aqui.

— Ela ainda não chegou? — Devon perguntou, apenas para preencher o silêncio.

— Não, ela e sua mãe decidiram sair para fazer compras. Não as espero, até as lojas fecharem. — Ele olhou seu relógio. — Que foi há trinta minutos, por isso, ela deve estar aqui em breve.

Como se na sugestão, Hadley entrou pela porta, carregada de sacolas. Ela fechou a porta com o pé, enquanto cambaleava pelo peso das sacolas.

Garrett estendeu a mão para firmá-la.

— Oi! — Ela disse, inclinando-se para ele. — Senti saudade.

O sorriso de Garrett tomou conta do seu rosto. — Eu também senti saudade de você.

— Comprei muitas coisas — ela disse, inclinando-se para frente, e o beijando.

Quando ela recuou, ele disse. — Dá pra ver. — Garrett se virou com um gesto em direção a Reid. — Nós... temos uma visita.

— Reid McAllister! — Hadley clamou chocada. — O que você faz aqui?

Reid riu de bom humor, e balançou a cabeça — Prazer em te ver, Hadley.

— Sério, o que está fazendo aqui? — Ela perguntou, içando as sacolas sobre um ombro, para redistribuir o peso.

— Estou aqui para ver a Devon, é obvio. O que você acha que estou fazendo aqui? — Ele perguntou, movendo seus olhos para Devon.

— Sinceramente, não sei.

— Hadley, o que você comprou? — Devon perguntou rapidamente, cortando a próxima reação de Hadley.

Hadley apertou os olhos, mas era muito de uma garota para resistir à pergunta. — Ah... muita coisa. Eu vou ter que te mostrar. Quarto? — Ela perguntou, apontando para o quarto que compartilhava com Garrett.

— Claro. Garrett, talvez você deva servir uma bebida a Reid — Devon propôs, o contornando.

Reid estendeu a mão, e pegou seu pulso. Quando ela estremeceu, ele afrouxou um pouco o domínio. Ele a puxou para ele, e ela fez o possível para

não se afastar. Então, seu pulso seria a menor de suas preocupações. Ele afastou uma mecha do seu cabelo loiro do rosto dela.

— Senti sua falta, e nunca mais quero você longe da minha vista — ele disse em voz baixa, para que só ela escutasse. Seus lábios pousaram possessivamente nos dela. — Não fique lá por muito tempo.

Devon mordeu o lábio, querendo nada mais do que se afastar do seu alcance, mas apenas assentiu.

— Bom — disse ele, a soltando. — Acho que eu gostaria daquela bebida agora, Garrett. — Ele entrou na cozinha com uma risada ruidosa.

Devon fugiu dele e entrou no quarto. Ela esperava que sua agitação não fosse perceptível. Fechou a porta rapidamente atrás dela, enquanto Hadley jogava as sacolas na cama com um grande bufo.

— Ok... que diabos ele está fazendo aqui? — Perguntou Hadley.

— Shh — Devon avisou rapidamente, colocando o dedo em sua boca. — Fala baixo.

— Desculpe — Hadley disse baixinho.

— Nós realmente não terminamos — explicou Devon mordendo o lábio.

— Do que você está falando? Você disse que sim, e então, passou a noite toda com o Brennan — Hadley disse, confusa.

Devon balançou a cabeça com firmeza. — Não fale sobre ele. Reid não pode saber sobre Brennan.

— Devon, o que está acontecendo? — Hadley exigiu, cruzando os braços.

— Eu saí de St. Louis sem dizer ao Reid. Queria terminar com ele, mas não sabia como. Então, para todos os efeitos, estávamos separados. Ele só... não sabia... — Devon fez uma pausa.

— Porra, Dev. O que você vai fazer? — Perguntou sua amiga, sentando pesadamente na cama.

— Improvisar? — Disse Devon, encolhendo os ombros.

Hadley a olhou com ceticismo.

— Ok, vou ter que agir como se tudo estivesse normal... tanto quanto possa, de qualquer maneira. Você também. Então, vou tentar falar com ele,

mas por favor não fale no Brennan. Não quero que ele pense, que é por isso que estamos nos separando.

— Não é? — Hadley perguntou.

— Não — Devon respondeu, balançando a cabeça. — Eu deixei Reid antes de conhecer o Brennan.

— Bom ponto.

— Eu só... tenho que fazer isso do meu jeito, ok?

Hadley se levantou e colocou a mão no ombro da Devon. — Deixe-o sem magoá-lo, Dev. Ele é louco por você.

Ele é louco, ela pensou.

Devon estava perto de entrar em colapso, no momento que chegaram ao bar. Ela realmente queria uma bebida para acalmar seus nervos, mas queria manter o controle. A última coisa que queria era confrontar Reid, com a mente confusa, ou acidentalmente escorregar e dizer algo que não deveria por estar bêbada.

Seus amigos decidiram ir a um clube não muito longe da casa deles. Hadley não saía a noite, desde a overdose. Devon não queria se preocupar com isso, acima de tudo. Garrett dessa vez teria que cuidar dela.

Quando Devon entrou no clube, sua cabeça dava voltas. Parecia muito com o pesadelo dela. Na verdade, não era nada parecido, exceto pela pista de dança, a música alta e o público. Isso não deveria ter sido suficiente para desencadear seu medo, mas ter Reid segurando firmemente seu braço, não ajudava em nada. Quando a bile subiu, ela cobriu a boca, e tentou digerir seu temor.

A mão dele deslizou pelas suas costas, segurando a cintura dela. Ele se inclinou, e falou diretamente em seu ouvido. — Quer beber algo?

Ela negou com a cabeça. — Estou bem.

— De qualquer maneira, venha comigo — ele exigiu, a puxando em direção ao bar.

— Tudo bem — ela disse, porque não tinha outra opção.

Reid pediu um Crown com Coca-Cola e, para ela um Cosmopolitan, mesmo que ela não quisesse. Ela não gostava desse drinque, e lhe havia dito centenas de vezes que não gostava, mas ele continuava pedindo para ela.

— Reid — ela murmurou, enquanto esperavam por seus drinques.

— Sim, Dev?

Ele levou a mão para o cabelo dela, e massageou seu couro cabeludo. Ela não queria gostar, mas a sensação era boa. Ela queria que ele parasse, para que pudesse se concentrar.

— Acho que precisamos conversar — ela disse, se perguntando, se ele conseguia ouvir sobre a música.

— Vamos conversar mais tarde, está bem? Não posso te ouvir — ele disse com um sorriso.

Devon não gostou da ideia do mais tarde. — Mas...

— Não — ele a interrompeu bruscamente. — Mais tarde. Vamos aproveitar a nossa noite juntos.

Com isso, seus lábios cobriram os dela, enquanto ele segurava sua cabeça no lugar com a mão, para que não pudesse se mexer. Ele a forçou abrir a boca, e enfiou sua língua dentro. Ela queria se contorcer, mas ele a tinha exatamente onde a queria. Seu coração batia forte, enquanto uma das mãos dele deslizou pela sua bunda. Ele a agarrou com força suficiente para fazê-la gritar. Antes dele ter batido nela, isso a teria excitado. Agora, só se sentiu enojada.

Quando o bartender deslizou os drinques pelo bar, ele a soltou. Reid entregou ao cara seu cartão de crédito, e lhe disse para manter a conta aberta.

Seus olhos a encontraram novamente, e ele riu. — Você é minha. Sabe disso, certo? — Ele segurou o queixo dela. — Só minha.

Ela engoliu em seco, tentando não reagir. Ele não se importava, se ela confirmasse ou negasse o que tinha dito. Em sua cabeça, ele acreditava que era verdade.

Eles passaram o resto da noite juntos com Hadley e Garrett. Devon tentou mas não agia como normalmente, porque o normal já não incluía Reid. Por sorte, ele dominou a conversa. Ele tinha uma personalidade forte o suficiente pelos os dois, e parecia manter perfeitamente sua parte da conversa. Ela não podia acreditar, que já o deixara falar por ela assim. Sentia-se artificial.

Às vezes queria falar, mas logo se arrependia. Se não lhe desse munições, seria menos provável que ele apertasse o gatilho.

Reid bocejou exageradamente. Devon sabia que ele não estava cansado. Na verdade, estava pilhado. Toda situação que o levava ao limite, o irritava.

— Acho que está na hora de irmos embora.

— Você tem certeza? Ainda é cedo — Garrett disse rapidamente.

Devon não sabia se a reação de Garrett era por temer a sua segurança, ou porque tinha se dado muito bem com Reid. Para ela não era nenhuma surpresa. Reid se relacionava bem com todo mundo, mas achava que Garrett não cairia na sua lãbia tão facilmente.

— Sim, não vejo Devon há algum tempo. Acho que precisamos de um tempo sozinhos — ele respondeu, a levantando com ele.

— Reid — Devon disse rapidamente. Ela não queria ficar sozinha com ele.

— Quer que a gente vá com vocês? — Interveio Hadley.

— Não. Não queremos interromper a noite de vocês — ele disse brandamente.

Hadley a olhou incisivamente. Ela achou que estivesse sendo reconfortante, como dissesse a Devon: *Aí está sua chance*. Devon se arrependeu de não ter contado a verdade para Hadley. *Não podia ficar sozinha com ele! Isso era ridículo*.

— Não interromperia a nossa noite — Garret disse levantando.

— Sério, não se preocupem com a gente — disse Reid. — Veremos vocês amanhã.

— Reid, acho que eles deveriam vir com a gente — Devon sugeriu rapidamente.

A mão dele no seu braço apertou, e ela parou de respirar. Parecia muito familiar. Só queria acordar do seu pesadelo. *Acorde. Por favor, acorde*. Mas, ela não estava sonhando, e não conseguiria escapar disso.

— Não seja boba, Devon. Não há nenhuma razão para que eles venham conosco. — Ele sorriu para eles. — Boa noite, pessoal.

Reid quase a empurrou para fora do clube, e para a rua vazia. Não soltou o braço dela, até que a colocou em sua BMW.

— No que estava pensando? Você disse que precisamos conversar, e então, tenta fazer com que eles voltem com a gente? — Ele perguntou, saindo da vaga do estacionamento.

Devon não se preocupou em dizer nada. Estava encurralada, irremediavelmente aprisionada, e tinha feito isso a si mesma. Suas poucas tentativas de conseguir a atenção de Hadley ou Garrett, só o chateou.

Ela esperava poder controlar a raiva de Reid. Começava a duvidar da sua própria sanidade, ao concordar em sair do Jenn com ele. Ela se virou para a janela, e fechou os olhos. Seus pensamentos retornaram para Brennan: beijos quentes, carícias suaves, conversas de confiança, liberdade. Estava fazendo isso por ele. Depois de tudo acabar, talvez ele a perdoasse.

26

Adrenalina

— Espere... — pediu Devon, realmente prestando atenção ao seu redor pela primeira vez. — Esse não é o caminho para o apartamento de Hadley.

Reid apertou seus dedos entrelaçados. — Pensei que poderíamos ter um pouco de privacidade.

— Pensei que estávamos voltando cedo para ter privacidade — ela disse, com sua voz soando histérica. Isso não pode ser bom.

— Você não abusou da hospitalidade deles o suficiente, Devon? Eu acho que é uma boa ideia que tenham a casa para só para eles esta noite. Pensei que seria uma boa surpresa — ele disse sorrindo. Ele fez uma curva, que os levou para mais longe do apartamento.

Ela nem sequer teve a pretensão de esconder seu medo. Seu coração pulsava com força, e sua respiração saía com dificuldade. *Onde ele estava a levando?* Ela não se sentia confortável conversando com ele em um lugar que considerava seu lar, então certamente não se sentiria melhor em outro lugar.

— Onde estamos indo? — Ela perguntou num tom exigente.

— Você não gosta de surpresas, Devon? — Ele perguntou, tão calmo como sempre.

Sabia que ele havia percebido que ela estava com medo. Ela odiava que o medo a dominasse, pois tinha certeza que ele gostava disso. Ele gostava de vê-la se encolher e se afastar. Gostava de ter o controle. Ela estava lhe dando, o que ele queria, e não podia fazer nada para se manter sob controle.

Alguns minutos depois, Reid parou no estacionamento de um arranha-céu, e o manobrista a ajudou a sair do carro. Então percebeu, onde eles estavam. Ela não achou que pudesse se sentir pior, mas ele provaria, que ela estava errada.

Um hotel. Sério? Um hotel? Ela não podia acreditar que ele a estava trazendo para este lugar. *Bem, sim podia.* Fazia todo o sentido. Ela quase fez

um comentário sarcástico sobre se o lugar cobrava por hora. Ainda bem que se conteve. Ela nem queria pensar no que acontecia em hotéis por hora. Isso poderia realmente quebrar sua natureza.

O manobrista saiu com o carro, os deixando sozinhos.

Ele sorriu brilhantemente para ela. — Boa surpresa, não é? — Envolvendo os braços ao redor da sua cintura, a puxou para perto. — Eu senti tanta a sua falta, Dev.

Devon saiu do seu abraço. — Não posso subir com você, Reid.

— Por quê? — Ele perguntou, seus olhos endurecendo.

— Não acho que seja uma boa ideia — explicou ela, tentando permanecer forte.

Esperar a reação de Reid, era como girar a manivela de uma caixa de surpresas, sabendo que estouraria na sua cara.

— Você não me vê há dois meses e meio. Reservo um bom quarto de hotel na cidade, e estou animado em vê-la. E você não quer subir comigo? — Ele perguntou. — Qual é o seu problema, Devon? O que mudou desde que você partiu?

Devon suspirou, e olhou para o chão. *O que havia de errado com ela?* Talvez não fosse tão ruim. Tinham um monte de coisas para conversar, e não é como se pudessem ficar parados do lado de fora do hotel a noite toda.

— Você está saindo com outra pessoa? Esse é o problema? — Ele perguntou.

Ela ouviu a tensão na sua voz, e tentou permanecer calma. Se ela reagisse pensando em Brennan, seria péssimo. Não podia deixar Reid saber. Tinha que esconder isso dele. Ela estaria segura, desde que o nome de Brennan fosse mantido em segredo.

— Não. Não estou saindo com ninguém — ela disse em voz baixa, permanecendo o mais calma possível. — Sinto que estamos indo muito depressa.

— Estamos juntos há três anos. Como poderíamos apressar isso? — Ele perguntou, estendendo a mão para ela.

— Você sabe o que quero dizer — ela disse, encolhendo os ombros.

— Escute-me, Dev — Reid pediu em voz baixa. Ele segurou o queixo dela, e levantou seu rosto para o dele. — Eu te amo muito. Senti muito a sua falta. Se você acha que estou te apressando, eu vou entender. Precisamos conversar. Quero passar um tempo com você. Já faz tempo que não ficamos juntos. Vamos subir.

Devon mordeu o lábio, e olhou para o rosto da pessoa que por anos pensou que fosse sua glória, seu verdadeiro amor. Algo na sua súplica pareceu enfraquecer sua determinação. Talvez fosse diferente. Se ele a amasse, talvez fosse diferente.

— Por favor, venha comigo, Dev. Minha vida está um caos sem você. — Ele deu um beijo carinhoso nos seus lábios.

— Tudo bem — ela disse baixinho, rompendo o beijo. — Vamos subir e conversar.

Ele sorriu como se tivesse ganho um prêmio, e então, pegou a mão dela, e a conduziu para o hotel. Eles pegaram o elevador, e depois que chegaram ao andar, e encontrarem seu quarto, Reid abriu a porta. Devon entrou antes dele, e o ouviu trancar a porta. Ela engoliu em seco, e olhou em volta. Era bem agradável, com uma pequena sala de estar, e uma cama enorme. Ela nem sequer se incomodou em procurar o banheiro. A última coisa que ela queria era ver outro de seus pesadelos.

Devon decidiu se sentar na cadeira da sala de estar. De frente para a porta e longe da cama. Queria uma visão clara da saída, e evitar a cama a todo custo. Era assim que ela queria lidar com isso, se concentrando em uma rota de fuga clara.

— Muito bem... — Reid parou atrás dela, e começou a massagear seus ombros.

Quando a tocou, ela ficou tensa, e ele esfregou com mais força. Ela estava muito nervosa. Não sabia o que iria acontecer.

— Você disse que queria conversar, então vamos conversar.

— Humm... certo — ela começou.

— Vamos falar sobre como você mentiu para mim. Ou podemos falar sobre como fugiu para Chicago. Que tal falarmos sobre como você tem agido a noite toda, ou como ficou com medo quando descobri que estava mentindo?

Talvez devêssemos conversar sobre o barman. — Ele disse, com sua voz grossa de veneno.

Devon sentiu como se tivesse parado de respirar. *Brennan não*. Não podiam falar sobre o Brennan.

— Ah, então é o barman — ele disse como se tivesse tropeçado em algo.

— Reid — ela engasgou, tentando encontrar o ar.

— Você disse que queria conversar. Acho que podemos começar com ele. Você trepou com ele?

Ele pressionou os músculos dos seus ombros com tanta força, que ela tentou se afastar dele, mas ele a segurou firmemente no lugar.

— Reid, não é para isso que estou aqui — ela gemeu. — Pare! Você está me machucando!

Ele só a segurou com mais força. — Às vezes, acho que você não me escuta, a não ser que eu te obrigue, Devon.

— Estou escutando! — Ela cuspiu com frustração, tentando se afastar das mãos dele.

— Não acho que esteja. Porque ainda não respondeu a minha pergunta. Você transou com ele? É uma pergunta de sim ou não, Devon.

Ela engoliu em seco. Não podia falar de Brennan. *Como Reid sabia?* Ela fez todo o possível para ele não descobrir, mesmo assim, ele tinha descoberto tudo. Ela queria chorar, mas Reid não merecia suas lágrimas.

— Sem resposta, Devon? Perdeu sua voz em alguma lugar? Vou presumir que significa sim. — Ele soltou seus ombros, e caminhou até a frente da cadeira.

Ela tentou se levantar, mas ele a empurrou para trás, sentando-a novamente.

— Você estava aqui agindo como uma puta, enquanto eu estava em St. Louis, sentindo sua falta. Não me parece justo, não é?

Ele estava agindo completamente insano. Ela precisava sair daqui. Isto não ia dar em nada. *Como ela o deixou manipulá-la tão bem?* Ele aproveitou de sua fraqueza, e da sua vontade de fazê-lo feliz. Mesmo quando estava desesperada para se livrar dele, era difícil quebrar velhos hábitos. Durante

muito tempo, a ideia de ficar sem Reid, a colocou num estado agonizante de insegurança e medo, mas agora, ela percebeu, que só tinha projetado como realmente era quando estava com ele, no que supôs seria estar sem ele. Viver sem ele a levou até Brennan, e quando estava com ele, não tinha dúvidas e nem medo.

— Você queria conversar, mas só eu estou falando — ele disse. — Não tem nada a dizer?

Ele a pegou pelos braços, e a levantou da cadeira onde a jogou. Suas mãos rodearam seus bíceps e ele apertou, a puxando cara a cara com ele. A pressão nos braços dela era angustiante.

— Você quer saber por que eu parti? — Ela perguntou. — Foi por isso que parti. Estava cansada de você me machucar.

— Se você não me machucasse tanto, eu não teria que fazer nada. Por você quer me machuca, Devon? — Ele perguntou. Ela a sacudiu com força. — Explique para mim. Por que você me deixou, mentiu para mim, e me traiu? — Ele gritou.

Uma lagrima correu por sua bochecha, e não havia nada que ela pudesse fazer. — Reid, por favor, — ela disse, piscando para conter as lágrimas. — Não me machuque.

— Não devo te machucar? — Ele perguntou incrédulo. Ele a jogou contra a parede. — Não devo te machucar? Depois do que você fez comigo, você acha que devo deixá-la ir? Você acha que devo deixar que alguém mais ponha suas mãos sujas em você? Você é minha, Devon! — Ele gritou na sua cara. — Você é minha!

Reid a jogou no chão, fazendo sua cabeça bater contra o canto da mesa lateral. Sua visão ficou nublada, enquanto seus ouvidos zumbiam. Ela tinha certeza de que Reid dizia algo, mas não sabia o quê. Sua respiração estava ofegante, enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto, e em seguida, sentiu a dor da queda. Hesitante, levou a mão na parte de trás da sua cabeça, e sentiu o caroço já se formando. Era muito sensível até mesmo tocar levemente com as pontas dos dedos.

— Você está me ouvindo? — Reid gritou, se agachando, e a obrigando a olhar para ele.

— O quê? — Devon sussurrou, sua voz suave e tênue. Ela não se sentia muito bem.

— Você nem está me ouvindo — ele gritou, parecendo um maníaco. — Você deve estar brincando comigo. Como posso ser mais claro para você?

— Não sei — ela respondeu, tentando, sem sucesso, ficar de pé. Ela se sentia uma tola sentada no chão, com ele parado ao lado, gritando com ela, mas primeiro tinha que deixar as estrelas desvanecer. Já tinha visto estrelas antes. Às vezes, ela desmaiava por causa delas. Não podia desmaiar nesse momento. Precisava manter sua mente ativa. *Sem dormir.*

Pense em outra coisa. Pense em Brennan. O que ele faria se estivesse aqui? Ele era filho de um médico. Ele cuidaria dela, a abraçaria enquanto ela chorava, e beijaria seus ferimentos. Ele não faria nada para machucá-la. Enxugaria suas lágrimas, e diria que não queria voltar a vê-la chorando. Ele a achava linda. Isso a fez sorrir.

— Oh, você tem motivos para sorrir? — Reid gritou, quebrando seu devaneio. — Compartilhe o que é tão divertido.

— Nada — ela disse, tentando se levantar novamente.

Reid a pegou pelo pulso, e a puxou com rudeza, até que ela estava de pé. Seu ombro torceu, e ela tinha certeza de que o tinha descolado. No momento em que ele a colocou de pé, seu ombro gritava de dor. Ela se firmou na parede, para não cair para trás. As estrelas havia se esvaído um pouco, mas ainda se sentia lenta e confusa. Sua mente tinha que começar a clarear. Reid estava alterado, e ela não podia se dar ao luxo de estar fora de si.

— Isso é certo. Você não é nada sem mim. Basta olhar para você — ele disse, gesticulando para ela. — Você está um desastre.

— Estou um desastre graças a você — Devon resmungou.

Reid riu dela. — Você acha que te transformei numa prostituta? Nem sei por que quero ficar com você, exceto por te amar. Com o tempo te perdorei pelas coisas que você fez de errado.

— Você vai me perdoar? — Ela perguntou, incrédula. *Mesmo? Ele ia tentar culpá-la por tudo?*

— Esse é o tipo de cara que eu sou — ele disse, muito tranquilo.

Devon fechou e abriu os olhos, sentindo a névoa se desvanecer lentamente. Estava muito lenta. Ela não tinha bebido muito para poder permanecer alerta, e agora, com a queda, encontrava-se derrotada. Tentou manter os olhos fechados por um tempo, para ver se isso ajudava, mas quando voltou a abri-los, Reid estava parado bem na frente dela.

Quando ele a empurrou para trás, engoliu em seco, imaginando o que mais poderia querer dela. Foi uma tola ao acreditar, que ele seria capaz de só conversar, que não iria bater nela, como fez nas outras vezes. E seria uma idiota agora em pensar que tinha terminado com ela.

Reid estendeu a mão, e acariciou seu cabelo, como se ela fosse um animal de estimação. Ela a olhava possesivamente, e era assustador. Seu comportamento moderado depois de uma explosão, a assustava mais do que o acesso de raiva. Pelo menos quando ele explodia, sabia o que esperar. O controle tornava mais difícil julgá-lo.

A mão dele percorreu seu lado até a cintura. Sua mente começou a clarear, e tudo o que ela conseguia pensar era em escapar. Queria correr. Queria fugir, mas não conseguia se mover. Ele a beijou na bochecha, por todo maxilar, abaixo do seu pescoço, através da clavícula... em qualquer lugar que pudesse chegar. Devon gemeu, tentando se afastar dele, mas o corpo de seu ex a mantinha no lugar.

— Reid, pare — ela implorou.

Ele a pegou como uma boneca de pano, e a levou até o outro lado do quarto, para a cama enorme. Seu pânico aumentou com a ideia do que ele poderia estar pensando.

— Reid, por favor, pare. Por favor. Não!

Ele a jogou de costas na cama, e antes que ela pudesse escapar, ele segurou seu tornozelo, e a esmagou contra a cama.

— Se você age como uma puta, vou trata-la como tal. Você é minha. — Ele passou a mão entre suas pernas, e massageou a pele sensível com o polegar. — Eu vou pegar o que é meu.

Devon engasgou em choque, com seu toque ansioso. Parecia tão errado. Ele já tinha sido enérgico antes, mas isso foi quando ela confiava nele. Agora

era diferente. Isso era... aquela palavra que nunca pensou. *Não, ela nem queria pensar nisso agora.* Era desmoralizante.

Sem pensar duas vezes, Reid pegou sua calcinha, e a desceu até os joelhos. Lágrimas brotaram em seus olhos, enquanto ele subia pelo seu corpo. Era uma violação, e parecia tão errado, muito errado. Ela tentou se afastar do seu toque, mas ele segurou suas pernas, para que não se movesse.

— Reid, não. Eu não quero isso! Eu não quero que você faça isso! — Ela gritou, sentindo-se mais alerta do que minutos antes.

— Você terá o que merece, e pegarei o que quero — ele disse, com naturalidade.

Ela fechou os olhos, e tentou pensar no que fazer. Ela tinha que escapar. Repetiu isso várias vezes. Não podia deixar ele se safar disso.

Quando ela ouviu o zíper, seus olhos se abriram. Reid abaixou sua calça, e se posicionou. Ela já estava duro. Ele deve ter ficado excitado pelo controle, por tê-la fraca, por tomar o que queria. Era doentio e pervertido.

Antes de que ele tivesse a oportunidade de fazer mais alguma coisa, Devon gritou a plenos pulmões. Não sabia se havia alguém por perto, mas seu instinto de lutar e fugir assumiu o controle, e ela não podia deixar isso acontecer. Tinha suportado o suficiente. Isso era estupro.

A mão de Reid se fechou sobre sua boca. Quando ele se inclinou sobre ela, Devon enfiou os dedos em seus olhos. Ele gritou de dor, pressionando uma das mãos em seus olhos. Ele usou a outra mão para golpeá-la com força suficiente para derrubá-la da cama. Devon voltou a gritar, enquanto caía no chão.

Parecia que o olho dela havia explodido, enquanto o sangue jorrava de seu nariz ao mesmo tempo. Ela pressionou a mão na sua bochecha, e tudo doía, mas não tinha tempo para pensar sobre isso. Ela se levantou o mais rápido que pôde, e correu para a porta.

Devon acabara de abrir a porta, quando Reid a alcançou. Ele estendeu a mão, mas ela se virou, e lhe deu uma joelhada na virilha. Em seguida, bateu a porta na cabeça dele. Ele caiu para trás, mas ela não o nocauteou. Deu-lhe apenas vantagem suficiente para sair quarto, e disparar pelo corredor.

Ela apertou o botão do elevador tantas vezes quanto pôde. Devon o ouviu correndo pelo corredor, vindo atrás dela, assim que a porta do elevador se abriu. A adrenalina a jogou no elevador, e a porta se fechou, pouco antes de Reid chegar lá. Ela apertou o botão do saguão, e rezou para que Deus a escutasse e ela chegasse ao térreo, antes de que ele descesse as escadas.

Nos espelhos do elevador, seu reflexo olhou para ela. Ela já podia ver seu rosto inchando como um balão. Sem dúvida amanhã teria um olho roxo. Só uma vez ele tinha feito isso com ela. Ela sufocou as lágrimas.

As portas se abriram no térreo, e ela correu o mais rápido que pôde para fora do hotel. As pessoas a olhavam, mas ela não ligou. Um táxi estava parado na frente do hotel, e ela abriu a porta antes que o manobrista pudesse sequer se aproximar.

— Para onde vamos? — O taxista perguntou, saindo da entrada do hotel.

Devon recostou a cabeça contra o banco do taxi, e lentamente soltou um suspiro de alívio. *Ela tinha conseguido. Tinha fugido.*

27

Encontrar o Seu Caminho

O táxi se fundiu no trânsito, e começou a afastá-la do hotel. Devon pegou seu telefone com as mãos trêmulas. Precisava falar com Hadley, para lhe contar sobre Reid. Esse seria o primeiro lugar onde a procuraria. Ela não era estúpida. Sabia que ele não pararia até que conseguisse o que queria. Ele estava se controlando desde que chegou aqui, e o quarto do hotel o levou ao limite. Ela não sabia o que ele faria a seguir. Tudo que ela sabia era que precisava ficar longe dele... ou nunca mais escaparia.

— Vamos, Hadley, atenda por favor — Devon resmungou no telefone, enquanto chamava. O correio de voz de Hadley atendeu, e Devon desligou, e tentou novamente. *Sem sorte.*

— Merda.

Ela precisava manter Hadley e Garrett em segurança. Ninguém mais precisava se machucar esta noite. Sabendo o que tinha que fazer, discou o número de Garrett. Ele normalmente ficava acordado até tarde, quando não tinha que trabalhar pela manhã. *É melhor que ele atenda!*

Garret atendeu no segundo toque. — Devon?

— Garrett, graças a Deus você atendeu. Tentei falar com Hadley — ela disse desesperada.

— Onde vocês se meteram? Pensei que vocês retornariam para o apartamento. Tentei te ligar, mas você não atendeu. Estava te esperando — ele disse, com uma pitada de pânico em sua voz.

— Reid me levou a um hotel. Ele disse que queria privacidade — ela explicou a ele.

— Um hotel? Você está bem? O que está acontecendo?

— Não, eu não estou. Reid perdeu o controle. — Ela não queria contar a Garrett. Não queria confiar nele. *Mas que outra opção tinha?* Precisava dele nesse exato momento. — Ele me bateu. Eu... eu acabei de fugir.

— Porra, Dev!

Ela praticamente podia vê-lo, andando de um lado para o outro pelo apartamento, enquanto falava com ela. Ele tinha esse hábito.

— Você quer que eu vá te buscar? Você está segura?

— Não. Não. Estou em um táxi. Estou segura por enquanto — ela sussurrou.

— Bom. Ainda bem que você está longe dele. Você está a caminho daqui? Posso descer e te esperar — ele disse.

Ela ouviu o barulho do outro lado, como se ele estivesse calçando os sapatos ou algo assim.

— Garrett, não. Não vou para aí esta noite. Isso é o que ele espera que eu faça. Não estarei segura aí — ela disse.

— Devon, você estará a salvo aqui. Para onde mais você iria? — Ele perguntou.

As palavras pairaram entre eles. Não queria que Garrett soubesse para onde ela iria. Não queria que ninguém soubesse. Não podia arriscar que Reid descobrisse.

— Não importa. Não me sinto segura. Preciso me esconder em algum lugar — Ela disse.

— Então... você vai para o Brennan? — Ele perguntou com cautela.

Devon fechou os olhos, e recostou a cabeça. *Brennan*. Não, Garrett não podia saber que era para onde ela estava indo.

— Não, não vou procurar o Brennan. Ele não está feliz comigo no momento. Não posso culpá-lo. Encontrarei outro lugar.

— Devon, não estou gostando disso — disse Garrett.

— Bem, eu não gosto da possibilidade de ser espancada novamente — ela replicou determinada.

— Eu...não a culpo. Sinto muito, Devon. Não sabia. Nunca deixaria você sair, se eu soubesse — divagou com seu pedido de desculpas.

Devon sacudiu a cabeça, tentando entender suas palavras. A adrenalina do seu confronto com o Reid estava passando, e se sentiu caindo na inconsciência. As estrelas estavam voltando, e sua cabeça latejava. Sua bochecha estava dormente, e o sangue estancou, mas não acreditava que se

sentir entorpecida era uma coisa boa. A dormência significava uma dor severa mais tarde. Seu olho estava inchado, e ela se perguntou se fecharia.

— Do que você está falando, Garrett? Não estou me sentindo muito bem — ela sussurrou. Sua voz estava falhando. *Isto não era bom.*

— Devon, eu sinto muito. Sei que não tenho o direito de te pedir para me perdoar. Não espero que o faça. Eu não me perdoaria — ele disse.

— Garrett, nem me lembro mais daquele beijo. Isso já não importa — Devon disse baixinho.

— Não é o beijo, Dev — ele disse. — Mais do que isso...

— O que quer que você esteja falando, não tem importância. Estou viva. É isso o que importa.

Garrett suspirou do outro lado da linha. — Não é tudo o que importa. É a coisa mais importante, mas em contrapartida é minha culpa.

Devon recostou-se lentamente, e tentou juntar as peças do que ele tentava lhe dizer. *Algo mais do que o beijo. Algo que importava além dela estar viva. Algo que foi culpa dele. O coração dela parou.*

— O que você está tentando dizer, Garrett? — Ela perguntou, o medo da resposta rastejando em sua voz.

— Sinto muito, Devon. Eu que atendi o seu telefone quando Reid ligou.

Devon sentiu todo o ar sair dos seus pulmões de uma vez. Foi Garrett quem falou com Reid. Foi assim que Reid chegou até ela tão rápido. Devon não teve a chance de lhe perguntar e provavelmente, ele teria mentido, de qualquer maneira. Não fazia sentido. *Por que Garrett faria isso?*

—Eu sei. Me desculpe, Dev.

Ele parecia miserável, mas não sabia nada sobre miséria comparado a ela.

— Tentei protegê-la. Tentei fazer com que ele te deixasse em paz. Nunca esperei que ele aparecesse.

Talvez Garret estivesse tentando protegê-la. Talvez tivesse atendido para mandar Reid se foder. Talvez não esperava que ele aparecesse, e se fosse esse o caso, sem dúvida não esperava que Reid batesse nela. Talvez tudo isso fosse verdade, mas ainda assim, era imperdoável. Garrett era o único que

sabia toda a história. Era o único que sabia o que significava manter tudo em segredo.

— Devon? Você ainda está aí? — Perguntou Garrett no telefone.

— Sim. Só mantenha Hadley em segurança. Não deixe Reid entrar. Não importa o que ele diga, não o deixe entrar — ela disse, insistentemente. Não sabia o que Reid faria, e nesse momento, isso era mais importante do que lidar com Garrett.

— Devon...

— Você não entende que ele é perigoso? — Ela perguntou rispidamente no telefone. — Para com a autopiedade por um segundo, e diga que você fará o que eu te disse. Não quero que mais ninguém se machuque.

— Eu entendi — ele disse, claramente preocupado por suas palavras duras.

Devon desligou. Essa era toda a confirmação que precisava. Enquanto Hadley estivesse bem, Devon só precisava se preocupar com ela mesma. Não queria pensar em Garrett nesse momento. Essa raiva a faria explodir. O único benefício de suas palavras foi o choque em seu sistema, mantendo-a acordada tempo suficiente para chegar ao seu destino.

O táxi parou, e ela pagou a corrida. Ela não se sentia tão mal, desde que não tocasse no seu rosto. Sabia que isso não era nada comparado com o que sentiria amanhã. Sua cabeça latejava, e essa era a pior parte. Só queria que sua dor de cabeça desaparecesse. Esperava que não durasse muito.

Devon parou diante da porta com um suspiro. Levantou a mão para bater, mas logo a deixou cair de novo. Não havia outro lugar que pudesse ir, ou onde queria estar. Mesmo assim, se sentia horrível. Seus ferimentos eram muito além do físico. Ela esperava que, com o tempo, pudesse corrigir tudo na sua vida. Tempo era tudo o que tinha para oferecer. Não sabia se seria o suficiente.

Tentando encontrar a fonte de coragem que a empurrou até esse ponto, Devon bateu na porta. Pouco depois, a porta se abriu, e Brennan estava diante dela, sem camisa. Ela respirou fundo. Ele estava lindo. Ele estava meio bagunçado, descabelado, e a bermuda amarrotada, mas funcionava para ele. Tudo parecia funcionar nele.

— Devon — ele disse suavemente, de boca aberta ao vê-la. Seus olhos se arregalaram, ao ver o olho dela inchado, e o sangue que caíra em seu vestido. — O que aconteceu com você?

Ele parecia espantado, e ela não o culpava.

— Posso entrar? — Ela olhou por cima do ombro. Estava preocupada, que Reid de alguma forma tivesse sido capaz de descobrir onde ela se encontrava.

Ela esperou que Brennan dissesse alguma coisa, mas ele não disse nada. Apenas ficou olhando para ela. Então, quando ela abriu a boca para dizer qualquer outra coisa, ele avançou, e a puxou contra ele. Ela envolveu seus braços ao redor do pescoço dele, enquanto os braços dele envolveram sua cintura, a segurando com força. Brennan respirou seu aroma, enquanto ela tentava conter as lágrimas. Só de ser abraçada, nunca se sentiu tão bem.

Ele se afastou, e encontrou seus lábios. Ele a beijou com um desespero que beirava ao delírio. Ela retribuiu seus beijos ávidos, e o empurrou para dentro do apartamento. Ela queria isso. Ela o queria. Ele foi o único que a fez passar por toda essa dura experiência com Reid. Pensar em Brennan, lhe deu uma razão para avançar e fugir de Reid. Ela não precisava mais ficar sob o domínio de Reid. Ela era melhor do que isso, e foi Brennan quem mostrou isso a ela.

Devon se afastou tempo suficiente, para fechar e trancar a porta. Não ia correr nenhum risco.

Brennan colocou suas mãos de volta sobre ela imediatamente, puxando-a e abraçando-a. — Você voltou — ele disse. — Você me deixou, e voltou.

Ele andou para trás com ela, pelo pequeno corredor, e entrou no seu quarto. O lugar cheirava tanto a ele, que a deixou tonta. *Ou já estava tonta?* Não sabia. Tudo o que sabia era que Brennan a fazia se sentir bem.

— Eu voltei — ela repetiu.

Ele se inclinou e uniu seus lábios novamente. Ela sentiu que tudo o que lhe aconteceu, desde que Reid chegou, foi apenas um momento fugaz no tempo. Cada beijo de Brennan curava seus ferimentos, afastando todo o ódio da sua vida. Estar ali com ele era como começar novamente.

— Você não pode partir novamente — ele disse, quando finalmente se separaram.

— Eu não vou — ela afirmou.

— Estou falando sério, Belle — ele disse, roçando seus lábios nos dela novamente. — Ver você sair pela porta, foi como ouvir que meu pai tinha morrido de novo. Não quero deixá-la ir.

— Eu nunca quis te deixar — ela confessou, contendo as lágrimas. — Mas... precisei ir, para o seu próprio bem.

Então, as lágrimas fluíram livremente, e o latejar na sua cabeça se intensificou.

Deus, isso dói tanto, ela pensou.

— Shhh — ele disse, a puxando. — Está tudo bem. Você não precisa se preocupar comigo. Posso cuidar de mim mesmo. Só me preocupo com você.

— Eu não queria que ele te machucasse — ela disse entre as lágrimas.

— Aquele cara? Seu ex? — Ele realmente olhou para ela, e examinou seu olho inchado. — Ele te fez isso? — Ele parecia tão surpreso quanto zangado. Bem, possivelmente estivesse um pouco mais enfurecido.

Devon assentiu, mas foi uma má ideia. — Não... me sinto muito bem — ela disse, descansando a mão em seu ombro.

— Ei, olhe para mim. — Ele embalou suavemente a cabeça dela entre suas mãos. — O que ele fez com você? Você se lembra?

— Sim — ela disse, tentando se concentrar na tarefa em mãos.

— Ei, ei, escute. Apenas olhe para mim. Olhe para mim. — Ele olhou nos olhos dela, examinando-os na luz. — Só me diga uma coisa do que aconteceu.

— Ele tentou me estuprar — ela sussurrou, dizendo isso, porque era a única coisa que se destacava.

Brennan sibilou entre os dentes, enquanto seus olhos ardiam. Ele parecia um assassino. Nunca o vira tão zangado.

— Mais alguma coisa? — Ele disse com os dentes cerrados. — Ele te sacudiu muito forte? Ou você bateu a cabeça quando isso aconteceu? — Ele apontou para o olho dela.

Ela bateu a cabeça? Estava com dificuldade em lembrar o que aconteceu. Tinha uma leve lembrança de uma mesa lateral. *Espere... sim, ela bateu na quina de uma mesa. Estrelas.* Tinha visto um montão de estrelas.

— Eu bati na quina de uma mesa lateral — ela disse, baixinho.

— Ok. — Ele a pegou em seus braços, antes que ela entrasse em colapso. — Acredito que que você tem uma concussão. Temos que levá-la ao hospital.

— Não posso ir para um hospital! — Ela gritou histericamente. — Ele vai me encontrar!

— Devon, por favor, me deixe cuidar de você.

— Nada de hospital! — Ela repetiu.

— Você não está exatamente em condições de discutir comigo.

Levando-a para sua cama, com uma mão, ele afastou o edredom, e a deitou gentilmente no colchão. Pegou um travesseiro extra, e o colocou atrás da cabeça dela, assim, ficaria mais confortável por enquanto.

— Por favor — ela disse, puxando os joelhos até o peito, — eu vou deixar você cuidar de mim. Só nada de hospital.

Brennan suspirou de tal forma, que mostrou que ele cederia. *Como poderia lhe negar algo, quando ela estava em tal estado?*

— Certo. Eu sei uma coisa ou duas, sobre concussões, mas se piorar, vou levá-la ao hospital. Talvez seja necessária uma ressonância magnética, para verificar lesões cerebrais. Não vou brincar com lesões na cabeça, só porque seu ex pode te encontrar. Combinado? — Ele perguntou.

— Combinado. — Ela foi capaz de relaxar, agora que sabia que não ia a lugar nenhum.

— Eu volto já. Vou buscar um pouco de ibuprofeno e uma bolsa de gelo.

Ele voltou com o remédio, e um copo grande de água, que ela bebeu sem reclamar. Ela colocou o copo na mesinha de cabeceira, e então, se recostou na cama. Brennan ajustou a bolsa de gelo na parte de trás da cabeça dela e, Devon fez uma careta de dor. Já se sentia muito mais calma e confortável. Queria dormir. Seus olhos se fecharam. Era bom.

— Ei, — ele disse, afundando na cama ao lado dela. — Nada de dormir ainda. Quero ter certeza que você está bem.

— Sem dormir. Entendi.

Brennan encontrou sua mão, e fez círculos na palma com seu polegar.
—Você pode me dizer o que aconteceu? Pode te ajudar a ficar acordada.

Ela assentiu lentamente. Planejava contar a ele essa noite de qualquer maneira. Agora se encontrava aqui, como se o destino percebesse que esta seria a noite deles juntos. Pena que o destino tomou um desvio desastroso.

— Sim. Por onde começo?

— Pelo início, acho eu. Por onde você quiser. — Ele levou a mão dela à boca, e a beijou. — Estou aqui para te apoiar.

Devon sorriu, e começou desde o início, o primeiro momento. — Quando eu estava no colégio, namorava esse cara, Mason — ela começou. — Eu o conhecia desde criança. Sua mãe era a melhor amiga da minha. Acredito que tinham acertado nosso matrimônio, enquanto ainda estávamos no ventre. Acho que daí vem meu apelido, Dixie.

— Dixie? — Ele perguntou, incapaz de conter a risada.

Devon assentiu.

— Mason e Dixie. Mason Dixon⁷. Tenho certeza que você entende.

— Como Southern⁸, Belle — ele disse, apertando a mão dela levemente.

— Exatamente. Minha mãe ainda me chama de Dixie, embora eu tenha lhe dito milhões de vezes, que odeio. Enfim, para resumir, Mason e eu namoramos durante quase todo o colegial. Eu era líder de torcida, e ele, quarterback. Eu sei, grande surpresa. É realmente brega e embaraçoso.

— Isso parece muito o colegial .

Devon sorriu fracamente. — Sim. Bem, a mediada que crescemos, nós nos afastamos. Foi uma coisa natural. Já não éramos as mesmas pessoas. Eu não queria ser uma cantora de música country, nem a Dixie, nem nada relacionado à vida dos meus pais, que o incluía, e ele simplesmente não encarou isso muito bem.

⁷ **Mason e Dixon Line**, também chamada **Mason - Dixon Line**, originalmente a fronteira entre Maryland e Pensilvânia nos Estados Unidos. Na cultura popular, e especialmente desde o chamado Compromisso do Missouri de 1820, usa-se simbolicamente a linha Mason–Dixon como uma fronteira cultural que divide o norte e o sul dos Estados Unidos.

⁸ Sulista.

— Posso entendê-lo, vocês estiveram juntos a vida toda — Brennan comentou.

— Havia uma casa abandonada onde costumávamos nos encontrar. — As bochechas da Devon coraram. — Tenho certeza de que você pode imaginar para quê. Enfim, eu lhe disse que não queria mais ficar com ele. Ele surtou, e me deu um tapa. Comecei a chorar, e jurei que contaria pra todo mundo, mas ele se desculpou e ficou muito assustado. Nunca mais aconteceu, mas acredito que isso foi uma parte da razão pela qual escolhi ir para a Universidade de Washington — ela sussurrou. — Quando Reid me bateu na primeira vez, pensei que ele era como Mason... que não faria isso de novo, mas ele fez...

— Você tomou a decisão correta ao partir — disse Brennan, a puxando para mais perto.

Devon sacudiu a cabeça. — Não sei se as minhas decisões sempre foram as certas. Se eu tivesse feito as escolhas certas, eu teria denunciado Mason. Teria denunciado Reid. Então, talvez tudo isso teria sido diferente.

— E então, talvez, eu nunca teria encontrado você — ele disse, beijando suavemente sua bochecha inchada.

— Eu encontraria você — ela sussurrou.

— Bom. Eu não gostaria de uma vida sem você.

— Eu também não.

Ele sorriu. — Conte-me o resto da história.

E foi isso que ela fez. Ela lhe contou o que contara a Garrett naquela noite em que, por engano, decidira confiar a ele seu segredo. Doeu muito na segunda vez. Ela esperava que a dor diminuísse com o tempo. Também esperava, não ter que contar muito essa história. Conhecia pelo menos duas outras pessoas, que precisavam saber: sua mãe e Hadley. Talvez, se fosse completamente sincera com elas, seriam capazes de criar uma melhor relação novamente. Sabia que levaria tempo.

Quando terminou, descobriu que suas lágrimas tinham secado, e Brennan tinha o braço em volta do seu ombro. Não sentia como se ele estivesse tentando controlá-la. Ela só sentia que ele queria confortá-la...

apoiá-la, da maneira que pudesse. Ela virou o rosto para ele, e então, sentiu seus lábios pousarem suavemente nos dela.

— Belle — ele sussurrou contra seus lábios.

— Sim? — Ela perguntou.

Ele falou olhando-a intensamente, e ela se viu presa no seu olhar.

— Eu acho que que na primeira vez que te vi, sabia que você estava fugindo — ele disse. — Esses grandes olhos atormentados me diziam, que você estava perdida, sem ter para onde ir, e nenhum lugar para se esconder. Eu só não sabia do que você fugia, mas acredito que todo este tempo, estava correndo para mim.

28

Atrás de Mim

Dormir durante a noite toda e grande parte da manhã seguinte, tinha sido uma surpresa ao acordar. Havia mais ibuprofeno na mesa de cabeceira para ela. Ela sorriu e, em seguida, fez uma careta de dor.

Após tomar o medicamento, entrou no banheiro para dar uma olhada no seu rosto. Um dos seus olhos estava inchado e fechado, o outro tinha um grande círculo negro sob ele, e seu rosto parecia um inferno. O local na parte de trás da sua cabeça, onde ela bateu na mesa lateral, tinha um enorme galo.

Devon engoliu as lágrimas, enquanto olhava o estrago no seu rosto. Ela se sentia ainda mais derrotada do que parecia. *Como ela deixou Reid chegar perto dela novamente?* Ela tinha fugido de St. Louis. Pensara que estava a salvo, e ainda assim, ele conseguiu machucá-la. Foi ainda pior desta vez, porque ela finalmente começou a se sentir ela mesma novamente. Fugir dele foi a melhor coisa que ela tinha feito. Foi a única razão pela qual manteve sua sanidade.

Ela não podia deixar isso continuar acontecendo. Tinha que fazer alguma coisa. Não sabia o que, mas tinha que descobrir, para seguir em frente com sua vida.

Tudo o que sabia, era que hoje seria muito complicado.

Devon saiu do banheiro, e se deixou cair com força sobre a cama. Brennan apareceu na porta com um sorriso. Seu sorriso vacilou, quando deu uma boa olhada no rosto dela.

— Oh, Belle — ele disse, se aproximando, e sentando ao lado dela na cama. Ele beijou sua têmpora no lado do seu olho inchado, como se pudesse tirar sua dor. — É bom ver que já está acordada. Eu estive verificando para ter certeza de que você está bem.

— Não posso acreditar que dormi por tanto tempo — ela disse, se recostando nele para se apoiar.

— Ferimentos como esses, requer muito descanso. É bom que você tenha dormido. — Ele beijou o topo da sua cabeça. — Você se importa se eu der uma olhada?

— Vá em frente. — Ela não queria nem olhar para si mesma.

Virando o rosto para ele, ele a examinou mais atentamente do que na noite anterior. — Tem certeza, que não podemos ir a um hospital para darmos uma olhada nisso ?

— Nas outras vezes eu não fui, e me recuperei muito bem — ela disse, sem querer nada com os hospitais.

Brennan fez uma careta. — Eu odeio que você já tenha passado por isso, ainda mais sozinha. Ainda não sou médico. Quero cuidar de você, mas não sei a gravidade de tudo isso.

— Nada de hospitais, Dr. Walker — ela brincou, o cutucando gentilmente.

Ele riu do apelido, e assentiu. — Certo, já entendi. — Em seguida, olhou para as contusões no seu rosto, e seu sorriso sumiu novamente.

— Me dê sua melhor avaliação — ela pediu, se endireitando.

— Eu acho que você vai sobreviver — ele falou com um suspiro. — Pelo menos, não parece que o dano cerebral tenha afetado seu senso de humor.

Devon riu, e lhe deu um tapa de brincadeira. Ele pegou as mãos dela, antes mesmo que o tocasse, e a deteve para beijá-la. Ela queria lhe dar mais, mas até um beijo estava difícil de administrar, com seu rosto tão machucado.

— Ei, eu queria conversar com você sobre um coisa — ele disse, se mexendo desconfortavelmente. Ele estendeu as mãos para pegar as dela, e as entrelaçou. — E não tenho certeza se você vai gostar.

— O que é? — Ela perguntou, estreitando os olhos com receio. *O que mais poderia dar errado na sua vida?*

— Eu acho que você deve apresentar uma ordem de restrição contra Reid — desse Brennan.

— O quê? — Ela perguntou, soltando suas mãos. Isso não era o que esperava. — Não. Não. Não. Não posso fazer isso.

— Devon, eu disse que você não gostaria, mas é uma boa ideia. Assim, se ele se aproximar novamente, você poderá tomar medidas legais contra ele.

Acredito que você está no seu direito de prestar queixa por agressão e lesão corporal, depois do que aconteceu ontem à noite. O mínimo que você pode fazer, é impedi-lo de fazer isso outra vez.

— Não — ela disse, balançando a cabeça, e ignorando a dor. — Nada de hospitais, nem policiais, ou tribunal. Eu devia ter sido mais clara.

— Eu concordei em não irmos ao hospital. Não posso concordar com os outros dois. Você está com medo que esse cara venha atrás de você por uma razão. Ele é perigoso. Pode te machucar. Eu não conseguiria viver com isso, e não posso ficar com você vinte quatro horas por dia, para ter certeza de que isso não aconteça novamente — ele explicou, se aproximando dela. — Se você não conseguir uma ordem de restrição, o que ainda digo é o mínimo que você deve fazer, sua aversão a hospitais, não evitará que termine em um.

Quando as lágrimas se acumularam em seus olhos novamente, Devon desviou o olhar de Brennan.

— Ele está se candidatando a Faculdade de Medicina no outono. Um ação judicial poderia impedi-lo de ser aceito — disse a ele. Não sabia por que isso importava tanto para ela, mas Reid foi importante por muito tempo. Velhos hábitos dificilmente morrem.

— Você quer que esse cara se torne um médico? — Brennan gritou. Ele estava fora de si. — Você está louca? Vá se olhar no espelho, e me diga que você quer que ele trate doentes!

— Não — ela disse baixinho. Ela não queria, mas se sentia mal admitindo isso. — Não, certamente não quero.

— Belle, não chore. — De frente para ela, ele a beijou suavemente. — Eu não queria gritar com você. Eu só não acho, que alguém sem um pinga de compaixão deveria trabalhar em uma profissão tão altruísta.

— Eu sei que ele não deveria — ela confirmou. Ela sabia disso há muito tempo.

— Você merece estar com alguém que te faça feliz. Alguém que não complique sua vida. Alguém que não a machuque.

— Alguém como você — ela disse.

— Alguém como eu.

O Circuito do Condado de Cook⁹, ficava a cerca de vinte minutos de carro além do Loop¹⁰ no centro de Chicago. Devon olhou para o imponente prédio com sua entrada totalmente envidraçada. Suas mãos tremiam, mas quando Brennan tocou suas costas, começou a relaxar. *Ela podia fazer isto. Ela podia ser forte.*

A espera era de se esperar, e mais de meia dúzia de vezes tentara convencer Brennan, que deveriam ir embora. Ele sorriu lhe dando força, antes de dizer que tinham dirigido até aqui por uma razão. Ele estava feliz em esperar com ela.

Ele tinha faltado ao trabalho novamente. Devon ouviu Jenn reclamar do outro lado da linha, mas ele explicou com cuidado, que Devon havia sofrido uma concussão. Jenn não parecia comovida, mas realmente, Devon precisava de Brennan por perto para ajudar a cuidar dela. Ela já se sentia muito melhor, mas não confiava em si mesma para ficar sozinha.

— Devon Sawyer — uma mulher num terno chamou, quando chegou sua vez.

Ela olhou para Brennan com ansiedade. — Não posso fazer isto. Não posso. Brennan, o que vou dizer a eles? — Ela começou a entrar em pânico.

— A verdade, Belle. Só diga a verdade, assim como me disse. Estarei aqui te esperando, quando terminar — ele a tranquilizou.

— Promete?

— Prometo — ele afirmou com um sorriso.

Devon ficou rígida, e atravessou a sala de cabeça baixa. — Eu sou a Devon — ela disse à mulher.

— Venha comigo — respondeu a mulher. Ela tinha uma voz reconfortante, não o que Devon esperava.

Elas seguiram pelo corredor, e a mulher se sentou atrás de uma mesa em um cubículo. Devon sentou-se em frente a ela, e cruzou as mãos.

— Como podemos ajudá-la hoje, Srta Sawyer?

⁹ O Court Court do Condado de Cook é o maior dos 24 circuitos em Illinois, bem como um dos maiores sistemas de tribunais unificados dos Estados Unidos - perdendo apenas em tamanho para o Tribunal Superior do Condado de Los Angeles desde que esse tribunal se fundiu com outros tribunais em 1998.

¹⁰ O Loop é uma área vibrante com restaurantes ecléticos, lojas, teatros e parques.

— Eu... quero pedir uma ordem de restrição contra o meu ex-namorado — ela explicou, tentando evitar que sua voz vacilasse.

— Claro. Vou pegar a papelada para você. — Ela vasculhou um armário contra a parede, e o entregou a Devon. — É só preencher isso, e então, verei quando podemos levá-la até o juiz para defender o seu caso.

— Obrigada — Devon disse em voz baixa, olhando para a papelada na sua frente. Não tinha como voltar atrás agora.

Algumas horas depois da sua chegada, saiu da sede do Circuito com uma ordem de restrição temporária em sua mão trêmula. O juiz aprovou seu caso, e marcou uma audiência oficial daqui a três semanas. Ela não gostava da ideia do que poderia levar a isso. Reid receberia a intimação. Perceberia o que ela tinha feito, que havia tomado medidas legais. Era um sistema complicado, e ela teria que enfrentá-lo no tribunal para torná-lo permanente. O pensamento de voltar a vê-lo fez seu estomago revirar.

Brennan parecia satisfeito, por ter resolvido a seu favor. Ele suspeitava que não precisava muito esforço para conseguir uma ordem de restrição. O rosto dela estava muito machucado, e ela nem sequer tinha maquiagem em sua casa para ocultar isso. Ela era uma profissional em cobrir hematomas com maquiagem.

O caminho de volta à cidade teve um efeito calmante e, Devon notou que seus olhos fechavam. Tinham sido longos dois dias, e com a lesão na cabeça, ela estava muito cansada.

— Ei — Brennan disse, sacudindo seu ombro suavemente. Ela abriu os olhos, e viu que estavam estacionados em algum lugar. Ela esfregou os olhos, e imediatamente, se arrependeu quando a dor atravessou um lado.

— Onde estamos? — Ela perguntou bocejando.

— No Jenn. Só queria passar por aqui, e pegar meu pagamento. Está tudo bem? — Ele perguntou, demonstrando claramente preocupação no seu rosto.

— Sim. Mas não vou entrar — ela respondeu, olhando ao redor. Viu que estavam estacionados no beco atrás do restaurante.

— Não esperava que o fizesse. Quer que eu pegue o seu, enquanto estou lá? — Ele perguntou.

— Peguei o meu na semana passada. Nem sei como pôde esquecer.

— Acho que fui distraído por uma linda mulher — ele disse com um sorriso. Ele se inclinou para frente, e deu um beijo nos lábios dela. — Volto em dois minutos.

— Tudo bem. Até já — ela disse sonolenta.

Devon fechou os olhos e apoiou a cabeça contra a janela. Ela poderia adormecer novamente. Quando voltassem ao apartamento de Brennan, talvez pudesse dormir durante a tarde. Ela esperava que ele a abraçasse. Estar ao lado dele acalmava seus nervos, e permitia que ela realmente descansasse.

Ela se sentiu a deriva, quando a maçaneta da porta do carro clicou. Seu tempo de reação falhou, e quando a porta se abriu, ela caiu de lado fora do carro. Ela aterrisou pesadamente sobre o quadril quando sua mão atingiu o asfalto.

— Argh — ela resmungou. Limpou o cascalho da sua roupa, e o tirou da sua mão. Uma pedaço afiado fincou na sua palma, e o sangue se acumulou no local lesionado. — Muito bem. Adicione isso à lista.

Ela virou a cabeça para olhar o que causou sua queda, e sua visão ficou turva. Ela recuou, mas ele estava em cima dela, antes que pudesse se mover.

— Você achou que eu simplesmente te deixaria partir? — Reid agarrou seu braço, e a obrigou a levantar.

Ele parecia horrível. Suas roupas estavam uma bagunça. Seu cabelo geralmente perfeito, estava despenteado. Seus olhos estavam vermelhos, como se ele não tivesse dormido a noite toda. Ainda assim, não era nada comparado a como ela parecia.

— Reid, chega! Me deixe em paz — ela disse, tentando se afastar dele.

Ele a ignorou, e começou a arrastá-la pelo bico. Seu equilíbrio estava comprometido, então ela não parava de tropeçar, e cair.

— Pare! Reid, pare com essa merda!

— Você é minha, Devon. E disse, que teria o que era meu — ele afirmou. — Eu sempre cumpro minhas promessas.

Ela sabia que Brennan voltaria logo, mas evidentemente, não cedo o suficiente. Ela não sabia para onde Reid a estava levando. Se fosse para um

lugar privado, não sabia o que aconteceria. Usando toda sua energia, Devon gritou com todas as forças. Alguém tinha que ouvi-la.

Reid se virou, cobriu sua boca com a mão, e a empurrou contra a parede para detê-la. — Fica quieta! — Ele gritou na cara dela.

Seus olhos se arregalaram, com a ferocidade no olhar dele. Ele tinha ficado louco, completamente louco. Qualquer que fosse o fragmento de humanidade que lhe restava, evaporou.

— Se você fizer outro som, vou te nocautear e levá-la de volta para o carro.

Devon não duvidava dele. Seu coração batia com tanta força, que pensou que poderia pular do seu peito. Ela não conseguia parar de olhar nos olhos dele, e se perguntar onde estava o homem que amou. *Onde estava sua glória? Isso nunca realmente existiu, ela só tinha se agarrado a essa esperança como uma criança?*

— Eu vou te soltar, e você não vai dar um pio, ou tentar fugir. Certo? — Ele perguntou ameaçadoramente.

Devon assentiu levemente. Ela estava mentindo. Lutaria contra ele, com unhas e dentes para escapar.

Lentamente ele baixou a mão e, ela manteve a boca fechada. Ela queria pegá-lo de surpresa. Ela ouviu passos no cascalho, e a cabeça de Reid virou para o lado. Devon usou a distração a seu favor, e pela segunda vez em dois dias, ela golpeou a virilha dele com o joelho. Esperava que ele nunca mais fosse capaz de se reproduzir depois disso.

Reid cambaleou, se segurando. Ela se virou para correr, mas a outra mão dele disparou, a pegando pelo peito, e a batendo contra a parede outra vez. O ar rapidamente deixou seus pulmões, e ela gritou quase sem fôlego. Ouviu passos correndo em direção a eles, mas não olhou para cima, para descobrir quem era. Estava muito concentrada tentando respirar.

— Ei, fique longe dela! — Brennan gritou, enquanto se aproximava deles.

Reid se ergueu, e enfrentou Brennan, se colocando entre Brennan e Devon. — Fique fora disso. Ela não é da sua conta.

— Tenho que discordar.

— Dê o fora daqui! — Reid gritou.

— Não vou deixá-la — Brennan respondeu com determinação.

— Brennan — Devon ofegou.

— Não vou a lugar nenhum. Não se preocupe — Brennan disse a ela.

— Não fale com ela — Reid rosnou. — Nem olhe para a minha garota.

Brennan o encarou. — Eu acho que você deveria se acalmar, e se afastar da Devon. Ela está machucada, e provavelmente precisa de assistência médica. Na noite passada, ela sofreu uma concussão. Por alguma razão, a cabeça dela colidiu com uma mesa. — Ele esperou Reid reagir, mas ele não reagiu. — Se você se preocupa com ela — Brennan disse ceticamente, — então vai me deixar levá-la para um hospital.

— Você é a porra de um idiota, se acha que vou deixá-lo se aproximar dela — Reid afirmou. — Ela está bem. Não precisa ir ao hospital.

Devon se endireitou lentamente, sentindo o ar encher seus pulmões novamente. Fechou os olhos, e os abriu de novo, os adaptando à luz. Ela se recostou pesadamente contra a parede para manter o equilíbrio. — Reid, pare com isso — ela disse ofegando. — Deixe-o em paz.

— Você também fique fora disso — ele disse, nem mesmo olhando para ela.

Brennan começou a andar com cautela em direção a Reid, como um domador de circo distraindo um leão com uma cadeira de madeira.

— Que porra você acha que está fazendo? — Perguntou Reid.

— Só vou ver como ela está — Brennan disse, chegando mais perto.

— Não chegue mais perto! — Gritou Reid. — Vamos dar o fora daqui.

Reid se virou, como se fosse se afastar do local, e então, reagiu, e atacou Brennan. Com uma força considerável, moveu o punho em direção a cara de Brennan e, Devon gritou. Brennan deve ter previsto isso, porque habilmente bloqueou o soco, como se isso o incomodasse menos que uma mosca. Reid perdeu o equilíbrio com a força de seu próprio golpe, e Brennan aproveitou a oportunidade para lhe dar um murro no maxilar.

Reid gritou de surpresa, e foi para cima de Brennan. Ele se esquivou, e então deu um soco no rim de Reid, o fazendo se dobrar.

— Não é tão fácil acertar alguém de seu tamanho, não é? — Brennan zombou de Reid. — Não se preocupe. Não contarei a ninguém que foi espancado por alguém menor do que você.

Reid o olhou com olhos assassinos. Ele maior que Brennan, e esse lembrete fez Reid tentar contra-atacar com o seu tamanho. Brennan estava esperando isso, e evitou o avanço de Reid, enviando-o ao chão. Brennan correu para Devon, se plantando entre ela e seu ex.

Reid ficou em pé, e arremeteu contra Brennan novamente. Reid deu um soco selvagem, mas Brennan o acertou antes, quebrando seu nariz com um som horrível, que ecoou pelo beco.

— Você quebrou o meu nariz, caralho! — Reid gritou para Brennan.

Devon passou por Brennan para ficar entre os dois. Entretanto, não era estúpida. Permaneceu mais perto de Brennan. — Parem! — Ela gritou. — Chega! Parem com isso! Já não houve luta suficiente?

— Devon — disse Brennan, dando um passo à frente para ajudar a apoiá-la. Ela estava cambaleando.

— Reid, pare com isso. Você perdeu. Você me perdeu — ela disse, tentando ficar o mais forte que podia. — Você tem me seguindo em meus pesadelos há meses... e quero que pare. Quero que pare de me seguir. Eu não estou na sua vida. Você não está na minha. Você precisa encontrar uma nova vida, porque entre nós acabou.

— Dev — disse Reid, a vida drenando em seus olhos.

— Não, Reid. Nós terminamos — ela disse. — Eu nunca mais vou deixar você me machucar. Você já causou muitos danos.

— Os documentos — Brennan sussurrou.

Ela assentiu. — Entrei com uma ordem de restrição. Alguém lhe entregará a intimação, e você terá que comparecer ao tribunal.

— Uma ordem de restrição? — Ele perguntou com a voz estrangulada. — Mas minhas inscrições na faculdade de medicina.

— Você devia ter pensado nisso — Devon sussurrou com dureza, mal conseguindo conter o tremor da sua voz, — antes de colocar as mãos em mim. — Ela fez uma pausa para deixá-lo entender, e então soltou um suspiro. — As notas baixas são o menor dos seus problemas. Boa sorte com seu papai para

te tirar dessa. — Devon sentiu-se cair. Sua visão ficou turva, oscilou, endireitou, e depois, ficou embaçada novamente. — Brennan — ela o chamou; sua voz saindo devagar, como se sua língua estivesse presa no céu da boca.

— Sim, Belle? — Ele perguntou, a puxando para mais perto.

— Você me salvou.

— Eu faria qualquer coisa por você.

Ela sorriu. Então, sentiu seu mundo inclinar, e perdeu a consciência.

29

Preenchendo a luz

Bip. Bip. Bip.

O peito de Devon subia e descia lentamente com o estranho sinal sonoro. Ele nublou seus pensamentos já confusos, e pareceu tomar conta do seu inconsciente. Ela tentou se concentrar, mas percebeu que isso intensificava o som irritante. Em vez disso, pensou na distribuição do seu corpo. Cinco dedos na mão direita. Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. E cinco, na esquerda. Sentia todos os dez dedos dos pés, até as pontas dos pés, e através do seu arco, até seu calcanhar.

Seu rosto parecia certo, mas também errado. Não doía, mas tampouco parecia normal. Sua língua parecia sólida, e seus lábios pesados. Quando pensou na sua bochecha, só parecia palpitar, então ela parou. Sua garganta estava seca, como se tivesse engolido bolas de algodão, e ela começou a tossir com o pensamento.

Alguém estava ao seu lado, pegando sua mão, e levantando sua cabeça lentamente do travesseiro. Ela começou a respirar com mais facilidade. Devon lembrou-se de seus olhos, e então, eles se abriram para a forte luz. Ela piscou algumas vezes, permitindo que seus olhos se adaptassem à claridade, daí, olhou ao seu redor.

Ela estava em um hospital. Isso era óbvio. Cortina branca, lençóis brancos, piso branco. O céu das instalações higiênicas.

Viu que era Brennan quem segurava sua mão. Isso a fez sorrir apesar de estar no hospital.

— Olá, Belle — ele disse, levando sua mão para seus lábios. — É bom finalmente vê-la acordar.

— Eu disse nada de hospitais — ela respondeu imediatamente.

— Não te ouvi, quando estava inconsciente — ele explicou, com um sorriso triste.

Devon riu. — É justo.

— Como se sente? — Ele perguntou, sentando na cadeira ao lado dela.

— Já estive melhor — ela sussurrou.

— Você está com muita dor? Eles te deram alguns analgésicos, mas não sei se já passou o efeito — ele perguntou, preocupado.

— Eu estou bem. — Ela apertou a mão dele. — O que aconteceu?

— Você não se lembra? — Ele perguntou, com a testa franzida.

— Eu me lembro, hmm... Reid apareceu. Vocês brigaram. Eu disse a ele que nós tínhamos terminado... e isso é tudo — ela disse, mordendo o lado do lábio que não estava inchado.

— Foi mais ou menos isso que aconteceu. Você desmaiou. Acho que quando ele te empurrou contra a parede, isso piorou sua condição já delicada. Eu te peguei, e a trouxe direto para cá. Eu ia, hmm... ligar para a polícia, mas fiquei preocupado, que você pudesse me matar quando acordasse. Pensei em deixar essa decisão para você... se é isso que você quer.

— Nada de hospitais. Nem policiais. Nem audiência.

— Eu sei, mas você já quebrou duas delas — Brennan disse.

Devon estreitou os olhos. — Nada de policiais. Só porque continuo quebrando as regras, não significa, que eu queira envolver a polícia.

— Quebrarei todas as regras para mantê-la a salvo. O médico disse que foi muito bom ter trazido você — ele disse, empurrando seu cabelo para trás com uma mão. — Você ficou inconsciente por um tempo.

— Então... Reid foi embora? — Ela perguntou com cuidado. Estava cansada de ter medo que ele aparecesse. Estava começando entender por que a ordem de restrição foi uma boa ideia.

Brennan deu de ombros, e coçou sua nuca. Ele riu baixinho, e desviou o olhar dela. — Ele esteve aqui há pouco. Tiveram de refazer o nariz dele. Parece que conseguiu quebrar em dois lugares.

Devon riu com ele. — Eu me pergunto como isso aconteceu.

— Acho que teve azar, quando ele encontrou o meu punho — ele disse.
— Seja como for, ele tentou vir te ver. Espero que você não se importe, por ter

mostrado a ordem de restrição para as enfermeiras. Ele foi escoltado para fora do prédio.

— Oh! As enfermeiras o escoltaram? — Perguntou Devon.

— Bem... foram os policiais.

— Brennan! Nada de policiais!

— Eu não ia deixar que ele se aproximasse de você. Não é que o tenham levado preso... como deveriam ter feito. — Ele se abaixou, e a beijou nos lábios. — Estou feliz por você estar a salvo agora. Não me importa se prestar queixa. Só me importa que você esteja bem.

— Eu também estou feliz de estar bem — ela disse, embora os ferimentos no seu corpo não a faziam sentir muito bem.

Brennan encostou a testa na sua mão, enquanto suspirava suavemente. Seus lábios encontraram a mão dela, em seguida a palma, e depois o interior do pulso. — Sabe o que farei quando você estiver se sentindo melhor?

— O quê? — Ela perguntou.

Seus lábios chegaram no cotovelo dela. — Vou beijar cada hematoma, cada cicatriz, e cada dor de cabeça. Vou apagar com beijos cada pensamento angustiante — ele sussurrou. Seus beijos estavam agora no seu ombro.

— Você... você vai? — Ela perguntou, tentando engolir. Quando os bips da máquina aumentaram, tentou não corar.

— Sim. Beijarei cada centímetro da sua linda pele, então quando você a olhar, tudo o que verá será eu. — Ele parou seus beijos, e a olhou nos olhos. — Você já é tudo o que vejo — ela respondeu com voz rouca, tentando não deixar sua mente se desviar para todas as coisas, que queria fazer com o corpo dele.

— Serei um homem feliz todos os dias se isso for verdade.

Ele se curvou, e a beijou nos lábios. Devon ergueu os braços, e os envolveu ao redor do seu pescoço, os unindo.

Alguém limpou garganta, e Brennan se afastou do beijo. Devon corou e, olhou para ver Hadley e Garrett juntos na porta.

— Espero não estar atrapalhando — Hadley disse, pondo as mãos nos quadris.

— Claro que não — Devon replicou. Olhou para Brennan. — Eu não sabia que você havia ligado para eles.

Brennan deu de ombros. — Achei que gostariam de saber que você estava aqui.

— É claro, que queríamos saber que você estava aqui. — Hadley jogou sua enorme bolsa no chão, e correu para o lado de Devon. — Você veio me visitar quando estive aqui. Não podia imaginar não te visitar.

— É bom ver você — disse Devon com um sorriso.

— Vocês se importam em nos dar um minuto? — Hadley perguntou, os enxotando para fora do quarto.

Brennan beijou a testa de Devon mais uma vez. — Quer alguma coisa da lanchonete?

Ela sorriu. Sempre atencioso. — Gelatina.

Ele riu. — Você está no lugar adequado para isso.

Hadley esperou que Brennan saísse do quarto, e fechasse a porta.

— Meu Deus, não posso acreditar no que aconteceu com você. Como você está se sentindo? Lamento muito ter sido tão egocêntrica. Não fazia ideia de nada do que acontecia. Não mate o Garrett, mas ele me contou o que aconteceu entre você e o Reid.

— Ele fez isso? — Devon perguntou, seu estomago se contorcendo, por outra pessoa contar a história dela.

— Sim, mas não o odeie. Ele estava preocupado com você, e ficou acordado a noite toda. Quando acordei, ele me contou, e eu enlouqueci por completo. Tentei te ligar, mas você não atendeu. Ele disse que você não estava com Brennan, então, nem sequer tentei ligar para ele. Deveria ter tentado.

— Eu estava, uh... preocupada que Reid viesse atrás de mim na casa de Brennan, por isso não queria que ninguém soubesse onde eu estava. Desculpa, foi mal da minha parte.

— Não peça desculpas — disse Hadley, ignorando seu pedido de desculpas. — Não posso te culpar por nada. Olhe para você.

— Sim — brincou Devon com falso entusiasmo.

— Garrett também me contou o que aconteceu entre vocês dois — Hadley disse baixinho. — Ele queria esclarecer as coisas. Disse que você está

chateada com ele e que não o perdoaria. Também, não te culpo por isso, Dev. Lamento que ele tenha feito isso. As, uh... drogas realmente me atrapalharam.

— O que houve com você, Hadley? — Devon perguntou, imaginando se Hadley finalmente se abriria com ela. — Nunca pensei que você seria alguém que se envolvesse com drogas.

Hadley suspirou profundamente, e abanou seu rabo-de-cavalo. — Tudo começou de forma casual com alguns amigos. Não era uma grande coisa, mas então, eu estava me esgueirando em todos os lugares e... isso se tornou maior do que imaginei. O lance do Garrett não saber, e seus pais pressionando com o trabalho... simplesmente ficou fora de controle. — Hadley respirou fundo antes de continuar. — Mas, eu vou melhorar, Dev. Naquela noite com o Garrett... eu estava paranoica, achando que ele me traía. Estava sempre irritada. Quando brigamos no Quatro de Julho, tinha cheirado um pouco de cocaína antes do evento. Sempre me sentia muito nervosa perto dos pais dele. Eu não devia ter descontado nele e no seu pai. Acredito que minha atitude o levou ao limite.

— Não tem problema, Hadley — disse Devon, estendendo a mão para ela.

Devon odiava que sua melhor amiga, se sentisse responsável pelo que havia acontecido. Hadley tinha sido egoísta, mas a cocaína era viciante por uma razão. Era difícil largar. Devon estava feliz em ver Hadley se recuperando.

— Sim. Meu terapeuta me disse, que eu deveria tentar corrigir os erros da minha vida. Sinto muito por não estar lá, quando você precisou de mim... quando procurou minha ajuda. Mesmo que não tenha pedido isso, eu deveria saber. E lamento o comportamento do Garrett. Eu e ele temos muito que falar e resolver, mas eu realmente quero tentar com ele, Dev.

— Eu sei — Devon respondeu.

— Ele disse que gostaria conversar com você só por um minuto... isto é, se você quiser vê-lo — disse Hadley.

— Hum...claro.

— Certo. Vou buscá-lo — Hadley disse, de pé. — Ainda bem que você está melhor, Dev.

— Obrigada, Hadley.

Quando Hadley chegou à porta, se virou, e a olhou com um sorriso diabólico no rosto. — Quem me dera ter estado lá, quando Brennan deu uma surra no Reid.

Devon riu, e balançou a cabeça.

— Acho que eu teria tirado as bolas dele, se soubesse o que ele fez com você — disse Hadley.

— Acredito em você com todo o meu coração, Hadley.

Hadley riu, e saiu pela porta.

Alguns minutos depois, Garrett entrou no quarto com um olhar envergonhado no seu rosto. — Oi, Devon — ele a cumprimentou com hesitação.

Devon suspirou, e olhou pela janela.

— Não sei se Hadley te disse, que contei a ela — ele disse sem jeito.

— Ela comentou.

— Que bom — Garrett murmurou. — Eu queria que ela soubesse a verdade a respeito do que eu fiz, porque foi errado da minha parte em qualquer circunstância. Eu não devia ter te beijado. Eu não devia...tê-la traído.

Garrett pigarreou quando ela não disse nada. Ele começou de novo. — Eu fiz besteira, Devon. Eu era seu amigo, e estraguei tudo. Sei que sou um dos motivos de você estar aqui. Eu nem vou pedir seu perdão, porque se eu estivesse no seu lugar, acho que seria difícil me perdoar.

Devon suspirou, e se virou para olhá-lo. Ele parecia exatamente como Hadley tinha dito, como se não tivesse dormido a noite toda. Ela se perguntou, se ele tinha ficado preocupado. Esse pensamento amoleceu um pouco seu coração.

— Então, embora eu não espere que me perdoe, não significa que não vou tentar melhorar. Só te peço uma chance, para tentar recuperar sua confiança novamente. Não acho justo pedir mais do que isso, mas nunca estive tão arrependido. Detesto ver você assim — ele disse, apontando para a cama.

— Ok — ela disse baixinho. — Está tudo bem. Vamos, uh...passar por isso, superar isso.

Garrett sorriu, como se ela tivesse acabado de lhe entregar as chaves de um carro esportivo novinho em folha. — É muito bom ouvir isso.

— Posso apenas fazer uma pergunta?

— É claro — disse ele hesitante.

— Por que você atendeu meu telefone, e deu meu paradeiro ao Reid? — Ela olhou suas mãos para não chorar novamente. Estava cansada de chorar.

— Eu não queria que ele soubesse onde você estava. Repeti aquela ligação, um milhão de vezes na minha cabeça. Eu fiquei tão puto, que ele estava te ligando. Você é minha amiga, Dev. Não queria te ver triste. Eu só disse a ele, para parar de te ligar, que você estava trabalhando no Jenn, e que estávamos cuidando de você.

— Claro — ela disse. Ouvir sua explicação, facilitou acreditar nele. Ele parecia muito sincero para estar mentindo. — Acho que foi assim que ele soube, que eu estava em Chicago.

— Sim, só porque mencionei a Hadley. Eu fui estúpido. Não pensei que ele estivesse tão determinado a te encontrar — Garrett disse. — Espero poder me redimir com você.

Então, a porta abriu, e Brennan entrou, trazendo um grande sorriso no seu rosto.

— Só tinham de cereja. Espero que não se importe — Brennan disse, segurando a gelatina na frente dele.

— Cereja é a minha favorita. — Ela pegou a vasilha quando ele entregou.

— Vou procurar a Hadley — Garrett disse, acenando com a cabeça em direção a porta. — Estimo sua melhora, Devon. De verdade.

Quando seus olhos se encontraram, palavras não ditas passaram entre eles. Ela sorriu ligeiramente, e ele devolveu seu gesto.

— Obrigada — Devon disse, pouco antes de Garrett sair.

Brennan sentou, e colocou os pés na incômoda cadeira do hospital, enquanto Devon comia sua gelatina. Como tudo ao lado de Brennan, seu tempo juntos no hospital foi fácil. Ele ocupava seu tempo, enquanto ela

esperava que o médico lhe desse alta. Ele lhe contou histórias a respeito de seguir o seu pai pelo hospital, enquanto crescia. Ela lhe contou sobre música de seus pais, como seus pais trabalhavam juntos para dar forma à canção, como eles ensaiavam com ela quando era mais jovem. Isso foi antes dela ter decidido dar outro rumo na sua vida.

Antes que percebesse, o médico estava lá, checando seus sinais vitais, e lhe prescrevendo mais analgésicos. Então, lhe deu alta. O medicamento realmente funcionou, e ela ria no momento que chegaram no Jetta de Brennan.

— Vamos voltar para a cama. Acho que você precisa de outras vinte horas de sono. — Ele balançou a cabeça, enquanto a ajudou a entrar no carro, e depois fechou a porta.

Quando se sentou no banco do motorista, ela apoiou a cabeça no ombro dele.

— Dormir parece bom — disse ela. — Quer dormir comigo?

Ele riu. — Isso é um convite?

— Convite aberto.

— Caramba, vou manter esses analgésicos por perto.

— Você não precisa deles — ela disse, deslizando sua mão pela frente da bermuda dele.

Ele descansou a mão sobre a dela, e a moveu para sua coxa. — Vou cobrar isso, quando você puder pensar com clareza novamente.

— Estou pensando com muita clareza nesse momento — ela disse rindo.

Brennan balançou a cabeça, e entrelaçou seus dedos. — Acreditarei, quando você puder andar sem ajuda.

— Tudo bem. Você que perde.

— Não estou perdendo nada.

Ela sorriu. — É verdade.

— Sua mamãe ligou, enquanto você estava no hospital.

— Ligou? — Ela perguntou, confusa.

— No seu celular. Eu vi acender. Você vai falar com ela?

Devon suspirou e assentiu. — Sim, eu vou. Mas depois de dormir.

— Parece uma boa ideia — ele disse, apertando a mão dela.

Brennan levou-os para o seu apartamento, e ajudou Devon subir as escadas. Assim que passaram pela porta, ele a levantou, e a levou para o quarto. O sono já a dominava, e ela o deixou ajudá-la a vestir uma roupa mais confortável. Ambos deitaram na cama, e ele a abraçou com força contra seu peito.

— Brennan — ela sussurrou, sentindo o sono se aproximando.

— Sim? — Ele perguntou, beijando seu ombro.

— Você ficará aqui, certo? Você sabe, depois disso? — Ela perguntou.

— Belle, vou ficar por aqui para tudo.

Brennan segurou Devon, até ela cair no sono profundo.

Devon só sonhou com o rosto de Brennan, e a maneira como ele a olhava a primeira noite que passaram juntos no barco.

Foi a primeira noite, em que ela se lembrou de como era a felicidade.

Epílogo

Três Semanas Depois

— Estou muito orgulhoso de você — disse Brennan.

Inclinando-se, ele beijou Devon na boca. Ela retribuiu o beijo com entusiasmo, envolvendo os braços em volta do pescoço dele. Ele a levantou, e a girou, até que ela jogou a cabeça para trás, e começou a rir. Ele enterrou a cabeça no seu ombro, e a beijou ali.

Quando ele finalmente a colocou no chão, Devon disse: — Não acredito que fiz isso.

— Eu sim.

— Três meses atrás, nunca teria passado por isso — ela disse a ele. — Aah! Três semanas atrás, não sabia se conseguiria fazer isso.

— Eu sabia que conseguiria. Mas estou feliz que você tenha conseguido provar isso a si mesma — ele disse, pressionando seus lábios nos dela outra vez.

Ela fechou os olhos e suspirou. — Eu também. Eu me sinto muito bem.

Devon pegou o pequeno papel que mostrava sua ordem de restrição permanente contra Reid. Eles tinham acabado de sair da sua audiência no tribunal. Reid compareceu. Seu pai lhe conseguiu um bom advogado, mas quando ela apresentou todas as fotos dos danos físicos, que tinham sido feito em seu corpo, os registros médicos, e o vídeo de vigilância do Jenn, ficou bem claro o que aconteceria.

Devon não estava ansiosa pelo julgamento. Mas por fim, teve que pensar em tudo o que ele tinha feito com ela. Isto poderia arruinar sua vida, mas ele mesmo tinha procurado por isso. Reid poderia pegar até um ano de prisão, se fosse condenado por agressão doméstica. Devon achava que ele ganharia a liberdade condicional, se seu advogado conseguisse o que queria. Porém, se Reid voltasse a se aproximar dela, poderia acabar na prisão de

qualquer jeito. Devon se sentia muito cansada de toda essa negatividade. Ela queria se livrar de Reid, e agora, ela estava.

— Venha, vamos sair daqui — ela disse, passando seu braço pela cintura de Brennan.

Brennan a conduziu de volta ao seu carro. Ela sentiu como se um peso tivesse sido tirado de seus ombros. Ela ganhou. Ela venceu Reid. Não foi só isso. Provara a si mesma, que era forte. Provara que estava melhor, do que na sua antiga vida com Reid. Sentia-se bem. Ela nunca soube o quão forte era, até ser tudo o que ela tinha.

— Podemos fazer um desvio? — Perguntou Brennan.

— Não tenho nada para fazer hoje — ela disse, apoiando a cabeça contra o assento.

A vida após Reid era muito melhor, do que ela imaginava ser possível. Ela tinha que atribuir muito disso a Brennan, mas também gostava de se dar o crédito. Ela sabia que sem a ajuda dele, poderia demorar mais tempo para se recompor.

Quando ela conversou com seus pais, eles ficaram horrorizados, por ela ter sofrido tanto nas mãos do homem com quem namorava. Ela achou que eles se culpavam por pressioná-la a respeito de Mason e, em seguida por não terem visto o que acontecia com Reid. Mas como poderiam se culpar pelo que os homens tinham feito e o que ela permitiu que acontecesse?

Seus pais tentaram compensar, se oferecendo para ajudá-la da maneira que pudessem. Por recomendação deles, ela começou a ver um terapeuta na cidade. Sua mãe estava muito ansiosa para vê-la, e cuidar dela. Antes que a conversa terminasse, sua mãe enviou um e-mail com uma passagem de avião para sua casa, para que pudesse visitá-la logo. Devon planejava usar essa passagem. Agora que podia ser sincera, esperava passar um tempo com sua mãe.

Depois de tudo com Reid, sua mãe estava preocupada sobre onde Devon iria, e o que faria. Sua mãe não gostava da ideia, de Devon voltar para a Universidade de Washington com seu ex, então, Devon finalmente contou a seus pais que decidiu não voltar para a faculdade. Ela achou que seria

melhor, pelo menos nesse semestre tirar uma folga, para assim poder se dedicar a sua recuperação.

Seus pais lhe ofereceram um apartamento em Chicago, desde que ela decidiu ficar, mas Devon recusou. Hadley e Garrett deixaram claro que ela era bem-vinda no apartamento deles, pelo tempo que quisesse. E como ela não gostava de ficar sozinha, então isso ficou bom para ela. Além disso, lhe dava a oportunidade que precisava para passar mais tempo com sua amiga, como queria desde o início, e então poderia começar a reconstruir o vínculo com Garrett.

Brennan também disse a Devon, que poderia ficar com ele, mas ela também recusou. Por mais que ela gostasse de Brennan, não podia permitir que sua vida girasse totalmente em torno de um cara outra vez. Ele aceitou sua resposta com elegância. Realmente não importava, já que passava muito tempo com ele. A distância ajudava a lhe dar espaço quando ela precisava.

— Não posso acreditar que as aulas começam em algumas semanas, e não vou voltar — Devon disse, olhando pela janela.

— Você ainda pode voltar se quiser — disse Brennan.

Ele sempre a incentivava a voltar. Ela sabia que ele queria que terminasse o curso e, quando chegasse a hora, o terminaria. Mas agora não era a hora.

— Acho que não. Não posso voltar nesse momento. Primeiro preciso me acertar.

— Eu sei. Só não quero que pense, que você não deve voltar... — ele parou com uma pausa embaraçosa.

Ela entendeu seu significado, e se virou para ele. — Você acha que vou ficar por sua causa?

— Não quero que esse seja o seu motivo.

— Eu quero estar com você. Quero estar com você em Chicago, mas não estou ficando por você... se isso faz sentido. Eu sei que preciso terminar a faculdade, conseguir um trabalho, e tudo mais. Mas sinto que, nunca farei isso o suficientemente bem, se não me recuperar mentalmente. É por isso que vou ficar. É disso que preciso — ela tentou explicar.

— Ainda bem — ele disse sorrindo para ela. — Era isso o que eu queria ouvir.

Devon relaxou no assento, se sentindo melhor agora que tinha se explicado. A terapia a ajudou com isso. Ela se viu explicando tudo para as pessoas. Era melhor do que se esconder dentro de si mesma, e ter medo do que diria. Pelo menos agora, ela tinha uma sensação de controle sobre o que acontecia na sua vida. Brennan parecia gostar disso. Ele era o seu principal apoiador. Ele sempre a encorajou a expressar seus sentimentos, e ouvia suas opiniões.

— Então, para onde vamos ? — Ela perguntou.

— Você verá. — Ele sorriu para ela secretamente.

Devon estreitou os olhos. — É segredo?

— Você pode chamar assim.

— Posso tentar adivinhar? — Ela mordeu o lábio, e sentou em cima do seu pé.

— Não — disse ele. — Não vou revelar nada. Você vai gostar... eu acho.

— Acredito na sua palavra — ela afirmou. Cruzando as pernas como um pretzel, ela observou a paisagem passando.

Brennan saiu da I—94, e começou a dirigir pelas ruas. A região era agradável, e Devon se viu admirando a beleza e a simplicidade da vida em uma zona residencial. Seus pais viviam em uma, e embora isto não fosse nada como o sul de Nashville, tinha a mesma sensação.

— Essa região é linda. Onde estamos? — Devon perguntou, enquanto subiam uma colina.

Ela se endireitou no seu assento, e olhou para a margem do Lago Michigan. Ele se estendia por quilômetros e quilômetros além de sua linha de visão. Era lindo e glorioso em sua magnitude.

— The North Shore. Evanston — ele disse, descendo pela colina.

— Uau — ela suspirou, fascinada pela paisagem.

Brennan desacelerou, até parar em frente a uma casa grande de tijolos, num terreno que margeava o lago. — Foi aqui que cresci — ele disse baixinho.

Os olhos de Devon se afastaram da casa, e aterrissaram de volta nele. — Esta é... a casa de seu pai? — Ela perguntou, se sentindo impressionada, por ele trazê-la aqui.

— Sim. Era. Agora é minha... suponho — ele disse, entrando na garagem.

Depois que o carro parrou, ela abriu a porta, e saiu. Brennan abriu o porta-malas, e pegou seu estojo do violão. Devon sorriu. Gostava de vê-lo com isso. Ele tocava e cantava para ela muito mais, quando estava na sua casa. Isso a relaxava, e a levava de volta ao primeiro show que viu dele. Ela tinha ficado tão envolvida nele e na sua música, que abandonou o local. Depois, ela não confiava em si mesmo ficando perto dele. Seus sentimentos eram intensos, mesmo naquela época.

Eles seguiram até a porta principal, e Brennan ficou parado com a chave na mão. Ele respirou fundo, e enfiou a chave na fechadura. Ele abriu a porta, e imediatamente desativou o alarme. Devon entrou cautelosamente, quase como se estivesse invadindo. Mas esta era a casa de Brennan. Ele era o dono. Pertencia a ele. De alguma forma, ainda fazia parte dele.

Ele ficou ao lado dela, com os músculos tensos, enquanto respirava no vazio, que outrora foi um lar. Ela percebeu que era difícil para ele. Antes ele havia dito a ela, que só vinha aqui para cortar a grama. Não sabia a última vez que ele esteve aqui dentro.

Devon se aproximou, e segurou a mão dele. Ela apertou de leve, para que ele soubesse que estava aqui. Estava aqui por ele, assim como, ele sempre esteve por ela.

— Eu deveria ter pedido para alguém vir aqui limpar, antes — ele disse melancolicamente. Essa deveria ter sido a última coisa na sua mente, mas a única em que podia se concentrar.

Devon nem percebeu que a casa precisava de uma limpeza. Estava muito ocupada admirando a casa em si, com seu pé direito alto abobadado, a grande sala de estar totalmente mobiliada com lareira, e a mesa para doze pessoas da sala de jantar, com porcelana antiga guardada na cristaleira ao lado. O hall da entrada abria para uma escada caracol, levando a uma

varanda no andar de cima. E essa era apenas a vista da porta da entrada. Devon não podia imaginar o que mais havia do outro lado.

— É linda — ela expressou, impressionada. Ela foi criada numa casa grande, mas essa era a casa de Brennan. Parecia diferente.

— Obrigado. Meu pai se importava muito com a casa. Ele cuidou bem, depois que minha mamãe se foi. Acho que eu estava na quinta série, quando isso aconteceu — ele falou, encolhendo os ombros. — A casa era muito grande para nós dois. Acho que ele queria mais filhos, mas amava muito a minha mãe, para se casar novamente.

— Foi por isso que ela achou que ele lhe deixaria sua herança? — Ela perguntou baixinho. Nunca perguntaria isso antes, mas agora, sentia que era melhor simplesmente fazer as perguntas.

Brennan olhou para ela sorrindo. — Acho que sim. Ainda bem que ele não lhe deixou nada. Ela não o amava mais. Ela não merecia.

— Não, provavelmente não. — Devon passou os braços em volta da sua cintura, e o abraçou com força. — Sinto muito pelo seu pai.

— Eu também, Belle.

Ele beijou o topo da cabeça dela, e deixou que ela o abraçasse, até que ambos tivessem suas emoções sob controle.

— Venha, vamos fazer um tour pela casa, mas primeiro, quero te mostrar uma coisa.

Ele pegou a mão dela, e caminharam por um longo corredor. Devon espiou por uma porta aberta à esquerda, e viu uma cozinha que era maior que o apartamento de Brennan na cidade. Todos os armários eram escuros, bancadas de granito, e eletrodomésticos de aço inoxidável. Devon ficou boquiaberta enquanto passava.

Eles entraram em um terraço emoldurado com janelas de vidro do chão ao teto. O ambiente se estendia ao longo da casa. Ele abria para uma varanda adjacente, que tinha cadeiras de balanço de vime e um balanço. A varanda tinha um conjunto de escadas que levavam a uma piscina retangular coberta. Além disso, estava toda a extensão do Lago Michigan.

— Nossa — ela ofegou.

— Bela vista, não é? — Ele perguntou.

— Bela? — Ela gaguejou, virando-se para olhá-lo. Ele já estava olhando para ela.

Brennan largou o estojo do violão na varanda, então se inclinou, e a beijou, a esmagando contra ele. Seus lábios estavam quentes. Ela jogou a mão em volta do pescoço dele com naturalidade. Todos seus pensamentos acalmaram, e só se existia eles dois. Ela esqueceu o resto do mundo e, pela primeira vez, essa era o jeito certo de estar.

Eles se beijaram assim, até Devon se afastar. Sem fôlego, seu peito subia e descia com dificuldade, e quando ele sorriu, seu interior incendiou.

Segurando a mão dela novamente, voltou a pegar o estojo do violão, a conduziu pelas escadas, em volta da piscina, e desceram inúmeros degraus até a costa. Ela tirou as sandálias, antes de afundar os pés na areia escura.

— Obrigado pela companhia. — Ele colocou o violão no último degrau, e depois se sentou ao lado dele.

Devon se sentou no degrau, e ficou olhando a bela paisagem. — Eu não perderia isso por nada.

— Eu... queria tentar uma coisa — ele disse, — se você me permitir.

Ele pegou o estojo, abriu e tirou o violão. Era o mesmo que ele tocou na noite da performance de microfone aberto. Ele tinha outro que costumava tocar em casa, mas ela gostava mais desse. Ele dedilhou as cordas, e as afinou até que estivessem perfeitas. Ela viu suas mãos dedilhando o violão com precisão. Nunca pensou que se interessaria por um músico. Ela tendia a se afastar deles, mas como com todo o resto, Brennan era diferente.

Brennan começou a cantarolar a última música que tocou no show, "Moving Forward". Ela a ouviu dezenas de vezes nas últimas três semanas, e sabia a letra inteira. Agora, fazia seu coração mais feliz do que triste. Ele tinha percebido sua tristeza, antes mesmo que ela o tivesse permitido entrar. Esse tipo de química e intuição a impressionava.

Ele parou de cantar, mas deixou seus dedos continuarem a melodia. — Você poderia me fazer um favor?

Devon assentiu.

— Faça a oitava mais alta no refrão?

Devon o olhou. *Ele queria que ela cantasse?* Ela não se permitia cantar em lugar nenhum, exceto no carro e no chuveiro, a anos. Nem sequer tinha a certeza, se ainda tinha uma boa voz. A música chamava por ela, mas apenas na forma poética. Ela não era uma cantora.

Ela negou com a cabeça. — Não, Brennan, eu não canto.

Ele sorriu, como se não acreditasse nela. — Por mim. Ninguém mais pode te ouvir aqui.

Devon olhou a redor da costa. Ele estava certo. Não tinha mais ninguém ali fora. A casa estava vazia, praticamente deserta, e só havia o lago diante dela. Ainda assim, ela podia se ouvir.

— E se eu soar horrível? — Ela sussurrou.

— Então, vou tirar sarro de você, e podemos tentar novamente — ele disse, com uma risada.

Ela revirou os olhos, antes de se virar para o lago. Ela inalou e exalou, deixando o ar acalmar seus nervos. Seus olhos se fecharam, assim que ele retomou o refrão mais uma vez. Sua voz suave encheu seus ouvidos docemente, como se estivesse à espera que ela se harmonizasse com ele. Ela percebeu que ele estava a ponto de parar, por isso tomou coragem de se juntar a ele.

Sua voz estava trêmula no começo. Ela não a usava o suficiente. Mas ainda parecia como sempre, como quando costumava cantar para seus pais, quando lhe disseram que um dia ela seria a rainha da música country. A música de Brennan ficava perfeita na sua voz. Eles se misturaram juntos com a música. Sentiam cada lembrança dolorosa encapsulada nas palavras, e cantavam um pra o outro com mais emoção juntos, do que algumas vezes o fizeram separadamente. Foi calmo e curativo. Quando a música terminou, Devon abriu os olhos e sorriu.

— Você foi maravilhosa — ele disse, descansando suas mãos sobre o violão.

— Obrigada. Tem muito tempo que não canto nada.

— Você me enganou.

— Faço qualquer coisa por você — ela disse com uma risada, se inclinando para beijar os lábios dele. Devon suspirou, se debatendo se poderia

continuar com o que pensava. Criando coragem, ela perguntou: — Você se importa... se eu tentar algo? Sabe... já que estamos aqui.

Brennan deu aquele sorriso dilacerador e, assentiu. — O que você tem em mente?

Devon colocou a mão na sua bolsa, e pegou o caderno que sempre levava consigo, aquele que nunca deixava ninguém ver. Ela o abriu em uma página quase no final, e o deixou apoiado em seu colo. — Sabe aquela nova canção que você tem tocado a semana toda?

Ele mordeu o lábio, como se estivesse considerando algo, e então começou a tocar uma melodia. — Está se referindo a essa? — Ele perguntou.

— É essa mesmo.

— O que tem ela? Tenho só brincado.

Devon olhou o seu caderno, e então de volta para ele, tentando procurar o incentivo, que ele sempre dava a ela. — Escrevi uma letra para ela.

— Sério? — Ele perguntou surpreso.

— Sim. Parecia presa na sua cabeça, mas você não estava indo a lugar algum com ela. Eu podia ouvi-la, hum... a letra. Podia ouvir as palavras que você queria cantar, mas ainda não estavam ali. Por isso, eu as escrevi — ela disse a ele, olhando nos seus olhos. — Nunca pensei que te mostraria, mas acho que poderia tentar... se você quiser.

— Claro que quero! — Ele afirmou com um sorriso ainda maior. — Você é uma coisa incrível. Você sabe disso, não é?

Devon sorriu hesitante, ao começar a música desde o início. As palavras saíram dela, como se ela estivesse esperando a vida inteira para cantar essa canção. Cantou sobre saber quando ser forte, achar a força enterrada dentro de si mesma, e amar à pessoa que a mostrou. Cantou sobre Brennan, a esperança e aceitação. Verteu sua alma nas palavras, até que uma lágrima caiu por sua bochecha.

Quando terminou, Brennan deixou o violão de lado, e a segurou em seus braços. — Devon, não sei o que dizer.

— É a primeira vez — ela respondeu sorrindo.

— Nunca ninguém fez algo assim por mim. É como... se você estivesse na minha mente.

Ela suspirou, deu um beijo nos lábios dele, e então se afastou para olhar nos seus olhos. — Sabe, minha mamãe sempre me disse que você tem a chance de glória uma vez na vida. Ela encontrou a sua em meu pai através da música. Ela disse: "Quando acontecer, você não saberá como pôde ter vivido um dia sem ela. É como se o universo se alinhasse perfeitamente só para você". Eu acho que perdi a esperança disso há muito tempo.

— Belle... — ele disse baixinho, se aproximando dela.

— Mas acredito que encontrei... bem, ainda mais depois de hoje — Devon disse, — acredito que encontrei o que minha mãe falava. Você é minha glória.

Fim